QUANTO MAIS VELOZ VOCÊ FOR,
MAIS DOLOROSO O SEU TOMBO.

o advogado



john grisham

O BEST-SELLER NÚMERO UM

JOHN GRISHAM

(1955)

O Advogado

Título original americano

THE STREET LAWYER

1998

UM

O homem de botas de borracha entrou no elevador atrás de mim, mas a princípio não o vi. No entanto, senti o cheiro — o odor penetrante de cigarro, vinho barato e a vida nas ruas com falta de banho.

Subimos sozinhos e foi quando olhei para o lado que vi as botas, pretas, sujas e muito grandes. Uma gabardina esfarrapada e gasta chegava-lhe até aos joelhos. Por baixo, camadas de roupa imunda aglomeravam-se à volta da cintura, dando-lhe um aspecto atarracado, quase gordo. Mas não era por estar bem alimentado; no Inverno, em Columbia, as pessoas da rua vestem tudo o que têm, ou pelo menos assim parece.

O homem era negro e tinha um ar envelhecido. A barba e o cabelo grisalhos não eram aparados nem lavados há anos. Olhava direto através dos grossos óculos escuros, ignorando-me completamente e levando-me a perguntar por que motivo o inspecionava.

Não pertencia àquele local. Aquele edifício, aquele elevador, não eram compatíveis com as suas posses. Os advogados dos oito andares trabalhavam para a minha firma a tarifas horárias que continuavam a parecer-me obscenas, mesmo passados sete anos.

Mais um vagabundo que se protegia do frio. Estava sempre acontecendo no centro do Washington. Mas nós tínhamos guardas para lidar com a ralé.

Paramos no sexto andar e reparei pela primeira vez que ele não apertara em nenhum botão, não escolhera nenhum andar. Vinha atrás de mim. Saí rapidamente e, quando ia a entrar no soberbo átrio de mármore da Drake & Sweeney, espreitei por cima do ombro e o vi de pé no elevador, olhando fixamente, continuando a ignorar-me.

A senhora Devier, uma das nossas recepcionistas mais resistentes, cumprimentou-me com o seu habitual tom desdenhoso.

— Atenção ao elevador — disse-lhe.

— Por quê? — Um vagabundo. Talvez seja melhor chamar um segurança.

— Essa gente... — retorquiu ela, com o seu sotaque francês afetado.

— E arranje também desinfetante.

Afastei-me, tentando tirar o sobretudo dos ombros, e esqueci-me do homem das botas de borracha. Tinha a tarde totalmente preenchida com reuniões intermináveis, com conferências importantes com gente importante. Virei a esquina e ia a dizer qualquer coisa a Polly, a minha secretária, quando ouvi o primeiro tiro.

A senhora Devier estava atrás da mesa, petrificada, olhando para o cano invulgarmente longo de uma pistola que o nosso vagabundo empunhava. Como fui o primeiro a correr em seu auxílio, o homem teve a gentileza de apontá-lo para mim, e também eu fiquei rígido.

— Não dispare — pedi, de mãos no ar. Já vira muitos filmes para saber exatamente o que havia de fazer.

— Cale-se — resmungou ele, com uma grande compostura.

Ouvi vozes atrás de mim, no corredor. Alguém gritou Ele está armado! Depois as vozes deixaram de se ouvir lá atrás, tornando-se cada vez mais distantes à medida que os meus colegas se aproximavam da porta dos fundos. Imaginava-os a saltar pelas janelas. À minha esquerda havia uma pesada porta de madeira que dava acesso a uma grande sala de reuniões, por acaso cheia naquele momento, com oito advogados do nosso departamento de Contencioso.

Oito litigantes combativos e destemidos que passavam o seu tempo massacrando as pessoas. O mais duro era um pequeno torpedo brigão chamado Rafter. Quando abriu a porta e perguntou que diabo...?, o cano da pistola virou-se para ele, e o homem das botas de borracha conseguiu exatamente o que pretendia.

— Baixe essa arma — ordenou Rafter da porta.

Um segundo depois, ouviu-se outro tiro na zona da recepção, um tiro na direção do teto, por cima da cabeça de Rafter e que o reduziu a um simples mortal. Virando a arma para mim, o homem fez um aceno de cabeça e eu obedeci. Entrei na sala de reuniões, atrás de Rafter. A última coisa que vi lá fora foi a senhora Devier tremendo à secretária, aterrada, com os fones no pescoço e os sapatos de salto alto bem encostados ao cesto dos papéis.

O homem das botas de borracha fechou a porta atrás de mim e agitou a arma lentamente no ar para que os oito litigantes pudessem admirá-la. Parecia trabalhar bem; o cheiro da descarga era mais intenso que o do seu proprietário. A sala era dominada por uma longa mesa,

cheia de documentos e de papéis que ainda há pouco tempo pareciam extremamente importantes.

Várias janelas em fila davam para um estacionamento. Havia duas portas para o corredor.

— Encostem-se à parede — disse o homem, servindo-se da arma com eficiência.

Em seguida, encostou a arma à minha cabeça e acrescentou: — Feche as portas à chave.

Obedeci.

Nem uma palavra dos oito litigantes, que recuaram atabalhoadamente. Nem uma palavra minha, quando me apressei a fechar as portas à chave e olhei para o homem à espera da sua aprovação.

Por qualquer motivo, continuei a pensar na estação dos correios e em todo aquele horrível tiroteio — um empregado descontente regressa do almoço com um arsenal e mata quinze dos seus colegas. Pensei nos massacres do parque infantil e nas carnificinas nos restaurantes de fast food.

E essas vítimas tinham sido crianças inocentes e outros cidadãos decentes. Nós éramos um grupo de advogados! Resmungando e agitando a arma, o homem obrigou os oito litigantes a encostarem-se à parede, ao lado uns dos outros, e quando se deu por satisfeito virou-se para mim. O que queria ele? Faria perguntas? Se assim fosse, conseguiria tudo o que lhe agradasse. Eu não lhe via os olhos devido aos óculos escuros, mas ele via os meus. A arma estava apontada para eles.

Despiu a gabardina nojenta, dobrou-a como se fosse nova e colocou-a no meio da mesa. Senti de novo o cheiro que me incomodara no elevador, mas que não era importante naquele momento. O homem estava do outro lado da mesa e despiu lentamente a segunda camada de roupa, um casaco de malha cinzento, encorpado.

Encorpado por uma razão. Por baixo dele, via-se uma fila de paus vermelhos, atados à cintura, que me pareceram dinamite. Das extremidades dos paus saíam fios coloridos que pareciam esparguete, ligados uns aos outros por fita prateada.

O meu primeiro instinto foi desatar a correr, precipitar-me para a porta e esperar pela sorte, esperar que um tiro me atingisse enquanto

tentava abri-la e outro me derrubasse ao sair para o corredor. Mas sentia os joelhos tremendo e o sangue gelando nas veias. Os oito homens encostados à parede fungavam e gemiam, o que perturbou o nosso captor.

— Fiquem calados, por favor — disse ele, no tom paciente de um professor.

A sua calma enervou-me. O homem ajustou alguns dos fios à cintura e em seguida tirou de uma algibeira das calças largas um rolo de fita de nylon amarelo e um canivete.

Por precaução, agitou a arma na direção dos rostos horrorizados que se encontravam na sua frente e disse: — Não quero machucar ninguém.

Estas palavras foram agradáveis de ouvir, mas era difícil levá-las a sério. Contei doze paus vermelhos, os suficientes, tinha certeza, para nos provocar uma morte instantânea e indolor.

Depois, a arma virou-se para mim.

— Você, amarre-os — ordenou-me.

Rafter perdeu a paciência. Avançou um pouco e perguntou: — Espere aí, o que é que você quer exatamente? O terceiro tiro passou-lhe por cima da cabeça na direção do teto, onde se alojou sem fazer estragos. Parecia um canhão, e a senhora Devier e outras mulheres gritaram no átrio. Rafter encolheu-se e, quando tentou endireitar-se, o cotovelo carnudo de Umstead atingiu-o em cheio no peito e obrigou-o a encostar-se à parede.

— Cale-se — disse Umstead, entredentes.

— Não me trate por idiota — disse o homem.

O tratamento foi imediatamente abandonado.

— Como quer que o tratemos? — perguntei eu, pressentindo que estava prestes a tornar-me o chefe dos reféns. Fiz a pergunta com delicadeza, com uma grande deferência, e ele apreciou o meu respeito.

— Por senhor — respondeu ele. Todos os que se encontravam na sala concordaram perfeitamente com o tratamento de Senhor.

O telefone tocou e, por instantes, julguei que o homem fosse lhe dar um tiro. Mas ele fez menção de atender e eu coloquei-o na sua frente, em cima da mesa. Levantou o fone com a mão esquerda; a direita continuava agarrada à arma, que se mantinha apontada para Rafter.

Se fôssemos nove a votar, Rafter seria o primeiro cordeiro sacrificial. Oito contra um.

— Alô? — disse o Senhor.

Ficou um pouco à escuta e depois desligou. Recuou cuidadosamente até à cadeira do outro lado da mesa e sentou-se.

— Pegue a corda — ordenou-me.

Quis que eu amarrasse os oito homens pelos punhos. Cotei a corda, dei nós e tentei não encarar os meus colegas enquanto lhes apressava a morte. Sentia a arma nas minhas costas. Ele quis que eu os amarrasse com força, e eu fingi que me esforçava ao máximo mas deixei a folga que me foi possível.

Rafter disse qualquer coisa em surdina e eu tive vontade de esbofeteá-lo. Umstead conseguiu dobrar os pulsos de tal modo que as cordas quase caíram quando acabei de amarrá-lo. Malamud suava, ofegante. Era o mais velho, o único sócio, e sofrera o primeiro ataque cardíaco havia dois anos.

Não pude deixar de olhar para Barry Nuzzo, o meu único amigo daquele grupo. Tínhamos a mesma idade — trinta e dois anos — e ingressáramos na empresa no mesmo ano. Ele foi para Princeton e eu para Yale. As nossas mulheres eram ambas de Providence. O casamento dele estava resultando — três filhos em quatro anos. O meu encontrava-se na fase final de um longo processo de deterioração.

Os nossos olhares cruzaram-se e ambos pensamos nos filhos dele. Senti-me feliz por não ter descendentes.

Ouviu-se a primeira de muitas sirenes, e o Senhor ordenou-me que corresse as persianas das cinco grandes janelas. Fiz isso metodicamente, enquanto examinava o estacionamento lá em baixo, na esperança que alguém me visse e viesse salvar-me. Avistei um único carro da polícia vazio e com as luzes acesas; os agentes já estavam no interior do edifício.

E ali estávamos nós, nove brancos e o Senhor...



Ao todo, a Drake & Sweeney tinha oitocentos advogados nas suas filiais espalhadas pelo mundo. Metade estavam no distrito de Columbia, no edifício onde o Senhor espalhava o terror. O homem ordenou-me que telefonasse ao patrão, e o informasse que ele estava armado e tinha com você doze barras de dinamite. Telefonei a Rudolph, o sócio supervisor do meu departamento, Direito da Concorrência, e transmiti a mensagem.

— Você está bem, Mike? — perguntou-me ele. Falávamos pelo novo telefone do Senhor, com o volume no máximo.

— Estou ótimo — respondi. — Por favor, faça o que ele quiser.

— E o que é que ele quer?

— Ainda não sei.

O Senhor fez um gesto com a arma e a conversa terminou.

Afastando-me da pistola, fiquei de pé junto da mesa de reuniões, a alguns metros do Senhor, que criara o hábito irritante de brincar distraidamente com os fios enrolados que trazia ao peito.

O homem olhou para baixo e tocou de leve em um fio vermelho.

— Este vermelho, se eu lhe der um puxão, vai tudo pelos ares.

Os óculos escuros estavam virados para mim quando concluiu este pequeno aviso. Senti-me obrigado a dizer qualquer coisa.

— Por que faria uma coisa dessas? — perguntei, ansioso por encetar um diálogo.

— Eu não quero, mas por que não?

Fiquei admirado com a sua dicção — um ritmo lento e metódico, sem pressa, e em que cada sílaba era tratada de igual maneira. Naquele momento era um vagabundo, mas já conhecera melhores dias.

— Por que haveria de querer nos matar? — perguntei.

— Não vou discutir com você — anunciou ele.

Não tenho mais perguntas a fazer, Meritíssimo.

Como sou advogado e vivo condicionado pelo tempo, olhei para o meu relógio para que o que quer que acontecesse ficasse devidamente registrado, se algum de nós conseguisse sobreviver. Era uma e vinte. O Senhor queria tranquilidade e por isso tivemos de suportar um período de catorze minutos de silêncio que nos deixou com os nervos em frangalhos.

Eu não acreditava que fôssemos morrer. Aparentemente, não havia motivo, não havia razão para ele nos matar. Tinha certeza de que

nenhum de nós o conhecia. Lembrei-me da subida no elevador e do fato de me parecer que ele ia sem destino. Era apenas um louco em busca de reféns, que infelizmente teria feito com que as mortes parecessem quase normais, segundo os padrões atuais.

Era precisamente o tipo de massacre sem sentido que preencheria os títulos dos jornais durante vinte e quatro horas e levaria as pessoas a abanar a cabeça. Depois, começariam as anedotas sobre os advogados mortos.

Já estava vendo os títulos e ouvindo os repórteres, mas recusava-me a acreditar que tal acontecesse.

Ouvi vozes no átrio e sirenes lá fora; um rádio da polícia grasnou em algum lugar no corredor.

— O que comeu ao almoço? — perguntou-me o Senhor, quebrando o silêncio.

Muito surpreendido para pensar em mentir, hesitei por momentos e depois respondi: — Frango assado à César.

— Sozinho?

— Não, com um amigo. Era um colega da faculdade de Direito, de Philly.

— Quanto é que custou o almoço, para os dois? — Trinta dólares.

A resposta não lhe agradou.

— Trinta dólares — repetiu. — Para duas pessoas.

Abanou a cabeça e depois olhou para os oito litigantes. Eu esperava que eles se preparassem para mentir, se ele os importunasse. Havia alguns estômagos exigentes no grupo, e trinta dólares não lhes satisfariam o apetite.

— Sabe o que é que eu comi? — perguntou-me.

— Não.

— Comi sopa. Sopa e umas bolachas em um abrigo. Sopa de graça, e foi uma sorte consegui-la. Você podia dar de comer a cem dos meus amigos por trinta dólares, sabia? Fiz um sinal afirmativo com um ar grave, como se de súbito me tivesse percebido da gravidade do meu pecado.

— Reúna todas as carteiras, o dinheiro, os relógios e as joias — disse ele, fazendo de novo um gesto com a arma.

— Posso perguntar porquê? — retorqui.

— Não.

Pousei a carteira, o relógio e o dinheiro em cima da mesa e comecei a vasculhar nos bolsos dos meus colegas reféns.

— É para o meu próximo companheiro — disse o Senhor, e todos nós respiramos fundo.

Disse-me que pusesse o produto do saque em uma pasta, que a fechasse à chave e que telefonasse outra vez ao patrão. Rudolph atendeu no primeiro toque. Eu imaginava o chefe dos atiradores especiais acampado no seu gabinete.

— Rudolph, sou eu, o Mike, outra vez. Estou no telefone mãos livres.

— Sim, Mike. Você está bem? — Estou. Ouça, este senhor quer que eu abra a porta mais próxima da zona da recepção e ponha uma pasta preta no corredor. Depois fecho a porta à chave. Compreende? — Compreendo.

Com a arma encostada à nuca, abri a porta lentamente e atirei a pasta para o corredor. Não vi ninguém.

Poucas coisas privam uma grande firma de advogados das alegrias do faturamento por hora. O sono é uma delas, embora a maioria de nós durma pouco. Comer estimula o faturamento, sobretudo no almoço, quando é o cliente a pegar a conta e medida que os minutos se arrastavam, dava comigo a pensar como é que os outros quatrocentos advogados que se encontravam no edifício conseguiriam faturar enquanto esperavam que a crise dos reféns chegasse ao fim. Via-os no parque de estacionamento, quase todos sentados nos carros para se manterem quentes, conversando pelos celulares, faturando sobre alguém. A firma não perderia, concluí.

Alguns dos brutamontes que estavam lá em baixo não se importavam como é que isto iria acabar. O que queriam era livrar-se da situação.

Por instantes, pareceu que o Senhor adormecera. O queixo descaiu-lhe e a respiração tornou-se mais pesada. Rafter disse qualquer coisa entredentes para me chamar a atenção e depois virou a cabeça para o lado, como que a sugerir que eu fizesse um movimento. O problema é que o Senhor tinha a arma na mão direita, e mesmo que estivesse de fato dormindo, agarrava firmemente o temível fio vermelho com a mão esquerda.

E Rafter queria que eu fosse o herói. Embora Rafter fosse o litigante mais perverso e mais eficiente da firma, ainda não era sócio. Não pertencia ao meu departamento, e não estávamos no Exército. Eu não aceitava ordens.

— Quanto você ganhou no ano passado? — perguntou o Senhor, bem acordado e com uma voz clara.

Fui de novo apanhado de surpresa.

— Eu, hum, bem, deixe-me ver...

— Não minta.

— Cento e vinte mil.

O homem também não gostou deste número.

— Quanto é que deu? — Quanto é que dei? — Sim. A obras de caridade.

— Oh, não me lembro. A minha mulher é que trata das contas e dessas coisas.

Os oito litigantes começaram a ficar inquietos.

O Senhor não gostou da minha resposta e não era pessoa que aceitasse uma negativa.

— Quem é que preenche os impressos dos seus impostos? — Refere-se ao IRS? — Sim, isso mesmo.

— É o nosso departamento fiscal, lá embaixo, no segundo andar.

— Aqui neste edifício? — Sim.

— Então arranje-os. Arranje-me os impressos de todos os que estão aqui.

Olhei para os meus colegas, e dois deles tiveram vontade de dizer.

“Vamos lá, atire em mim”. Devo ter hesitado muito, porque o Senhor gritou, servindo-se da pistola: — Já ! Telefonei a Rudolph, que também hesitou, e por isso fui obrigado a gritar com ele.

— Envie-os por fax para cá — exigi. — Só os do ano passado.

Durante quinze minutos, ficamos olhando para o fax que estava no canto da sala, com receio de que o Senhor nos executasse, se os impressos não chegassem depressa.

DOIS

Recém-nomeado escriba do grupo, sentei-me onde o Senhor me ordenou, agitando a arma, e peguei os faxes. Os meus colegas estavam de pé há quase duas horas, de costas para a parede, juntos, quase sem conseguir se mexer, e começavam a deixar cair a cabeça e ficando com um ar infeliz.

Mas o seu nível de desconforto iria aumentar consideravelmente.

— Você primeiro. Como se chama? — perguntou-me o homem.

— Michael Brock — respondi, com delicadeza. — Muito prazer.

— Quanto dinheiro ganhou no ano passado?

— Já lhe disse. Cento e vinte mil. Antes de impostos.

— Quanto deu?

Tinha certeza de que podia mentir. Não era especialista em Direito Fiscal, mas esperava conseguir contornar as suas perguntas. Encontrei o meu impresso e levei um certo tempo folheando-o. Claire ganhara trinta e um mil dólares como cirurgiã interna do segundo ano, portanto o nosso rendimento bruto parecia bastante confortável. Mas pagamos cinquenta e três mil de impostos — imposto federal e uma quantidade espantosa de outros — e depois de liquidarmos os empréstimos contraídos para os estudos de Claire, dois mil e quatrocentos dólares por mês por um belo apartamento em Georgetown, dois automóveis último modelo com as hipotecas da praxe e uma profusão de outras despesas naturalmente ligadas a um estilo de vida confortável, tínhamos investido apenas vinte e dois mil em fundos de pensão.

O Senhor aguardava pacientemente. De fato, a sua paciência começava a enervar-me. Imaginei os homens do Corpo de Intervenção rastejando pelos condutos de ar condicionado, subindo em árvores, saltando os telhados dos prédios em volta, estudando as plantas dos nossos gabinetes, fazendo tudo aquilo que vemos na televisão, com o objetivo de enfiar uma bala na cabeça do homem, que parecia esquecer-se de tudo isto. Aceitara o seu destino e estava pronto para morrer. O que não era verdade para nós.

Continuava brincando com o fio vermelho, o que me acelerava muito o ritmo cardíaco.

— Dei mil dólares a Yale — disse eu. — E dois mil à United Way local.

— Quanto é que deu aos pobres? Duvidava que o dinheiro enviado para Yale servisse para alimentar estudantes necessitados.

— Bem, a United Way distribui o dinheiro pela cidade, e tenho certeza de que uma parte foi para ajudar os pobres.

— Quanto é que deu aos esfomeados?

— Paguei cinquenta e três mil dólares de impostos e uma boa fatia deste dinheiro foi para a assistência, para a Medicaid e para as crianças dependentes, para coisas assim.

— E o fez voluntariamente, com espírito de dádiva?

— Não me queixei — respondi, mentindo, como a maioria dos meus compatriotas.

— Alguma vez teve fome?

O homem gostava de perguntas simples, e nem o meu humor nem o meu sarcasmo dariam bom resultado.

— Não. Nunca — respondi.

— Alguma vez dormiu ao relento quando estava nevando?

— Não.

— Você ganha muito dinheiro, mas é tão ganancioso que nem me dá uns trocos quando estou no passeio.

O homem acenou com a arma para os outros.

— Todos vocês. Passam perto de mim quando estou sentado pedindo. Gastam mais em cafezinhos do que eu em refeições. Porque não ajudam os pobres, os doentes e os sem teto? Têm tanto.

Dei comigo olhando para aqueles gananciosos ao lado do Senhor, e não gostei do que vi. A maior parte deles olhavam para os pés. Só Rafter é que olhou para debaixo da mesa, pensando naquilo em que todos nós pensávamos quando passávamos pelos Senhores do distrito de Columbia: 1) Se eu te der uns trocos, vai correndo comprar uma bebida alcoólica; 2) continuará pedindo; 3) nunca mais sai dessa vida.

Fez-se de novo silêncio. Aproximou-se um helicóptero e perguntei a mim mesmo o que eles estariam planejando no estacionamento. De acordo com as instruções do Senhor, os telefones estavam fora do gancho, portanto não havia comunicações. O homem não dava mostras de querer falar ou negociar com ninguém. Tinha o seu público na sala de reuniões.

— Qual destes caras ganha mais dinheiro? — perguntou ele.

Malamud era o único sócio, e vasculhei os papéis até encontrar o dele.

— Devo ser eu — adiantou-se Malamud.

— Como se chama?

— Nate Malamud.

Examinei os proventos de Nate. Era uma ocasião rara para conhecer os pormenores íntimos do êxito de um sócio, mas não extraí qualquer prazer da situação.

— Quanto? — perguntou-me o Senhor.

Oh, as alegrias do código do IR! O que quer saber, senhor? O bruto? O líquido? O coletável? O rendimento proveniente de salários? Ou de atividades comerciais e investimentos? O salário que Malamud recebia da firma era de cinquenta mil dólares por mês, e o bônus anual, aquele com que todos sonhávamos, fora de quinhentos e dez mil. Fora um ano muito bom e todos sabíamos. Ele era um dos muitos sócios que ganhara mais de um milhão de dólares.

Resolvi jogar pelo seguro. Havia muitos outros rendimentos disfarçados nos lucros — rendas, dividendos, uma pequena empresa — mas calculei que, se o Senhor os analisasse, conseguiria entender os números.

— Um milhão e cem mil dólares — respondi, deixando mais duzentos mil em cima da mesa.

O homem ficou olhando por instantes.

— Você ganhou um milhão de dólares — disse ele a Malamud, que não se sentia nada envergonhado.

— É verdade.

— Quanto é que deu aos pobres e aos sem teto?

— Não me lembro exatamente. A minha mulher e eu contribuímos para muitas instituições de caridade. Sei que houve um donativo, creio que foram cinco mil, para o Greater D. C. Fund que, como você deve saber, distribui dinheiro aos necessitados. Damos muito. E nos sentimos felizes com isso.

— Tenho certeza que se sente muito feliz — replicou o Senhor, com a primeira nota de sarcasmo.

Não estava disposto a permitir que lhe explicássemos como éramos generosos na realidade. Pretendia apenas tomar conhecimento dos fatos importantes. Ordenou-me que fizesse uma lista com os nove

nomes e que à frente de cada um escrevesse o rendimento do ano anterior e depois os donativos a instituições de caridade.

Levei um certo tempo, e não sabia se devia de me apressar ou ser ponderado. Ele nos mataria se os números não lhe agradassem? Talvez fosse preferível me apressar. Era óbvio que nós, os ricos, tínhamos ganho muito dinheiro e dado pouco. Ao mesmo tempo, eu sabia que, quanto mais a situação se arrastasse, mais tresloucado seria o cenário do resgate.

O homem não falara em executar um refém de hora a hora. Não queria que libertassem os seus companheiros da cadeia. Parecia não querer nada.

Levei o meu tempo. Malamud ajudou. A cobertura veio de Colburn, um advogado que pertencia à firma há três anos e que ganhara apenas oitenta e seis mil dólares brutos. Fiquei estarrecido ao saber que o meu colega Bany Nuzzo ganhara mais onze mil do que eu. Falaríamos disso mais tarde.

— Em números redondos, isto dá três milhões de dólares — comuniquei eu ao Senhor, que parecia outra vez ter adormecido, mas sem tirar os dedos do fio vermelho.

O homem abanou a cabeça lentamente.

— E quanto é que foi para os pobres?

— O total das contribuições foi de cento e oitenta mil.

— Não quero contribuições totais. Não metam a minha gente no mesmo saco da sinfonia, da sinagoga e de todos os seus belos clubes de brancos onde se leiloam vinhos e autógrafos e se dão meia dúzia de dólares aos Escoteiros. Estou falando de comida. Comida para gente com fome, que vive aqui, na mesma cidade em que vocês vivem. Comida para os bebês. Aqui mesmo. Aqui nesta cidade, enquanto todos vocês ganham milhões, nós temos bebês que choram toda a noite porque têm fome. Quanto é que foi para a comida?

Olhava para mim. E eu olhava para os papéis que tinha na frente. Não podia mentir.

Ele continuou: — Temos sopas dos pobres em toda a cidade, locais onde os pobres e os sem teto podem ir buscar qualquer coisa para comer. Quanto é que vocês deram para as sopas dos pobres? Deram algum?

— Não diretamente — respondi. — Mas algumas dessas instituições de caridade...

— Cale-se ! O homem voltou a agitar a maldita arma.

— E quanto deram aos lares para os sem teto? Os lugares onde dormimos quando estão dez graus negativos lá fora? Quantos lares estão aqui nestes papéis? Faltou-me o espírito inventivo.

— Nenhum — respondi em voz baixa.

O homem levantou-se de um salto, assustando-nos, com os paus vermelhos visíveis debaixo do papel prateado. Deu um pontapé na cadeira, que caiu para trás.

— E as clínicas? Temos aquelas pequenas clínicas onde os médicos — pessoas decentes que estavam habituadas a ganhar rios de dinheiro — vão e oferecem o seu tempo para ajudar os doentes. Não cobram nada. O governo costumava ajudar a pagar a renda e a comprar os medicamentos e outros produtos necessários. Agora é o Newt que está à frente do governo e todo esse dinheiro desapareceu. Quanto é que vocês dão para as clínicas? Rafter olhou para mim como se eu devesse fazer algo, talvez descobrir de repente qualquer coisa nos papéis e dizer Raios! Olhe para aqui! Demos meio milhão de dólares para as clínicas e para as sopas dos pobres. Era exatamente o que Rafter faria. Mas não eu. Não queria levar um tiro. O Senhor era muito mais esperto do que parecia.

Folheei os papéis enquanto o Senhor se encaminhava para as janelas e espreitava pelas persianas.

— Há polícias por todo o lado — disse ele, suficientemente alto para que todos nós o ouvíssemos. — E muitas ambulâncias.

Depois esqueceu o espetáculo lá em baixo e arrastou-se ao longo da mesa até se aproximar dos reféns. Estes observavam todos os seus movimentos, e estavam particularmente atentos aos explosivos. O homem levantou a arma lentamente e apontou-a para o nariz de Colburn, a menos de um metro de distância. — Quanto é que você deu para as clínicas? — Nada — respondeu Colburn, cerrando os olhos com força, quase chorando. Fiquei gelado e sustive a respiração.

— Quanto é que deu para as sopas dos pobres? — Nada.

— Quando é que deu para os lares dos sem teto? — Nada.

Em vez de alvejar Colburn, o homem apontou para Nuzzo e repetiu as três perguntas. Nuzzo deu respostas idênticas, e o Senhor foi

percorrendo a fila, apontando, fazendo as mesmas perguntas e obtendo as mesmas respostas. Não alvejou Rafter, para nosso desconsolo.

— Três milhões de dólares e nem um centavo para os doentes e para os que têm fome. Vocês são uns miseráveis — disse, enojado.

Sentimo-nos miseráveis. E eu percebi que ele não ia nos matar. Como podia um vagabundo vulgar comprar dinamite? E quem o ensinara a fazer as ligações? Ao anoitecer, o Senhor disse que estava com fome e ordenou-me que telefonasse ao patrão e mandasse vir sopa da Missão Metodista em L Street and Seventeenth, Northwest. Eles deitavam mais legumes no caldo, explicou o Senhor. E o pão não era tão seco como nas outras sopas dos pobres.

— A sopa dos pobres faz entrega em domicílio? — perguntou Rudolph, com uma voz incrédula, que ecoou pela sala através do telefone.

— Faça o que lhe digo, Rudolph! — gritei-lhe. — E peça sopa para dez pessoas.

O Senhor disse-me para desligar e eu voltei a colocar o telefone fora do gancho.

Vi os nossos amigos e um esquadrão de polícias voando pela cidade, abrindo caminho por entre o trânsito da hora do rush, na direção da pequena e tranquila missão onde a gente da rua, esfarrapada, se acotovelava por uma tigela de caldo, sem perceber o que se passava. Dez rações prontas saindo, e uma dose extra de pão.

O Senhor aproximou-se outra vez da janela quando voltamos a ouvir o helicóptero. Espreitou lá para fora, recuou, afagou a barba e ficou pensando. Que tipo de invasão estariam eles planejando que envolvesse um helicóptero? Talvez fosse para evacuar os feridos.

Há uma hora que Umstead se remexia, o que muito incomodava Rafter e Malamud, que estavam amarrados a ele pelos pulsos. Por fim, não conseguiu aguentar mais.

— Senhor, desculpe, mas tenho de ir ao lavabo.

O Senhor continuou afagando a barba.

— Lavabos. O que são lavabos? — Preciso urinar, senhor — disse Umstead, que parecia um adolescente. — Não aguento mais.

O Senhor olhou à volta da sala e reparou em uma jarra de porcelana que se encontrava inocentemente em cima de uma mesa

baixa. Agitando de novo a arma, ordenou-me que desamarrasse Umstead.

— Os lavabos são ali — disse o Senhor.

Umstead tirou as flores frescas da jarra e, de costas para nós, urinou durante muito tempo olhando fixamente para o chão. Quando acabou, o Senhor disse-nos que empurrássemos a mesa de reuniões para junto das janelas. A mesa tinha seis metros de comprimento e era de nogueira maciça, como quase todo o mobiliário da Drake & Sweeney. Comigo em uma ponta e Umstead resmungando na outra, conseguimos deslocá-la cerca de um metro e oitenta até que o Senhor nos ordenou que parássemos. Obrigou-me amarrrar Malamud a Rafter e deixou Umstead em liberdade. Nunca entendi por que o fez.

Em seguida, obrigou os outros sete reféns ligados uns aos outros a sentarem-se em cima da mesa, de costas para a parede. Ninguém se atreveu a perguntar porquê, mas eu percebi que ele queria um escudo para se defender dos atiradores. Mais tarde, soube que a polícia tinha atiradores empoleirados em um edifício ao lado. Talvez o Senhor os tivesse visto.

Depois de estar cinco horas de pé, Rafter e os outros sentiram-se aliviados. Umstead e eu recebemos ordens para nos sentarmos nas cadeiras e o Senhor sentou-se no extremo da mesa. Ficamos à espera.

A vida nas ruas deve ensinar as pessoas a serem pacientes. O homem parecia satisfeito por se manter em silêncio durante longos períodos, com os olhos escondidos atrás dos óculos e a cabeça imóvel.

— Quem despeja quem? — perguntou ele em surdina a ninguém em especial e, passados dois minutos, repetiu a frase.

Olhamos uns para os outros, confusos, sem entender do que estava falando. Parecia estar olhando fixamente para uma mancha da mesa, junto do pé direito de Colburn.

— Vocês não só ignoram os sem teto como os ajudam a pôr nas ruas.

Fizemos um sinal afirmativo, evidentemente, lendo todos pela mesma cartilha. Se ele queria ofender-nos verbalmente, estávamos dispostos a aceitar a situação.

A nossa entrega chegou um pouco antes das sete horas. Ouviu-se uma pancada seca na porta. O Senhor disse-me que telefonasse para a polícia avisando que mataria um de nós se visse ou ouvisse alguém lá

fora. Expliquei isto a Rudolph com todo o cuidado, e sublinhei que não devia ser feita qualquer tentativa de resgate. Estávamos negociando.

Rudolph disse que compreendia.

Umstead encaminhou-se para a porta, abriu-a e olhou para o Senhor à espera de instruções. O homem estava atrás dele, com a arma a menos de trinta centímetros da sua cabeça.

— Abra a porta muito devagar — disse o Senhor.

Eu estava um pouco atrás dele quando a porta se abriu. A comida vinha num carrinho daqueles que os nossos funcionários usavam para transportar as enormes quantidades de papel que produzíamos. Vi quatro grandes contentores plásticos com sopa e um saco de papel pardo cheio de pão. Não sei se havia alguma coisa para beber. Nunca o soubemos.

Umstead deu um passo na direção do corredor, agarrou o carrinho e ia puxando-o para dentro da sala de reuniões quando o tiro estalou no ar. Um atirador isolado da polícia estava escondido atrás de uma coluna junto da mesa da senhora Devier, a doze metros de distância, e conseguiu o ângulo que precisava. Quando Umstead se inclinou para pegar o carrinho, a cabeça do Senhor ficou exposta durante uma fração de segundo e o atirador arrebentou-a.

O Senhor caiu de costas, sem emitir um som, e o meu rosto ficou imediatamente coberto de sangue e de fluidos. Julguei que também tinha sido atingido e lembro-me de ter gritado de dor. Umstead berrava em algum lugar no corredor. Os outros sete desceram da mesa como cães acossados, aos gritos e procurando aproximar-se da porta.

Metade arrastava a outra metade. Eu me ajoelhei, cerrei os olhos e esperei que a dinamite explodisse. Depois precipitei-me para a outra porta, afastando-me do perigo. Dei a volta à chave, abri-a e, pela última vez, vi o Senhor contorcendo-se em cima de um dos nossos caros tapetes orientais. Tinha as mãos soltas ao lado do corpo, longe do fio vermelho.

De repente, o corredor encheu-se de elementos do Corpo de Intervenção, todos com capacetes de aspecto feroz e coletes grossos, dúzias deles agachados e com os braços estendidos. Eram uma mancha esbatida, a meus olhos. Pegaram em nós, atravessaram a zona da recepção e dirigiram-se para os elevadores.

— Está ferido? — perguntaram-me.

Não sabia. Tinha sangue na cara e na camisa, e um líquido viscoso a que o médico chamou mais tarde líquido cerebrospinal.

TRÊS

No primeiro andar, o mais longe possível do Senhor, as famílias e os amigos aguardavam. Havia dezenas de solicitadores e de colegas enfiados nos gabinetes e nos corredores à espera de que nos salvassem. Assim que nos viram, fizeram um grande alarido.

Como eu estava cheio de sangue, levaram-me para um pequeno ginásio na garagem. Pertencia à nossa firma e era praticamente ignorado pelos advogados. Andávamos muito ocupados para fazer ginástica, e alguém que fosse apanhado sem estar trabalhando decerto seria presenteado com mais trabalho.

No mesmo instante, me vi rodeado de médicos, nenhum dos quais era a minha mulher. Assim que os convenci de que o sangue não era meu, descontraíram-se e fizeram-me um exame de rotina. A tensão arterial estava alta e o pulso desnorteado. Deram-me um comprimido.

O que me agradaria mesmo era tomar um banho. Obrigaram-me a deitar em cima de uma mesa durante dez minutos, enquanto me vigiavam pressão.

— Estou em estado de choque? — perguntei.

— Talvez não.

Sentia-me como tal. Onde estava Claire? Durante seis horas estivera sob a ameaça de uma arma, com a vida por um fio, e ela nem se incomodara a vir ao meu encontro como haviam feito as outras famílias.

O banho foi longo e quente. Lavei a cabeça três vezes com xampu concentrado e depois fiquei debaixo de água durante uma eternidade. O tempo parara. Nada mais interessava. Eu estava vivo, respirando e fumegando.

Vesti um agasalho de ginástica limpo que pertencia a outra pessoa muito maior do que eu. Voltei a deitar-me em cima da mesa para me medirem a pressão. Polly, a minha secretária, entrou e me deu um grande abraço. Precisava muito dele. Polly tinha lágrimas nos olhos.

— Onde está Claire? — perguntei. — Está de serviço. Já tentei falar com o hospital.

Polly sabia que não havia muito a esperar do nosso casamento.

— Sente-se bem? — perguntou ela.

— Acho que sim.

Agradeci aos médicos e saí do ginásio. Rudolph veio ao meu encontro no corredor e deu-me um abraço desajeitado. Pronunciou a palavra parabéns, como se eu tivesse conseguido alguma coisa.

— Ninguém espera que você venha trabalhar amanhã — disse ele. Estaria pensando que um dia de folga resolveria todos os meus problemas? — Nem pensei no dia de amanhã — respondi.

— Você precisa descansar — acrescentou ele, como se os médicos não tivessem pensado nisso.

Quis falar com Barry Nuzzo, mas os meus colegas reféns já tinham saído. Ninguém ficara ferido, apenas umas queimaduras nos pulsos provocadas pelas cordas.

Com a carnificina reduzida ao mínimo e os mocinhos de pé e sorridentes, o alvoroço depressa se desvaneceu na Drake & Sweeney. A maioria dos advogados e do restante pessoal aguardara com nervosismo no primeiro andar, longe do Senhor e dos seus explosivos.

Polly pegou o meu sobretudo e eu o vesti por cima do agasalho enorme. Os meus sapatos de couro tinham um aspecto estranho, mas não me importei.

— Alguns repórteres estão lá fora — avisou Polly.

Ah, sim, os órgãos de comunicação social. Mas que notícia! Não fora apenas um tiroteio igual a tantos outros, mas um grupo de advogados feitos reféns por um vagabundo maluco.

Mas eles não conseguiram a história, não é? Os advogados fugiram, o bandido foi baleado e os explosivos não explodiram quando o dono caiu ao chão. Oh, o que poderia ter acontecido! Um tiro, depois uma bomba, um lampejo de luz branca enquanto as janelas se estilhaçavam, braços e pernas aterrando na rua, tudo devidamente gravado pelo Channel Nine para a abertura do telejornal da noite.

— Vou levá-lo para casa — disse Polly. — Venha comigo.

Senti-me muito grato por alguém me dizer o que devia fazer. Os meus pensamentos eram lentos e confusos e sucediam-se uns aos outros, inconsequentes e dispersos.

Saímos no térreo por uma porta de serviço. A atmosfera da noite estava fria e cortante, mas inspirei a sua doçura até me doerem os pulmões. Enquanto Polly foi buscar o carro, escondi-me na esquina do edifício e observei o espetáculo que se desenrolava em frente.

Havia carros da polícia, ambulâncias, furgões de televisão e até um carro dos bombeiros. Estavam preparando-se para ir embora. Uma das ambulâncias estava estacionada com a traseira virada para o edifício, sem dúvida à espera de levar o Senhor para o necrotério.

Estou vivo! Estou vivo! Disse isto vezes sem conta, sorrindo pela primeira vez. Estou vivo! Fechei os olhos com força e formulei uma prece de agradecimento, breve mas sincera.

Os sons começaram a regressar. Quando nos sentamos em silêncio, com Polly ao volante, dirigindo devagar e à espera que eu dissesse qualquer coisa, ouvi o ruído dilacerante da arma do atirador. Depois, o estrondo no momento em que atingiu o alvo, e o estampido quando os outros reféns saltaram da mesa e saíram pela porta.

O que vira eu? Olhara para a mesa onde os sete observavam atentamente a porta, e depois para o Senhor, quando ele ergueu a arma e a apontou para a cabeça de Umstead. Estava mesmo atrás dele quando foi atingido. O que impediu a bala de sair do seu corpo e de me atingir? As balas atravessam paredes, portas e pessoas.

— Ele não ia nos matar — disse eu, numa voz quase inaudível.

Polly ficou aliviada ao ouvir a minha voz.

— Então o que estava ele fazendo?

— Não sei.

— O que pretendia?

— Não disse. É espantoso que tenha dito tão pouco. Passamos horas sentados só olhando uns para os outros.

— Porque é que ele não falou com a polícia? — Quem sabe? Esse foi o seu maior erro. Se tivesse mantido os telefones funcionando, eu poderia ter convencido os agentes de que ele não tencionava nos matar.

— Não responsabiliza os polícias, não é? — Não. Lembre-me para lhes escrever umas cartas.

— Amanhã vai trabalhar? — O que havia eu de fazer amanhã? — Pensei que talvez precisasse de um dia de férias.

— Eu preciso é de um ano de férias. Um dia não serve de nada.

O nosso apartamento ocupava o terceiro andar de um prédio em Park Street, em Georgetown. Polly parou junto do passeio. Agradeci-lhe e saí, e ao ver as janelas escuras percebi que Claire não estava em casa.

Conheci Claire uma semana depois de me ter mudado para Columbia. Acabara de sair de Yale, com um belo emprego em uma empresa próspera, e tinha um futuro brilhante à minha frente, tal como os outros cinquenta novatos da minha turma. Ela estava acabando o curso de Ciências Políticas na Universidade Americana. O avô fora em tempos governador de Rhode Island e a família há séculos que estava bem relacionada.

A Drake & Sweeney, tal como a maior parte das grandes empresas, encara o primeiro ano como um tirocínio. Eu trabalhava quinze horas por dia e seis dias por semana, e aos domingos tinha com Claire o nosso encontro semanal. Nas noites de domingo, eu estava no escritório. Pensamos que, se nos casássemos, passaríamos mais tempo juntos. Pelo menos, podíamos partilhar a cama, mas a verdade é que nos limitávamos a dormir.

O casamento foi um acontecimento, a lua-de-mel foi curta e, quando o fulgor esmoreceu, recomecei a trabalhar noventa horas por semana. Durante o terceiro mês da nossa união, passamos dezoito dias sem fazer amor. Ela os contou.

Nos primeiros meses, Claire portou-se com esportividade, mas começou a ficar cansada de ser posta de lado. Não a censurei, mas os jovens advogados não se queixam nos gabinetes sagrados da Drake & Sweeney. Menos de dez por cento de cada especialidade tornam-se sócios, portanto a competição é feroz. As recompensas são grandes, pelo menos um milhão de dólares por ano. Faturar horas é mais importante do que fazer uma mulher feliz. O divórcio é comum. Nem me passou pela cabeça pedir a Rudolph que me aliviasse a carga. No fim do nosso primeiro ano de vida em comum, Claire sentia-se muito infeliz e tínhamos começado a discutir.

Ela resolveu ir para Medicina. Cansada de ficar sentada em casa vendo televisão, calculou que passaria a ter uma vida tão absorvente como eu. Considerei que se tratava de uma ótima ideia, que me aliviou de quase toda a minha culpa.

Quatro anos depois de ingressar na empresa, eles começavam a dar palpites sobre as chances de virmos a ser sócios. Os palpites eram recolhidos e comparados entre muitos dos advogados mais recentes. Era consensual que eu reunia condições para vir a ser sócio. Mas tinha de trabalhar ainda mais.

Claire estava decidida a passar mais tempo fora de casa do que eu, e por isso resvalamos ambos para a estupidez do vício do trabalho. Deixamos de discutir e nos afastamos pura e simplesmente. Ela tinha os seus amigos e interesses, e eu tinha os meus. Felizmente, não cometemos o erro de ter filhos.

Quem me dera ter conduzido a minha vida de outra forma. A princípio estávamos apaixonados e colocamos tudo a perder.

Ao entrar no apartamento escuro, senti falta de Claire pela primeira vez em vários anos. Quando somos confrontados com a morte, precisamos falar nisso. Precisamos que sintam a nossa falta, que nos acariciem, que nos digam que se interessam por nós.

Preparei uma vodka com gelo e me sentei no sofá da sala. Dei largas ao meu aborrecimento porque estava sozinho, mas depois os pensamentos voaram para as seis horas que passara com o Senhor.

Depois de ter bebido duas vodkas, ouvi-a a abrir a porta. Ao entrar, chamou: — Michael! Eu não disse nada porque ainda estava aborrecido. Ela entrou na sala e parou ao me ver.

— Você está bem? — perguntou, com uma preocupação sincera.

— Estou — respondi em voz baixa.

Ela deixou cair a mala e o casaco, aproximou-se do sofá e inclinou-se para mim.

— Onde esteve? — perguntei.

— No hospital.

— Claro.

Bebi um bom trago.

— Olha, eu tive um dia ruim.

— Eu sei tudo, Michael.

— Sabe?

— Claro que sei.

— Então onde diabo esteve?

— No hospital.

— Nove de nós foram feitos reféns durante seis horas por um louco. Apareceram oito famílias, porque estavam preocupadas. Tivemos sorte e escapamos, e eu fui obrigado a aceitar uma carona da minha secretária.

— Não pude ir até lá.

— Claro que não pode. Que distração a minha.

Ela sentou-se em uma cadeira ao lado do sofá. Olhamos fixamente um para o outro.

— Eles nos obrigaram a ficar no hospital — disse ela, em um tom gélido. — Sabíamos da situação dos reféns e havia uma hipótese de se registrarem vítimas. Por norma, nestes casos, eles notificam os hospitais e todos são obrigados a manter-se no seu posto.

Bebi mais um trago, tentando me lembrar de algo incisivo para dizer.

— Não pude ir te encontrar no escritório. Fiquei à espera no hospital — acrescentou ela.

— Telefonou? — Tentei. As linhas estavam sobrecarregadas. Por fim, consegui falar com um policial e ele desligou o telefone.

— Isso foi há mais de duas horas. Onde esteve? — Na sala de operações. Perdemos um rapazinho na operação. Foi atropelado.

— Lamento — disse eu.

Nunca percebi como é que os médicos eram capazes de lidar com tanta morte e tanta dor. O Senhor fora o segundo cadáver que eu vira.

— Eu também — disse ela.

Foi à cozinha e trouxe um copo de vinho. Ficamos sentados na penumbra durante algum tempo. Mas não comunicamos, pois as palavras não saíam com facilidade.

— Quer falar sobre isso? — perguntou ela.

— Não. Agora, não.

E não. O álcool misturou-se com os comprimidos e comecei a ter dificuldade em respirar. Pensei no Senhor, na sua calma e na sua paz, apesar de agitar uma arma e trazer dinamite presa ao peito. Os longos períodos de silêncio deixavam-no imperturbável.

Silêncio era o que eu queria. Falaria no dia seguinte.

QUATRO

Os comprimidos surtiram efeito até as quatro horas da manhã, quando acordei com o cheiro intenso do fluido cerebral viscoso nas narinas. Por instantes, senti-me frenético, na escuridão. Esfreguei o nariz e os olhos e apalpei o sofá até sentir alguém se mexer. Claire estava dormindo em uma cadeira a meu lado.

— Já passou — disse ela baixinho, tocando-me no ombro. — Foi apenas um pesadelo.

— Me dá um copo de água? — pedi.

Ela dirigiu-se à cozinha.

Falamos durante uma hora. Contei-lhe tudo aquilo que me lembrei acerca do que se passara. Ela sentou-se junto de mim, com uma mão no meu joelho e o copo de água na outra, a ouvindo-me com toda a atenção. Tínhamos conversado tão pouco nos últimos anos! Ela tinha de fazer a rondas às sete, por isso preparamos o café da manhã juntos: waffles e bacon. Comemos na bancada da cozinha, com um pequeno televisor à nossa frente. O noticiário das seis horas começou com o drama dos reféns. Viram-se imagens do edifício durante a crise, a multidão lá fora e alguns dos meus colegas cativos saindo apressadamente quando tudo acabou. Pelo menos um dos helicópteros que ouvimos pertencia à estação que transmitia o noticiário, e a sua câmara fizera um zoom para captar uma imagem bem perto da janela.

Através dela, viu-se o Senhor durante uns segundos, espreitando.

Chamava-se Devon Hardy, tinha quarenta e cinco anos e era um veterano do Vietnã com um pequeno cadastro. Um retrato proveniente de uma detenção por assalto surgiu na tela, atrás do locutor do primeiro noticiário da manhã. Não se parecia nada com o Senhor. Sem barba, sem óculos e muito mais novo. Foi apresentado como um sem teto, com uma história de consumo de drogas. Sem motivos conhecidos. Nenhum familiar se apresentou para reclamá-lo.

Do nosso lado, não houve comentários e a história acabou.

Seguiu-se o boletim meteorológico. Esperava-se uma forte nevasca para o fim da tarde. Era dia doze de Fevereiro e já havia registros de queda de neve.

Claire levou-me ao escritório, onde, às seis e quarenta e cinco, não me admirei de ver o meu Lexus estacionado junto de vários outros carros importados. Prometi telefonar-lhe mais tarde, durante a manhã, e tentaríamos almoçar no hospital. Ela queria que eu não fosse trabalhar, pelo menos durante um dia ou dois.

E o que eu faria? Ficaria deitado no sofá tomando comprimidos? Concordamos que precisava de um dia de folga, após o qual eles esperavam que regressasse aos meus afazeres a todo o vapor.

Dei bom-dia aos dois guardas muito atentos que se encontravam no átrio. Três dos quatro elevadores estavam abertos, à espera, e fiz a minha escolha. Entrei no mesmo em que subira com o Senhor, e os pensamentos começaram a arrastar-se.

Cem perguntas ao mesmo tempo: Por que escolheu ele o nosso edifício? A nossa firma? Onde estivera antes de entrar no átrio? Onde estavam os guardas, que em geral se postam junto da fachada? Por que eu? Centenas de advogados entravam e saíam durante todo o dia. Por que o sexto andar? E o que ele pretendia? Não acredito que Devon Hardy se desse ao trabalho de cobrir o corpo de explosivos e de ariscar a vida, por muito humilde que fosse, para castigar um grupo de advogados ricos pela sua falta de generosidade. Podia ter encontrado gente mais rica. E talvez mais gananciosa.

A sua pergunta “Quem despeja quem?”, nunca teve resposta. Mas não faltaria muito tempo.

O elevador parou e eu saí, desta vez sem ninguém atrás de mim. A senhora Devier ainda estava dormindo àquela hora, em algum lugar, e reinava o silêncio no sexto andar. Parei em frente da mesa dela e olhei para as duas portas da sala de reuniões. Abri lentamente a mais próxima, aquela em que Umstead se encontrava quando a bala lhe passou por cima da cabeça e foi atingir a do Senhor. Respirei fundo e acendi a luz.

Não se passara nada. A mesa de reuniões e as cadeiras estavam no seu lugar. O tapete oriental em que o Senhor morrera fora substituído por outro ainda mais belo. As paredes estavam cobertas por uma nova camada de tinta. Até o orifício que a bala fizera no teto, por cima do lugar de Rafter, desaparecera.

Quem mandava na Drake & Sweeney gastara algum dinheiro na noite anterior para garantir que o incidente não se registrara. A sala

podia atrair alguns curiosos ao longo do dia, e assim não haveria nada para ver. Talvez o pessoal abandonasse o trabalho durante um ou dois minutos. Não podia haver vestígios do lixo da rua nos nossos escritórios imaculados.

Fora um disfarce a sangue-frio e percebi com tristeza o raciocínio que estava por trás dele. Eu era um dos brancos ricos. O que esperava? Um memorial? Um ramo de flores trazidos pelos companheiros de rua do Senhor? Não sabia o que esperava. Mas o cheiro de tinta fresca causou-me náuseas.

Todas as manhãs *The Wall Street Journal* e *The Washington Post* estavam em cima da minha mesa, precisamente no mesmo lugar. Antes, sabia o nome da pessoa que os punha ali, mas há muito que o esquecera. Na primeira página da seção da Cidade do Post, por baixo do vinco, estava o mesmo retrato de Devon Hardy, e uma grande notícia sobre a pequena crise da véspera.

Eu a li rapidamente, porque descobri que sabia mais pormenores do que qualquer repórter. Mas descobri algumas coisas. Os paus vermelhos não eram dinamite. O Senhor pegara dois cabos de vassoura, serrara-os em pedaços, envolvera-os no terrível papel prateado e assustara-nos mortalmente. A arma era uma pistola automática de calibre 44, roubada.

Tal como vinha no Post, a história incidia mais em Devon Hardy do que nas suas vítimas, mas, com toda a decência e para minha satisfação, ninguém da Drake & Sweeney pronunciara uma única palavra.

Segundo um tal Mordecai Green, diretor da Legal Clinic na 14ª Street, Devon Hardy trabalhara durante muitos anos como servente no National Arboretum. Perdera o emprego em consequência de um corte orçamental. Passara alguns meses na cadeia por assalto e depois fora parar nas ruas. Lutara com o álcool e as drogas e fora sistematicamente preso por assaltar estabelecimentos. A clínica de Green representara-o várias vezes. Se tinha família, o seu advogado nada sabia a esse respeito.

Quanto ao motivo, Green tinha pouco a propor. Disse que Devon Hardy fora despejado há pouco tempo de um velho armazém no qual se abrigava.

Uma ação de despejo é um procedimento legal, levado a cabo por advogados. Entre os milhares de firmas existentes no distrito de Columbia, eu sabia muito bem qual fora a que pusera o Senhor na rua.

A 14ª Street Legal Clinic era subsidiada por uma instituição de caridade e trabalhava apenas com os sem teto, segundo Green. Antes, quando recebíamos dinheiro federal, tínhamos sete advogados. Agora estamos reduzidos a dois, disse ele.

Não me admirei que o Jornal não fizesse referência à história. Se algum dos nove advogados da quinta maior firma do país tivesse sido morto ou ligeiramente ferido, a notícia viria na primeira página.

Graças a Deus, a notícia não era maior. Eu estava sentado à mesa, lendo os jornais, em um gabinete, com muito trabalho para fazer. Bem podia estar no necrotério ao lado do Senhor.

Polly chegou um pouco antes das oito, com um grande sorriso e um prato de biscoitos caseiros. Não ficou admirada ao me ver trabalhando. Na realidade, os nove reféns compareceram todos, e a maioria chegou antes da hora. Teria sido um enorme sinal de fraqueza se ficassem em casa sendo paparicados pelas mulheres.

— Arthur está no telefone — anunciou Polly.

A nossa firma tinha pelo menos dez Arthurs, mas só um andava pelos corredores sem necessidade de apelido. Arthur Jacobs era o sócio principal e o diretor-geral da firma, a força motriz, um homem que admirávamos e respeitávamos muito. Se a firma tinha um coração e uma alma, era Arthur. Em sete anos, falara com ele três vezes.

Disse-lhe que me sentia bem. Ele felicitou-me pela minha coragem e elegância em uma situação de pressão, e quase me senti um herói. Perguntei a mim mesmo como é que ele sabia. Talvez já tivesse falado com Malamud e fosse descendo a pirâmide hierárquica. Assim é que começavam as histórias e depois as anedotas. Umstead e a jarra de porcelana decerto causariam a hilaridade.

Arthur queria encontrar-se com os ex-reféns às onze horas, na sala de reuniões, para gravar as nossas declarações em vídeo.

— Por quê? — perguntei.

— Os caras do Contencioso acham que é boa ideia — disse ele, com uma voz cortante, apesar dos seus oitenta anos. — É provável que a família do homem processe os policiais.

— Evidentemente — disse eu.

— E talvez eles nos escolham para os defendermos. As pessoas levantam processos por qualquer coisa, como sabe.

Ainda bem, ia eu dizendo. Onde estaríamos se não houvesse processos? Agradeci seu cuidado e ele desligou, para telefonar ao refém seguinte.

O cortejo começou antes das nove. Um fluxo firme de bem intencionados e de bisbilhoteiros que passavam pelo meu gabinete, muito preocupados comigo mas também desejosos de saber pormenores. Eu tinha muito trabalho para fazer, mas não conseguia pegar nele. Nos momentos tranquilos entre as visitas, sentava-me olhando para a pilha de processos que aguardavam a minha atenção, mas sentia-me inerte. As minhas mãos não se mexiam.

Não era a mesma coisa. O trabalho não era importante. A minha mesa não era uma questão de vida ou de morte. Eu vira a morte à minha frente, quase a sentira, e fora ingênuo ao ponto de pensar que podia simplesmente encolher os ombros e recostar-me na cadeira como se nada se tivesse acontecido.

Pensei em Devon Hardy e nos seus paus vermelhos com os fios multicores a sair por todo o lado. Ele passara horas construindo seus brinquedos e planejando seu assalto. Roubara uma arma, descobrira a nossa firma, cometera um erro crucial que lhe custara a vida, e ninguém, nem uma só pessoa com quem eu trabalhava, se importava com ele.

Por fim, saí. O trânsito estava piorando e eu estava sendo importunado por gente que não suportava. Telefonaram dois repórteres. Disse à Polly que tinha uns assuntos a tratar e ela lembrou-me a reunião com Arthur. Dirigi-me para o meu carro, liguei o motor e fiquei ali sentado durante muito tempo, pensando se devia ou não participar na reconstituição. Se faltasse, Arthur ficaria aborrecido. Ninguém faltava a uma reunião com Arthur.

Arranquei. Era uma oportunidade rara de fazer algo estúpido. Estava traumatizado. Tinha de sair. Arthur e o resto da firma teriam de me desculpar. Dirigi-me para Georgetown, mas para nenhum lugar em especial. No céu viam-se nuvens sombrias; as pessoas seguiam pelos passeios, apressadas, as equipes de limpeza da neve preparavam-se. Passei por um pedinte em M Street e perguntei a mim próprio se ele conheceria Devon Hardy. Para onde vão as pessoas da rua quando cai uma nevasca? Telefonei para o hospital e informaram-me que minha

mulher estaria na urgência de cirurgia durante várias horas. Tanto pior para o nosso almoço romântico na lanchonete do hospital.

Virei e dirigi-me para nordeste, passei por Logan Circle e entrei nas zonas mais degradadas da cidade, até descobrir a 14ª Street Legal Clinic. Parei junto do passeio, certo de que nunca mais voltaria a ver meu Lexus.

A clínica ocupava uma mansão vitoriana de três pisos, revestida de tijolos vermelhos, que já conhecera melhores dias. As janelas do último andar estavam pregadas com tábuas de compensado velho. Ao lado, havia uma lavanderia imunda. As lojas de crack não podiam ficar longe.

A entrada estava coberta por um toldo amarelo vivo, e eu não sabia se havia de bater à porta ou de entrar. A porta não estava fechada à chave. Rodei o puxador e entrei em outro mundo.

Era um escritório de advogados, sem dúvida, mas muito diferente do ambiente de mármore e mogno da Drake & Sweeney. Na grande sala que tinha à minha frente viam-se quatro mesas metálicas, todas elas repletas de uma série sufocante de processos empilhados com trinta centímetros de altura. Havia mais processos ao acaso no carpete puído, em volta das mesas. Os cestos dos papéis estavam cheios, e no chão viam-se bolas de papel amarrotado. Uma das paredes estava coberta de arquivos de várias cores. Os computadores e os telefones tinham dez anos. As estantes de madeira estavam cedendo. Pendurada na parede, às três pancadas, via-se uma grande fotografia desbotada de Martin Luther King. A sala principal dava acesso a vários gabinetes menores.

O local poeirento denunciava um dinamismo que me fascinou. Uma mulher hispânica com um ar ameaçador parou de datilografar quando olhou para mim.

— Procura alguém? — perguntou.

Era mais um desafio do que uma pergunta. Uma recepcionista da Drake & Sweeney seria despedida imediatamente se acolhesse alguém desta maneira.

Era Sofia Mendoza, de acordo com uma placa pregada ao lado da mesa, e pouco depois viria a saber que ela era mais do que uma recepcionista. Ouviu-se um grito forte vindo de um dos gabinetes laterais, que me sobressaltou, deixando Sofia imperturbável.

— Procuro Mordecai Green — respondi delicadamente, e no mesmo instante, na sequência do grito, o homem saiu do seu gabinete e entrou de rompante na sala principal. O soalho estremeceu com os seus passos. Atravessou a sala gritando por alguém chamado Abraham.

Sofia fez-lhe sinal com a cabeça, depois ignorou-me e voltou ao seu trabalho. Green era um negro enorme, pelo menos com um metro e oitenta de altura, encorpado e bastante pesado. Tinha cinquenta e tantos anos, barba grisalha e usava óculos redondos com uma armação vermelha. Olhou para mim, não disse nada e gritou de novo por Abraham, enquanto andava de um lado para o outro, fazendo ranger o soalho. Desapareceu no interior de um gabinete e voltou pouco depois na companhia de Abraham.

Olhou de novo para mim e perguntou: — Em que posso ser útil?

Avancei e apresentei-me.

— Muito prazer — disse ele, mas só porque era obrigado a isso. — O que deseja?

— Falar de Devon Hardy — respondi.

Mirou-me durante alguns segundos e depois olhou para Sofia, que estava embrenhada no seu trabalho. Apontou para o gabinete e eu fui atrás dele. Entrei em uma sala com nove metros quadrados, sem janelas, cujo soalho estava totalmente coberto de processos e de livros de Direito muito gastos.

Estendi-lhe o meu cartão gravado a ouro da Drake & Sweeney, que ele examinou com o sobrolho carregado. Em seguida, devolveu-me e perguntou: — Anda visitando os pobres, não é verdade?

— Não — respondi, pegando o cartão.

— O que deseja? — Venho em paz. A bala de Mr. Hardy por pouco não me atingiu.

— Estava na sala com ele?

— Estava.

O homem respirou fundo e a crispação abandonou-lhe o rosto. Apontou para a única cadeira que havia do meu lado.

— Sente-se. Mas cuidado que pode se sujar.

Sentamos ambos. Os meus joelhos tocaram na mesa. Enfiei as mãos bem no fundo dos bolsos do sobretudo. Um radiador chocalhou atrás dele. Olhamos um para o outro. Era eu o visitante e tinha de dizer qualquer coisa. Mas foi ele o primeiro a falar.

— Aposto que teve um dia difícil, hein? — perguntou com uma voz rouca, mais baixo e num tom quase de compaixão.

— Não foi tão mau como o do Hardy. Vi o seu nome no jornal e por isso vim.

— Não sei o que posso fazer.

— Acha que a família vai mover algum processo? Se assim é, talvez seja melhor eu ir embora.

— Não há família, e portanto não há processo. Eu podia fazer um certo barulho com isto. Imagino que o policial que o alvejou seja branco, por isso podia extorquir alguns dólares da cidade e causar talvez um certo incômodo. Mas não é essa a minha concepção de divertimento. — Agitou a mão sobre a mesa. — Deus sabe que já tenho muito que fazer.

— Não vi o policial — disse eu, lembrando-me desse fato pela primeira vez.

— Esqueça o processo. É por isso que está aqui?

— Não sei por que estou aqui. Esta manhã, voltei para a minha mesa como se nada tivesse acontecido, mas não conseguia ordenar os pensamentos. Entrei no carro, e aqui estou.

O homem abanou a cabeça lentamente, como se tentasse compreender a situação.

— Quer um café?

— Não, obrigado. O senhor conhecia muito bem Mr. Hardy.

— Sim, Devon era uma presença habitual.

— Onde está ele agora?

— Talvez no necrotério da cidade, na D. C. General.

— Se não tem família, o que vai lhe acontecer?

— A cidade sepulta os que não são reclamados. Nos livros chama-se um funeral dos pobres. Há um cemitério perto do Estádio RFK onde costumam reuni-los. Você ficaria admirado se soubesse a quantidade de pessoas que morrem sem que ninguém as reclame.

— Não duvido.

— De fato, ficaria admirado com todos os aspectos da vida dos sem teto.

Era uma estocada suave, mas eu não queria discutir.

— Sabe se ele tinha AIDS? Atirou a cabeça para trás, olhou para o teto e ficou pensando durante alguns segundos.

— Por quê?

— Eu estava atrás dele. Rebentaram-lhe a nuca e fiquei com a cara cheia de sangue. Mais nada.

Com estas palavras, deixei de ser um cara mau para passar a ser um branco médio.

— Não creio que tivesse AIDS.

— Eles fazem análises quando morrem?

— Nos sem teto?

— Sim.

— Sim, quase sempre. Mas o Devon morreu de outra maneira.

— Você pode averiguar?

Green encolheu os ombros e descontraiu-se um pouco mais.

— Claro — respondeu com relutância, tirando uma caneta da algibeira.

— É por isso que está aqui? Está preocupado com a AIDS? — Creio que esse é um dos motivos. Você não estaria?

— Claro.

Abraham entrou. Era um homem pequeno e frenético, com cerca de quarenta anos, com todo o aspecto de ser um censor oficioso. Judeu, de barba escura, óculos com armação de osso, casaco amarrotado, calças caqui amassadas, tênis sujos e a aura opressiva de quem tenta salvar o mundo.

Não reagiu à minha presença e Green não era pessoa para etiquetas.

— Preveem-se toneladas de neve — disse-lhe Green. — Precisamos ter certeza que todos os abrigos estão abertos.

— Estou tratando disso — respondeu Abraham, saindo abruptamente.

— Sei que você está ocupado — disse eu.

— Não quer mais nada? Só uma análise ao sangue?

— Sim, acho que sim. Sabe o que o levou a fazer aquilo? Green tirou os óculos, limpou-os com um lenço de papel e depois esfregou os olhos.

— Ele era um doente mental, como muita dessa gente. Passam anos na rua, ensopados em álcool, viciados em crack, dormindo no frio, maltratados pelos policiais e pelos punks, e ficam doidos. Além disso, ele tinha uma razão de queixa.

— O despejo.

— Exatamente. Há uns meses, mudou-se para um armazém abandonado na esquina da New York com a Florida. Alguém arranjou compensado, dividiu aquilo e fez pequenos apartamentos. Não era tão mau como os lugares que os sem teto costumam frequentar — tinha um teto, alguns banheiros e água. Cem dólares por mês, pagos a alguém, que arranjou aquilo e afirmava que era o proprietário.

— E era?

— Creio que sim.

Green tirou um processo estreito de uma das pilhas que tinha em cima da mesa e, como por milagre, era precisamente o que ele queria. Por instantes, examinou o que estava lá dentro.

— Aqui é que as coisas se complicam. No mês passado, a propriedade foi adquirida por uma empresa chamada RiverOaks, uma grande imobiliária.

— E a RiverOaks despejou todos eles?

— Exatamente.

— O problema, então, é que essa tal RiverOaks era representada pela minha firma.

— Um grande problema, sim.

— Por que é que a situação se complicou?

— Ouvi dizer que eles não foram notificados antes do despejo. Eles argumentam que pagavam a renda ao proprietário e, se assim é, eram mais do que simples ocupantes. Eram inquilinos, e portanto tinham direito ao respectivo processo.

— Os ocupantes não são notificados?

— Não. E isso sempre acontece. As pessoas da rua mudam-se para um prédio abandonado, e quase sempre não acontece nada. Por isso se convencem de que ele lhes pertence. O proprietário, se tiver vontade, pode despejá-los sem aviso prévio. Eles não têm quaisquer direitos.

— Como é que o Devon Hardy descobriu a nossa firma?

— Quem sabe? Mas ele não era estúpido. Era louco, mas não era estúpido.

— Você conhece o proprietário?

— Conheço. Não é de confiança.

— Onde disse que fica o armazém?

— Já não existe. Demoliram-no na semana passada.

Eu já tinha tomado muito tempo. Green olhou para o relógio e eu olhei para o meu. Trocamos números de telefone e prometi manter-me em contato com ele.

Mordecai Green era um homem afetuoso e interessado que trabalhava nas ruas, protegendo hordas de clientes sem nome. A sua concepção do Direito exigia mais energia do que alguma vez eu conseguira reunir.

Ao sair, ignorei Sofia, talvez porque ela também me ignorara. O meu Lexus ainda estava estacionado junto do passeio, já coberto por uma pequena camada de neve.

CINCO

Vagueei pela cidade enquanto a neve caía. Já não me lembrava há quanto tempo atravessara as ruas de Columbia sem estar atrasado para uma reunião. Sentia-me quente e seco no meu pesado automóvel de luxo e deixei-me levar pelo trânsito. Não tinha para onde ir.

O escritório estava fora de questão por uns tempos. Arthur estava furioso comigo e eu teria de aturar dezenas de pessoas que passavam pelo meu gabinete e começavam a conversa com a pergunta fingida: Como é que está? O meu celular tocou. Era Polly, em pânico.

— Onde está? — Quem quer saber? — Muita gente. Arthur, para começar. Telefonou outro repórter. Alguns clientes precisam conversar com você. E Claire telefonou do hospital.

— O que é que ela quer? — Está preocupada, como todo mundo.

— Eu estou bem, Polly. Diga a todos que fui ao médico.

— E foi? — Não, mas podia ter ido. O que disse Arthur? — Ele não telefonou. Foi o Rudolph. Estão à sua espera.

— Deixe-os esperar.

Fez-se uma pausa. Depois, Polly respondeu, devagar: — Está bem. Quando é que tenciona aparecer? — Não sei. Talvez quando o médico me deixar. Porque não vai para casa? Estamos no meio de uma tempestade. Telefono-lhe amanhã.

Desliguei.

Era raro ver a minha casa à luz do dia, e não suportava a ideia de ir me sentar à lareira e ver a neve. Se fosse a um bar, talvez nunca mais saísse de lá.

Por isso continuei a guiar. Deixei-me ir com o trânsito, enquanto os transportes públicos iniciavam uma retirada apressada para as zonas suburbanas de Maryland e Virginia e eu me deslocava nas ruas quase desertas, de regresso à cidade. Descobri o cemitério perto do Estádio RFK, onde os cadáveres não reclamados eram sepultados, e passei pela Missão Metodista em 17ª Street, de onde viera o jantar da véspera que ficara por comer. Atravessei zonas da cidade onde nunca estivera e que talvez nunca mais voltasse a ver.

Por volta das quatro horas, a cidade estava deserta. O céu escurecia e nevava com muita intensidade. Uma camada de vários centímetros cobria o chão, e previa-se muito mais.

É claro que nem uma nevasca podia obrigar a Drake & Sweeney a fechar. Conhecia advogados que adoravam a madrugada e os domingos porque os telefones não tocavam. Uma nevasca era um intervalo delicioso no trabalho exaustivo das reuniões intermináveis e dos telefonemas. Um dos guardas que se encontrava no átrio informou-me que as secretárias e a maior parte do pessoal tinham sido mandados para casa às três horas. Entrei outra vez no elevador do Senhor.

Em cima da minha mesa havia uma dúzia de mensagens telefônicas, impecavelmente alinhadas, mas nenhuma me interessava. Aproximei-me do computador e comecei a procurar a nossa lista de clientes. A RiverOaks era uma empresa de Delaware, constituída em 1977, com sede em Hagerstown, Maryland. Era uma empresa privada e portanto as informações financeiras disponíveis eram escassas. O advogado era N. Braden Chance, um nome que eu não conhecia.

Procurei-o na nossa vasta base de dados. Chance era sócio no nosso departamento de Bens Imobiliários, em algum lugar no quarto andar. Tinha quarenta e quatro anos, era casado, frequentara a faculdade de Direito de Duke e licenciara-se em Gettysburg. Era um currículo impressionante mas totalmente previsível.

Com oitocentos advogados ameaçando e processando diariamente, a nossa firma tinha mais de trinta e seis mil processos ativos. Para garantir que o nosso escritório de Nova lorque não processaria um dos nossos clientes de Chicago, todos os novos processos eram imediatamente inseridos na nossa base de dados. Todos os advogados, secretárias e solicitadores da Drake & Sweeney tinham um computador pessoal, e, por conseguinte, acesso instantâneo às informações de caráter geral sobre os processos. Se um dos nossos advogados de Direito Sucessório de Palm Beach acompanhasse o caso ligado à propriedade de um cliente rico, eu poderia, se tivesse vontade, apertar algumas teclas e saber os fundamentos da nossa representação. Havia quarenta e dois processos só para a RiverOaks, quase todos relativos a compras de propriedades efetuadas pela empresa. Chance era o advogado cujo nome figurava em todos. Quatro diziam respeito a

ações de despejo, três das quais tinham sido registradas ano anterior. A primeira fase da busca fora fácil.

Em 31 de Janeiro, a RiverOaks comprou uma propriedade na Florida Avenue. O vendedor foi a TAG, Inc. Em 4 de Fevereiro, o nosso cliente despejou vários intrusos de um armazém abandonado existente na propriedade, um dos quais, sabia-o agora, era o Senhor Devon Hardy, que aceitou mal o despejo e perseguiu os advogados.

Tomei nota do nome e do número do processo e fui ao quarto andar.

Ninguém ingressava em uma grande firma com o objetivo de vir a ser advogado de Bens Imobiliários. Havia arenas muito mais fulgurantes nas quais se podiam construir reputações. O Contencioso era sempre o favorito e os litigantes continuavam a ser os advogados mais venerados, pelo menos na firma. Alguns dos setores ligados ao Direito Empresarial atraíam os maiores talentos — as fusões e aquisições continuavam a ser uma área quente e as fianças eram preferidas há muito. O meu setor, Direito da Concorrência, era muito respeitado. O Direito Fiscal era terrivelmente complexo, mas os seus especialistas eram muito admirados. As relações com o governo (grupos de pressão) eram repugnantes, mas tão bem pagas que todas as empresas da zona tinham batalhões de advogados preparando o terreno. Mas ninguém se preparava para ser um advogado especializado em bens imobiliários. Eu não sabia como é que tal acontecia. Eles fechavam-se em si próprios, sem dúvida lendo belos textos sobre hipotecas, e eram tratados como advogados de segunda pelo resto da firma.

Na Drake & Sweeney, todos os advogados guardavam as pastas dos processos em curso nos seus gabinetes, muitas vezes fechadas à chave. Só aqueles que estavam concluídos se encontravam acessíveis ao resto da firma. Nenhum advogado podia ser obrigado a mostrar o processo a outro, a menos que tal lhe fosse pedido por um sócio sênior ou por um membro da comissão executiva da firma.

O dossiê do processo de despejo que eu pretendia consultar ainda estava em curso e, depois do episódio com o Senhor, tinha certeza de que estava bem protegido.

Avistei um solicitador examinando documentos em uma mesa próxima de um pólo de secretariado e perguntei-lhe onde ficava o

gabinete de Braden Chance. Ele apontou para uma porta aberta do outro lado do corredor.

Fiquei admirado ao ver Chance sentado à mesa, com um ar muito atarefado. Mostrou-se perturbado com a minha intrusão, e tinha motivos para tal. Mandava a etiqueta que eu tivesse telefonado antes marcando uma reunião, mas eu não estava preocupado com a etiqueta.

Não me convidou a sentar. Mas eu me sentei, o que não contribuiu para melhorar a sua disposição.

— Você foi um dos reféns — disse ele, irritado, quando estabeleceu a ligação.

— É verdade.

— Deve ter sido horrível.

— Já acabou. O cara da pistola, o defunto Mr. Hardy, foi despejado de um armazém no dia 4 de Fevereiro. O processo era seu? — Era — respondeu ele. Como estava na defensiva, calculei que o processo tivesse sido analisado durante o dia. Talvez o tivesse revisto cuidadosamente com Arthur e os outros grandes da firma. — O que há? — Ele era um intruso? — Claro que era. Todos eles são intrusos. O nosso cliente está tentando limpar aquela imundície.

— Tem certeza de que ele era um intruso? O homem deixou cair o queixo e os seus olhos vermelhos. Depois, ganhou fôlego e perguntou: — O que procura? — Posso consultar o dossiê? — Não. Não é da sua conta.

— Talvez seja.

— Quem é o seu chefe? Chance puxou a caneta para tomar nota do nome da pessoa que iria me repreender.

— Rudolph Mayes.

Tomou nota do nome em traços largos.

— Estou muito ocupado — disse ele. — Não se importa de sair? — Porque é que não posso consultar o dossiê? — Porque ele é meu, e eu disse que não. E depois? — Talvez isso não seja suficiente.

— É suficiente para você. Porque não vai embora? Chance levantou-se e apontou para a porta, com a mão tremendo. Eu sorri-lhe e saí.

O solicitador ouviu tudo e trocamos um olhar espantado quando passei pela sua mesa.

— Mas que idiota — disse ele muito baixinho, quase mastigando as palavras.

Sorri de novo e fiz um gesto de assentimento. Um idiota e um estúpido. Se Chance se tivesse mostrado simpático e tivesse me explicado que Arthur ou outro chefe qualquer tinham mandado que o dossiê fosse selado, eu não teria desconfiado. Mas era óbvio que havia qualquer coisa lá dentro.

O desafio consistia em descobri-lo.

Com todos os telefones celulares que eu e a Claire tínhamos — no bolso, na mala, no carro, para não falar nos dois pagers — deveria ser simples nos comunicarmos. Mas nada era simples no nosso casamento. Conseguimos falar-nos por volta das nove horas. Ela estava exausta por mais um dos seus dias, que eram inevitavelmente mais cansativos do qualquer coisa que eu pudesse ter feito. Era um jogo vergonhoso aquele em que participávamos — o meu trabalho é mais importante porque eu sou médica, ou advogado.

Eu estava cansado destes jogos. Apostava que ela ficara satisfeita pelo fato de o meu contato com a morte ter produzido ondas de choque, por eu ter saído do escritório para vaguear pelas ruas. Não havia dúvida de que o dia dela fora mais produtivo do que o meu.

O seu objetivo era vir a ser a maior neurocirurgiã do país, uma especialista para a qual até os homens se virassem quando tivessem perdido todas as esperanças. Era uma estudante brilhante, muito determinada e dotada de uma enorme energia. Havia de enterrar os homens, tal como estava enterrando-me lentamente, a mim, um maratonista dos corredores da Drake & Sweeney. A corrida já era velha.

Dirigia um carro esportivo, um Miata, e eu preocupava-me com ela quando o tempo estava ruim. Estaria livre daí a uma hora, o tempo que eu levaria para chegar ao Hospital de Georgetown. Iria buscá-la e depois tentaríamos encontrar um restaurante. Caso contrário, levaríamos comida chinesa para casa, como de costume.

Comecei a arrumar os papéis e os objetos que tinha na mesa, tendo o cuidado de ignorar a fila dos meus dez processos em curso mais importantes. Mantinha apenas dez em cima da mesa, um hábito que aprendera com Rudolph, e cada dia me dedicava a um.

Faturar era essencial. Os dez mais importantes incluíam invariavelmente os clientes mais ricos, independentemente da urgência

dos seus problemas legais. Outro truque de Rudolph.

Esperavam que eu faturasse duas mil e quinhentas horas por ano. A minha taxa média de faturamento era trezentos dólares por hora, portanto eu dava um ganho à minha querida firma de um total de setecentos e cinquenta mil dólares brutos. Desta quantia, pagavam-me cento e vinte mil, mais trinta mil de regalias adicionais, e reservavam duzentos mil para encargos. Os sócios ficavam com o resto, que era dividido anualmente segundo uma fórmula terrivelmente complexa que em geral era motivo de discussão.

Era raro um dos nossos sócios ganhar menos de um milhão por ano, e alguns recebiam mais de dois. E assim que eu me tornasse sócio, o seria para o resto da vida. Por isso, se eu fosse sócio aos trinta e dois anos — e caminhava rapidamente para isso — poderia contar com trinta anos de ganhos fabulosos e uma enorme fortuna.

Era este o sonho que nos mantinha sentados à mesa de dia e de noite.

Estava escrevendo estes números, como fazia constantemente e desconfiava que todos os advogados da nossa firma faziam, quando o telefone tocou. Era Mordecai Green.

— Mr. Brock — disse ele delicadamente, com uma voz bem audível que sobressaía de um ruído de fundo.

— Sim. Por favor, trate-me por Michael.

— Muito bem. Ouça, fiz uns telefonemas e você não tem razões para se preocupar. A análise ao sangue foi negativa.

— Obrigado.

— Não tem de quê. Imaginei que gostasse de saber o mais depressa possível.

— Obrigado — repeti, ao mesmo tempo que o burburinho subia de tom atrás dele. — Onde está? — Em um lar dos sem teto. A nevasca os obriga a vir para cá depressa e temos dificuldade em alimentá-los ao mesmo tempo, por isso é necessária a ajuda de todos. Tenho de ir.

A mesa era de mogno antigo, o carpete era persa, as cadeiras eram de um belo couro vermelho, a tecnologia era de ponta. Ao examinar o meu gabinete tão bem equipado, perguntei a mim próprio, pela primeira vez em muitos anos, quanto custara tudo aquilo. Não estaríamos apenas desperdiçando dinheiro? Porque trabalhávamos tanto? Para comprar um carpete mais caro? Uma mesa mais antiga? Ali,

no ambiente quente e confortável do meu belo gabinete, pensei em Mordecai Green, que naquele momento estava ocupando voluntariamente o seu tempo em um lar transbordando de gente, servindo comida aos que tinham frio e fome, sem dúvida com um sorriso afetuoso e uma palavra agradável.

Ambos tínhamos o curso de Direito, ambos tínhamos passado no mesmo exame final, ambos éramos fluentes em leis. Até certo ponto éramos semelhantes. Eu ajudava os meus clientes a engolirem os concorrentes para acrescentarem mais zeros à última parcela, e graças a isto seria rico. Ele ajudava os clientes a comer e a descobrir uma cama quente.

Olhei para as garatujas que fizera no bloco — os ganhos e os anos que faltavam para ser rico — e senti-me desgostoso. Que espalhafatosa e despudorada ganância! O telefone sobressaltou-me. Deixara finalmente de nevar.

— Por que ainda está no escritório? — perguntou Claire.

Incrédulo, olhei para o relógio.

— Eu... Bem, telefonou-me um cliente da West Coast.

Creio que não era a primeira vez que eu recorria a esta mentira.

— Estou à espera, Michael. Quer que eu vá a pé?

— Não. Já estou indo. — Já a fizera esperar em outras ocasiões. Fazia parte do jogo.

SEIS

Claire e eu bebemos o café junto da janela da cozinha. Eu lia o jornal à luz de um glorioso sol matinal.

— Vamos para a Flórida. Agora — disse eu.

Ela me deu um olhar desmoralizador.

— Para a Florida?

— Lá não está nevando.

— Não pode ser.

— Claro que pode. Não vou trabalhar durante uns dias e... fazem tudo o que podem para nos agradar. Também tiram disso o máximo proveito.

— Eu sei. É muito bom, realmente. Dão-nos espaço, tratam-nos bem. Tinha falado lentamente, cada uma das suas palavras estava coberta de gelo.

— Por quê?

— Porque estou arrebentando pelas costuras, e quando estamos assim com a firma é melhor tirarmos uns dias de férias.

— Você está arrebentando pelas costuras.

— Está bem, para as Bahamas. Podemos lá chegar no início da tarde. A crispação voltou ao rosto de Claire, que disse: — Não posso.

Não tinha importância — éramos pessoas muito ocupadas para estarmos prontas para viajar.

E foi o fim. Fora um capricho, e eu sabia que ela tinha muitas obrigações. Fora uma crueldade, concluí, retomando a leitura do jornal, mas não me senti mal com isso. Ela não teria ido fossem quais fossem as circunstâncias. Claire andava sempre apressada. Eram as marcações, as aulas, as rondas, enfim, a vida de uma cirurgiã interna jovem e ambiciosa. Tomou banho, mudou de roupa e aprontou-se. Levei-a ao hospital.

Não conversamos enquanto atravessávamos as ruas cheias de neve.

— Vou passar uns dias em Memphis — disse, com um ar natural, quando chegamos à entrada do hospital em Reservoir Street.

— Sim? — disse ela, sem reagir.

— Preciso ir ver os meus pais. Já se passou quase um ano. Calculo que este seja um bom momento. Não me dou bem com a neve e não estou com vontade de trabalhar.

— Bem, me telefone — disse ela, abrindo a porta.

Depois fechou-a, sem um beijo, sem uma despedida, sem um sinal de preocupação. Vi-a descer o passeio apressada e desaparecer no interior do edifício.

Era o fim. E eu detestava dizer isso à minha mãe.

Os meus pais tinham sessenta e poucos anos, eram ambos saudáveis e tentavam gozar alegremente a sua aposentadoria forçada. O meu pai fora piloto durante trinta anos, e a minha mãe fora gerente bancária. Trabalharam muito, pouparam bem e construíram para nós um lar confortável da classe média-alta. Os meus dois irmãos e eu frequentamos os melhores colégios particulares que havia.

Eram pessoas sólidas, conservadoras, patriotas, sem maus hábitos e ferozmente dedicadas uma à outra. Iam à igreja aos domingos, ao cortejo do dia 4 de Julho e ao Rotary Club uma vez por semana, e viajavam sempre que podiam.

Continuavam lamentando o divórcio do meu irmão Warner, três anos antes. Warner era advogado em Atlanta e casara com a namorada da faculdade, uma garota de Memphis cuja família nós conhecíamos.

Depois de nascerem dois filhos, o casamento terminou. A mulher conseguiu a custódia dos filhos e mudou-se para Portland. Os meus pais conseguiam ver os netos uma vez por ano, se tudo corresse bem. Era um assunto que eu nunca abordava.

Aluguei um carro no aeroporto de Memphis e me dirigi para leste, para os subúrbios em contínua expansão em que viviam os brancos. Os negros tinham a cidade; os brancos, os subúrbios. Às vezes, os negros mudavam-se para os arredores e os brancos mudavam-se para mais longe. Memphis crescia para leste e as raças afastavam-se.

Os meus pais viviam num campo de golfe, em uma nova casa envidraçada concebida de modo que todas as janelas dessem para um gramado. Eu detestava a casa porque o gramado estava sempre cheio de gente. Mas não exprimia as minhas opiniões.

Telefonei do aeroporto e a minha mãe estava à minha espera, muito satisfeita. O meu pai estava em algum lugar nos fundos.

— Você está com um ar cansado — disse ela depois de me dar um abraço e um beijo. Era o seu cumprimento habitual.

— Obrigado, mãe. Está com ótimo aspecto.

E era verdade. Elegante e bronzeada graças ao tênis diário e ao regime de banhos de sol no country club.

Ela foi buscar chá gelado, que bebemos no pátio, onde víamos os outros aposentados descendo o gramado nos seus carrinhos de golfe.

— O que há? — perguntou ela, pouco depois, antes de eu beber o primeiro gole.

— Nada. Estou bem.

— Onde está Claire? Vocês nunca nos telefonam. Já não ouço a sua voz há dois meses.

— Claire está bem, mãe. Estamos ambos vivos e sãos e trabalhamos muito.

— E passam bastante tempo juntos?

— Não.

— E passam algum?

— Não muito.

Ela franziu o sobrolho e revirou os olhos nas órbitas, com uma preocupação maternal.

— Estão com problemas? — perguntou, passando ao ataque.

— Estamos.

— Eu sabia. Eu sabia. Percebi pela sua voz no telefone que algo não estava bem. Com certeza que não está também pensando em um divórcio. Já tentou um conselheiro matrimonial? — Não. Mais devagar.

— Então, porque não tenta? Ela é uma pessoa maravilhosa, Michael. Deem ao casamento tudo o que tiverem.

— Estamos tentando, mãe. Mas é difícil.

— São casos amorosos? Drogas? Álcool? Jogo? Alguma coisa ruim?

— Não. Apenas duas pessoas que seguem caminhos diferentes. Eu trabalho oitenta horas por semana. E ela trabalha outras oitenta.

— Então abrandem o ritmo. O dinheiro não é tudo.

A voz fraquejou um pouco, e reparei que tinha os olhos úmidos.

— Lamento, mãe. Pelo menos não temos filhos.

Ela mordeu o lábio e tentou mostrar-se forte, mas estava morrendo por dentro. E eu sabia exatamente o que ela estava pensado: dois em baixo, um por andar. Ela encararia o meu divórcio como um fracasso pessoal, tal como acontecera com o do meu irmão. Haveria de arranjar uma maneira de se acusar a si própria.

Eu não queria compaixão. Para encaminhar a conversa para temas mais interessantes, contei-lhe a história do Senhor e, para não afligi-la, subestimei o perigo em que me encontrara. Se a notícia tinha vindo no jornal de Memphis, os meus pais não a tinham lido.

— Sente-se bem? — perguntou ela, horrorizada.

— Claro que sinto. A bala não me atingiu. Estou aqui.

— Oh, graças a Deus. O que eu queria saber é se você está emocionalmente bem.

— Sinto, mãe, estou inteiro. Sem fraturas. A firma quis que eu tirasse dois dias de férias, por isso estou aqui.

— Pobrezinho. Claire, e agora isto.

— Estou bem. Esta noite houve uma grande nevasca e foi uma boa ocasião para sair.

— Claire está em segurança? — Tanto como qualquer pessoa em Washington. Vive no hospital, que é talvez o melhor local para se estar naquela cidade.

— Preocupo-me tanto com você. Vejo as estatísticas da criminalidade, sabe? É uma cidade muito perigosa.

— Quase tão perigosa como Memphis.

Vimos uma bola aterrissando perto do pátio e esperamos que o dono aparecesse. Uma senhora gorda saiu de um carrinho de golfe, debruçou-se sobre a bola por instantes e depois deu-lhe um pontapé com toda a força.

Minha mãe afastou-se para ir buscar mais chá e enxugar os olhos.

Não sei qual dos meus pais é que se preocupou mais com a minha visita. A minha mãe queria famílias fortes com muitos netos. O meu pai queria que os filhos subissem depressa a escada da vida e fruíssem as recompensas do sucesso alcançado a pulso.

Nessa mesma tarde, eu e o meu pai fizemos nove buracos. Ele jogou; eu bebi cerveja e guiei o carrinho. O golfe ainda não conseguira exercer em mim a sua magia. Duas falhas e fiquei pronto a falar. No almoço, repeti a história do Senhor, pelo que ele entendeu que eu viera descansar só por dois dias, para me recompor antes de regressar à arena.

— Estou ficando cansado das grandes empresas, pai — disse quando nos sentamos junto do terceiro suporte para a bola, à espera que o seguinte estivesse disponível. Estava nervoso e o meu nervosismo irritou-me. Era a minha vida, não a dele.

— O que quer isso dizer? — Quer dizer que estou cansado do que estou fazendo.

— Seja realista. Julga que uma pessoa que trabalha em uma fábrica não se cansa do que faz? Pelo menos você está enriquecendo.

Concluiu então o primeiro round, quase por knockout. Dois buracos mais adiante, quando atravessávamos o campo à procura da bola, ele disse: — Pretende mudar de emprego? — Estou pensando nisso. — Para onde vai? — Não sei. Ainda é cedo. Ainda não procurei de outra coisa.

— Então como é que sabe que há melhor, se não tem procurado? Meu pai apanhou a bola e fomos embora.

Levei o carrinho pelo estreito trilho pavimentado enquanto ele seguia a pé pela relva, atrás do seu lance, e perguntei a mim próprio porque é que aquele homem de cabelo grisalho me assustava tanto. Estimulara todos os seus filhos a definirem objetivos, trabalharem muito, lutarem para serem super-homens, tudo no sentido de ganharem muito dinheiro e viverem o sonho americano. E pagara tudo o que era preciso.

Tal como os meus irmãos, eu não nascera com uma consciência social. Fazíamos donativos à igreja porque a Bíblia nos aconselhava fortemente a fazê-lo. Pagávamos impostos porque a lei nos obrigava. Sem dúvida que em algum lugar no meio destas dádivas algum bem seria feito, e nós contribuíamos para isso. A política pertencia àqueles que estavam dispostos a participar neste jogo e, além disso, as pessoas honestas não ganhavam dinheiro. Fomos ensinados a ser produtivos e, quanto maior fosse o êxito que alcançássemos, mais a sociedade beneficiaria com isso, de certo modo. Definir objetivos, trabalhar arduamente, jogar limpo e atingir a prosperidade.

O meu pai acertou duas vezes no quinto buraco, e estava atribuindo responsabilidades ao lançador quando subiu para o carrinho.

— Talvez eu não procure algo melhor — disse.

— Porque não continua a conversa e diz o que tem a dizer? — retorquiu ele. Como de costume, senti-me fraco por não encarar a questão com coragem.

— Estou pensado no Direito de interesse público.

— Que diabo é isso? — É quando trabalhamos para o bem da sociedade sem ganharmos muito dinheiro.

— O quê? Agora virou democrata? Está há muito tempo em Washington.

— Há muitos republicanos em Washington. Por sinal, foram eles que venceram.

Nos dirigimos para o suporte seguinte em silêncio. O meu pai era um bom jogador de golfe, mas os seus lances estavam piorando. Eu o impedira de se concentrar.

Quando caminhava de novo no gramado, disse: — Então um bêbado qualquer ficou sem cabeça e você quer mudar a sociedade. É isso? — Ele não era um bêbado. Combateu no Vietnã.

O meu pai pilotara alguns B-52 nos primeiros tempos da guerra do Vietnã, e esta frase deixou-o gelado. Mas só por instantes. Não estava disposto a ceder um milímetro.

— Era um desses, hein? Não respondi. A bola estava irremediavelmente perdida e ele nem sequer olhou. Atirou outra para o gramado, colocou-a mal e fomos embora.

— Detesto vê-lo destruir uma boa carreira, filho — disse ele. — Tem trabalhado muito. Daqui a uns anos será sócio.

— Talvez.

— Precisa de umas férias, mais nada.

Este parecia ser o remédio, na opinião de todos.

Levei-os para jantar em um bom restaurante. Fizemos um grande esforço para evitar temas como Claire, minha carreira e os netos que eles raramente viam. Falamos de velhos amigos e de antigos vizinhos. Envolvi-me na conversa, que não me interessava nada.

Deixei-os ao meio-dia de sexta-feira, quatro horas antes do meu voo, e voltei à minha vida desordenada em Columbia.

SETE

É claro que o apartamento estava vazio quando regressei na sexta-feira à noite, mas com uma nova modalidade. Havia um bilhete em cima da bancada da cozinha. Tal como calculara, Claire fora passar dois dias na casa dos pais, em Providence. Não dava razões. Pedia-me para lhe telefonar quando chegasse em casa.

Telefonei-lhe para casa dos pais e interrompi o jantar. Mantivemos a custo uma conversa de cinco minutos, na qual ficou apurado que estávamos ambos bem, que Memphis e Providence estavam bem, que as famílias estavam bem, e que ela voltaria no domingo à tarde.

Desliguei, fiz um café e o bebi enquanto olhava pela janela do quarto, vendo o trânsito fluindo ao longo de P Street, ainda coberta de neve. Se uma parte da neve se derretera, não se notava.

Desconfiava que Claire falara aos pais da mesma história sombria com que eu sobrecarregara os meus. Era triste e estranho, mas não surpreendente, que estivéssemos sendo honestos com as nossas

famílias antes de nós próprios encararmos a realidade. Estava cansado da situação e resolvido a sentar-me um dia com ela à mesa da cozinha, talvez logo no domingo seguinte, para enfrentarmos o problema.

Poríamos a nu os nossos sentimentos e receios e, tinha certeza disso, começaríamos a planejar o nosso futuro separadamente. Eu sabia que ela queria sair de casa, só não sabia até que ponto.

Ensaiei em voz alta as palavras que iria lhe dirigir até elas me parecerem convincentes e depois fui dar um longo passeio a pé. Estava dez graus negativos e um vento agreste, e o frio atravessava-me a roupa. Passei por casas elegantes e acolhedoras, onde vi verdadeiras famílias comendo, rindo e gozando o conforto. Entrei em M Street, onde multidões daqueles que sofriam de febre da cabina, enchiam os passeios. Nem uma noite gélida de sexta-feira era monótona em M Street; os bares estavam apinhados, os restaurantes tinham filas de espera e os cafés estavam cheios.

Parei à janela de um clube musical, ouvindo blues, com a neve agarrada aos tornozelos, e vendo os casais jovens bebendo e dançando. Pela primeira vez na minha vida, não me senti um jovem. Tinha trinta e dois anos, mas nos últimos sete trabalhara mais do que muita gente em vinte. Estava cansado, não velho mas caminhando para a meia idade, e admiti que já saíra havia muito tempo da faculdade. As belas garotas que ali se encontravam agora nem sequer olhariam para mim duas vezes.

Estava gelado, e recomeçara a nevar. Comprei um sanduíche, enfiei-o no bolso e fui para casa. Preparei uma bebida forte, acendi a lareira, e comi na semiobscuridade, muito só.

No passado, a ausência de Claire no fim-de-semana teria me dado motivos para ficar no escritório, sem remorsos. Agora, ali sentado à lareira, o fato de pensar nisso dava-me ânsias. A Drake & Sweeney se manteria orgulhosamente depois de eu sair, e os clientes e os seus problemas, que me tinham parecido tão cruciais, seriam tratados por outros grupos de jovens advogados. A minha saída constituiria um ligeiro percalço quase imperceptível para a firma. O meu gabinete seria ocupado poucos minutos depois de eu sair.

Pouco depois das nove, o telefone tocou, despertando-me de um devaneio longo e sombrio. Era Mordecai Green, falando muito alto de um telefone celular.

— Está ocupado? — perguntou ele.

— Não exatamente. O que se passa?

— Está frio como um raio, está nevando outra vez, e nós estamos com falta de pessoal. Tem umas horas disponíveis?

— Para fazer o quê?

— Para trabalhar. Precisamos de gente com bom corpo. Os abrigos e as sopas dos pobres estão apinhados e não temos voluntários que cheguem.

— Não sei se tenho qualificações para isso.

— Sabe borrar pão com manteiga de amendoim?

— Acho que sim.

— Então tem qualificações para isso.

— Está bem. Para onde vou?

— Estamos mais ou menos a dez quarteirões do escritório. No cruzamento da Thirteenth com a Euclid, há uma igreja amarela à sua direita. Ebenezer Christian Fellowship. Nós estamos na garagem.

Escrevi estas indicações depressa, e cada palavra era mais trêmula do que a anterior porque Mordecai estava me convocando para uma zona de combate. Tive vontade de perguntar se devia levar uma arma. Não sabia se ele tinha alguma. Mas ele era negro e eu não. E o meu carro, o meu precioso Lexus?

— Entendeu? — rosnou ele depois de uma pausa.

— Entendi. Estarei aí dentro de vinte minutos — respondi corajosamente, com o coração ainda aos pulos.

Vesti jeans e uma camiseta e calcei umas botas de marca boas para andar. Tirei os cartões de crédito e o dinheiro quase todo da carteira. No alto de um armário, descobri um velho casaco de sarja forrado de lã, com manchas de café e de tinta, uma relíquia dos tempos da faculdade de Direito, e, ao vesti-lo no espelho, tive esperança de que disfarçasse o meu ar abastado. Mas não. Se um jovem ator o usasse na capa da *Vanity Fair* a moda pegaria imediatamente.

Queria desesperadamente um colete à prova de bala. Estava assustado, mas quando fechei a porta e me embrenhei na neve, senti também um estranho entusiasmo.

Os tiros disparados de automóveis e os ataques dos gângsteres não se materializaram. O tempo mantinha as ruas vazias e seguras naquele momento. Descobri a igreja e estacionei em um parque do outro

lado da rua. Parecia uma pequena catedral, pelo menos com um século e sem dúvida abandonada pela congregação original.

Ao virar a esquina, avistei uns homens em grupo, à espera, junto de uma porta. Passei por eles como se soubesse exatamente para onde ia, e entrei no mundo dos sem teto. Por muito que quisesse avançar e fingir que já conhecia o ambiente e que tinha trabalho a fazer, não me consegui mexer. Fiquei estupefato ao ver a quantidade de pobres enfiados na garagem. Uns estavam deitados no chão, tentando dormir. Outros estavam sentados em grupos, falando em voz baixa. Uns comiam em longas mesas e outros em cadeiras de lona. Todo o espaço ao longo das paredes estava ocupado com gente sentada de costas voltadas para os aquecedores. Crianças pequenas choravam e brincavam enquanto as mães tentavam mantê-las juntas. Os bêbados estavam deitados, rígidos, ressonando apesar do barulho.

Voluntários distribuíam cobertores e caminhavam no meio da multidão, oferecendo maçãs.

A cozinha ficava num extremo e fervilhava de atividade enquanto a comida era preparada e servida. Avistei Mordecai no fundo, despejando suco de fruta em xícaras de papel, sempre falando. Pessoas em fila aguardavam pacientemente que as servissem nas mesas.

A sala estava quente, e a mistura dos cheiros, dos aromas e do calor do gás criava um odor espesso que não era desagradável. Um sem teto, ataviado à maneira do Senhor, chocou comigo e percebi que chegara o momento de avançar.

Encaminhei-me para Mordecai, que ficou radiante ao me ver. Apertamos as mãos como velhos amigos e ele apresentou-me a dois voluntários cujos nomes nem consegui ouvir.

— Isto é uma loucura — disse ele. — Uma nevasca, uma vaga de frio, e trabalhamos toda a noite. Traga esse pão para cá.

Mordecai apontou para um tabuleiro cheio de fatias de pão branco. Peguei-lhe e fui atrás dele, na direção de uma mesa.

— Isto está mesmo complicado. Tem aqui salame, e ali mostarda e maionese. Metade dos sanduíches leva mostarda, a outra metade leva maionese, uma fatia de salame e duas fatias de pão. Faça uma dúzia com manteiga de amendoim de vez em quando. Entendeu?

— Entendi.

— Você aprende depressa.

Deu uma palmada no ombro e desapareceu.

Fiz dez sanduíches depressa e considerei-me eficiente. Depois, abrandei o ritmo e comecei a observar as pessoas que aguardavam na fila, de olhos baixos, mas sempre atentas à comida que tinham à frente. Davam-lhes um prato, uma tigela e uma colher de plástico e um guardanapo. A medida que avançavam, enchiam-lhes a tigela de sopa, punham-lhes meio sanduíche no prato e depois juntavam uma maçã e uns biscoitos. No fim, aguardava-os uma xícara de suco de fruta.

Quase todos diziam um obrigado em surdina ao voluntário que entregava o suco, depois afastavam-se segurando o prato e a tigela com cuidado. Até as crianças estavam caladas e tinham cuidado com a comida.

A maioria parecia comer devagar, saboreando o calor e a comida na boca e o aroma no rosto. Outros, comiam o mais depressa que podiam.

Ao meu lado estava um fogão a gás com quatro bicos, cada um com uma grande panela de sopa. Do outro lado, via-se uma mesa cheia de aipo, cenouras, cebolas, tomates e frangos inteiros. Um voluntário com uma grande faca cortava rodelas e cubos com uma raiva vingativa. Outros dois voluntários ocupavam-se do fogão. Vários levavam a comida para as mesas de servir. Naquele momento, eu era o único homem que estava fazendo sanduíches.

— Precisamos de mais sanduíches com manteiga de amendoim — anunciou Mordecai quando voltou à cozinha. Tirou de baixo da mesa um frasco com sete litros. — Pode encarregar-se disso?

— Sou um especialista — respondi.

Ele me observou trabalhando. A fila estava momentaneamente mais curta; queria conversar.

— Julguei que você era advogado — disse eu, espalhando a manteiga de amendoim.

— Primeiro sou homem, e depois advogado. É possível ser as duas coisas... Não ponha tanta manteiga aí. Temos de ser eficientes.

— De onde vem a comida?

— Dos bancos alimentares. É toda oferecida. Esta noite, estamos com sorte porque temos frango. É um petisco. Em geral, só temos legumes.

— Este pão não é muito fresco.

— É, mas é de graça. Vem de uma grande padaria, das sobras diárias. Pode comer um sanduíche, se quiser.

— Obrigado. Comi um há pouco tempo. Você come aqui?

— É raro.

A julgar pelo aspecto da cintura, Mordecai não fazia dieta de sopa de legumes e de maçãs. Sentou-se na beira da mesa e examinou a multidão.

— É a primeira vez que vem a um abrigo?

— É.

— Qual é a primeira palavra que lhe vem à mente?

— Desespero.

— Era previsível. Mas você chega lá.

— Quantas pessoas vivem aqui?

— Nenhuma. Este é apenas um abrigo de emergência. A cozinha abre todos os dias para o almoço e para o jantar, mas tecnicamente não é um abrigo. A igreja tem a bondade de abrir as portas quando o tempo está ruim.

Tentei compreender.

— Então onde vive esta gente?

— Alguns vivem em prédios abandonados e são os que têm mais sorte. Outros vivem na rua; outros em parques; outros em terminais de ônibus; outros debaixo das pontes. Conseguem sobreviver enquanto o tempo é suportável. Esta noite, morreriam gelados.

— Então onde ficam os abrigos?

— Estão espalhados por aí. Há cerca de vinte. Metade subsidiados por particulares e outra metade geridos pela Câmara, que, graças ao novo orçamento, vai encerrar dois deles.

— Quantas camas?

— Cinco mil, mais ou menos.

— Quantos sem teto? — Essa é sempre uma boa pergunta porque eles não são o grupo mais fácil de contar. Dez mil é um bom cálculo.

— Dez mil?

— Sim, e contando só com as pessoas da rua. Talvez haja mais vinte mil que vivem com a família e amigos, e que daqui a um ou dois dias ficarão sem teto.

— Então há pelo menos cinco mil pessoas nas ruas? — perguntei, com uma incredulidade óbvia.

— Pelo menos.

Um voluntário veio pedir sanduíches. Mordecai ajudou-me e fizemos mais uma dúzia. Depois paramos e voltamos a observar a multidão. A porta abriu-se e uma jovem mãe entrou devagar, com um bebê no colo e seguida por três crianças pequenas, uma das quais vinha de calções e calçava meias desiguais, sem sapatos.

Trazia uma toalha sobre os ombros. As outras duas pelo menos vinham calçadas, mas a roupa era pouca. O bebê parecia estar dormindo. A mãe parecia atordoada e, depois de entrar, não sabia ao certo para onde ir. Não havia um único lugar à mesa. Encaminhou a família para a comida e dois voluntários sorridentes foram ao seu encontro para ajudá-la. Um deles instalou-os a um canto junto da cozinha e começou a servi-los, enquanto o outro os cobria com cobertores.

Mordecai e eu assistimos à evolução da cena. Tentei não olhar fixamente para eles, mas ninguém dava por isso.

— O que acontece quando a tempestade passa? — perguntei.

— Quem sabe? Por que não lhe pergunta? Estas palavras chamaram-me à realidade. Eu não estava preparado para sujar as mãos.

— Você tem alguma atividade na associação de advogados de Columbia? — perguntou ele.

— De certo modo. Por quê?

— Simples curiosidade. A associação faz muito trabalho gratuito para os sem teto.

Ele lançava a isca, mas eu ainda não estava pronto para morder.

— Trabalho em casos de pena de morte — disse eu, orgulhoso, e com alguma sinceridade.

Há quatro anos, ajudara um dos nossos sócios a redigir um depoimento para um colega do Texas. A minha firma apregoava o trabalho gratuito a todos os seus elementos, mas era preferível que ele não interferisse no faturamento.

Continuamos olhando para a mãe com os seus quatro filhos. Os dois mais velhos comeram os biscoitos enquanto a sopa esfriava. A mãe ou estava drogada ou em estado de choque.

— Há algum lugar onde ela possa ir viver? — perguntei.

— Talvez não — respondeu Mordecai com um ar despreocupado, agitando os pés enormes à beira da mesa. — Ontem, a lista de espera para os abrigos de emergência tinha quinhentos nomes.

— Para abrigos de emergência?

— Sim. Há um abrigo para casos de hipotermia que a cidade abre amavelmente quando as temperaturas são negativas. Talvez seja essa a única chance que ela tem, mas creio que o abrigo está cheio esta noite. Depois, a cidade fecha o abrigo quando as coisas acalmam.

O subchefe teve de se ausentar e, como eu era o único voluntário que não estava ocupado naquele momento, fui obrigado a trabalhar. Enquanto Mordecai fazia sanduíches, cortei aipo, cenouras e cebolas durante uma hora, tudo sob o olhar atento de Miss Dolly, um dos membros fundadores da igreja, que estava encarregada de alimentar os sem teto há onze anos. Era a sua cozinha. Eu senti-me honrado por estar ali, e a dada altura ela me disse que estava cortando pedaços de aipo muito grandes. Depressa passaram a ser menores.

O avental de Miss Dolly era branco e imaculado, e ela tinha um orgulho enorme no seu trabalho.

— Alguma vez se habituou a ver esta gente? — perguntei-lhe. Estávamos diante do fogão, distraídos com uma discussão que se travava mais atrás. Mordecai e o padre intervieram e a paz prevaleceu.

— Nunca, filho — respondeu ela, limpando as mãos em a uma toalha. — Fico destroçada. Mas o Livro dos Provérbios diz: Abençoados aqueles que dão de comer aos pobres. Isso me dá ânimo.

Miss Dolly voltou-se e mexeu a sopa devagarinho.

— O frango está pronto — disse ela dirigindo-se a mim.

— O que isso quer dizer? — Quer dizer que você tira o frango do fogo, joga o caldo nessa panela, deixa esfriar o frango e depois desossa-o.

Desossar o frango era uma arte, em especial se usasse o método de Miss Dolly. Quando acabei, tinha os dedos escaldando e praticamente cobertos de bolhas.

OITO

Mordecai subiu na minha frente uma escada escura que ia dar no átrio.

— Veja onde põe os pés — disse, quase em surdina, ao entrarmos no santuário por uma porta de portas. Estava escuro, porque havia gente tentando dormir em todo lugar. Estavam estendidos nos bancos, ressonando. Aglomeravam-se debaixo dos bancos, e as mães tentavam que os filhos se acalmassem. Amontoavam-se nas naves e deixavam um corredor estreito para nós passarmos na direção do púlpito. A galeria do coro também estava cheia.

— Não há muitas igrejas que façam isto — segredou ele, quando paramos junto do altar e examinamos as filas de bancos. Eu percebia das igrejas.

— O que acontece aos domingos? — perguntei, também em voz baixa.

— Depende do tempo. O padre é um dos nossos. Uma vez, cancelou a missa só para não os pôr na rua.

Não sabia ao certo o que significava um dos nossos, mas não me sentia incluído no grupo. Ouvi o teto ranger e percebi que havia uma varanda em U por cima de nós. Espreitei e avistei mais uma massa humana estendida nas filas de bancos, lá em cima. Mordecai também olhava.

— Tanta gente... — disse eu entredentes, sem conseguir concluir o pensamento.

— Nem os contamos. Damos-lhes apenas comida e abrigo. Uma rajada de vento atingiu a parte lateral do edifício e fez estremecer as janelas. Estava muito mais frio na igreja do que na garagem. Passamos por cima dos corpos em pontas de pés e saímos por uma porta junto do órgão. Eram quase onze horas. A garagem continuava superlotada, mas a fila da sopa desaparecera.

— Siga-me — disse Mordecai.

Pegou uma tigela de plástico e estendeu-a para que um voluntário a enchesse.

— Vamos ver como é que você cozinha — disse ele, com um sorriso.

Nos sentamos no meio da multidão, em uma mesa desmontável, com gente da rua ao nosso lado. Ele conseguiu comer e conversar como se tudo corresse bem; eu, não. Brinquei com a minha sopa que, graças a

Miss Dolly, estava muito boa, mas não conseguia ultrapassar o fato de eu, Michael Brock, um branco rico de Memphis, de Yale e da Drake & Sweeney, estar sentado ao lado dos sem teto na garagem de uma igreja, em algum lugar em North West, no distrito de Columbia. Vira a cara de outro branco, um bêbado de meia idade que comera e desaparecera.

Tinha certeza que o meu Lexus já não estava lá fora e que não conseguiria sobreviver cinco minutos no exterior do edifício. Não tencionava largar Mordecai, saísse ele quando e como saísse.

— É uma boa sopa — disse ele. — Varia. Depende do que há. E a receita é diferente de lugar para lugar.

— Um dia destes comi talharim na Martha's Table — disse o homem que estava sentado à minha direita, um homem cujo cotovelo estava mais próximo da minha tigela do que o meu.

— Talharim? — perguntou Mordecai, incrédulo.

— Na sua sopa?

— Sim. Mais ou menos uma vez por mês há talharim. É claro que todos já sabem, por isso é difícil arranjar uma mesa.

Não entendi se ele estava ou não brincando, mas me pareceu que piscava o olho. A ideia de um homem sem teto lamentando a falta de mesas na sua cozinha económica favorita pareceu-me divertida. Era difícil arranjar uma mesa; quantas vezes ouvira dizer o mesmo dos meus amigos de Georgetown? Mordecai sorriu.

— Como se chama? — perguntou ao homem.

Mais tarde, soube que Mordecai queria sempre aliar um nome a um rosto. Os sem teto que ele estimava eram mais do que vítimas; eram a sua gente.

Eu também tinha uma curiosidade natural. Queria saber como é que os sem teto ficavam sem teto. O que falhava no nosso vasto sistema de assistência pública para que alguns americanos fossem tão pobres que eram obrigados a viver debaixo de pontes? — Drano — respondeu ele, mastigando um dos meus maiores pedaços de aipo.

— Drano? — perguntou Mordecai.

— Drano — repetiu o homem.

— Qual é o seu apelido? — Não tenho. Sou muito pobre.

— Quem lhe deu o nome de Drano?

— A minha mãe.

— Que idade tinha quando ela lhe deu esse nome? — Cerca de cinco.

— Por quê Drano?

— Ela tinha um bebê que nunca se calava, que estava sempre chorando e não deixava ninguém dormir. E eu lhe dei um pouco de Drano. O homem contou a história enquanto mexia a sopa. Estava bem ensaiada, bem contada, mas não acreditei em uma palavra. Os outros, porém, escutavam-no e Drano divertia-se.

— O que aconteceu ao bebê? — perguntou Mordecai, fazendo de conta.

— Morreu.

— Devia ser o seu irmão — disse Mordecai.

— Não. Irmã.

— Compreendo. Então você matou a sua irmã.

— Sim, mas passamos a dormir muito bem.

Mordecai piscou o olho, como se já tivesse ouvido muitas histórias semelhantes.

— Onde você vive, Drano? — perguntei.

— Aqui em Columbia.

— Onde fica? — perguntou Mordecai, corrigindo-me.

— Fico por aqui e por ali. Tenho muitas mulheres ricas que me pagam para lhes fazer companhia.

Dois homens que estavam ao lado de Drano acharam graça. Um riu baixinho e o outro soltou uma gargalhada.

— Onde recebe a sua correspondência? — perguntou Mordecai.

— Na estação dos correios — respondeu ele.

Drano teria uma resposta pronta para tudo, por isso nós o deixamos só. Miss Dolly fez café para os voluntários, depois de desligar o fogão. Os sem teto passariam ali a noite.

Mordecai e eu nos sentamos na beira de uma mesa, na cozinha às escuras, bebendo café e espreitando a multidão através do postigo enorme.

— Até que horas você fica aqui? — perguntei.

Ele encolheu os ombros.

— Depende. Quando você mete umas centenas de pessoas como estas numa sala, em geral acontece qualquer coisa. O padre prefere que eu fique.

— Toda noite? — Tenho ficado muitas vezes.

Eu não tencionava dormir com aquela gente. Nem tencionava sair do edifício sem a proteção de Mordecai.

— Vá embora quando quiser — disse ele.

Sair era a pior das minhas limitadas opções. Meia-noite, uma noite de sexta-feira, nas ruas de Columbia. Um branco, com um belo carro. Com neve ou sem ela, não me agradava arriscar a minha sorte.

— Você tem família? — perguntei.

— Tenho. A minha mulher é secretária no Ministério do Trabalho. Três filhos. Um na faculdade e outro no Exército.

Sua voz falhou antes de falar no terceiro filho. Eu não ia perguntar.

— E perdemos um nas ruas, há dez anos. Nas gangues.

— Lamento.

— E você? — Sou casado, e não tenho filhos.

Pensei em Claire pela primeira vez em horas. Como ela reagiria se soubesse onde eu estava? Nenhum de nós arranjara tempo para dedicar a qualquer coisa que tivesse uma relação remota com as obras de caridade. Diria com os seus botões ele está arrebentando pela costura, ou outra coisa do gênero. Não me importava.

— O que faz a sua mulher? — perguntou ele, para aliviar a conversa.

— É cirurgiã interna em Georgetown.

— Vocês vão ser ricos, não é verdade? Você será sócio em uma grande firma e ela será cirurgiã. Outro sonho americano.

— Quem sabe? O padre apareceu vindo não se sabia de onde e chamou Mordecai de parte para uma conversa em voz baixa. Eu tirei quatro biscoitos de uma tigela e fui para o outro canto, onde a mãe estava sentada dormindo, com a cabeça encostada a uma almofada e o bebê enfiado debaixo do braço. Os outros estavam imóveis debaixo dos cobertores. Mas o mais velho estava acordado. Agachei-me junto dele e ofereci-lhe um biscoito. Os seus olhos brilharam e a criança pegou nele. Observava-o enquanto comia. Depois, quis outro. Era pequeno e ossudo, e não tinha mais de quatro anos.

A cabeça da mãe tombou para a frente, sacudindo-lhe o corpo. A mulher fitou-me com uns olhos tristes e exaustos e depois percebeu que

eu estava dando biscoitos ao filho. Esboçou um sorriso tênue e endireitou a almofada.

— Como se chama? — perguntei em surdina ao rapazinho. Depois de comer dois biscoitos, ficara meu amigo para o resto da vida.

— Ontario — respondeu abertamente.

— Quantos anos você tem? Esticou quatro dedos, depois dobrou um e voltou a endireitá-lo.

— Quatro? — perguntei.

Fez um sinal afirmativo e estendeu a mão para pedir mais um biscoito, que eu ofereci alegremente. Teria dado tudo.

— Onde costuma passar a noite? — perguntei, baixinho.

— Em um carro — respondeu no mesmo tom de voz.

Levei um segundo para assimilar a resposta. Não sabia ao certo o que havia de perguntar a seguir. Ele estava muito ocupado comendo para se preocupar com a conversa. Tinha-lhe feito três perguntas e dera três respostas sinceras. Viviam em um carro. Tive vontade de sair correndo e ir perguntar a Mordecai o que fazia quando descobria que havia gente vivendo em um carro, mas continuei a sorrir para Ontario. Ele retribuiu o sorriso. Por fim, perguntou: — Tem mais suco de maçã? — Claro que tenho — respondi, e dirigi-me à cozinha, onde enchi duas xícaras.

Sorveu o conteúdo da primeira e passei a segunda.

— Diga obrigado — disse eu.

— Obrigado — disse ele, estendendo a mão para eu lhe dar mais um biscoito.

Descobri uma cadeira desmontável e fui me sentar próximo dele, de costas para a parede. as vezes reinava o silêncio na garagem, mas não a calma. Aqueles que viviam sem cama não tinham um sono tranquilo. De vez em quando, Mordecai abria caminho entre os corpos para acalmar algum mais agitado. Era tão grande e assustador que ninguém se atrevia a desafiar a sua autoridade.

Com o estômago cheio outra vez, Ontario adormeceu, com a cabecinha apoiada nos pés da mãe. Esgueirei-me para a cozinha, enchi mais uma xícara de café e voltei para a minha cadeira.

Foi então que o bebê desatou a chorar. A sua voz lamentosa atingiu um volume surpreendente, e toda a sala parecia agitar-se com o barulho. A mãe estava atordoada, cansada, frustrada por a terem

acordado. Disse-lhe que se calasse e depois encostou-o ao ombro e começou a embalá-lo. A criança chorou ainda mais alto e as outras pessoas começaram a resmungar. Com uma total falta de senso ou de ponderação, estendi os braços e peguei no bebê, sorrindo à mãe para tentar ganhar a sua confiança. Ela não se importou. Ficou aliviada por se ver livre dele.

A criança não pesava nada e estava ensopada. Percebi isso quando lhe encostei a cabeça ao meu ombro e comecei a dar-lhe palmadinhas. Fui para a cozinha, à espera que Mordecai ou outro voluntário me salvassem. Miss Dolly saíra há uma hora.

Para meu alívio e surpresa, a criança calou-se quando dei uma volta ao fogão, afagando-a, falando com ela em voz baixa e procurando uma toalha ou outra coisa qualquer. Tinha a mão ensopada.

Onde estava eu? O que diabo estava fazendo? O que pensariam os meus amigos se me vissem em uma cozinha escura, cantarolando para um bebê de rua, rezando para que a fralda estivesse só molhada? Não cheirava mal, embora tivesse certeza que havia piolhos saltando da cabeça da criança para a minha. O meu melhor amigo Mordecai apareceu e acendeu a luz.

— Mas que jeitoso — disse ele.

— Tem fraldas? — perguntei com uma voz sibilante.

— É líquido ou sólido? — perguntou ele, bem-humorado, dirigindo-se para os armários.

— Não sei. Se apresse.

Mordecai tirou um pacote de fraldas e entreguei a criança. O meu casaco de sarja tinha uma grande mancha no ombro esquerdo. Com uma agilidade inacreditável, Mordecai pôs o bebê em cima da tábua de cozinha, tirou a fralda molhada, que nos mostrou tratar-se de uma menina, limpou a criança com um pano qualquer, pôs-lhe uma fralda nova e depois entregou-a.

— Aqui está ela — disse ele, orgulhoso. — Como nova.

— As coisas que eles não nos ensinam na faculdade de Direito — disse eu, pegando a criança.

Durante uma hora, andei com ela de um lado para o outro, até que a criança adormeceu. Embrulhei-a no meu casaco e a coloquei com todo o cuidado entre a mãe e Ontario.

Eram quase três horas da madrugada de sábado, e tinha de ir embora. A minha consciência recém-agredida não podia aguentar tanta coisa em um só dia. Mordecai acompanhou-me até à rua, agradeceu a minha presença e mandou-me embora sem casaco. O meu carro estava onde eu o deixara, coberto com uma nova camada de neve.

Mordecai estava em frente da igreja, observando-me, quando eu arranquei.

NOVE

Desde o meu confronto com o Senhor, na terça-feira, que não faturava uma única hora para a velha Drake & Sweeney. A minha média era de duzentas horas por mês em cinco anos, o que correspondia a oito por dia durante seis dias, e ainda sobravam duas. Nenhum dia podia ser desperdiçado e poucas eram as horas preciosas que não eram debitadas. Quando ficava para trás, o que era raro acontecer, trabalhava doze horas no sábado e fazia talvez o mesmo no domingo.

E se não estivesse atrasado, fazia apenas sete ou oito horas no sábado e algumas no domingo. Não era de admirar que Claire tivesse ido para a Escola Médica.

Quando olhei para o teto do quarto no fim da manhã de sábado, estava quase paralisado de inação. Não tinha vontade de ir para o escritório. Detestava pensar nisso. Temia as pequenas filas de mensagens telefônicas em papel cor-de-rosa que a Polly me deixara na mesa, os memorandos dos chefes marcando reuniões para saber como estava, a conversa intrometida dos bisbilhoteiros, e o inevitável “Como está?” dos amigos, dos que se preocupavam verdadeiramente e dos que não se preocupavam nada. Mas o que eu mais temia era o trabalho. Os casos de Direito da Concorrência são longos e difíceis. Os processos são tão volumosos que têm de ser guardados em caixas, e para quê, afinal? Uma empresa de um bilhão de dólares lutando com outra. Uma centena de advogados envolvidos, todos produzindo papel.

Admiti para mim próprio que nunca gostara muito do trabalho. Era um meio para atingir um fim. Se o executasse furiosamente, me tornasse um gênio e me aperfeiçoasse em uma especialidade, dentro de pouco tempo seria muito requisitado. Podia ter sido Direito Fiscal, Direito

Laboral ou Contencioso. Quem podia gostar de Direito da Concorrência? Graças à minha força de vontade, consegui levantar-me da cama e ir tomar banho.

O café da manhã foi um croissant de uma padaria de M Street, com café forte, tudo engolido a custo. Perguntei a mim mesmo o que Ontario estaria comendo àquela hora, mas depois me obriguei a pôr fim à tortura. Tinha direito de comer sem me sentir culpado, apesar de a comida estar perdendo importância para mim.

Na rádio anunciaram que estaria cinco graus negativos e que não voltaria a nevar nessa semana.

Quando entrei no átrio do edifício, fui abordado por um dos meus companheiros. Bruce qualquer coisa, das comunicações, entrou no mesmo elevador e perguntou com um ar grave: — Como vai, colega? — Bem. E você? — respondi.

— Bem. Olhe, nós estamos com você, bem sabe. Força.

Fiz um sinal afirmativo, como se o seu apoio fosse crucial. Felizmente, Bruce saiu no segundo andar, mas não sem antes me ter contemplado com uma forte palmada no ombro. Faça-lhes a vida negra, Bruce. Senti-me recompensado. Abrandei ao passar pela mesa da senhora Devier e pela sala de reuniões. Desci o corredor de mármore até chegar ao meu gabinete e deixei-me cair na cadeira giratória de couro, exausto. Polly tinha várias maneiras de deixar para trás o lixo telefônico. Se eu me tivesse mostrado diligente respondendo aos telefonemas, e se ela estivesse satisfeita com os meus esforços, deixava-me uma ou duas mensagens junto do telefone. Mas, se eu não tivesse sido diligente, e se por acaso isso lhe desagradasse, não havia nada de que gostasse mais do que de alinhá-las no meio da minha mesa, um mar cor-de-rosa, todas impecavelmente dispostas por ordem cronológica.

Contei trinta e nove mensagens, umas urgentes, outras dos chefes. Rudolph pareceu-me especialmente irritado, a avaliar pela fila de Polly. Estava decidido a acabar de beber o meu café em paz e sem pressões, sentado à secretária, segurando na xícara com as duas mãos, como alguém que vacila à beira de um penhasco, quando Rudolph entrou.

Os espiões deviam ter-lhe telefonado; um solicitador à espreita ou talvez Bruce, do elevador. Talvez toda a firma estivesse alerta. Não.

Estavam muito ocupados.

— Olá, Mike — disse ele num tom ríspido, cruzando a perna e preparando-se para abordar um assunto sério.

— Olá, Rudy — respondi.

Nunca o tratara pessoalmente por Rudy. Era sempre por Rudolph. Só a mulher e os sócios é que o tratavam por Rudy, mais ninguém.

— Onde esteve? — perguntou ele, sem revelar a mínima compaixão.

— Em Memphis.

— Em Memphis? — Sim, precisava ir ver os meus pais. Além disso o psiquiatra da família é de lá.

— Um psiquiatra? — Sim, levou dois dias me observando.

— Observando-o? — Sim, em uma daquelas pequenas unidades ostentatórias, com carpetes persas e salmão ao jantar. Cem dólares por dia.

— Durante dois dias? Você esteve internado dois dias? — Estive.

A mentira não me incomodou, nem me senti mal pelo fato de não me incomodar. A firma sabia ser dura, até impiedosa, quando resolvia sê-lo, e eu não estava disposto a aturar um chato como o Rudolph. Ele tinha ordens de marcha da comissão executiva e faria um relatório pouco depois de sair do meu gabinete. Se eu conseguisse enternecê-lo, o relatório seria brando e os chefes ficariam descontraídos. A vida seria mais fácil, a curto prazo.

— Devia ter telefonado a alguém — disse ele, ainda ríspido, mas começando a quebrar o gelo.

— Ora, Rudolph. Eu estava incomunicável. Não tinha telefones. Havia sofrimento suficiente na minha voz para comovê-lo. Depois de uma longa pausa, ele perguntou: — Você está bem? — Estou bem.

— Está bem? — O psiquiatra disse que estava bem.

— Cem por cento? — Cento e dez por cento. Não há problema, Rudolph. Precisava fazer um intervalo. Estou bem. Voltei a todo o gás.

Foi o que Rudolph quis ouvir. Sorriu, descontraiu-se e disse: — Temos muito que fazer.

— Eu sei. Estou ansioso por recomeçar.

Saiu praticamente correndo do meu gabinete. la direito ao telefone para anunciar que um dos muitos produtores da firma

regressara à base. Fechei a porta à chave e apaguei as luzes. Depois, passei uma hora penosa enchendo a mesa de papéis e rascunhos. Não terminei nada, mas pelo menos estava atarefado.

Quando não podia suportar mais a situação, enfiei as mensagens telefônicas no bolso e saí. Fugi sem ser apanhado.

Parei em uma grande farmácia de desconto em Massachusetts e embrenhei-me em uma verdadeira orgia de compras. Guloseimas e pequenos brinquedos para crianças, sabonetes e artigos de toilette para todos, meias e calças para criança de todos os tamanhos. Um grande pacote de fraldas. Nunca me divertira tanto gastando duzentos dólares.

E gastaria o que fosse necessário para os levar para um lugar quente. Se fosse um motel por um mês, não haveria problema. Dentro de pouco tempo, eles seriam meus clientes e eu ameaçaria e litigaria com todo o empenho para que tivessem uma habitação adequada. Não podia ficar à espera de processar fosse quem fosse.

Estacionei em frente da igreja, do outro lado da rua, muito menos receoso do que na noite anterior, mas ainda bastante assustado. Tive o bom senso de deixar os sacos das compras no carro. Se entrasse com eles como se fosse o Pai Natal, provocaria um motim. Tencionava sair dali com a família, levá-la para um motel, instalá-la, garantir que tomariam banho e seriam limpos e desinfetados e dar-lhes de comer até ficarem cheios, ver se precisavam de cuidados médicos, talvez levá-los para comprar sapatos e roupa quente e depois dar-lhes de comer outra vez.

Nem me importava se os outros pensassem que eu era mais um branco rico que apaziguava a consciência.

Miss Dolly ficou satisfeita quando me viu. Cumprimentou-me e apontou para uma pilha de legumes que precisavam de ser descascados. No entanto, fui primeiro à procura de Ontario e da família, mas não os encontrei. Não estavam no seu lugar. Percorri a garagem, passando por cima de dezenas de pessoas da rua. Mas eles não estavam na igreja nem na galeria.

Conversei com Miss Dolly enquanto descascava batatas. Ela lembrava-se de ter visto a família na noite anterior, mas quando chegara, por volta das nove horas, eles já lá não estavam.

— Para onde teriam ido? — perguntei.

— Filho, esta gente anda de um lado para o outro. Vão de cozinha em cozinha, de abrigo em abrigo. Talvez ela tenha ouvido dizer que estavam distribuindo queijo em Brightwood, ou cobertores em outro lugar qualquer. Talvez até tenha arranjado um emprego no McDonald's e deixe os filhos com a irmã. Nunca se sabe. Mas eles não ficam sempre no mesmo lugar. Eu duvidava seriamente que a mãe de Ontario tivesse arranjado emprego, mas não ia discutir este assunto com Miss Dolly na sua cozinha. Mordecai chegou quando se estava formando a fila para o almoço. Vi-o antes de ele me ver, e quando os nossos olhares se cruzaram o seu rosto abriu-se em um sorriso. Um novo voluntário estava encarregado dos sanduíches; Mordecai e eu ficamos nas mesas de servir, mergulhando as conchas nas panelas e colocando sopa nas tigelas de plástico. Este trabalho tinha a sua arte. Se colocássemos caldo a mais, o receptor podia fulminar-nos com o olhar. Se colocássemos legumes a mais, ficaria só o caldo. Há anos que Mordecai aperfeiçoara a sua técnica; eu fui contemplado com vários olhares fulminantes antes de me habituar. Mordecai tinha uma palavra agradável para todas as pessoas que servia — olá, bom-dia, como está, gostei de o voltar vê-lo. Alguns retribuíam o sorriso, outros nem levantavam a cabeça.

Por volta do meio-dia, começou a entrar mais gente e as filas aumentaram. Apareceram mais voluntários vindos não se sabia de onde, e na cozinha reinava uma algazarra agradável, própria de pessoas satisfeitas com o seu trabalho. Continuei procurando Ontario. O Papai Noel estava à espera, mas nem sinais do rapazinho.

Esperamos que as filas desaparecessem e depois enchemos uma tigela para nós. As mesas estavam apinhadas, por isso comemos na cozinha, encostados ao lava-louça.

— Lembra-se daquela fralda que mudou ontem à noite? — perguntei, entre duas colheres de sopa.

— Como se me pudesse esquecer.

— Ainda não os vi hoje.

Mordecai mastigou e ficou pensado.

— Estavam aqui esta manhã quando eu saí.

— Que horas eram? — Seis. Estavam ali no canto, dormindo profundamente.

— Para onde teriam ido? — Nunca se sabe.

— O garoto disse-me que ficavam num carro.

— Falou com ele? — Falei.

— E agora quer encontrá-lo, não é? — Quero.

— Não conte com isso.

Depois do almoço, o sol apareceu e começou o movimento. Um a um, aproximavam-se da mesa de servir, pegavam uma maçã ou uma laranja e saíam da garagem.

— Os sem teto também são irrequietos — explicou Mordecai enquanto os observávamos. — Gostam de andar por aí vagueando. Têm rotinas e rituais, lugares favoritos, amigos nas ruas, coisas para fazer. Voltam aos seus parques e aos seus becos e afastam a neve.

— Está cinco graus negativos lá fora. E esperam-se quinze negativos para esta noite — disse eu.

— Eles voltam. Espere que anoiteça, e este local ficará outra vez abarrotado. Vamos dar uma volta.

Fomos falar com Miss Dolly, que nos dispensou por umas horas. O Ford Taurus usado de Mordecai estava estacionado junto do meu Lexus.

— Este não fica por aqui muito tempo — disse ele, apontando para o meu carro. — Se pretende demorar nesta zona da cidade, sugiro que o troque. Eu nem pensara em desfazer-me do meu carro fabuloso. Fiquei quase ofendido.

Entramos no Taurus e saímos do parque de estacionamento. Pouco depois, percebi que Mordecai Green era um condutor horrível, e tentei pôr o cinto de segurança. Estava partido. Aparentemente Mordecai nem percebeu. Percorremos as ruas do noroeste de Washington, bem limpas de neve, quarteirões e zonas de apartamentos com janelas pregadas com tábuas. Passamos por bairros tão violentos que nem os motoristas das ambulâncias lá queriam entrar, passamos por escolas com vedações metálicas rematadas por arame farpado, por subúrbios permanentemente assinalados por tumultos. Mordecai era um cicerone extraordinário. Todos os territórios eram seus conhecidos, todas as esquinas tinham uma história, todas as ruas tinham uma história.

Passamos por outros abrigos e cozinhas. Conhecia as cozinheiras e os padres. As igrejas ou eram boas ou más, com limites bem definidos.

Ou abriam as portas aos sem teto ou as mantinham fechadas. Mordecai apontou para a faculdade de Direito de Howard, um local que o enchia de orgulho. Estudara Direito durante cinco anos, de noite, ao mesmo tempo que tinha um emprego de tempo integral e outro em meio período. Mostrou-me um prédio incendiado onde os traficantes de droga operavam em tempos. Cassius, o seu terceiro filho, morrera no passeio em frente.

Quando nos aproximamos do seu escritório, perguntou-me se não me importava que passássemos por lá. Queria ver a correspondência. Não me importei. Estava passeando. Era um local escuro, frio e vazio. Mordecai acendeu as luzes e começou a falar.

— Somos três. Eu, Sofia Mendoza e Abraham Lebow. Sofia é assistente social, mas sabe mais de Direito da rua do que eu e o Abraham juntos.

Fui atrás dele por entre as mesas desarrumadas.

— Já fomos sete advogados amontoados aqui, acredita? Isso era quando recebíamos dinheiro federal para apoio jurídico. Agora não recebemos um centavo, graças aos Republicanos. Há três gabinetes ali e três aqui, do meu lado. Muito espaço vazio — disse Mordecai, apontando em todas as direções. Talvez vazio por falta de pessoal, mas era difícil andar sem tropeçar em um cesto cheio de velhos processos ou em uma pilha de livros de Direito cobertos de pó.

— Quem é o proprietário do edifício? — perguntei.

— A Fundação Cohen. Leonard Cohen foi o fundador de uma grande firma de advogados de Nova York. Morreu em oitenta e seis; teria hoje cem anos. Ganhou muito dinheiro e no fim da vida resolveu que queria morrer sem nenhum. Então distribuiu-o, e uma das suas muitas obras foi uma fundação para ajudar os censores oficiosos a dar apoio jurídico aos sem teto. Foi assim que isto nasceu. A fundação tem três clínicas: esta, uma em Nova lorque e outra em Newark. Eu fui admitido em oitenta e três e em oitenta e quatro passei a diretor.

— Todos esses fundos vêm de uma única fonte?

— Praticamente todos. O ano passado, a fundação deu-nos cento e dez mil dólares. No ano anterior tínhamos recebido cento e cinquenta mil, portanto perdemos um advogado. Todos os anos o subsídio é menor. A fundação não tem sido bem gerida e agora está

consumindo o capital. Duvido que estejamos aqui dentro de cinco anos. Talvez nem daqui a três.

— Não conseguem ganhar dinheiro?

— Oh, claro que sim. O ano passado, ganhamos nove mil dólares. Mas leva o seu tempo. Ou exercemos advocacia, ou angariamos fundos. Sofia não é agradável para as pessoas. O Abraham é um cara agressivo, de Nova York. Resto eu e o meu magnetismo pessoal.

— Quais são os encargos? — perguntei, curioso mas não muito apreensivo. Quase todas as instituições sem fins lucrativos publicavam um relatório anual com todos os números.

— Dois mil por mês. Depois das despesas e de uma pequena reserva, nós três ficamos com oitenta e nove mil dólares. Divididos em partes iguais. A Sofia considera-se uma sócia como qualquer um de nós. Sinceramente, temos receio de discutir com ela. Eu levei para casa quase trinta mil, o que, pelo que sei, é a média para um censor oficioso. Bem-vindo à rua.

Por fim, entramos no seu gabinete, e sentei-me em frente dele.

— Esqueceu-se de pagar a conta do aquecimento? — perguntei, quase tremendo de frio.

— Talvez. Nós não trabalhamos muito nos fins de semana. Poupamos dinheiro. É impossível aquecer ou refrigerar este local. Ninguém se lembrara disto na Drake & Sweeney. Fechar nos fins de semana equivale a poupar dinheiro. E casamentos.

— E se for muito confortável, os nossos clientes não vão embora. Por isso está frio no Inverno, quente no Verão e reduz a afluência. Quer um café? — Não, obrigado.

— Estou brincando, sabe? Não faríamos nada para dissuadir os sem teto de ficar aqui. O clima não nos incomoda. Pensamos que os nossos clientes têm frio e fome. Porque havemos de nos preocupar com essas coisas? Teve remorsos quando tomou o café da manhã esta manhã? — Tive.

Presenteou-me com o sorriso de um homem sábio e experiente que já vira tudo.

— É muito comum. Nós costumávamos trabalhar com uma série de advogados novos das grandes firmas, novatos oficiosos, como eu

lhes chamo, e eles estavam sempre me dizendo que, a princípio, se desinteressavam da comida.

Mordecai deu uma palmada na barriga avantajada e acrescentou: — Mas você vai ultrapassar essa fase.

— O que fazem os novatos oficiosos? — perguntei.

Eu sabia que estava me aproximando da isca, e Mordecai sabia que eu o sabia.

— Nós os enviamos para os abrigos. Travam conhecimento com os clientes e nós supervisionamos os casos por eles. A maior parte do trabalho é fácil, basta pôr um advogado no telefone a gritar com um burocrata que não se mexe. Senhas de alimentação, pensões dos veteranos, subsídios de habitação, assistência médica, auxílio a menores... Cerca de vinte e cinco por cento do nosso trabalho está ligado a benefícios sociais.

Eu ouvia atentamente e ele lia a minha mente. Mordecai começava a puxar a linha.

— Sabe, Michael, os sem teto não têm alternativa. Ninguém os ouve, ninguém lhes da atenção, e eles esperam que alguém os ajude. Quando tentam usar o telefone para conseguirem os subsídios a que têm direito, não chegam a lado nenhum. Ficam à espera, eternamente. Nunca ninguém lhes telefona. Eles não têm endereço. Os burocratas não se importavam, e portanto prejudicam precisamente aqueles que deviam ajudar. Um assistente social experiente pode pelo menos conseguir que os burocratas lhe deem ouvidos, e talvez que olhem para o processo e retribuam um telefonema. Mas se você tiver um advogado no telefone, gritando e armando um escândalo, as coisas acontecem. Os burocratas sentem-se motivados. Os documentos são processados. Não há endereço? Não há problema. Envie-me o cheque, que eu o faço chegar ao cliente.

A sua voz subia de tom e os braços agitavam-se no ar. Acima de tudo, Mordecai era um contador de histórias por excelência. Calculei que fosse muito eficiente na presença de um júri.

— Uma história engraçada — disse ele. — Há cerca de um mês, um dos meus clientes dirigiu-se a uma repartição da Segurança Social para pedir um formulário que lhe daria acesso a certos benefícios. Era um assunto de rotina. Ele tem sessenta anos e está permanentemente com dores nas costas. Se você dormir em cima de pedras e em bancos

de jardim durante dez anos, arranja problemas nas costas. Pôs-se na fila e esperou duas horas lá fora. Por fim, entrou, esperou mais uma hora, dirigiu-se ao primeiro balcão, tentou explicar o que pretendia e deu com uma secretária desbocada a quem o dia estava correndo mal, que até teceu comentários sobre o cheiro dele. O homem sentiu-se humilhado, evidentemente, e foi embora sem os formulários. Telefonou-me. Eu fiz os meus contatos e, na quarta-feira passada, tivemos uma pequena cerimônia na repartição da Segurança Social. Eu estive lá, com o meu cliente. A secretária também estava lá, com o chefe, o chefe do chefe, o diretor distrital e um grandalhão da Administração da Segurança Social. A secretária aproximou-se do meu cliente e leu um pedido de desculpas com uma página. Foi uma cena bonita, comovente. Depois, entregou-me os formulários e eu recebi garantias da parte de todos os presentes de que o assunto seria tratado imediatamente. Isto é justiça, Michael, é disto que trata o Direito da rua. Dignidade. As histórias sucederam-se, umas atrás das outras, e no fim os advogados da rua eram os bons e os sem teto eram os vencedores. Eu sabia que ele tinha no seu repertório outras tantas histórias comoventes, talvez mais, mas estava construindo os alicerces.

Perdi a noção do tempo. Mordecai nem falou da correspondência. Por fim, saímos e regressamos ao abrigo.

Daí a uma hora cairia a noite e pensei que era um bom momento para me enfiar na pequena garagem acolhedora, antes dos vagabundos começarem a vaguear pelas ruas. Dei comigo a andar lentamente e com confiança, quando Mordecai estava a meu lado. De outro modo, enfrentaria a neve dobrado pela cintura, caminhando com nervosismo, quase sem tocar no chão. Não sei como, Miss Dolly conseguira arranjar uma pilha de frangos e estava à minha espera. Cozeu-os e eu desossei a carne fumegante. A mulher de Mordecai, Joanne, veio ter conosco à hora de pico. Era tão agradável como o marido, e quase da mesma altura. Os dois filhos mediam um metro e oitenta e cinco. Cassius media um metro e noventa, e era uma estrela de basquetebol muito disputada, quando foi alvejado aos dezessete anos. Saí à meia-noite. Nem sinais de Ontario e da família.

DEZ

O domingo começou com um telefonema de Claire no fim da manhã, outra conversa formal que ela iniciou só para me dizer a que horas estaria em casa. Propus que fôssemos jantar no nosso restaurante favorito, mas ela não estava bem disposta. Não lhe perguntei se algo correra mal. Tínhamos ultrapassado essa fase.

Como a nossa casa era no terceiro andar, não consegui que me levassem o Post em casa aos domingos. Tentara vários métodos, mas era raro encontrar o jornal.

Tomei banho e vesti várias camadas de roupa. O meteorologista previa que a temperatura chegasse aos três graus negativos, e eu ia a sair de casa quando o locutor noticiou a história principal da manhã. Parei gelado; ouvi as palavras, mas não as assimilei logo. Aproximei-me do televisor da mesa da cozinha, com um andar pesado, o coração paralisado e a boca aberta de choque e de incredulidade.

Em algum lugar por volta das onze horas da noite, a polícia local encontrara um pequeno carro junto de Fort Totten Park, no Northeast, em uma zona de guerra. Estava estacionado na rua, com os pneus carecas enfiados na lama. Lá dentro, uma jovem mãe e os seus quatro filhos, todos mortos por asfixia. A polícia suspeitava que a família vivia no carro e tentava manter-se quente. O tubo de escape do automóvel estava enterrado em um monte de neve retirado da rua. Alguns pormenores, mas nada de nomes. Corri para o passeio, escorregando na neve mas conseguindo equilibrar-me. Desci P Street até Wisconsin, cheguei à Thirty-fourth e dirigi-me a uma banca. Sem fôlego e horrorizado, peguei um jornal. No canto inferior da primeira página vinha a notícia, obviamente inserida à última hora. Sem nomes. Fui direito à Secção A, e deixei cair o resto do jornal no passeio molhado. A notícia continuava na página catorze, com alguns comentários formais da polícia e os avisos da praxe sobre os perigos dos tubos de escape obstruídos. Depois, os pormenores comoventes: a mãe tinha vinte e dois anos. Chamava-se Lontae Burton. O bebê chamava-se Temeko. Os dois irmãos a seguir, Alonzo e Dante, eram gêmeos e tinham dois anos. O mais velho, Ontario, tinha quatro. Devo ter feito um som estranho,

porque um homem que passou correndo deitou-me um olhar esquisito, como se eu fosse um indivíduo perigoso. Comecei a afastar-me, com o jornal aberto na mão, tropeçando nas outras vinte seções.

— Desculpe! — gritou uma voz agastada atrás de mim. — Não se importa de pagar? Continuei a andar.

O homem aproximou-se por trás e gritou: — Ouça! Parei para tirar uma nota de cinco dólares do bolso e atirei-a aos seus pés, quase sem olhar para ele.

Em P Street, perto de casa, encostei-me em um muro de tijolo, em frente de um esplêndido prédio. O passeio fora meticulosamente limpo. Li a história outra vez, devagar, na esperança de que o final fosse diferente. Os pensamentos e as perguntas surgiam em turbilhão, sem que os conseguisse acompanhar. Mas havia duas perguntas que se repetiam: Porque é que eles não tinham regressado ao abrigo? E o bebê teria morrido embrulhado no meu casaco de sarja? Pensar já era um grande fardo. Andar era quase impossível. Depois do choque, o remorso atacou em força. Porque é que eu não fizera qualquer coisa na noite de sexta-feira, quando os vira pela primeira vez? Podia tê-los levado para um motel aquecido e ter-lhes dado de comer. O telefone estava tocando quando entrei em casa. Era Mordecai.

Perguntou-me se eu vira a história. Eu perguntei-lhe se lembrava da fralda molhada. Era a mesma família, disse eu. Ele nunca soubera os seus nomes. Falei-lhe mais da minha conversa com Ontario.

— Lamento muito, Michael — disse ele, muito mais triste.

— Eu também.

Não consegui dizer mais nada, as palavras não me saíam da boca, e combinamos encontrar-nos mais tarde. Sentei-me no sofá e ali estive uma hora sem me mexer.

Depois, fui ao carro e tirei os sacos de comida, brinquedos e roupa que comprara para eles.

Só por curiosidade, Mordecai foi ter comigo no escritório por volta do meio-dia. Conhecera muitas grandes empresas no seu tempo, mas queria ver o local onde o Senhor tombara. Dei uma pequena volta com ele e contei a história dos reféns em traços largos.

Saímos no carro dele. Dei graças pelo fato de o trânsito ser escasso nos domingos, pois Mordecai não se interessava pelo que os outros carros faziam.

— A mãe de Lontae Burton tem trinta e oito anos e está cumprindo uma pena de dez anos por vender crack — informou-me ele. Estivera no telefone. — Há dois irmãos, ambos presos. Lontae tinha uma história de prostituição e de drogas. Não sabia quem era o pai, ou os pais, dos filhos.

— Qual é a sua fonte? — Descobri a avó dela num complexo de habitação social. A última vez que viu Lontae, ela só tinha três filhos e vendia droga com a mãe. A avó cortou relações com a filha e com a neta por causa do negócio da droga.

— Quem é que se encarrega do funeral? — Os mesmos que se encarregaram do funeral de Devon Hardy.

— Quanto custa um funeral decente? — Isso é negociável. Está interessado? — Gostaria que eles fossem bem tratados.

Estávamos na Pennsylvania Avenue e íamos a passar pelos edifícios gigantescos do Congresso, com o Capitólio ao fundo. Não pude deixar de praguejar em silêncio contra os loucos que gastavam bilhões de dólares todos os meses, quando havia gente sem casa. Como é que quatro crianças inocentes podiam ter morrido na rua, praticamente à sombra do Capitólio, porque não tinham onde viver? Não deviam ter nascido, diriam alguns do meu lado da cidade. Os corpos tinham sido levados para o Gabinete do Médico Legista-Chefe, onde também estava instalado o necrotério. Era um edifício castanho, de dois andares, ligado ao D. C. General Hospital. Ali ficariam até serem reclamados. Se ninguém se apresentasse no prazo de quarenta e oito horas, seriam obrigatoriamente embalsamados, depositados em urnas de madeira e rapidamente sepultados no cemitério próximo de RFK.

Mordecai estacionou em um espaço degradado, fez uma pausa e depois perguntou: — Tem certeza que quer entrar? — Acho que sim.

Mordecai já estivera ali e telefonara com antecedência. Um segurança com uma farda desajeitada atreveu-se a mandar-nos parar, e Mordecai reagiu tão ruidosamente que me assustou. De qualquer modo, eu já sentia nós no estômago.

O guarda recuou, satisfeito por se ver livre de nós. Em um conjunto de portas envidraçadas lia-se a palavra NECROTÉRIO, pintada de preto. Mordecai entrou, como se o local lhe pertencesse.

— Sou Mordecai Green, advogado da família Burton — rosnou ele ao jovem que se encontrava do outro lado da mesa. Era mais um

desafio do que um anúncio. O jovem verificou um bloco e depois procurou qualquer coisa no meio de uns papéis.

— O que diabo você está fazendo? — perguntou Mordecai outra vez. O jovem levantou a cabeça, pronto a reagir, e percebeu então da corpulência do adversário.

— Só um minuto — disse, e aproximou-se do computador. Mordecai virou-se para mim e disse em voz alta: — Dir-se-ia que eles têm cá uma centena de corpos.

Percebi que ele não tinha paciência para burocratas e funcionários públicos, e lembrei-me da sua história acerca do pedido de desculpas da secretária da Segurança Social. Para Mordecai, metade do exercício da advocacia consistia em ameaçar e vociferar.

Um homem pálido, com o cabelo mal pintado e um aperto de mão viscoso, apareceu à nossa frente e disse chamar-se Bill. Trazia uma bata azul de laboratório e sapatos com solas de borracha grossas. Onde iriam buscar pessoas para trabalhar em uma necrotério? Atravessamos uma porta atrás dele, descemos um corredor estéril onde a temperatura começou a descer e, por fim, entramos na sala principal.

— Quantos receberam hoje? — perguntou Mordecai, como se passasse sempre por ali para contar os corpos.

Bill fez girar o puxador e respondeu: — Doze.

— Sente-se bem? — perguntou-me Mordecai.

— Não sei.

Bill empurrou a porta metálica e entramos. O ambiente estava gelado e cheirava a desinfetante. O chão era de mosaicos brancos e a luz fluorescente, com um tom azulado. Fui atrás de Mordecai, de cabeça baixa, tentando não olhar em volta, mas era impossível. Os corpos estavam cobertos com lençóis, da cabeça até aos tornozelos, tal como se via na televisão. Passamos por dois pés brancos, com uma etiqueta pendurada em um dedo. Depois vimos alguns castanhos.

Bill disse: — Lontae Burton.

E puxou de repente o lençol até à cintura da morta. Era a mãe de Ontario, com uma camisa branca. A morte não deixara marcas no seu rosto. Podia estar dormindo. Não pude deixar de fitá-la.

— É ela — disse Mordecai, como se a conhecesse há anos. Olhou para mim à espera de confirmação e eu conseguiu fazer um sinal

afirmativo. Bill deu meia volta e eu sustive a respiração. As crianças estavam cobertas por um único lençol.

Jaziam em fila, muitos juntas, com as mãos entrelaçadas sobre as camisas. Pareciam querubins adormecidos, pequenos soldados da rua finalmente em paz.

Tive vontade de tocar em Ontario, para lhe afagar o braço e dizer-lhe como lamentava. Tive vontade de acordá-lo, levá-lo para casa, alimentá-lo e oferecer tudo o que ele quisesse. Dei um passo em frente para vê-lo mais de perto.

— Não toque — disse Bill.

Quando eu fiz um sinal afirmativo, Mordecai disse: — São eles.

Assim que Bill os cobriu, fechei os olhos e fiz uma pequena prece, de misericórdia e de perdão. Não permita que isto volte a acontecer, disse-me o Senhor.

Em uma sala no fundo do corredor, Bill exibiu dois grandes cestos de arame com os objetos pessoais da família. Despejou-os em cima de uma mesa e nós o ajudamos a fazer o inventário. A roupa que vestiam estava suja e no fim. O meu casaco de sarja era a melhor peça que tinham. Havia três cobertores, uma bolsa, alguns brinquedos baratos, uma loção para bebês, uma toalha, mais roupas sujas, uma caixa de bolachas de baunilha, uma lata de cerveja por abrir, cigarros, dois preservativos e cerca de vinte dólares em notas e moedas.

— O carro está no estacionamento municipal — disse Bill. — Dizem que está cheio de lixo.

— Nós tratamos disso — disse Mordecai.

Assinamos as folhas do inventário e saímos com os bens pessoais da família de Lontae Burton.

— O que fazemos com isto? — perguntei.

— Entregamos à avó. Quer o seu casaco?

— Não.



A capela funerária pertencia a um sacerdote conhecido de Mordecai, que não gostava dele porque a sua igreja não era suficientemente agradável para os sem teto, mas que sabia lidar com ele.

Estacionamos em frente da igreja, em Georgia Avenue, perto da Universidade Howard, uma zona mais asseada da cidade, onde não havia tantas janelas tapadas.

— É melhor você ficar aqui — disse ele. — Eu falo com ele muito mais à vontade se estivermos a sós.

Não me agradava ficar sozinho no carro, mas naquele momento confiei-lhe a minha vida.

— Com cetteza — respondi, enterrando-me mais no banco e olhando em volta.

— Você ficará bem aqui.

Mordecai saiu e eu tranquei as portas. Pouco depois, me descontraí e comecei a pensar. Mordecai queria ficar a sós com o padre por uma questão de negócios. A minha presença teria complicado tudo. Quem era eu e qual era o meu interesse na família? O preço subiria imediatamente. O passeio estava cheio de gente. Observei as pessoas que passavam, apressadas e fustigadas pelo vento. Uma mãe com dois filhos passou por mim. Iam todos muito bem vestidos, de mãos dadas. Onde estavam eles na noite anterior, quando Ontario e a família se aconchegavam no carro gélido, a respirar monóxido de carbono inodoro até se esvaírem? Onde estávamos nós? O mundo estava a desmoronar-se. Nada fazia sentido. Em menos de uma semana, vira seis pessoas da rua mortas e não estava preparado para o embate. Era um advogado branco, culto, bem alimentado e próspero, a caminho da fortuna e de todas as coisas maravilhosas que ela podia comprar. É certo que o casamento estava no fim, mas havia de me recompor. Havia muitas mulheres bonitas por aí. Não tinha motivos para me preocupar. Amaldiçoei o Senhor por ter descarrilhado a minha vida. Amaldiçoei Mordecai por me fazer sentir culpado. E Ontario por ter me deixado destroçado. Uma pancada no vidro sobressaltou-me. Tinha os nervos a flor da pele. Era Mordecai, debaixo de neve, à beira do passeio. Abri a janela.

— Ele diz que leva dois mil dólares, pelos cinco.

— Seja o que for — disse eu, e ele desapareceu.

Pouco depois, voltou, sentou-se ao volante e arrancou.

— O funeral é na terça-feira, aqui na igreja. As urnas são de madeira, mas são boas. Ele arranja umas flores, para ficar mais bonito.

Queria três mil, mas convenci-o que viria alguém da imprensa e que talvez ele aparecesse na televisão. Ficou satisfeito. Dois mil não é mau.

— Obrigado, Mordecai.

— Sente-se bem?

— Não.

Pouco falamos até chegarmos ao meu escritório.

Fora diagnosticada a doença de Hodgkin a James, o irmão mais novo de Claire. Daí a cimeira familiar em Providence. Aquilo não tinha nada a ver comigo. Ouvi-a falar do fim-de-semana, do choque provocado pela notícia, das lágrimas e das orações quando se encostaram uns aos outros e confortaram James e a mulher. A família de Claire era de abraços e de choros, e eu estava encantado por ela não ter me telefonado pedindo que comparecesse. O tratamento começaria imediatamente; o prognóstico era bom. Claire sentia-se feliz por estar em casa e aliviada por ter alguém com quem desabafar. Bebemos vinho na sala, junto da lareira, com uma manta nos pés. Foi quase uma cena romântica, embora eu estivesse muito traumatizado para pensar sequer em ser sentimental. Fiz um grande esforço para ouvi-la lamentar-se por causa do pobre James e ao interrompê-la com pequenas frases de consolo.

Isto não era o que eu esperava, e não sabia se era o que desejava. Admiti que pudéssemos manter-nos taciturnos ou até discutir. Pouco faltava para que a coisa ficasse feia, e só esperava que nos mostrássemos civilizados e tratássemos da nossa separação como pessoas adultas. Mas depois do que acontecera a Ontario, não estava preparado para lidar com nada que envolvesse emoção. Estava exausto.

Ela me disse várias vezes que eu tinha um ar cansado. Quase agradeci.

Escutei-a com dificuldade até ela se calar e depois a conversa resvalou pouco a pouco para mim e para o meu fim de semana. Contei-lhe tudo — a minha nova vida como voluntário nos abrigos, e depois Ontario e a família. Mostrei-lhe a notícia que vinha no jornal.

Claire mostrou-se verdadeiramente comovida, mas também admirada. Eu não era a mesma pessoa de há uma semana, e ela não sabia ao certo se gostava mais da última versão ou da anterior. Eu também não.

ONZE

Como jovens workaholics, Claire e eu não precisávamos de despertadores, sobretudo nas manhãs de segunda-feira, quando nos aguardava uma semana inteira de desafios. Levantávamos às cinco horas, comíamos cereais às cinco e meia e depois saímos em direções diferentes, praticamente correndo para ver quem saía primeiro.

Graças ao vinho, eu conseguira dormir sem ser perseguido pelo pesadelo do fim-de-semana. E quando ia no carro para o escritório, estava determinado a distanciar-me um pouco da gente da rua. Iria ao funeral. Arranjaria tempo para fazer trabalho gratuito em prol dos sem abrigo. Conservaria a amizade com Mordecai, e talvez até aparecesse de vez em quando no seu escritório. Iria visitar Miss Dolly uma vez ou outra e a ajudaria a dar de comer aos esfomeados. Daria dinheiro e ajudaria a arranjar mais para os pobres. Decerto conseguiria gerar mais fundos do que qualquer outro censor oficioso. Na escuridão do carro, concluí que precisava de uma série de dias de dezoito horas para reajustar as minhas prioridades. A minha carreira sofrera um pequeno descarrilamento; uma orgia de trabalho voltaria a pôr as coisas nos seus lugares. Só um louco deixaria fugir a oportunidade que me era oferecida. Escolhi um elevador diferente daquele em que subira com o Senhor. Ele pertencia à História; afastei-o da minha mente. Não olhei para a sala de reuniões em que ele morrera. Atirei a pasta e o sobretudo para cima de uma cadeira do meu gabinete e fui tomar café. Descer o corredor antes das seis da manhã, falar com um colega aqui, com um administrativo ali, tirar o casaco, arregaçar as mangas... Era ótimo estar de volta.

Li *The Wall Street Journal* em primeiro lugar, em parte porque sabia que não tinha nada a ver com as pessoas da rua que morriam em Columbia. Depois, li o *Post*. Na primeira página da secção da Cidade, havia uma pequena notícia sobre a família de Lontae Burton, com uma fotografia da avó chorando junto de um prédio de apartamentos. Li-a e a coloquei de lado. Sabia mais do que o repórter, e estava disposto a não me distrair.

Por baixo do Post encontrava-se um dossiê castanho de tamanho normal, do tipo dos que a nossa firma usava aos milhões. Não tinha qualquer marca, o que o tornava suspeito. Estava ali, à vista, no meio da

minha mesa, onde fora depositado por algum anônimo. Abri-o lentamente.

Lá dentro havia apenas duas folhas de papel. A primeira era uma cópia da notícia da véspera que fora publicada no Post, a mesma que eu lera dez vezes e que mostrara a Claire na noite anterior. Por baixo, estava uma cópia de qualquer coisa tirada de um processo oficial da Drake & Sweeney. Em título lia-se DESPEJADOS — RIVEROAKS, INC. Na coluna da esquerda viam-se os números de um a dezessete. O número quatro era Devon Hardy. À frente do número quinze lia-se: Lontae Burton e três ou quatro filhos. Pousei lentamente o dossiê em cima da mesa, levantei-me e me aproximei da porta, fechei-a à chave e depois encostei-me a ela. Os primeiros dois minutos passaram-se no meio de um silêncio absoluto. Olhei fixamente para o dossiê que estava no meio da mesa. Fui obrigado a reconhecer que era verdadeiro e rigoroso. Porque havia alguém de forjar tal coisa? Depois, peguei-o outra vez, com todo o cuidado. Por baixo da segunda folha de papel, no interior do próprio dossiê, o meu informante anônimo escrevera a lápis: “O despejo foi legal e eticamente errado." A frase estava escrita em letra de imprensa, para evitar a detecção no caso de eu mandar analisá-la. As marcas eram tênues, e o chumbo mal tocara no papel do dossiê.

Mantive a porta fechada à chave durante uma hora, e entretanto ora ficava à janela vendo o nascer do sol ora me sentava à mesa olhando para o dossiê. O movimento aumentava no corredor, até que ouvi a voz de Polly. Abri a porta, cumprimentei-a como se tudo estivesse correndo às mil maravilhas, e embrenhei-me nos requerimentos.

A manhã foi totalmente preenchida com reuniões e conferências, duas delas com Rudolph e clientes. Portei-me à altura, embora não conseguisse me lembrar de tudo o que tínhamos dito ou feito. Rudolph estava muito orgulhoso por a sua estrela estar de volta a todo o gás.

Fui quase malcriado para aqueles que queriam conversar sobre a crise dos reféns e as suas consequências. Dei mostras de ser o mesmo, e exibi a minha dureza habitual, pelo que se desvaneceram as preocupações quanto à minha estabilidade emocional. Mais tarde, ainda de manhã, meu pai me telefonou. Já não me lembrava há quanto tempo é que ele não me telefonava para o escritório. Disse que estava chovendo em Memphis, que estava sentado em casa, aborrecido, e, bem, que ele e a minha mãe estavam preocupados comigo. Claire

estava bem, expliquei; depois, para agir pelo seguro, falei-lhe do irmão dela, James, uma pessoa que ele vira uma vez, no casamento. Mostrei-me devidamente preocupado com a família de Claire, e isso o agradou. Meu pai ficou radiante por me encontrar no escritório. Eu ainda estava lá, ganhando bom dinheiro, e preparando-me para ganhar mais. Pediu-me que fosse telefonando.

Meia hora depois, o meu irmão Warner telefonou-me do seu escritório, no centro de Atlanta. Era seis anos mais velho do que eu, sócio em outra grande firma, e litigante. Devido à diferença de idade, Warner e eu nunca fomos íntimos, mas gostávamos da companhia um do outro. Durante o seu divórcio, há três anos, ele falava comigo todas as semanas.

Estava apressado, tal como eu, por isso percebi que a conversa seria breve.

— Falei com o pai. Ele contou tudo — disse.

— Não duvido.

— Entendo como se sente. Todos nós passamos por isso. Trabalhamos muito, ganhamos muito dinheiro e nunca paramos para pensar nas pessoas com poucos recursos. Então acontece qualquer coisa, e lembramo-nos dos tempos da faculdade, do primeiro ano, quando estávamos cheios de ideais e queríamos servir-nos dos nossos cursos de Direito para salvar a humanidade. Lembra?

— Lembro. Há muito tempo.

— Exatamente. No meu primeiro ano de Direito, fizeram um estudo. Mais de metade da minha turma queria ir para o Ministério Público. Três anos mais tarde, quando nos licenciamos, todos foram atrás do dinheiro. Não sei o que aconteceu.

— A faculdade de Direito nos torna gananciosos.

— Creio que sim. A nossa firma tem um programa em que é possível tirar um ano de licença, uma espécie de ano sabático, para exercer advocacia no Ministério Público. Doze meses depois, volta, como se nunca tivesse saído. Vocês têm alguma coisa deste gênero? Grande Warner. Eu tinha um problema, e ele já tinha a solução. Sem mais nem menos. Doze meses, e eu era um homem novo. Um desvio rápido, mas o futuro está assegurado.

— Não para os que não são sócios — respondi. — Ouvi dizer que um ou dois sócios saíram para trabalharem para esta ou aquela

administração, e que regressaram passados dois anos. Mas só os sócios.

— Mas as suas circunstâncias são diferentes. Você ficou traumatizado, ia morrer só porque pertencia à firma. Se fosse eu, insistiria com alguém, diria que precisava de uma licença. Tire um ano, e depois volte ao escritório.

— Talvez — disse eu, tentando acalmá-lo. Warner tinha uma personalidade de tipo A, era agressivo como o diabo, sempre preparado para discussão, em especial com a família. — Estou com pressa — disse eu. Ele também tinha. Prometemos voltar a falar mais tarde. O almoço foi com Rudolph e um cliente, em um restaurante esplêndido. Chamavam-lhe almoço de serviço, o que significava que não bebíamos álcool e que o tempo seria faturado ao cliente. Rudolph cobrava quatrocentos à hora e eu, trezentos. Trabalhamos e comemos durante duas horas, portanto o almoço custou mil e quatrocentos dólares ao cliente. A nossa firma tinha uma conta no restaurante, e por isso ele seria debitado à Drake & Sweeney, e em algum lugar no meio do percurso as nossas calculadoras brilhantes da garagem haviam de arranjar uma maneira de faturar também ao cliente o custo da refeição. A tarde foi um nunca acabar de telefonemas e conferências. Graças a uma força de vontade férrea, mantive as aparências e consegui faturar bastante. Nunca o Direito da Concorrência me parecera tão irremediavelmente denso e monótono.

Eram quase cinco horas quando consegui ficar alguns minutos a sós. Despedi-me de Polly e voltei a fechar a porta à chave. Abri o dossiê misterioso, tomando apontamentos ao acaso num bloco, escrevendo e fazendo gráficos com setas que apontavam para a RiverOaks e para a Drake & Sweeney, vindas de todas as direções.

Braden Chance, o sócio do departamento de Bens Imobiliários com o qual eu me defrontara por causa do processo, foi o mais atingido. O meu principal suspeito era o seu solicitador, o jovem que ouvira a nossa troca de palavras agrestes e que, pouco depois, chamara idiota, a Chance, quando eu ia saindo do seu gabinete. Ele devia conhecer os pormenores do despejo e ter acesso ao processo.

Por um celular, para evitar interferências da D&S, falei com um solicitador do departamento de Direito da Concorrência. O seu gabinete fazia esquina com o meu. Ele remeteu-me para outro, e percebi sem

dificuldade que o homem que eu pretendia era Hector Palma. Estava na firma há três anos, sempre nos Bens Imobiliários. Combinei encontrar-me com ele, mas fora do edifício. Mordecai telefonou. Perguntou quais eram os meus planos para o jantar.

— Eu é que convido — disse ele.

— Sopa?

Ele riu.

— Claro que não. Conheço um lugar excelente.

Combinamos encontrar-nos às sete. Claire voltara à sua vida de cirurgiã, esquecendo-se do tempo, das refeições ou do marido. Telefonara no meio da tarde, só para dizer qualquer coisa rapidamente. Não sabia quando chegaria em casa, mas seria muito tarde. Ao jantar, cada um que se virasse. Não a culpei. Aprendera comigo a viver àquele ritmo.

Nos encontramos em um restaurante próximo de Dupont Circle. O bar da frente estava cheio de caras do governo, bem pagos, que bebiam um copo antes de saírem da cidade.

— A história dos Burton está ganhando novas dimensões — disse ele, beberricando uma cerveja.

— Lamento, mas estive metido em uma gruta nas últimas doze horas. O que aconteceu? — Imprensa aos montes. Quatro crianças mortas com a mãe, vivendo em um carro. Encontraram-nos a dois quilômetros do Monte do Capitólio, onde se discute a reforma da assistência para enviar mais mães para a rua. É lindo.

— Então o funeral deve ser um espetáculo.

— Sem dúvida. Hoje falei com uma dúzia de ativistas sem teto. Eles vão estar lá, e pretendem levar outros com eles. O local estará abarrotado com gente da rua. Mais uma vez, muitos elementos da imprensa. Quatro pequenas urnas ao lado da urna da mãe, e as câmaras filmando tudo isso para o noticiário das seis. Teremos um comício antes e um cortejo depois.

— Talvez nasça qualquer coisa boa das suas mortes.

— Talvez.

Como advogado experiente da grande cidade, eu sabia que havia um objetivo por trás de todos os convites para almoço ou para jantar. Mordecai tinha qualquer coisa em mente. E percebia-se, pelo modo como os seus olhos seguiam os meus.

— Sabe porque é que eles não tinham casa? — perguntei, apalpando terreno — Não. Talvez pelo motivo habitual. Não tive tempo para fazer perguntas. Quando vinha no carro, concluíra que não podia falar-lhe do dossiê misterioso e do seu conteúdo. Era confidencial e eu só o conhecia devido à minha posição na Drake & Sweeney. Revelar o que soubera das atividades de um cliente seria uma quebra clamorosa do sigilo profissional. Só o fato de pensar em divulgá-lo me assustava. Além disso, eu não tinha verificado nada. O garçom trouxe saladas e começamos a comer.

— Esta manhã tivemos uma reunião da firma — disse Mordecai, entre duas dentadas. — Eu, o Abraham e a Sofia. Precisamos de ajuda. Não fiquei admirado ao ouvir aquilo.

— Que tipo de ajuda? — Outro advogado.

— Julguei que estavam falidos.

— Temos uma pequena reserva. E adotamos uma nova estratégia de marketing.

A ideia da 14ª Street Legal Clinic preocupada com uma estratégia de marketing dava vontade de rir, e foi essa a intenção dele. Sorrimos ambos.

— Se conseguíssemos que o novo advogado passasse dez horas por semana ganhando dinheiro, ele poderia pagar-se a si próprio. Voltamos a sorrir.

Ele continuou: — Por muito que deteste admiti-lo, a nossa sobrevivência vai depender da nossa capacidade de ganhar dinheiro. A Fundação Cohen está em declínio. Temos nos dado ao luxo de não pedir, mas agora a situação tem de mudar.

— E em que consiste o resto do trabalho? — Assistência legal à gente da rua. Você já teve a sua conta. Viu o nosso escritório. É uma lixeira. Sofia é uma espertalhona. Abraham é um imbecil. Os clientes cheiram mal e o dinheiro é uma piada.

— Quanto?

— Podemos oferecer trinta mil por ano, mas só podemos prometer metade nos primeiros seis meses.

— Por quê?

— A fundação fecha as contas em trinta de Junho e só então é que nos comunica quanto receberemos no próximo ano fiscal, que começa no dia um de Julho. Temos o suficiente de reserva para lhe

pagar os primeiros seis meses. Depois disso, nós os quatro dividiremos o que sobrar das despesas.

— Abraham e Sofia concordaram com isso?

— Concordaram, depois de uma conversinha comigo. Calculamos que você tenha bons contatos na barra dos tribunais, e como é bem educado, tem bom aspecto, é brilhante, e tudo isso, deve ter facilidade em ganhar dinheiro.

— E se eu não quiser ganhar dinheiro? — Nesse caso, nós quatro podemos reduzir ainda mais os nossos salários, talvez descer aos vinte mil por ano. E depois aos quinze mil. E quando a fundação não der nada, podemos acabar na rua, como os nossos clientes. Advogados sem teto.

— Então eu sou a futura aquisição da 14ª Street Legal Clinic?

— Foi o que nós resolvemos. Nós o aceitamos como sócio. Veremos se a Drake & Sweeney cobre esta oferta.

— Estou sensibilizado — disse eu.

Também estava um pouco assustado. A oferta de trabalho não era inesperada, mas a sua chegada abria uma porta que não sabia se queria transpor.

A sopa de feijão preto chegou e pedimos mais cerveja.

— Qual é a história de Abraham? — perguntei.

— Um judeu de Brooklyn. Veio para Washington para trabalhar com a equipe do Senador Moynihan. Passou vários anos no Capitólio e acabou na rua. É brilhante. Passou a maior parte do tempo coordenando o Contencioso com censores oficiosos de grandes firmas. Neste momento, anda atrás da Comissão de Recenseamento para garantir que os sem teto sejam contados. E anda atrás do sistema educativo de Columbia para garantir que as crianças sem teto vão à escola. O seu relacionamento pessoal deixa muito a desejar, mas é formidável na litigância de bastidores.

— E Sofia? — É uma assistente social de carreira, que frequenta as aulas noturnas de Direito há onze anos. Age e pensa como uma advogada, sobretudo quando tem pela frente trabalhadores do governo. Você vai ouvi-la dizer, “Fala Sofia Mendoza, advogada”, dez vezes por dia.

— Também é secretária? — Não. Nós não temos secretárias. Fazemos a nossa própria datilografia, o nosso arquivo e os nossos

cafés.

Mordecai inclinou-se mais e baixou a voz, acrescentando: — Nós três estamos juntos há muito tempo, Michael, e escavamos os nossos pequenos nichos. Para ser honesto, precisamos de uma cara nova com algumas ideias novas.

— O dinheiro é sem dúvida tentador — disse eu, tentando fazer humor. Mas ele riu.

— Você não faz isto pelo dinheiro. Faz pela sua consciência.

A minha consciência manteve-me acordado durante quase toda a noite. Teria coragem para me afastar? Considerava seriamente o fato de aceitar um emprego em que ganharia tão pouco? Estava literalmente dizendo adeus a milhões de dólares.

As coisas que desejava se transformariam em recordações distantes. O momento não era ruim. Com o casamento acabando, fazia um certo sentido que introduzisse mudanças drásticas em todas as frentes.

DOZE

Na terça-feira, telefonei dizendo que estava doente.

— Talvez seja gripe — disse eu a Polly, que, como estava treinada para isso, quis pormenores. Febre, dores de garganta, dores de cabeça? Tudo. Fosse o que fosse, não me importava. Era preferível estar muito doente, já que tencionava não ir trabalhar. Ela preenchia um formulário e enviava-o a Rudolph. Antecipando-me ao telefonema dele, saí de casa e passeei por Georgetown no princípio da manhã. A neve estava derretendo-se rapidamente; a temperatura máxima chegaria aos dez graus positivos. Passei uma hora vagueando pelo Porto de Washington, bebendo café aqui e ali e vendo os remadores gelando no Potomac.

Às dez horas, fui ao funeral.



O acesso ao passeio em frente da igreja estava vedado. Viam-se polícias à volta, com as motos estacionadas na rua. Mais abaixo,

estavam os furgões de televisão.

Quando passei, uma grande multidão escutava um orador que gritava para um microfone. Viam-se alguns cartazes, pintados à pressa, por cima das cabeças, em benefício das câmaras. Estacionei em uma rua lateral, a três quarteirões de distância, e corri para a igreja. Evitei a parte da frente e dirigi-me para uma porta lateral, guardada por um porteiro idoso. Perguntei se havia uma galeria. O homem perguntou se eu era repórter.

Deixou-me entrar e apontou-me para uma porta. Agradeci-lhe e entrei; depois subi um lance de escadas pouco seguras e saí na galeria que dava para um belo santuário lá em baixo. O carpete era cor de púrpura, os bancos de madeira escura, as janelas tinham vitrais e estavam limpas. Era uma igreja muito bela, e por instantes percebi que o padre se mostrasse relutante em abri-la aos sem teto.

Estava sozinho e podia sentar-me onde quisesse. Dirigi-me, sem fazer barulho, para um local por cima da porta dos fundos, de onde via diretamente a nave central até ao púlpito. Um coro começou a cantar lá fora, na escadaria principal e eu sentei-me tranquilamente na igreja vazia, ouvindo música. A música parou, as portas abriram-se, e a multidão começou a entrar. O soalho da galeria estremeceu quando as carpideiras entraram no santuário. O coro instalou-se atrás do púlpito. O padre encaminhava as pessoas — as equipes de televisão para um canto, a pequena família para o banco da frente e os ativistas e os sem teto do meio para baixo. Mordecai entrou com duas pessoas que eu não conhecia. Abriu-se uma porta lateral e os prisioneiros saíram — a mãe de Lontae e dois irmãos, envergando as fardas azuis da prisão, algemados nos pulsos e nos tornozelos, acorrentados uns aos outros e escoltados por quatro guardas armados. Foram encaminhados para o segundo banco, na nave central, atrás da avó e de outros parentes.

Quando se fez silêncio, o órgão começou a tocar, com um som suave e triste. Ouviu-se uma algazarra por baixo do lugar em que eu me encontrava e todas as cabeças se viraram para trás. O padre subiu ao púlpito e mandou-nos levantar.

Empregados de luvas brancas fizeram deslizar as urnas de madeira pela nave e alinharam-nas umas em frente das outras, com a de Lontae no meio, na cabeceira da igreja. A do bebê era minúscula, com menos de noventa centímetros de comprimento. As de Ontario, Alonzo e

Dante eram de tamanho médio. Era um espetáculo pavoroso, e o choro começou. Os elementos do coro começaram a cantar com a boca fechada e a balançar o corpo de um lado para o outro.

Os empregados dispuseram as flores à volta das urnas, e por instantes julguei, horrorizado, que iam abri-las. Nunca estivera num funeral de negros. Não sabia o que esperar, mas já vira imagens televisivas de outros funerais em que a urna era aberta e a família beijava o cadáver. Os abutres com as câmaras estavam sempre prontos.

Mas as urnas não foram abertas, e por isso o mundo não soube o que eu sabia — que Ontario e a família tinham um ar muito tranquilo. Sentamo-nos e o padre dirigiu uma longa prece. Seguiu-se um solo da irmã não sei de quem e depois uns momentos de silêncio. O sacerdote leu as Escrituras e fez um pequeno sermão. Foi seguido por uma ativista dos sem teto, que desferiu um ataque vigoroso à sociedade e aos seus dirigentes, que permitiam que tal coisa acontecesse. Acusou o Congresso, em especial os Republicanos, e apontou o dedo à cidade pela sua ausência de capacidade de liderança, aos tribunais e à burocracia. Mas reservou a sua mais severa diatribe para as classes dominantes, aquelas que tinham poder e dinheiro e que não se importavam com os pobres e os doentes. Mostrou-se consequente e indignada, muito eficiente, mas, na minha opinião, não se sentia à vontade em um funeral. A assistência bateu palmas quando ela terminou. Então, o sacerdote alongou-se arrasando todos aqueles que não eram negros e tinham dinheiro. Um solo, e mais passagens das Escrituras. Em seguida, o coro lançou-se em um hino comovente, que me deu vontade de chorar. Formou-se um cortejo que deu as mãos sobre os mortos, mas que depressa se desfez quando as carpideiras começaram a chorar e a esfregar as urnas. Abram-nas, gritou alguém, mas o sacerdote abanou a cabeça. As pessoas convergiram para o púlpito, aglomerando-se à volta das urnas, aos gritos e aos soluços, enquanto o coro as estimulava. A avó era a que gritava mais, e era acariciada e confortada pelos outros.

Eu não podia acreditar. Onde estivera aquela gente nos últimos meses de vida de Lontae? Aqueles corpinhos que jaziam ali no caixão nunca tinham recebido tanto amor.

Por fim, o sacerdote entrou e repôs a ordem. Voltou a rezar, acompanhado pela música de fundo do órgão. Quando acabou, iniciou-

se uma longa despedida, com as pessoas passando pelas urnas em cortejo, pela última vez.

O serviço fúnebre demorou uma hora e meia. Por dois mil dólares, não fora uma má produção. Sentia-me orgulhoso.

As pessoas encaminharam-se para a saída e formou-se um cortejo na direção do Monte do Capitólio. Mordecai ia no meio, e quando eles desapareceram em uma esquina perguntei a mim próprio em quantos cortejos e manifestações é que ele participara. Não nos suficientes, seria talvez a sua resposta.

Rudolph Mayes tornara-se sócio da Drake & Sweeney com trinta anos, o que continuava a ser um recorde. E se a vida corresse de acordo com os seus planos, um dia seria o sócio mais antigo no ativo. O Direito era a sua vida, como podiam provar as suas três ex-mulheres. Todo o resto em que tocava era desastroso, mas Rudolph era o exemplo acabado do membro de uma equipe de trabalho em uma grande firma.

Estava à minha espera às seis da tarde, no seu gabinete, atrás de uma pilha de trabalho. Polly e as outras secretárias já tinham saído, tal como a maioria dos solicitadores e dos administrativos. O movimento no corredor diminuía consideravelmente depois das cinco e meia.

Fechei a porta e sentei-me.

— Julguei que estava doente — disse ele.

— Vou embora, Rudolph — disse eu, com todo o atrevimento de que fui capaz, embora sentisse um nó no estômago.

Rudolph afastou os livros para o lado e pôs a tampa na sua caneta cara.

— Sou todo ouvidos.

— Vou sair da empresa. Tenho uma oferta de uma empresa de censores oficiosos.

— Não seja estúpido, Michael.

— Não estou sendo estúpido. Já decidi. E quero sair daqui com o menor incômodo possível.

— Você será sócio daqui a três anos.

— Descobri um negócio melhor do que esse.

Ele não conseguiu arranjar uma resposta e revirou os olhos, frustrado.

— Veja lá, Michael. Você não pode fraquejar depois de um único incidente.

— Não estou fraquejando, Rudolph. Vou passar para outro campo, pura e simplesmente.

— Nenhum dos outros oito reféns vai fazer isso.

— Ainda bem para eles. Se sentem-se felizes, eu me sinto feliz por eles. Além disso, eles estão no Contencioso, que é uma raça estranha.

— Para onde vai? — Para uma clínica legal perto de Logan Circle. Especializada em assistência jurídica aos sem teto.

— Assistência jurídica aos sem teto?

— Sim.

— Quanto é que lhe vão pagar?

— Uma fortuna. Quer fazer um donativo à clínica?

— Você está perdendo o juízo.

— É só uma pequena crise, Rudolph. Tenho apenas trinta e dois anos, sou muito novo para as crises da meia-idade. Tenciono conseguir superar a minha rapidamente.

— Tire um mês de licença. Vá trabalhar com os sem teto, livre-se disso e depois volte. Esta é uma fase terrível para sair, Mike. Sabe como estamos atrasados.

— Não dará certo, Rudolph. Não tem graça se houver uma rede de segurança.

— Graça? Você está fazendo isto por graça?

— Absolutamente. Pense como será divertido trabalhar sem olhar para o relógio.

— E Claire? — perguntou ele, revelando as profundezas do seu desespero. Mal a conhecia, e era a pessoa menos qualificada da firma para dar conselhos matrimoniais.

— Está bem — respondi. — Eu gostaria de sair na sexta-feira. Rudolph resmungou, derrotado. Fechou os olhos e abanou a cabeça devagar.

— Não acredito nisto.

Apertamos as mãos e prometemos encontrar-nos no café da manhã para falarmos do trabalho que eu deixaria por terminar. Eu não queria que Polly soubesse por outras pessoas, por isso dirigi-me ao meu gabinete e telefonei-lhe. Ela estava em casa, em Arlington, fazendo o jantar. A notícia estragou-lhe a semana.

Fui comprar comida tailandesa e levei-a para casa. Pus vinho na geladeira, preparei a mesa e comecei a ensaiar o meu texto.

Se Claire esperava uma cilada, não o deu a entender. Ao longo dos anos, tínhamos criado o hábito de nos ignorarmos um ao outro, para não discutirmos. Por isso, as nossas táticas não eram refinadas.

Mas me agradava a ideia de haver uma parte desconhecida, de estar totalmente preparado para o choque e de estar equipado com os comentários mordazes. Considerava que era uma situação agradável e injusta, totalmente aceitável dentro dos limites de um casamento que estava desmoronando-se. Eram quase dez horas; ela já comera há muito tempo, por isso fomos logo para a sala, com copos de vinho. Espevitei o fogo e sentamo-nos nas nossas cadeiras favoritas. Pouco depois, eu disse: — Precisamos conversar.

— O que é? — perguntou ela, sem revelar a menor preocupação.

— Estou pensado em sair da Drake & Sweeney.

— Ah, sim? — Bebeu um gole. Admirei-lhe a frieza. Ou já esperava a notícia ou queria mostrar-se despreocupada.

— Sim. Não posso voltar para lá.

— Por quê?

— Estou disposto a mudar. De repente, o trabalho com as empresas parece monótono e insignificante, e quero fazer alguma coisa para ajudar as pessoas.

— Isso é bonito.

Ela já estava pensando no dinheiro, e eu estava ansioso por ver quanto tempo ela levaria contornando o assunto.

— De fato, isso é admirável, Michael.

— Falei de Mordecai Green. A clínica dele me ofereceu um emprego. Começo a trabalhar na segunda-feira.

— Na segunda-feira?

— Sim.

— Então já decidiu.

— Já.

— Sem falar comigo. Não tenho direito a voto, não é verdade?

— Não posso voltar para a firma, Claire. Disse hoje ao Rudolph.

Mais um gole, um ligeiro arreganhar de dentes, um lampejo de fúria, mas esperou que passasse. O seu autodomínio era espantoso. Ficamos olhando para o fogo, como que hipnotizados pelas chamas

alaranjadas. Foi ela a primeira a falar: — Posso perguntar em que isso altera a nossa situação financeira?

— Altera várias coisas.

— Qual é o seu novo salário?

— Trinta mil por ano.

— Trinta mil por ano — repetiu ela. Depois pronunciou de novo a frase, um pouco mais baixinho. — Isso é menos do que eu ganho. Ela ganhava trinta e um mil dólares, um número que aumentaria drasticamente nos anos seguintes — o dinheiro sério não era para jogar fora. A bem da discussão, resolvera mostrar-me compreensivo se ela se lamentasse por causa do dinheiro.

— Ninguém é censor oficioso pelo dinheiro — disse eu, tentando não parecer beato. — Se bem me lembro, não você foi para a Escola Médica pelo dinheiro.

Tal como todos os estudantes de Medicina do país, ela iniciara os estudos jurando que não era o dinheiro que a seduzia. Queria ajudar a humanidade. O mesmo acontecia com os estudantes de Direito. Todos nós mentíamos.

Claire olhou para o fogo e fez as contas. Calculei que estivesse pensando na renda. Era um belo apartamento; por dois mil e quatrocentos dólares por mês ainda devia ser melhor. A decoração era adequada. Tínhamos orgulho do lugar onde morávamos — o local indicado, um belo prédio, um belo bairro — mas passávamos muito pouco tempo em casa. E era raro recebermos alguém. A mudança corresponderia a um ajustamento, mas podíamos suportá-la. Sempre fôramos abertos quanto às nossas finanças; não escondíamos nada. Ela sabia que tínhamos cerca de cinquenta e um mil dólares em fundos de pensão e doze mil em contas bancárias. Era espantoso como tínhamos poupado tão pouco em seis anos de casamento. Quando trabalhamos a todo o gás em uma grande empresa, até parece que o dinheiro não tem fim.

— Acho que teremos de fazer ajustes, não é verdade? — disse ela, deitando-me um olhar frio. A palavra ajustes estava repleta de conotações.

— Creio que sim.

— Estou cansada — disse ela. Esvaziou o copo e foi para o quarto.

Que cena patética, pensei. Nem sequer nos odiamos o suficiente para termos uma briga decente.

É claro que percebia o meu novo estatuto na vida. Dava uma notícia formidável: advogado jovem e ambicioso, transformado em defensor dos pobres, vira as costas a empresa de primeira categoria para trabalhar por nada. Embora pensasse que eu estava perdendo o juízo, Claire tivera dificuldade em criticar um santo.

Pus mais uma tora na lareira, preparei outra bebida e dormi no sofá.

TREZE

Os sócios tinham uma sala de jantar privativa no oitavo andar, e era uma honra um simples advogado comer ali. Rudolph era o tipo de idiota que julgava que uma tigela de papas de aveia irlandesas às sete horas da manhã, na sua sala especial, me devolveria o juízo. Como é que eu podia voltar as costas a um futuro repleto de cafés da manhã revigorantes? Tinha notícias escaldantes. Falara com Arthur na véspera, já tarde, e havia uma proposta no sentido de me concederam doze meses de licença sabática. A firma complementaria o salário que a clínica me pagasse. Era uma causa nobre; eles tinham de fazer algo mais para proteger os direitos dos pobres. Eu seria tratado como advogado oficioso designado pela firma durante um ano inteiro, e eles ficariam todos bem com você próprios. Depois, eu regressaria com as minhas baterias recarregadas, com os meus outros interesses aplacados e voltaria a dirigir os meus talentos para a glória da Drake & Sweeney.

Fiquei impressionado e sensibilizado com a ideia, e não podia rejeitá-la sem mais nem menos. Prometi-lhe que iria pensar no assunto, e depressa. Ele avisou-me que teria de ser aprovada pela comissão executiva, visto que eu não era sócio. A firma nunca concedera este tipo de licença a um simples parceiro. Rudolph queria desesperadamente que eu ficasse, e isto tinha pouco a ver com amizade. O nosso departamento de Direito da Concorrência estava sobrecarregado de trabalho, e precisávamos pelo menos de mais dois advogados sênior com a minha experiência. Era uma fase péssima para eu sair, mas não

me importava. A firma tinha oitocentos advogados. Havia de encontrar os elementos de que precisava.

No ano anterior, eu faturara pouco menos de setecentos e cinquenta mil dólares. Por isso é que estava comendo naquela salinha maravilhosa e ouvindo os seus planos drásticos para me conservarem. Também fazia sentido pegarem no meu salário anual, atirarem-no aos sem teto ou a outra obra de caridade que eu quisesse, e depois convencerem-me a voltar ao fim de um ano. Assim que ele acabou de expor a ideia da licença sabática, começamos a rever os assuntos mais prementes do meu gabinete.

Estávamos fazendo uma lista das questões a tratar quando Braden Chance se sentou em uma mesa não muito longe da nossa. A princípio, não me viu. Havia cerca de uma dúzia de sócios comendo, quase todos sozinhos, embrenhados na leitura dos jornais da manhã. Tentei ignorá-lo, mas por fim levantei a cabeça e dei com ele olhando para mim.

— Bom-dia, Braden — disse eu em voz alta, sobressaltando-o e obrigando Rudolph a virar-se para ver quem era.

Chance baixou a cabeça, não disse nada e, de repente, agarrou-se a uma torrada.

— Conhece-o? — perguntou Rudolph, sem fôlego.

— Já nos encontramos — respondi.

Durante o nosso breve encontro, Chance perguntou o nome do meu sócio supervisor. Eu dei o nome de Rudolph. Era óbvio que ele não se queixara.

— Um idiota — disse Rudolph, num tom quase inaudível. Era uma opinião unânime. Folheou uma página, esqueceu-se de Chance e avançou. Havia muito trabalho por acabar no meu gabinete.

Dei comigo a pensar em Chance e no dossiê do despejo. Ele tinha um aspecto frágil, uma pele clara, feições delicadas. Não o imaginava nas ruas, examinando armazéns abandonados repletos de intrusos, sujando as mãos para garantir o rigor do seu trabalho. É claro que nunca o fizera; tinha solicitadores. Chance estava sentado à mesa e chefiava o trabalho burocrático, faturando várias centenas de dólares por hora, enquanto Hector Palma se encarregava dos pormenores sujos.

Chance almoçava e jogava golfe com os executivos da River Oaks; era esse o seu papel como sócio.

Talvez nem soubesse os nomes das pessoas despejadas do armazém da River Oaks/TAG, e porque havia de saber? Eles não passavam de intrusos, sem nome, sem rosto, sem casa. Ele não estava lá com os polícias quando foram expulsos das suas pequenas habitações e atirados para as ruas. Mas Hector Palma talvez tivesse assistido à cena.

E se Chance não sabia os nomes de Lontae Burton e da família, não podia estabelecer a ligação entre o despejo e as mortes. Ou talvez não soubesse. Talvez alguém lhe tivesse dito.

Hector Palma teria de responder a estas perguntas, e depressa. Era quarta-feira. Eu saía na sexta.

Rudolph pôs fim à nossa reunião às oito horas, mesmo a tempo de outra reunião no seu gabinete com umas pessoas muito importantes. Fui para a minha mesa e li o *Post*. Havia uma fotografia lancinante das cinco urnas fechadas na igreja, e um resumo completo do serviço religioso e do cortejo posterior. Também havia um editorial, um desafio bem escrito dirigido a todos nós que tínhamos comida e teto, no sentido de pararmos para pensar nas Lontae Burton da nossa cidade. Não tinham acabado. Não podiam ser expulsas das ruas e depositadas em qualquer lugar escondido para que não as víssemos. Viviam em automóveis, ocupavam barracões, gelavam em tendas provisórias, dormiam em bancos de jardim, esperavam por camas em abrigos superlotados e por vezes perigosos. Partilhávamos a mesma cidade; elas faziam parte da nossa sociedade. Se não as ajudássemos, se multiplicariam. E continuariam a morrer nas nossas ruas.

Recortei o editorial, dobrei-o e guardei-o na carteira.

Através da rede de solicitadores, entrei em contato com Hector Palma. Não seria sensato abordá-lo diretamente; talvez Chance andasse à espreita. Nos encontramos na biblioteca principal, no terceiro andar, entre pilhas de livros, longe das câmaras de segurança e de todo mundo. Ele estava extremamente nervoso.

— Foi você que pôs aquele dossiê na minha mesa? — perguntei-lhe, preto no branco. O tempo era pouco para brincadeiras.

— Que dossiê? — perguntou ele, olhando à volta como se fôssemos perseguidos por pistoleiros.

— O do despejo River Oaks/TAG. Foi você que tratou do caso, não é verdade? Ele ignorava até que ponto eu estava dentro do assunto.

— Fui — respondeu.

— Onde está o processo? Ele tirou um livro da estante e fingiu que estávamos embrenhados em uma profunda investigação.

— Chance guarda todos os processos.

— No gabinete dele? — Sim. Fechados em um arquivo.

Estávamos praticamente a segredar. Eu não estava nervoso por causa do encontro, mas dei comigo olhando à volta. Quem nos visse perceberia logo que estávamos tramando qualquer coisa.

— O que há no processo? — perguntei.

— Coisas más.

— Diga-me quais são.

— Tenho mulher e quatro filhos. Não posso ser despedido.

— Tem a minha palavra de honra.

— Você vai embora. O que lhe interessa? A notícia correra depressa, mas eu não estava admirado. Muitas vezes perguntava a mim próprio quem era mais bisbilhoteiro, se os advogados, se as secretárias. Talvez fossem os contínuos.

— Porque pôs aquele dossiê na minha mesa? — perguntei. Hector Palma pegou outro livro, com a mão direita literalmente tremendo.

— Não sei do que está falando.

Folheou algumas páginas e depois foi até ao fim da fila. Fui atrás dele, certo de que ninguém se encontrava perto de nós. Ele parou e pegou outro livro; queria continuar a conversa.

— Preciso desse dossiê — disse eu.

— Não o tenho.

— Como é que posso arranjá-lo?

— Terá de roubar.

— Ótimo. Onde arranjo uma chave? Ele me fitou por instantes, tentando perceber se eu estava falando sério.

— Não tenho a chave — respondeu.

— Como se arranja a lista dos despejados?

— Não sei do que está falando?

— Sabe, sim. Foi você que pôs aquilo em cima da minha mesa.

— Você é doido — disse ele, afastando-se.

Esperei que parasse, mas continuou andando, passou pelas filas de estantes, pelas pilhas de livros, pela secretária e saiu da biblioteca.

Não tencionava me cansar muito nos meus últimos três dias na firma, pensasse Rudolph o que pensasse. Enchi a minha secretária de lixo do departamento, fechei a porta, olhei para as paredes e sorri ao ver tudo o que deixava para trás. A pressão diminuía à medida que respirava. Acabava-se o trabalho a contra-relógio. Acabavam-se as semanas de oitenta horas só porque os meus colegas ambiciosos poderiam estar fazendo oitenta e cinco. Acabariam as sabujices dos que estavam acima de mim. Acabariam os pesadelos sobre a concessão do estatuto de sócio.

Telefonei para Mordecai e aceitei formalmente o lugar. Ele riu e gracejou, dizendo que havia de arranjar uma maneira de me pagar. Começaria na segunda-feira, mas ele queria que passasse por lá mais cedo para me dar algumas instruções. Imaginei o interior da 14ª Street Legal Clinic e perguntei a mim próprio qual dos gabinetes fechados e acanhados me seria atribuído. Como se isso tivesse importância.

No fim da tarde, passei a maior parte do tempo aceitando as despedidas solenes dos meus amigos e colegas, convencidos de que enlouquecera. Aceitei bem a situação. Afinal, estava aproximando-me da santidade.

Entretanto, a minha mulher fora consultar uma advogada especialista em divórcios, com fama de espremer impiedosamente o adversário. Claire estava à minha espera quando cheguei em casa às seis horas, bastante cedo. A mesa da cozinha estava cheia de apontamentos e de folhas de computador. Reparei em uma calculadora. Claire estava fria como gelo e bem preparada. Desta vez, eu caíra na cilada.

— Sugiro que nos divorciemos com base em diferenças inconciliáveis — disse ela com um ar agradável. — Que não discutamos. Que não apontemos dedos acusadores. Que admitamos o que não fomos capazes de dizer: o casamento acabou.

Calou-se e esperou que eu dissesse qualquer coisa. Não pude simular surpresa. Ela estava decidida; de que serviria objetar? Tinha de mostrar-me tão frio como ela.

— Claro — disse, tentando parecer o mais indiferente possível. Havia um elemento de alívio no fato de estar finalmente sendo honesto. Mas aborrecia-me que ela desejasse o divórcio mais do que eu. Para manter a vantagem, ela referiu-se então à reunião com Jacqueline

Hume, a sua nova advogada, deixando cair o nome como se este fosse o pilão de um almofariz e fazendo depois reverter em meu benefício as opiniões que a sua porta-voz emitira.

— Porque contratou uma advogada? — perguntei, interrompendo-a.

— Queria ter certeza de que estava protegida.

— Julgou que eu me aproveitaria de você? — Você é advogado. Eu quero um advogado. É tão simples como isto.

— Podia ter poupado muito dinheiro se não a contratasse — disse eu, tentando ser um pouco conflituoso. Afinal, tratava-se de um divórcio.

— Mas, agora que o tenho, sinto-me muito melhor.

Estendeu-me o Documento A, uma folha com o nosso ativo e o nosso passivo. O Documento B era uma proposta de divisão de ambos. Não me surpreendeu que quisesse ficar com a maior parte. Tínhamos doze mil dólares em dinheiro e ela pretendia servir-se de metade para pagar ao banco o empréstimo do seu carro. Eu receberia dois mil e quinhentos do restante. Nem falou em pagar os dezesseis mil que eu devia pelo meu Lexus. Queria quarenta mil dos cinquenta e um mil dólares que tínhamos em fundos de pensão. E eu tinha de ficar com o meu 40 I K.

— Não é propriamente uma divisão equitativa — disse eu.

— Não vai ser equitativa — disse ela, com toda a confiança de quem acabara de contratar um touro de combate.

— Por quê?

— Porque não sou eu que estou atravessando uma crise da meia-idade.

— Então a culpa é minha?

— Não atribuamos culpas. Estamos dividindo os bens. Por motivos que só você conhece, resolveu passar a ganhar menos noventa mil dólares por ano. Porque eu tenho de sofrer as consequências? A minha advogada está convencida de que pode convencer o juiz de que os seus atos provocaram a nossa ruína em termos financeiros. Você pode enlouquecer. Mas não espere que eu morra de fome.

— É pouco provável que isso aconteça.

— Não vou regatear.

— Eu também não o faria se ficasse com tudo.

Senti-me obrigado a provocar um certo conflito. Não podíamos gritar nem atirar coisas um ao outro. Tínhamos certeza de que não iríamos chorar. Não podíamos fazer acusações desagradáveis acerca de casos amorosos ou de toxicodependência. Que divórcio era este? Um divórcio muito estéril. Ela ignorou-me e continuou a ler a sua lista de apontamentos, decerto preparada pela sua porta-voz.

— O contrato da casa termina em trinta de Junho e eu ficarei aqui até essa data. São dez mil de aluguel.

— Quando quer que eu saia? — Logo que quiser.

— Ótimo.

Se ela queria que eu saísse, não iria pedir-lhe para ficar. Era um exercício de medição de forças. Qual dos lados da mesa conseguia mostrar mais desdém do que o outro? Por pouco não disse uma coisa estúpida como arranjou alguém para vir para cá? Queria embaraçá-la, apanhá-la em um momento de fraqueza. Mas mantive a frieza.

— Sairei no fim-de-semana — disse eu.

Ela não respondeu, mas não franziu o sobrolho.

— Porque julga que tem direito a oitenta por cento dos fundos de pensão? — perguntei.

— Não vou receber oitenta por cento. Vou gastar dez mil no aluguel, mais três mil em pequenos objetos necessários, dois mil para pagar os nossos dois cartões de crédito conjuntos. Além disso, devemos cerca de seis mil em impostos. Isto perfaz um total de vinte e um mil.

O Documento C era uma lista completa dos bens pessoais, começando pela sala e terminando no quarto vazio. Nenhum de nós se atreveu a cair numa discussão por causa dos tachos e das panelas, portanto a divisão foi bastante amigável.

— Leve o que quiser — disse eu várias vezes, sobretudo quando me referia a coisas como toalhas e lençóis. Negociamos algumas coisas, com elegância. A minha posição em relação a vários bens decorreu mais da relutância em deslocá-los fisicamente do que do orgulho da posse.

Eu quis o televisor e alguns pratos. A vida celibatária caíra de repente sobre mim, e não sabia muito bem como equipar uma nova casa. Ela, por outro lado, passara horas a antever o futuro.

Mas foi decente. Concluímos a tarefa penosa que era o Documento C e nos consideramos contemplados com equidade. Assinaríamos um acordo de separação, esperaríamos seis meses, e

depois compareceríamos a um tribunal, juntos, e a nossa união seria legalmente dissolvida. Nenhum de nós tinha vontade de conversar depois do que se passara. Peguei o sobretudo e fui dar um grande passeio a pé pelas ruas de Georgetown, perguntando a mim próprio como é que a minha vida sofrera uma mudança tão drástica.

O desgaste do casamento fora lento, mas certo. A mudança de carreira atingira-o como uma bala. As coisas estavam andando muito depressa, mas eu não podia detê-las.

QUATORZE

O conceito sabático foi rejeitado pela comissão executiva. Apesar de ninguém saber o que este grupo fazia nas suas reuniões privadas, Rudolph comunicou-me, com um ar muito sombrio, que poderia ser aberto um mau precedente. Numa firma tão grande, conceder um ano de licença a um advogado podia despoletar toda uma espécie de pedidos de outros insatisfeitos. Não haveria rede de segurança. A porta se fecharia quando eu saísse.

— Tem certeza de que sabe o que está fazendo? — perguntou ele, de pé, em frente da minha mesa. No chão, junto dele, estavam duas grandes caixas. Polly já estava embalando as minhas bugigangas.

— Tenho certeza — respondi com um sorriso. — Não se preocupe comigo.

— Eu tentei.

— Obrigado, Rudolph.

Rudolph saiu, abanando a cabeça.

Depois do ataque inesperado de Claire na noite anterior, eu não conseguira pensar na licença sabática. Pensamentos mais urgentes ocuparam-me o cérebro. la divorciar-me, e eu próprio estava só e sem abrigo. De repente, preocupava-me uma nova casa, para não falar do novo emprego, do novo escritório e da nova carreira. Fechei a porta e examinei a seção de propriedades da lista classificada.

Venderia o carro para me livrar da prestação de quatrocentos e oitenta dólares por mês. Compraria um calhambeque, faria um bom seguro e esperaria que ele desaparecesse na sombra do meu novo

bairro. Se quisesse um apartamento decente na região, era óbvio que a maior parte do meu salário iria para o aluguel.

Saí cedo para o almoço e passei duas horas correndo pelo centro de Washington, à procura de sótãos. O mais barato era uma lixeira por mil e cem dólares por mês, muito caro para um advogado da rua.

Quando regressei do almoço, esperava-me outro dossiê; outro dossiê castanho, de tamanho normal, sem nada escrito por fora. Lá dentro, havia duas chaves coladas com fita adesiva do lado esquerdo e uma mensagem datilografada do lado direito, onde se lia: “A chave de cima é da porta do gabinete do Chance. A de baixo é do arquivo que está embaixo da janela. Tenha cuidado, que Chance é muito desconfiado. Faça desaparecer as chaves”.

Polly apareceu de repente, como fazia tantas vezes; nem uma pancada na porta, nem um som, apenas uma súbita presença fantasmagórica na sala. Estava amuada e ignorava-me. Trabalhávamos juntos há quatro anos, e ela afirmava-se desolada com a minha saída. Não éramos assim tão chegados. Ela se recuperaria dentro de pouco tempo. Era uma pessoa muito simpática, mas também a menor das minhas preocupações.

Fechei o dossiê depressa, sem saber se ela o vira. Esperei um pouco enquanto ela guardava as minhas coisas nas caixas. Não falou no assunto, o que provava que não dera por ele. Mas como via tudo o que se passava no corredor junto do meu gabinete, eu não percebia como é que Hector ou outra pessoa qualquer podia ter entrado e saído sem ser notado. Barry Nuzzo, um ex-refém e amigo, passou por ali para ter uma conversa séria comigo. Fechou a porta e contornou as caixas. Eu não queria discutir a minha saída e por isso falei de Claire. A mulher dele e a minha eram ambas de Providence, um fato que parecia ter uma estranha importância em Washington. Encontramos com eles algumas vezes ao longo dos anos, mas a amizade do grupo seguira o mesmo rumo do casamento. Ficou admirado, depois triste e por fim pareceu livrar-se bem do assunto.

— Está tendo um mês ruim — disse ele. — Lamento.

— Tem sido um longo desabar — disse eu.

Falamos dos velhos tempos, dos tipos que tinham entrado e saído. Não nos tínhamos dado ao trabalho de reproduzir o caso do Senhor no meio de duas cervejas, o que me pareceu estranho. Dois

amigos que tinham enfrentado a morte juntos, conseguiam livrar-se dela e depois não tinham tempo de se ajudarem um ao outro.

Pouco depois, afloramos o assunto. Era difícil evitá-lo com as caixas no meio do chão. Percebi que o incidente era o motivo da nossa conversa.

— Desculpe tê-lo abandonado — disse ele.

— Não diga isso, Barry.

— Não, sério, eu devia ter estado presente.

— Por quê?

— Porque é óbvio que perdeu o juízo — disse ele, soltando uma gargalhada. Tentei apreciar o seu humor.

— Sim, estou um pouco desparafusado agora, creio eu, mas vou ultrapassar isto.

— Não, sério, ouvi dizer que estava com problemas. Tentei falar com você na semana passada, mas você não estava. Fiquei preocupado, mas tenho andado em julgamentos. O costume, bem sabe.

— Eu sei.

— Senti-me mesmo mal por não estar aqui, Mike. Desculpe.

— Ora. Pare com isso.

— Todos nós nos assustamos muito, mas você podia ter sido atingido.

— Ele podia ter morto a todos, Barry. Dinamite de verdade, uma bala perdida e pum. Não vamos reviver a situação.

— A última coisa que vi quando íamos saindo foi você, cheio de sangue, gritando. Julguei que tinha sido atingido. Saímos, em monte, com as pessoas agarrando-se em nós, gritando, e eu fiquei à espera da explosão. Pensei, o Mike ainda lá está, e está ferido. Paramos junto dos elevadores. Alguém nos cortou as cordas dos pulsos, e eu olhei para trás mesmo a tempo de te ver quando os polícias te agarraram. Lembro-me do sangue. De todo aquele maldito sangue. Eu não disse nada. Ele precisava disto. De certo modo, o aliviaria. Podia contar a Rudolph e aos outros que pelo menos tentara dissuadir-me.

— Quando ia descendo, perguntava constantemente: “Mike foi atingido? Mike foi atingido?" Ninguém me soube responder. Ao fim de um tempo que me pareceu uma hora é que me disseram que estava bem. Ia telefona quando cheguei em casa, mas os garotos não me largaram. Devia ter telefonado.

— Esqueça.

— Desculpe, Mike.

— Por favor, não diga isso outra vez. Acabou. Podíamos ter falado nisso durante dias seguidos, que nada teria mudado.

— Quando percebeu que iria embora? Fui obrigado a pensar nisso por um momento. A verdadeira resposta seria no domingo, no momento em que Bill puxara os lençóis e eu vira o meu pequeno Ontario finalmente em paz. Foi então, nesse momento, no necrotério da cidade, que me tornei outra pessoa.

— No fim-de-semana — respondi, sem mais explicações. Ele não precisava delas.

Barry abanou a cabeça, como se as caixas fossem essencialmente culpa sua. Resolvi ajudá-lo.

— Você não podia ter me impedido, Barry. Ninguém podia. Então ele começou a agitar a cabeça, convencido, porque percebeu. Uma arma apontada à nossa cara, o relógio para, as prioridades surgem de repente — Deus, a família, os amigos. O dinheiro passa para o último lugar. A Firma e a Carreira desaparecem à medida que passa cada segundo terrível, e nós percebemos que aquele pode ser o último dia da nossa vida.

— E você? — perguntei. — O que está fazendo? A Firma e a Carreira ficaram em último lugar durante umas horas.

— Começamos um julgamento na quinta-feira. Por sinal, estávamos nos preparando para ele quando o Senhor nos interrompeu. Não pudemos pedir adiamento ao juiz porque o cliente estava à espera do julgamento há quatro anos. E não fomos atacados, sabe? Não fomos atacados fisicamente, de qualquer modo. Aceleramos, começamos o julgamento e nunca mais abrandamos. O julgamento salvou-nos.

Evidentemente. Trabalho é terapia, é mesmo a salvação, na Drake & Sweeney. Tive vontade de gritar, porque há duas semanas eu teria dito a mesma coisa.

— Ainda bem — disse. Que maravilha. — Então está bem? — Claro que estou.

Barry era litigante, um machista com pele Teflon. Além disso, tinha três filhos, portanto o luxo de fazer um desvio aos trinta e tantos estava fora de questão. De repente, o relógio chamou-o. Apertamos as

mãos, nos abraçamos e fizemos as habituais promessas de nos mantermos em contato.

Mantive a porta fechada para poder olhar para o dossiê e resolver o que havia de fazer. Pouco depois, cheguei a algumas conclusões. Uma, as chaves funcionavam. Duas, aquilo não era uma armadilha; eu não tinha inimigos conhecidos e ia embora. Três, o dossiê estava mesmo no gabinete, na gaveta embaixo da janela. Quatro, era possível consegui-lo sem ser apanhado. Cinco, podia ser fotocopiado em um curto espaço de tempo. Seis, podia ser devolvido como se nada tivesse acontecido. Sete, e a mais importante, continha provas condenatórias.

Escrevi isto num bloco de notas. Pegar o dossiê seria motivo para demissão imediata, mas não me importei. O mesmo aconteceria se fosse apanhado no gabinete de Chance com uma chave não autorizada. Fotocopiá-lo é que seria arriscado. Como nenhum dossiê da firma tinha menos de dois centímetros e meio de espessura, talvez houvesse cem páginas para fotocopiar, partindo do princípio que fotocopiaria tudo. Teria de manter-me à frente de uma máquina durante vários minutos, em exposição. Isso seria muito perigoso. As secretárias e os solicitadores é que tratavam das cópias, e não os advogados. As máquinas eram de alta tecnologia, complicadas, e decerto encravariam no preciso momento em que apertasse um botão. Além disso estavam codificadas — os botões eram utilizados de modo a que todas as cópias fossem debitadas a um cliente. E estavam em espaços abertos. Não me lembrei de uma única fotocopiadora que estivesse a um canto. Talvez descobrisse uma em outra secção da empresa, mas a minha presença levantaria suspeitas.

Tinha de sair do edifício com ele, o que poderia ser considerado um ato criminoso. Mas não iria roubar o dossiê, apenas pedi-lo emprestado. As quatro horas, entrei no departamento de Bens Imobiliários com as mangas arregaçadas e uma pilha de dossiês na mão, como se tivesse um assunto importante a tratar ali. Hector não estava na mesa. Braden Chance estava no gabinete, com a porta entreaberta.

Ouvi a sua voz irritante ao telefone. Uma secretária sorriu-me quando passei por ela. Não vi quaisquer câmaras de segurança a espreitarem de cima. Alguns pisos tinham-nas; outros, não. Quem é que iria querer infringir as normas de segurança no departamento de Bens

Imobiliários? Saí às cinco. Comprei uns sanduíches em uma lanchonete e fui para o meu novo escritório.

Os meus sócios ainda estavam lá, à minha espera. Sofia chegou mesmo a sorrir quando lhe apertei a mão, mas só por um instante.

— Bem-vindo a bordo — disse Abraham com um ar grave, como se fôssemos entrar em um barco prestes a afundar. Mordecai agitou os braços e indicou-me um pequeno gabinete ao lado do seu.

— O que diz a isto? Suite E — disse ele.

— Uma beleza — disse eu, entrando no meu novo gabinete. Tinha cerca de metade do tamanho daquele que eu deixara. A minha mesa da firma não caberia lá dentro. Havia quatro arquivos encostados a uma parede, cada um de cor diferente. A luz era uma lâmpada nua pendurada no teto. Não vi nenhum telefone.

— Agrada-me — disse, e não estava mentindo.

— Amanhã arranjamos um telefone — disse ele, correndo as persianas de uma janela. — Este gabinete pertenceu a um jovem advogado chamado Banebridge.

— O que lhe aconteceu? — Não conseguiu se manter com o dinheiro.

Estava escurecendo e Sofia parecia ansiosa por sair. Abraham retirou-se para o seu gabinete. Mordecai e eu jantamos na mesa dele — os sanduíches que eu levara com o mau café que ele fizera.

A fotocopiadora era enorme, uma raridade dos anos oitenta, sem painéis de código nem os funfuns e gaitinhas oferecidos pela minha antiga firma. Estava a um canto da sala principal, junto de uma das quatro mesas repletas de velhos processos. — A que horas sai esta noite? — perguntei a Mordecai, entre duas dentadas.

— Não sei. Talvez daqui a uma hora. Por quê? — Só por curiosidade. Tenho de voltar à Drake & Sweeney por duas horas, devido a um assunto de última hora que eles querem que eu acabe. Depois gostaria de trazer para cá uma série de lixo que tenho no meu gabinete. Seria possível? Mordecai estava mastigando. Abriu uma gaveta, tirou uma argola com três chaves e atirou para mim.

— Vá e volte quando tiver vontade — disse ele.

— Será seguro?

— Não. Tenha cuidado. Estacione ali, o mais perto da porta que puder. Ande depressa. Depois, feche-se por dentro.

Deve ter percebido que eu estava com medo, porque disse: — Habitue-se. Mantenha-se alerta.

Às seis e meia, apertei o passo e mantive-me alerta quando me dirigia para o meu carro. O passeio estava vazio; nem vagabundos, nem armas, nem um arranhão no meu Lexus. Senti-me orgulhoso quando o abri e arranquei. Talvez eu conseguisse sobreviver nas ruas.

Levei onze minutos para chegar à Drake & Sweeney. Se levasse meia hora para copiar o dossiê do Chance, ele estaria fora do seu gabinete durante cerca de uma hora. Partindo do princípio que tudo correria bem. E Chance nunca saberia. Esperei até às oito e depois encaminhei-me para o departamento de Bens Imobiliários, com as mangas arregaçadas, como se estivesse embrenhado no trabalho.

Os corredores estavam desertos. Bati à porta do gabinete de Chance e ninguém respondeu. Estava fechado à chave. Em seguida, verifiquei todos os gabinetes, batendo de leve a princípio, depois com mais força e por fim rodando o puxador. Cerca de metade estavam fechados à chave. Examinei todos os cantos, à procura de câmaras de segurança.

Espreitei nas salas de reuniões e de secretariado. Ninguém. A porta do gabinete dele era precisamente igual à minha, da mesma cor e do mesmo tamanho. Funcionou perfeitamente e de repente vi-me dentro de um gabinete às escuras e confrontado com a decisão de acender ou não a luz. Alguém que passasse por ali de automóvel não saberia dizer qual dos gabinetes tinha a luz acesa, e duvidava que alguém no corredor reparasse na luz por baixo da porta. Além disso, estava muito escuro e faltava-me uma lanterna. Fechei a porta à chave, acendi a luz, fui direito ao arquivo abaixo da janela e abri-o com a segunda chave. De joelhos, abri completamente a gaveta, sem fazer barulho. Havia dezenas de processos, todos relativos à RiverOaks, e todos cuidadosamente arrumados da mesma maneira. Chance e a secretária eram bem organizados, uma característica apreciada na nossa firma. Em um processo grosso, lia-se num rótulo RiverOaks/TAG, Inc." Tirei-o com cuidado e comecei a folheá-lo. Queria certificar-me de que era aquele. Uma voz de homem gritou por alguém no corredor e fiquei em sobressalto.

Outra voz de homem respondeu mais ao fundo, e ambos começaram a conversar muito perto da porta do gabinete de Chance.

Era uma conversa sobre basquetebol. Bullets e Knicks.

Encaminhei-me para a porta em pontas de pés. Apaguei a luz e fiquei à escuta. Depois sentei-me no belo sofá de couro do Braden durante dez minutos. Se me vissem saindo do gabinete sem nada nas mãos, não haveria problema. O dia seguinte era a minha última oportunidade.

É claro que também não teria o processo.

E se alguém me visse saindo com ele? Se me perguntassem alguma coisa, seria o meu fim.

Pensei intensamente na situação, mas em todos os cenários poderia ser apanhado. Tenha paciência, disse para os meus botões. Eles vão embora. A seguir ao basquetebol vieram as mulheres. Aparentemente nenhum deles era casado; talvez fossem dois estudantes de Direito, que trabalhavam de noite. Pouco depois, as vozes desvaneceram-se.

Fechei a gaveta às escuras e peguei o processo. Cinco minutos, seis, sete, oito. Abri a porta sem fazer barulho, pus a cabeça de fora, devagar, e espreitei para um lado e para o outro do corredor. Ninguém.

Saí, passei pela mesa de Hector e dirigi-me para a zona da recepção, apertando o passo mas tentando manter um ar natural. — Ouça! — gritou alguém atrás de mim.

Virei uma esquina e, ao olhar para trás depressa, vi um homem que vinha atrás de mim. A porta mais próxima era a de uma pequena biblioteca. Enfiei-me lá dentro; felizmente estava às escuras. Avancei entre filas de livros até encontrar outra porta do outro lado. Abri-a e, ao fundo de um pequeno corredor, avistei um sinal de saída por cima de uma porta. Corri para ela. Calculando que seria mais rápido descer as escadas do que subi-las, desci, apesar do meu gabinete ficar dois andares mais acima. Se, por acaso, o homem me reconhecesse, poderia ir lá à minha procura.

Saí no térreo, sem fôlego, sem casaco, sem querer que ninguém me visse, sobretudo o segurança que estava de guarda nos elevadores para impedir que entrasse mais gente da rua. Dirigi-me para uma saída lateral, a mesma que Polly e eu tínhamos utilizado para evitar os repórteres na noite em que o Senhor fora abatido a tiro. Estava muito frio e caía uma chuva fina quando desatei a correr para o meu carro.

Os meus pensamentos eram os de um ladrão cujo primeiro roubo não fora perfeito. Era uma estupidez. Uma grande estupidez. Fora apanhado? Ninguém me vira saindo do gabinete de Chance. Ninguém sabia que eu tinha um processo que não me pertencia.

Não devia ter corrido. Quando o homem gritou, devia ter parado, metido conversa com ele, agido como se tudo estivesse bem, e se ele quisesse ver o processo, repreendia-o e mandava-o embora. Talvez fosse apenas um elemento do pessoal subalterno de que eu ouvira falar.

Mas porque ele gritara daquela maneira? Se não me conhecia, porque tentara deter-me do fundo do corredor? Meti-me no carro e fui para Massachusetts, depressa, para fazer as fotocópias e voltar a pôr o processo no seu lugar. Já passara lá a noite, e, se fosse preciso esperar pelas três da manhã para me meter de novo no gabinete de Chance, eu o faria. Descontraí-me um pouco. O radiador estava no máximo. Não podia adivinhar que um ataque surpresa tinha corrido mal, que um policial tinha sido alvejado e que um Jaguar de um narcotraficante descia Eighteenth Street a toda a velocidade. Apanhei o sinal verde em New Hampshire, mas os caras que atingiram o policial não se preocuparam com o código da estrada. O Jaguar surgiu de repente à minha esquerda e depois o air bag arrebentou na minha cara.

Quando recuperei os sentidos, a porta do lado do condutor estava entalando o meu ombro esquerdo. Rostos de negros fitavam-me através do vidro rachado. Ouvi sirenes e depois desmaiei outra vez. Um dos paramédicos desapertou-me o cinto de segurança. Puxaram-me por cima do console e tiraram-me pela porta do lado do passageiro.

— Não vejo sangue — disse alguém.

— Consegue andar? — perguntou um paramédico.

Doía-me o ombro e as costelas. Tentei levantar-me, mas as pernas não funcionavam.

— Estou bem — respondi, sentado à beira de uma maca. Atrás de mim havia um tumulto, mas não me consegui virar. Deitaram-me, ataram-me, e quando entrei na ambulância vi o Jaguar, virado ao contrário e rodeado por policiais e médicos.

Eu continuava repetindo Estou bem, estou bem, enquanto me mediam a tensão arterial. Partimos; a sirene começou a tocar. Levaram-me para a emergência do Centro Médico da Universidade George Washington. As radiografias não revelaram fraturas de qualquer espécie.

Tinha escoriações e muitas dores. Encheram-me de analgésicos e levaram-me para um quarto particular.

Acordei durante a noite. Claire estava dormindo em uma cadeira ao lado da minha cama.

QUINZE

Ela saiu antes do amanhecer. Um bilhete terno em cima da mesa dizia que tinha de ir fazer a ronda, e que voltaria no meio da manhã. Falara com os meus médicos, e era provável que eu não morresse. Parecíamos perfeitamente normais e felizes, um casal engraçado e dedicado. Perguntei a mim próprio por que motivo exatamente nos encontrávamos em processo de divórcio.

Uma enfermeira acordou-me às sete horas e entregou-me o bilhete. Li-o outra vez enquanto ela tagarelava sobre o tempo — granizo e neve — e me media a tensão arterial. Pedi-lhe um jornal. Trouxe-me meia hora depois, com os meus cereais. A história vinha na primeira página, na Cidade. O agente da brigada de narcóticos fora atingido várias vezes em um tiroteio; o seu estado era crítico. Matara um traficante. O segundo traficante era o condutor do Jaguar, que morreu no local do acidente em circunstâncias que seriam investigadas. Não se referiam a mim, o que era ótimo.

Se não tivesse sido envolvido, a história teria se resumido a um tiroteio entre polícias e traficantes de crack, que eu teria ignorado e não teria lido. Bem-vindo às ruas. Tentei convencer-me que isto podia ter acontecido a qualquer profissional da zona, mas era difícil acreditar. Estar naquela parte da cidade depois do anoitecer era atrair problemas.

O meu braço esquerdo estava inchado e já escurecendo, e ninguém podia tocar no ombro esquerdo nem na nuca. Doíam-me tanto as costelas que nem me mexia. Assim só me doíam quando respirava. Consegui ir ao banheiro, onde fiz as minhas necessidades e me vi no espelho. Um air bag é uma pequena bomba. O impacto atinge a cara e o peito. Mas os danos foram mínimos: o nariz e os olhos ligeiramente inchados e o lábio superior com uma nova forma. Nada que não desaparecesse depois do fim-de-semana.

A enfermeira voltou com mais comprimidos. Obriguei-a a identificar cada um deles e depois disse que não queria tomar nenhum. Eram para as dores e para a rigidez, e eu queria manter a cabeça fresca. O médico passou pelo meu quarto às sete e meia, para um exame rápido. Como não tinha nada partido nem ferido, as minhas horas como

paciente estavam contadas. Sugeriu que me fizessem outra série de radiografias por uma questão de segurança. Tentei dizer que não, mas ele já tratara do assunto com a minha mulher.

Andei coxeando pelo quarto durante uma eternidade. Pus à prova as partes machucadas do meu corpo e vi o noticiário da manhã, esperava que ninguém entrasse e me encontrasse com uma camisa de nylon amarela clara.

Descobrir um automóvel acidentado na região de Columbia é uma tarefa complicada, sobretudo logo após o acidente. Comecei pela companhia telefônica, a minha única fonte, mas não obtive resposta de metade dos números. Da outra metade, atenderam-me com uma grande indiferença. Era cedo e o tempo estava mau. Era sexta-feira, para que se envolveriam? A maior parte dos automóveis acidentados eram levados para o estacionamento municipal em Rasco Road, Northeast. Soube graças a uma secretária do Quartel-General da Polícia. Ela trabalhava no Controle Animal; eu ligava ao acaso para as várias extensões da polícia. Por vezes, outros carros eram levados para outros estacionamento e havia uma boa chance de o meu ainda se encontrar ligado ao pronto-socorro. Os pronto-socorros eram particulares, explicou ela, e este faria o levantava sempre problemas. Ela trabalhara em tempos na Divisão de Trânsito, mas detestara. Pensei em Mordecai, a minha nova fonte de todas as informações relativas à rua. Esperei pelas nove horas para lhe telefonar. Contei-lhe a história, garanti-lhe que estava em grande forma apesar de me encontrar no hospital e perguntei se sabia como encontrar um carro acidentado. Eu tinha algumas ideias.

Telefonei à Polly e contei-lhe a mesma história — Você não vem? — perguntou ela, com uma voz trêmula.

— Estou no hospital, Polly. Está me ouvindo? Houve um momento de hesitação do outro lado da linha, o silêncio confirmou os meus receios. Imaginava um bolo e uma taça de ponche ao lado, talvez em uma sala de reuniões, em cima da mesa, com cinquenta pessoas de pé à volta dela fazendo brindes e pequenos discursos acerca do cara formidável que eu era. Eu próprio fora a duas dessas festas. Eram horríveis. Estava determinado a faltar à minha própria despedida.

— Quando sai? — perguntou ela.

— Não sei. Talvez amanhã.

Era mentira. Eu saía antes do meio-dia, com ou sem a aprovação da equipe médica.

Seguiu-se outro momento de hesitação. O bolo, o ponche, os discursos importantes de pessoas atarefadas, talvez até um ou dois presentes. Como é que ela havia de dar a volta a isso? — Lamento — disse ela.

— Também eu. Alguém me procurou?

— Não. Ainda não.

— Ótimo. Por favor, fale ao Rudolph no acidente, que eu telefono-lhe mais tarde. Tenho de desligar. Eles vão fazer mais exames.

E foi assim que a minha carreira outrora promissora na Drake & Sweeney chegou ao fim. Faltei à festa da minha própria despedida. Com trinta e dois anos, libertei-me das amarras da escravatura empresarial, e do dinheiro. Restava-me seguir a minha consciência.

Estaria ótimo se não fosse a faca que sentia nas costas, entre as costelas, sempre que me mexia.

Claire chegou depois das onze. Conferenciou com o meu médico no corredor. Ouvia-os lá fora, utilizando sua própria linguagem. Entraram no quarto e anunciaram-me que tinha alta. Vesti a roupa limpa que ela me trouxera de casa. Claire levou-me e durante a curta viagem poucas palavras trocamos. Não havia chance de reconciliação. Por que motivo é que um simples acidente de automóvel havia de alterar tudo? Ela estava ali como amiga e como médica, não como esposa.

Preparou sopa de tomate e instalou-me no sofá. Alinhou os meus comprimidos na bancada da cozinha, deu-me instruções e foi embora. Ainda me demorei dez minutos, o suficiente para comer metade da sopa e alguns salgados. Depois fui telefonar. Mordecai não encontrara nada. Servindo-me da lista classificada, comecei a telefonar aos agentes imobiliários e às agências de aluguel de apartamentos. Em seguida, telefonei para uma agência de aluguer de automóveis para me trazerem um carro. Tomei um banho longo e quente para aliviar o corpo dolorido. O meu motorista chamava-se Leon. Sentei-me à frente, a seu lado, e tentei não fazer caretas nem gemer sempre que ele passava por cima de um buraco.

Não podia me dar ao luxo de ter um bom apartamento, mas pelo menos queria um que fosse seguro. Leon tinha algumas ideias. Paramos numa banca e tirei duas brochuras grátis sobre as propriedades da

região. Na opinião de Leon, um bom local para viver naquele momento, embora pudesse mudar dentro de seis meses, era Adams-Morgan, a norte de Dupont Circle. Era uma zona bem conhecida, onde eu já fora muitas vezes, sem qualquer desejo de parar ou de me demorar. As ruas eram ladeadas por prédios da virada do século, todos ainda habitados, o que, no caso de Columbia, equivalia a um bairro formidável.

Os bares e os clubes estavam na moda naquele momento, segundo Leon, e os novos e melhores restaurantes concentravam-se ali. As zonas degradadas ficavam mesmo ao virar da esquina e era preciso muito cuidado. Se as pessoas importantes como os senadores eram assaltadas no Monte do Capitólio, então ninguém estava seguro.

Quando nos dirigíamos para Adams-Morgan, Leon foi confrontado de súbito com um buraco maior do que o carro. Passamos por cima dele, subimos no ar durante o que me pareceu serem dez segundos, e depois aterramos com toda a força. Não pude deixar de gritar, quando todo o meu lado esquerdo me doeu.

Leon ficou horrorizado. Tive de lhe contar a verdade, de lhe dizer onde dormira na noite anterior. Ele abrandou consideravelmente e tornou-se o meu agente imobiliário. Ajudou-me a subir as escadas na minha primeira visita: um apartamento degradado, com um cheiro inconfundível a urina de gato que vinha do carpete. Com grande firmeza, Leon disse à senhoria que devia ter vergonha de mostrar uma casa naquele estado.

A segunda parada foi um sótão no quinto andar, cujas escadas quase não consegui subir. Sem elevador. E quase sem aquecimento. Leon agradeceu delicadamente ao gerente.

O sótão seguinte ficava no quarto andar, mas tinha um elevador bonito e asseado. O prédio era em Wyoming, numa linda rua sombria mesmo à saída de Connecticut. O aluguel era de quinhentos e cinquenta dólares por mês, e eu já tinha dito que sim antes de ver a casa. Estava sentindo-me pior, e cada vez pensava mais nos comprimidos que deixara na cozinha. Estava pronto a alugar fosse o que fosse.

Três divisões pequenas em um sótão com paredes esconsas, um banheiro com uma canalização que parecia funcionar, assoalhos limpos e uma pequena vista para a rua.

— Ficamos com ela — disse Leon ao senhorio.

Eu estava encostado à ombreira da porta, quase desmaiando. Em um pequeno gabinete na garagem, li depressa o contrato de aluguel, assinei-o e passei um cheque para a caução e para o primeiro mês do aluguel. Dissera a Claire que sairia no fim de semana. Estava determinado a fazê-lo. Se Leon tinha curiosidade em saber os motivos da minha mudança do aparato de Georgetown para um cubículo de três divisões em Adams-Morgan, pelo menos não fez perguntas. Era um profissional. Levou-me para casa e esperou no carro que eu engolisse o comprimidos e dormisse um pouco.

Em algum lugar no meio do nevoeiro induzido pelos medicamentos, tocou um telefone. Cambaleando, consegui encontrá-lo e responder: — Alô?

— Julguei que você estivesse no hospital — disse Rudolph.

Ouvi a voz e reconheci-a, mas o nevoeiro ainda não se dissipara.

— Estive — respondi, com uma voz pastosa. — Agora não estou. O que quer?

— Sentimos a sua falta esta tarde.

Ah, sim. O espetáculo do ponche e do bolo.

— Não queria me envolver em acidente de automóvel, Rudolph. Peço-lhe que me perdoe.

— Havia muita gente que queria se despedir de você.

— Podem me escrever. Diga para enviarem um fax.

— Sente-se mal, não é verdade?

— Sinto, Rudolph. Como se tivesse sido atingido por um carro.

— Está medicado?

— Por que se incomoda comigo?

— Desculpe. Olhe, o Braden Chance esteve na minha sala há uma hora. Está ansioso por vê-lo. É estranho, não acha?

O nevoeiro levantou e a minha mente estava muito mais lúcida.

— Para quê?

— Ele não disse. Mas anda a sua procura.

— Diga que fui embora.

— Já disse. Desculpe incomodá-lo. Passe por aqui se tiver um minuto. Ainda tem amigos aqui.

— Obrigado, Rudolph.

Enfiei os comprimidos no bolso. Leon estava cochilando no carro. Quando arrancamos, telefonei a Mordecai. Encontrara o relatório do

acidente, no qual uma tal Hundley Towing figurava como serviço de pronto-socorro. A Hundley Towing usava um atendedor para recebei a maioria dos telefonemas. As ruas estavam escorregadias, havia muitos acidentes e as pessoas que tinham pronto-socorro andavam ocupadas Por fim, um mecânico atendeu o telefone, por volta das três horas, mas mostrou-se completamente inútil.

Leon descobriu a Hundley em Rhode Island, perto de Seventh Street. Em outros tempos, fora uma estação de serviço e agora era uma garagem que fazia reboques, vendia carros usados e alugava caminhonetes. Todas as janelas estavam enfeitadas com grades pretas. Leon aproximou-se o máximo possível da porta principal.

— Proteja-me — disse eu, saindo do carro e correndo lá para dentro. Ouvi homens conversando e praguejando nos fundos. Sem dúvida que tinham voltado ali para jogar dados, beber uísque e talvez vender droga.

— A polícia é que o tem — disse o homem, olhando para os papéis.

— Sabe por quê?

— Não. Não houve um crime ou qualquer coisa do gênero? — Houve, mas o meu carro não esteve envolvido no crime. O homem deitou-me um olhar vazio. Tinha os seus próprios problemas.

— Sabe onde ele possa estar? — perguntei, tentando ser agradável.

— Quando eles os apreendem, geralmente levam-nos para um estacionamento em Georgia, a norte de Howard.

— Quantos estacionamentos tem a cidade?

Ele encolheu os ombros e começou a afastar-se.

— Mais do que um — disse, e desapareceu.

Fechei a porta com cuidado e corri para o automóvel de Leon. Era noite quando encontramos o estacionamento, metade de um quarteirão rodeado por uma vedação metálica e arame farpado. Lá dentro, estavam centenas de carros amassados, dispostos ao acaso, e alguns em cima de outros. A meu lado no passeio, Leon espreitou pela vedação.

— Está ali — disse eu, apontando.

O Lexus estava estacionado perto de um barracão, virado para nós. O choque destruíra a parte da frente do lado esquerdo. O para-

choques desaparecera; o motor estava à vista e amassado.

— O senhor é um homem com muita sorte — disse Leon.

Ao lado estava o Jaguar, com o teto amassado e sem um único vidro. Havia uma espécie de escritório no barracão, mas estava fechado e às escuras. Os portões estavam fechados com pesadas correntes. O arame farpado brilhava à chuva. Não muito longe, em uma esquina, avistamos uns caras com ar de poucos amigos. Senti que nos observavam.

— Vamos embora daqui — disse eu.

Leon levou-me ao Aeroporto Nacional, o único lugar que eu conhecia onde poderia alugar um carro.

A mesa estava posta, havia comida chinesa no fogão. Claire estava à espera, preocupada até certo ponto, embora fosse impossível dizer quanto. Disse-lhe que fora alugar um carro, na sequência das instruções da minha companhia de seguros. Ela examinou-me como uma boa médica, e obrigou-me a tomar um comprimido.

— Julguei que tinha ido descansar — disse ela.

— Tentei, mas não consegui. Estou morrendo de fome.

Seria a nossa última refeição juntos, como marido e mulher, que terminava como começara, com uma coisa rápida e preparada em algum lugar.

— Conheces alguém chamado Hector Palma? — perguntou ela, no meio do jantar.

Tive dificuldade em engolir.

— Conheço.

— Telefonou há uma hora. Disse que era importante falar com você. Quem é ele?

— Um solicitador da firma. Devia ter passado a manhã com ele tratando de um dos meus casos. Ele está em uma situação difícil.

— Deve estar. Quer que se encontre com ele esta noite, no Nathan's, em M Street.

— Porquê um bar? — perguntei, para disfarçar.

— Ele não disse. Pareceu-me desconfiado.

Perdi o apetite, mas continuei a comer para me mostrar imperturbável. Não que fosse preciso. Ela nem deu por isso.

Fui a pé para M Street. Caía uma chuva fina que estava transformando-se em granizo. Eu tinha muitas dores. Teria sido

impossível estacionar o carro em uma noite de sexta-feira. E esperava esticar os músculos e clarear as ideias. O encontro só podia indicar que havia problemas, e preparei-me para ele no caminho. Pensara em mentir para esconder a minha pista e cobrir a primeira fase. Agora que cometera um roubo, não me parecia adequado mentir. Hector podia estar ao serviço da firma, era possível que estivesse sob escuta. Ouvi-lo-ia com todo o cuidado e falaria pouco.

O Nathan's tinha metade da casa cheia. Cheguei dez minutos antes mas ele já lá estava à minha espera, em um pequeno compartimento. Quando me aproximei, saltou da cadeira e estendeu-me a mão.

— Você deve ser o Michael. Sou Hector Palma, do departamento de Bens Imobiliários. Muito prazer.

Foi um ataque, uma explosão de personalidade que me pôs de sobreaviso. Apertei-lhe a mão, cambaleando, e disse qualquer coisa como: — Muito prazer em conhecê-lo.

Ele apontou para o compartimento.

— Sente-se aqui — disse, todo sorriso.

Inclinei-me delicadamente e consegui enfiar-me no compartimento.

— O que lhe aconteceu? — perguntou.

— Beijei um air bag.

— Sim, ouvi falar de um acidente — disse ele, apressado. Muito apressado. — Você está bem? Tem fraturas? — Não — respondi lentamente, tentando compreendê-lo.

— Ouvi dizer que o outro cara foi morto — disse, logo a seguir. Ele é que dominava a conversa. Eu era obrigado a segui-lo.

— Sim, era um traficante de droga.

— Esta cidade... — disse ele, quando o criado apareceu. — O que toma? — Um café — respondi.

Nesse momento, enquanto ele pensava no que ia beber, senti que um dos seus pés me tocava na perna.

— Que cervejas tem? — perguntou ao garçom, uma pergunta que eles detestavam. O garçom olhou em frente e começou a enumerar as marcas. O toque fez-nos cruzar o olhar. Ele tinha as mãos em cima da mesa. Servindo-se do garçom como escudo, entortou ligeiramente o indicador direito e apontou para o peito.

— Uma Molson — anunciou de repente, e o garçom afastou-se. Estava sob escuta e eles nos observavam, em algum lugar. Onde quer que se encontrassem, não podiam ver através do garçom. Instintivamente, tive vontade de virar para trás e examinar as outras pessoas que estavam no bar. Mas resisti à tentação, em parte graças a um pescoço tão flexível como uma tábua.

Isso explicava a saudação exuberante, como se não nos conhecêssemos. Hector fora importunado durante todo o dia e negara tudo.

— Sou um solicitador do departamento de Bens Imobiliários — explicou ele.

— Você conheceu Braden Chance, um dos nossos sócios.

— Conheci.

Como as minhas palavras estavam sendo gravadas, falaria pouco.

— Trabalho essencialmente para ele. Nós trocamos umas breves palavras na semana passada, quando você foi ao gabinete dele.

— Se você o diz. Não me lembro de o ter visto.

Fiz um sorriso tênue, nada que uma câmara de vigilância conseguisse captar. Por baixo da mesa, toquei-lhe na perna com o meu pé. Felizmente, dançávamos a mesma música. — Ouça, o motivo por que lhe pedi para me encontrar com você prende-se com um processo que falta no gabinete do Braden.

— Eu estou sendo acusado? — Bem, não, mas é um possível suspeito. Foi o processo que você pediu quando foi ao gabinete dele na semana passada.

— Então, estou sendo acusado — disse eu, irritado.

— Ainda não. Acalme-se. A firma está fazendo uma investigação rigorosa sobre o assunto e andamos apenas falando com todos aqueles de que nos lembramos. Como soube que você pediu o processo ao Braden, a firma deu-me instruções para vir falar com você. E tão simples como isto.

— Não sei do que você está falando. É tão simples como isto.

— Não sabe nada do processo? — Claro que não. Porque eu tiraria um processo do gabinete de um sócio? — Aceitaria submeter-se ao polígrafo? — Com certeza — disse eu, firme mas indignado. Nunca aceitaria submeter-me ao teste do polígrafo.

— Ainda bem. Eles estão pedindo o mesmo a todos nós. A todos aqueles que possam ter se aproximado do processo.

O café e a cerveja chegaram, permitindo-nos fazer uma breve pausa para avaliar a situação e descansar. Hector acabara de me comunicar que estava metido em um grande problema. Um polígrafo daria cabo dele. Você conheceu Michael Brock antes de ele sair da empresa? Falaram do processo que desapareceu? Deu-lhe cópias de qualquer coisa que tenha tirado do processo? Ajudou-o a conseguir o processo em falta? Sim ou não? Perguntas difíceis com respostas fáceis. Não lhe era possível mentir e sobreviver ao teste.

— Eles também andam recolhendo impressões digitais — disse. Desta vez falou mais baixo, não para tentar evitar o microfone escondido, mas para abrandar o choque. Não deu certo. Eu nunca me lembrara das impressões digitais, nem antes do roubo, nem depois.

— Ainda bem para eles — respondi.

— Por sinal, estiveram toda a tarde recolhendo impressões digitais. Na porta, no interruptor e no arquivo. Havia muitas.

— Espero que encontrem o homem.

— E de fato uma coincidência, sabe? O Braden tem uma centena de processos ativos no gabinete, e o único que falta é aquele que você queria consultar a todo o custo.

— Está tentando dizer alguma coisa?

— Só o que eu disse, mais nada. É uma verdadeira coincidência. Hector fazia isto para benefício daqueles que o estavam ouvindo. Pensei que também eu devesse talvez representar.

— Não gosto da forma como o disse — respondi-lhe, praticamente gritando.

— Se vocês quiserem acusar-me de qualquer coisa, então vão à polícia, arranjem um mandado e mandem me prender. De outro modo, guardem as suas estúpidas opiniões para vocês próprios.

— A polícia já está metida no assunto — disse ele, com uma grande frieza, e o meu humor forjado desvaneceu-se. — Trata-se de um roubo.

— Claro que é um roubo. Apanhem o seu ladrão e deixem de perder tempo comigo.

Hector bebeu um longo gole.

— Alguém lhe deu um conjunto de chaves do gabinete do Braden? — Evidentemente que não.

— Bem, eles encontraram este dossiê vazio em cima da sua mesa, com um bilhete em que havia uma referência às chaves. Uma da porta e outra de um arquivo.

— Não sei nada disso — disse eu, com toda a arrogância de que fui capaz, tentando lembrar-me do último lugar em que deixara o dossiê vazio. O meu rastro estava aumentando. Fora treinado para pensar como um advogado, não como um criminoso.

Mais um gole prolongado de Hector e mais uma golada de café. Já tínhamos dito o suficiente. As mensagens tinham sido entregues, uma pela firma e a outra pelo próprio Hector. A firma queria o processo, com o seu conteúdo não comprometido. Hector queria que eu soubesse que o seu envolvimento poderia custar-lhe o emprego.

Competia-me salvá-lo. Podia devolver o processo, confessar, prometer mantê-lo fechado, e talvez a firma me perdoasse. Não haveria problema. Proteger o emprego de Hector poderia ser uma condição da devolução.

— Mais alguma coisa? — perguntei eu, de repente disposto a ir embora.

— Mais nada. Quando pode fazer o teste do polígrafo? — Eu telefono.

Peguei o sobretudo e saí.

DEZESSEIS

Por motivos que em breve viria a entender, Mordecai detestava os policiais da região, apesar de, na sua maioria, serem negros. Na opinião dele, eram duros para com os sem teto e esta era a bitola que ele usava invariavelmente para medir o bem e o mal.

Mas conhecia alguns. Um era o sargento Peeler, um homem que, segundo Mordecai, era das ruas. Peeler trabalhava com crianças difíceis em um centro social perto da clínica legal e ambos pertenciam à mesma

igreja. Peeler tinha contatos e podia puxar cordões suficientes que me permitissem reaver o meu carro.

Entrou na clínica pouco depois das nove horas da manhã de sábado. Eu e Mordecai estávamos bebendo café e tentando nos aquecer. Peeler não trabalhava aos sábados. Tive impressão de que preferia ter ficado na cama. Com Mordecai conduzindo e falando, e comigo atrás, percorremos as ruas escorregadias na direção de Northeast. A neve prevista era afinal uma chuva fria. O trânsito era pouco. Era mais uma manhã agreste de Fevereiro. Só os valentes se atreviam a andar nos passeios. Estacionamos junto dos portões fechados a cadeado do estacionamento municipal mesmo à saída de Georgia Avenue. Peeler disse: — Esperem aqui.

Avistei o que restava do meu Lexus.

Peeler encaminhou-se para os portões, apertou um botão que havia em um poste e a porta do barracão se abriu. Saiu um policial baixo e magro, sem farda, de chapéu de chuva em punho, e ambos trocaram algumas palavras. Peeler regressou ao carro, fechando a porta com força e sacudindo a água dos ombros.

— Ele está à sua espera — disse.

Saí do carro, abri o chapéu e dirigi-me rapidamente para os portões onde o agente Winkle me aguardava sem o menor vestígio de humor ou de boa vontade. Pegou em dezenas de chaves, encontrou as três que abriam os fortes cadeados e disse-me para segui-lo, quando abriu os portões. Fui atrás dele, evitando sempre que possível os buracos cheios de água e de lama. Doía-me o corpo todo ao andar e tinha dificuldade em saltar e esquivar-me. Ele dirigiu-se para o meu carro.

Fui direito ao banco da frente. O processo não estava lá. Após um momento de pânico, encontrei-o por trás do banco do condutor, no chão, intacto. Agarrei-o e estava pronto a partir. Não me agradava inspecionar os estragos a que escapara. Sobrevivera inteiro e isso é que era importante. Na semana seguinte, iria à companhia de seguros.

— É isso? — É — respondi, pronto a desaparecer dali.

— Siga-me.

Entramos no barracão onde um aquecedor a gás zumbia a um canto, bombardeando-nos com ar quente. O homem escolheu um dos

dez blocos que tinha na parede e começou a olhar para o processo que eu tinha na mão.

— Dossiê de papel manilha castanho — disse ele enquanto escrevia. — Com cerca de dois centímetros e meio de espessura.

Eu estava ali agarrado ao dossiê, como se fosse de ouro.

— Tem algum nome escrito? Eu não estava em posição de protestar. Um comentário idiota, e eles nunca mais me encontrariam.

— Porque precisa disso? — perguntei.

— Ponha-o em cima da mesa — disse ele.

Obedeci.

— Riveroaks bana TAG, Inc. — disse ele, continuando a escrever. — Dossiê número TBC-96-3381.

O meu rastro aumentava ainda mais.

— Isto é seu? — perguntou ele, apontando, muito desconfiado.

— É.

— Está bem. Agora pode ir.

Agradeci, mas não obtive resposta. Senti vontade de desatar a correr pelo parque, mas andar já era um desafio. O homem fechou os portões atrás de mim.

Mordecai e Peeler voltaram-se para trás e olharam para o dossiê quando eu entrei. Nenhum deles sabia o que era. Eu só dissera a Mordecai que o dossiê era muito importante. Precisava recuperá-lo antes que fosse destruído. Todo aquele esforço por um dossiê de papel manilha? Senti-me tentado a folheá-lo enquanto voltávamos para a clínica. Mas não o fiz. Agradeci a Peeler, despedi-me de Mordecai, e, com toda a cautela, dirigi-me para o meu novo sótão.

A fonte do dinheiro era o governo federal, o que não era de admirar em Columbia. Os Correios tencionavam construir um edifício enorme de vinte milhões de dólares na cidade, e a RiverOaks era uma das várias imobiliárias agressivas que esperavam construí-lo, alugá-lo e geri-lo. Tinham sido considerados vários locais, todos em zonas difíceis e degradadas da cidade. A lista das três pré-qualificadas fora anunciada em Dezembro anterior. A RiverOaks começara a arrebatar todas as propriedades baratas de que poderia precisar.

A TAG era uma empresa devidamente registrada, cujo único acionista era Tillman Gantry, descrito em um memorando como um ex-bandido, um desordeiro nas horas vagas e um criminoso com duas

condenações. Uma das muitas figuras castiças da cidade. Depois do crime, Gantry descobrira os carros usados e a compra e venda de propriedades. Comprava prédios abandonados, por vezes fazia reformas e voltava a vendê-los, ou alugava espaços. Em resumo figuravam catorze propriedades da TAG. O percurso de Gantry cruzara-se com o da RiverOaks quando os Correios dos Estados Unidos precisaram de mais espaço.

Em 6 de janeiro, os Correios informaram a RiverOaks, por carta registrada, que a empresa fora a escolhida para ser o empreiteiro/ /proprietário/senhorio das novas instalações. Um memorando do acordo garantia pagamentos de renda anuais no valor de um milhão e meio de dólares. A carta também referia, com uma pressa não-governamental, que teria de ser assinado um acordo final entre a RiverOaks e os Correios até ao dia 1 de Março, caso contrário o negócio ficaria sem efeito. Após sete anos de ponderação e de planejamento, o governo federal queria ver o edifício construído de um dia para o outro.

A RiverOaks e os seus advogados e agentes imobiliários deitaram mãos à obra. Em Janeiro, a empresa comprou quatro propriedades na Florida Avenue, próximas do local onde fora efetuado o despejo. O dossiê incluía dois mapas da zona, nos quais estavam assinalados os lotes já adquiridos e os lotes em fase de negociação.

Faltavam apenas sete dias para o dia 1º de março. Não era de admirar que Chance tivesse dado por falta do processo tão depressa. Trabalhava com ele todos os dias.

O armazém da Florida Avenue fora adquirido pela TAG, em Julho, por uma quantia não revelada no processo. A RiverOaks comprou-o por duzentos mil dólares em 31 de Janeiro, quatro dias antes do despejo que enviara Devon Hardy e a família Burton para a rua.

No assoalho nu de madeira daquela que viria a ser a minha sala de estar, eu retirava cuidadosamente cada uma das folhas de papel do processo, examinava-a, depois reproduzia-a em detalhes em um bloco para poder voltar a pô-lo por ordem. Lá estava a habitual série de papéis que devia existir em todos os processos congêneres: os impostos pagos em anos anteriores, os sucessivos registros prediais, contratos anteriores, um acordo para compra e venda da propriedade, correspondência com a imobiliária e outros papéis. Era um negócio a vista e portanto não havia nenhum banco envolvido. Dentro do dossiê,

do lado esquerdo, estava o diário, um formulário impresso no qual eram registradas todas as entradas pela data e com um breve resumo. Era possível avaliar a capacidade de organização de uma secretária da Drake & Sweeney pelo nível de pormenor do diário de um processo. Todos os documentos, mapas, fotografias ou gráficos — absolutamente tudo o que constasse do processo — deviam ser registrados no diário. Isto fora enfiado nas nossas cabeças durante a fase de aprendizagem. Quase todos nós tínhamos aprendido à nossa custa — não havia nada mais frustrante do que folhear um grosso processo à procura de qualquer coisa que não fora registrada com suficiente pormenor. Se não conseguíssemos encontrá-la em trinta segundos, seria inútil, dizia o axioma.

O processo de Chance era meticuloso; a sua secretária era uma mulher de pormenores. Mas houvera falsificação.

Em 22 de Janeiro, Hector Palma foi ao armazém, sozinho, para uma inspeção de rotina anterior à compra. Quando ia a entrar por uma determinada porta, foi assaltado por dois vagabundos que o atingiram na cabeça com um pau e lhe levaram a carteira e o dinheiro, sob a ameaça de uma faca. Ficou em casa no dia seguinte e preparou um memorando em que descrevia o assalto, para ser guardado no processo. A última frase era a seguinte: “Voltarei na segunda-feira, 27 de janeiro, com um guarda, para inspecionar”. O memorando estava devidamente registrado no dossiê.

Mas não havia memorando da sua segunda visita. Em uma entrada de 27 de janeiro do diário lia-se Memorando de HP — visita ao local e inspeção das instalações.

Hector foi ao armazém no dia vinte e sete, com um guarda, inspecionou o local, descobriu sem dúvida que havia casos graves de ocupação e preparou um memorando que, a avaliar pelos seus outros documentos, devia ser muito completo.

O memorando fora retirado do processo. Evidentemente que não era um crime, e eu próprio tirava constantemente coisas dos processos sem deixar um apontamento no diário. Mas voltava a pô-las no seu lugar. Se um documento estava registrado, tinha de constar do dossiê.

O encerramento teve lugar em 31 de Janeiro, uma sexta-feira. Na terça-feira seguinte, Hector voltou ao armazém para retirar os ocupantes. Foi auxiliado por um guarda de uma empresa de segurança privada, um

agente do distrito, e por quatro brutamontes de uma empresa especializada em despejos. A operação demorou três horas, segundo o memorando, que tinha duas páginas. Embora tentasse disfarçar as suas emoções, Hector não tinha estômago para despejos.

O meu coração parou quando li o seguinte: “A mãe tinha quatro filhos, um dos quais era um bebê. Vivia num apartamento de duas divisões, sem encanamento. Dormiam em dois colchões no chão. Lutou com o polícia enquanto os filhos assistiam. Pouco depois foi retirada”. Portanto, Ontario vira a mãe a lutar.

Havia uma lista dos despejados, dezessete ao todo, fora as crianças, a mesma lista que alguém me pusera em cima da mesa na manhã de segunda-feira, com uma fotocópia da notícia do Post. No fim do processo, soltos, sem direito a registro no diário, estavam os avisos de despejo das dezessete pessoas. Não tinham sido utilizados. Os ocupantes não tinham direitos, incluindo o de serem notificados. Os avisos tinham sido preparados posteriormente, em uma tentativa de encobrimento. Talvez tivessem sido postos ali pelo próprio Chance depois do episódio do Senhor, no caso de serem necessários.

A falsificação era óbvia, e disparatada. Mas Chance era sócio. E nunca se ouvira dizer que um sócio tivesse cedido um processo. Não fora cedido, fora roubado. Um ato de furto, um crime para o qual estavam agora sendo reunidas provas. O ladrão era um idiota. Como parte do ritual anterior à admissão, há sete anos, as minhas impressões digitais tinham sido recolhidas por detetives privados. Seria muito simples compará-las com as que tinham sido retiradas do arquivo de Chance. Seria uma questão de minutos. Eu tinha certeza de que isso já tinha sido feito. Haveria um mandado para me prenderem? Era inevitável. Quando acabei, três horas depois, quase todo o chão estava coberto de papéis. Reconstituí o dossiê com todo o cuidado, depois fui para o escritório e copiei-o.

Ela tinha ido às compras, lia-se no seu bilhete. Tínhamos umas belas malas de viagem, uma coisa que nos tínhamos esquecido de mencionar quando dividimos os bens. Ela viajaria mais do que eu a curto prazo, por isso levei os artigos de menor valor — mochilas e sacos de ginástica. Não queria ser apanhado, pelo que amontoei os objetos básicos em cima da cama — roupa interior, camisetas, artigos de higiene e sapatos, mas só os que calçara no último ano. Ela podia desfazer-se

dos outros. Limpei depressa as minhas gavetas e o armário dos medicamentos do meu lado. Ferido e dolorido, fisicamente e não só, desci dois lances de escada com as malas, coloquei-as no meu carro alugado e subi outra vez para ir buscar vários ternos e outras peças de vestuário. Encontrei o meu velho saco de dormir, que não usava pelo menos há cinco anos, e levei-o para baixo, com uma manta e uma almofada. Tinha direito a levar o meu despertador, o rádio, o leitor de CD portátil com alguns CD, o televisor a cores de treze polegadas que estava na bancada da cozinha, uma chaleira, o secador e o jogo de toalhas turcas azuis. Quando o carro estava cheio, deixei-lhe um bilhete dizendo que tinha ido embora. Coloquei-o ao lado do que ela me deixara e recusei-me a olhar para ele. Reinava em mim uma confusão de sentimentos, as minhas emoções estavam à flor da pele e não me sentia em condições de os controlar. Nunca mudara de casa; não sabia ao certo como é que isso se fazia. Fechei a porta à chave e desci as escadas. Sabia que voltaria daí a dois dias para vir buscar o resto das minhas coisas, mas pareceu-me que esta era a última vez.

Ela leria o bilhete, iria verificar as gavetas e os armários para ver o que eu levara, e quando percebesse que tinha de fato ido embora, se sentaria na sala e verteria uma lágrima. Talvez tivesse um ataque de choro. Mas ultrapassaria a situação dentro de pouco tempo. Entraria com facilidade na fase seguinte. Ao partir, não tive qualquer sentimento de libertação. Não era empolgante ficar solteiro outra vez. Tanto eu como Claire tínhamos perdido.

DEZESSETE

Fechei-me à chave no gabinete. O escritório estava mais frio no domingo do que no sábado. Vesti uma camisa grossa, calças de veludo, calcei umas meias térmicas, e li o jornal à mesa com duas xícaras de café fumegantes à frente. O prédio tinha um sistema de aquecimento, mas eu não queria mexer. Senti falta da minha cadeira, da minha cadeira giratória de executivo, de couro, que se deslocava conforme eu quisesse. A minha nova cadeira desmontável era pouco melhor do que aquelas que se alugavam para os casamentos. Já devia ser

desconfortável nos seus bons tempos; na minha difícil situação deste momento, era um objeto de tortura.

A mesa era um móvel usado e em mau estado, vindo provavelmente de uma escola abandonada; quadrada como um caixote, com três gavetas de cada lado, que por sinal se abriam todas, mas não sem esforço. As duas cadeiras destinadas aos clientes, que se encontravam do outro lado, eram desmontáveis — uma preta e outra de um tom esverdeado que eu nunca vira. As paredes eram de estuque, pintadas há décadas, e cuja cor inicial se transformara num amarelo-limão pálido. O estuque estava rachado; as aranhas tinham-se acumulado nos cantos e no teto. O único elemento decorativo era um cartaz emoldurado anunciando uma Marcha pela Justiça que se realizara no Mall, em Julho de 1988.

O assoalho era de carvalho antigo, com as tábuas abauladas nas extremidades, uma prova de que tinham sido muito usadas ao longo dos anos. Fora varrido há pouco tempo, e a vassoura ainda estava a um canto, ao lado de uma pá, um ligeiro indício de que, se eu quisesse ver-me livre do pó outra vez, teria de ser eu a varrê-lo.

Oh, como os poderosos tinham caído! Se o meu querido irmão Warren me visse ali em um domingo, tremendo de frio, sentado à minha pobre mesa, olhando para as rachaduras do estuque, fechado à chave para que os meus potenciais clientes não me assaltassem, teria me cumulado de insultos tão ricos e coloridos que eu teria sido obrigado a escrevê-los. Eu não podia aceitar a reação dos meus pais. Seria forçado a telefonar em breve e a confrontá-los com o duplo choque das minhas mudanças de endereço.

Uma forte pancada na porta assustou-me. Levantei-me de um salto, sem saber o que havia de fazer. Os vagabundos teriam vindo atrás de mim? Outra pancada quando me aproximava da entrada, e foi então que avistei um vulto tentando espreitar pelas grades e pelo vidro grosso da porta. Era Barry Nuzzo, tremendo de frio e ansioso por se pôr a salvo. Abri a porta e deixei-o entrar.

— Mas que covil! — exclamou ele num tom divertido, olhando a sala da frente enquanto eu fechava de novo a porta à chave.

— Esquisito, não é? — disse eu, afastando-me dele e tentando entender o que significava aquilo.

— Mas que lixeira! Barry Nuzzo estava divertido com o local. Contornou a mesa de Sofia, tirando as luvas devagar, com receio de tocar em qualquer coisa que provocasse uma avalancha de processos.

— Reduzimos as despesas ao mínimo, para levarmos para casa todo o dinheiro que pudermos — disse eu. Era uma velha piada que corria na Drake & Sweeney. Os sócios andavam sempre queixando-se das despesas, ao mesmo tempo que se preocupavam essencialmente com a remodelação dos seus gabinetes.

— Então está aqui pelo dinheiro? — perguntou ele, bem-humorado.

— Evidentemente.

— Perdeu o juízo.

— Senti um chamado.

— Sim, anda ouvindo vozes.

— Foi para isso que veio? Para me dizer que estou louco?

— Telefonei para Claire.

— E o que disse ela?

— Disse que tinha saído de casa.

— É verdade. Vamos nos divorciar.

— O que aconteceu com seu rosto?

— Foi um air bag.

— Ah, sim. Tinha esquecido. Ouvi dizer que foram apenas uns para-choques amassados.

— Foram. Os para-choques ficaram amassados.

Barry pousou o casaco em uma cadeira, mas voltou a vesti-lo à pressa.

— A contenção de despesas implica que vocês não paguem a conta do aquecimento? — De vez em quando falhamos um mês.

Barry deu mais uma volta, espreitando os gabinetes acanhados.

— Quem é que paga isto? — perguntou.

— Uma fundação.

— Uma fundação em declínio?

— Sim, uma fundação em declínio rápido.

— Como é que encontrou isto?

— O Senhor vinha aqui. Estes eram os advogados dele.

— O velho Senhor — disse ele. Interrompeu o seu exame por instantes e fitou a parede. — Acha que ele nos teria matado?

— Não. Ninguém lhe dava ouvidos. Era apenas mais um sem teto. Ele queria que lhe dessem atenção.

— Admitiu a hipótese de se atirar sobre ele?

— Não, mas pensei em tirar-lhe a arma e dar um tiro no Rafter.

— Quem dera que tivesse feito.

— Talvez para a próxima.

— Tem café? — Claro que tenho. Sente-se.

Não queria que Bany fosse atrás de mim na cozinha, que deixava muito a desejar. Descobri uma xícara, lavei-a rapidamente e enchi-a de café. Levei-o para o meu gabinete.

— Bonito — disse ele, olhando à sua volta.

— É aqui que se discutem as grandes causas — disse eu, com orgulho. Nos sentamos em frente da mesa. As cadeiras chiaram e pareciam prestes a desfazer-se.

— Era com isto que sonhava na faculdade de Direito? — perguntou ele.

— Não me lembro da faculdade de Direito. Já trabalhei muitas horas desde então.

Barry olhou finalmente para mim, sem um sorriso malicioso, e a brincadeira foi posta de lado. Por muito mal intencionado que fosse o pensamento, não pude deixar de perguntar a mim próprio se Barry não traria um microfone escondido. Eles tinham enviado Hector para a refrega com um por baixo da camisa; fariam o mesmo com Barry. Ele não se ofereceria, mas eles podiam pressioná-lo. Eu era o inimigo.

— Você então veio à procura do Senhor? — perguntou ele.

— Acho que sim.

— O que encontrou?

— Está bancando o idiota, Barry. O que está acontecendo na firma? Vocês estão fazendo o cerco? Andam atrás de mim?

Barry pesou as minhas palavras, enquanto sorvia o café com goles rápidos.

— Este café é horrível — disse ele, prestes a cuspi-lo.

— Pelo menos está quente.

— Lamento o que se passou com Claire.

— Obrigado, mas prefiro não falar nisso.

— Falta um processo, Michael. E você está sendo acusado.

— Quem sabe que está aqui?

— Minha mulher.

— Foi a firma que te mandou aqui?

— De modo nenhum.

Acreditei nele. Era meu amigo há sete anos, íntimo por vezes. Embora quase sempre estivéssemos muito ocupados para gozar a nossa amizade.

— Por que me acusam?

— O processo tem qualquer coisa a ver com o Senhor. Você foi falar com o Braden Chance e pediu para consultá-lo. Foi visto nas imediações do gabinete dele na noite em que o processo desapareceu. Há provas de que alguém deu uma chaves que talvez não devesse ter aceitado.

— É tudo?

— Isso e as impressões digitais.

— Impressões digitais? — perguntei, tentando mostrar-me surpreendido.

— Por todo o lado. Na porta, no interruptor e até no arquivo. Coincidem perfeitamente. Você esteve lá, Michael. Levou o processo. Que vai agora fazer com ele?

— O que sabe do processo?

— O Senhor foi despejado por um dos nossos clientes de uma empresa imobiliária. Ele ocupou o local. Enlouqueceu, assustou-nos e você ia ser alvejado. Enlouqueceu.

— É tudo? — Foi tudo o que eles nos disseram.

— Quem são eles?

— Eles são os manda-chuvas. Na sexta-feira, recebemos memorandos — toda a empresa, os advogados, as secretárias, os solicitadores, todos — informando que abriram um processo, que você era o suspeito e que nenhum elemento da firma devia falar com você. Estou proibido de estar aqui neste momento.

— Não direi a ninguém.

— Obrigado.

Se Braden Chance estabelecera a ligação entre o despejo e Lontae Burton, não era pessoa para o admitir fosse perante quem fosse. Nem sequer os outros sócios. Barry estava sendo sincero. Talvez julgasse que o meu único interesse era Devon Hardy.

— Então porque está aqui?

— Sou seu amigo. A situação está péssima neste momento. Meu Deus, na segunda-feira os policiais estiveram no escritório, acredita? A semana passada foi o Corpo de Intervenção, e nós éramos reféns. Agora você saltou de um rochedo. E o caso com Claire. Porque não tira umas férias? Vamos passar quinze dias em qualquer lugar. Levamos as nossas mulheres.

— Para onde?

— Não sei. Isso não interessa. Para as ilhas.

— Qual seria a vantagem?

— Podíamos descontrair. Jogar tênis. Dormir. Recarregar as baterias.

— Pagos pela firma?

— Pagos por mim.

— Esqueça a Claire. Acabou, Barry. Demorou muito, mas acabou.

— Está bem. Vamos nós dois.

— Mas você não deve ter qualquer contato comigo.

— Tenho uma ideia. Acho que posso me reunir com Arthur e ter uma longa conversa. Podemos acabar com isto. Você devolve o processo, esquece o que está lá dentro, a firma o perdoa e esquece também, e você e eu vamos passar duas semanas jogando tênis em Maui. Depois, volta para o seu escritório requintado. Lá é que é o seu lugar.

— Foram eles que te mandaram, não foram?

— Não. Juro.

— Não vai dar certo, Barry.

— Dê-me uma boa razão. Por favor.

— Ser advogado é mais do que faturar horas e ganhar dinheiro. Por que havemos de querer ser prostitutos das empresas? Estou cansado disso, Barry. Quero ser diferente.

— Parece um estudante do primeiro ano falando.

— Exatamente. Escolhemos esta profissão porque julgávamos que o Direito era um chamado superior. Podíamos combater a injustiça e os males sociais, e fazer toda espécie de grandes coisas porque éramos advogados. Em outros tempos fomos idealistas. Por que não podemos voltar a sê-lo?

— Por causa das hipotecas.

— Não estou tentando recrutar ninguém. Você tem três filhos; felizmente Claire e eu não temos nenhum. Posso me dar ao luxo de ter a minha loucura. Um aquecedor que estava a um canto, e que eu ainda não vira, começou a zumbir e a assobiar. Olhamos para ele e ficamos à espera de um pouco de calor. Passou um minuto. Dois.

— Eles vêm atrás de você, Michael — disse ele, continuando a olhar para o aquecedor, mas sem ver.

— Eles? Quer dizer nós?

— Exatamente. A firma. Você não pode roubar um processo. Pense no cliente. O cliente tem o direito a esperar confidencialidade. Se um processo sai da firma, esta não pode fazer outra coisa que não seja ir atrás dele.

— Um processo-crime?

— Talvez. Eles estão furiosos, Michael. Não pode culpá-los. Também falam de uma ação disciplinar junto da Associação. É provável que haja uma interdição do exercício da advocacia. O Rafter já está trabalhando nisso.

— Porque não havia o Senhor de ter apontado um pouco mais para baixo?

— Eles estão sendo duros.

— A firma tem mais a perder do que eu.

Barry fitou-me. Não sabia o que estava no processo.

— Há algo mais para além do Senhor? — perguntou.

— Muito mais. A firma está tremendamente exposta. Se eles vieram atrás de mim, eu vou atrás da firma.

— Não pode usar um processo roubado. Nenhum tribunal deste país o aceitará como prova. Você não entende nada de litigância.

— Estou aprendendo. Diga-lhes que recuem. Lembre-se que eu tenho o processo e que a história suja está lá.

— Eles não passavam de um grupo de intrusos, Michael.

— A situação é mais complicada do que isso. Alguém precisa se sentar à mesa com o Braden Chance e saber a verdade. Diga a Rafter para fazer o trabalho de casa antes de fazer acrobacias. Acredite em mim, Barry, que isto é um assunto de primeira página. Vocês vão ter medo de sair de casa.

— Então propõe uma trégua? Você fica com o processo e nós o deixamos em paz? — Por hora. Não sei o que se passará na próxima

semana ou na outra.

— Porque não fala com Arthur? Eu me proponho a intermediar. Nos fechamos em uma sala e tratamos disto. O que diz? — É muito tarde. As pessoas estão mortas.

— O Senhor suicidou-se.

— Há outras pessoas.

E com isto, eu já dissera o suficiente. Apesar de Barry ser meu amigo, iria repetir a maior parte da nossa conversa aos patrões.

— Quer explicar-se? — disse ele.

— Não posso. É confidencial.

— Isso soa a falso, vindo de um advogado que rouba processos.

O aquecedor gorgolejou e arrotou, e por instantes foi mais fácil olhar para ele do que conversar. Nenhum de nós queria dizer coisas de que viéssemos a nos arrepender mais tarde. Barry perguntou-me quem eram os outros empregados da clínica. Eu fiz um resumo rápido.

— É incrível — disse ele entredentes, mais de uma vez.

— Podemos manter-nos em contato? — disse ainda, à porta.

— Evidentemente.

DEZOITO

Demorei meia-hora para me orientar, o tempo que levamos para ir da clínica para a Samaritan House em Petworth, no Northeast. Mordecai encarregou-se da direção e da conversa; eu ia sentado, em silêncio, agarrado à minha pasta, tão nervoso como qualquer principiante que está prestes a ser atirado às feras. la de jeans, camisa branca e gravata, um velho casaco azul escuro, tênis Nike velhos e gastos e meias brancas. Deixara de fazer a barba. Era um advogado da rua e podia apresentar-me como tivesse vontade. Mordecai, evidentemente, reparara logo na minha mudança de estilo quando entrei no seu gabinete e anunciei que estava pronto para o trabalho. Não disse nada, mas ficou olhando para os Nikes. Já vira de tudo — caras de grandes empresas descendo das suas torres de marfim para passarem umas horas com os pobres. Por qualquer razão, sentiam-se obrigados a deixar crescer a barba e a vestir-se de sarja.

— A sua clientela será um misto de terços — disse ele, guiando mal só com uma mão e segurando a xícara de café com a outra, esquecendo-se que os outros veículos se acumulavam à nossa volta.

— Cerca de um terço são empregados, um terço são famílias com filhos, um terço são pessoas com perturbações mentais, um terço são veteranos. E cerca de um terço dos que têm direito a subsídio de habitação devido aos seus baixos rendimentos recebem-no. Nos últimos quinze anos, foram eliminadas dois milhões e meio de casas de renda limitada, e os programas federais de habitação sofreram cortes de setenta por cento. As pessoas que não têm para onde ir vivem nas ruas. Os governos equilibram os orçamentos à custa dos pobres.

As estatísticas avançaram sem esforço. Esta era a vida e a profissão de Mordecai. Como advogado treinado para guardar apontamentos meticulosos, resisti à tentação de abrir a pasta e começar a escrever. Limitei-me a ouvir.

— Esta gente tem empregos em que ganha o salário mínimo, portanto nem pensa em ter casa própria. Nem sequer sonha com ela. E os seus rendimentos não acompanharam a subida dos preços da habitação. Por isso ficam cada vez mais para trás, e ao mesmo tempo os programas de assistência são cada vez mais atingidos. Veja isto: só catorze por cento dos sem teto recebem subsídios. Catorze por cento! Verá muitos casos destes.

Com um guinchar de pneus paramos em um sinal vermelho, com o carro de Mordecai quase bloqueando o cruzamento. Só se ouviam buzinas à nossa volta. Deixei-me escorregar no banco, à espera de outra colisão. Mordecai não fazia a mínima ideia de que o seu carro estava impedindo o trânsito. Olhava em frente, como se estivesse em outro mundo.

— O que assusta neste caso é o que não se vê na rua. Cerca de metade desta gente pobre gasta setenta por cento do seu rendimento tentando manter a habitação que tem. Teoricamente, deviam gastar um terço. Há dezenas de milhares de pessoas nesta cidade que estão agarradas ao seu teto, um cheque que não foi recebido uma ida inesperada ao hospital, uma urgência que ninguém vê, e perdem a sua casa.

— Para onde vão?

— É raro irem diretamente para os abrigos. A princípio, vão para casa das famílias, e depois para as dos amigos. A pressão é enorme porque as famílias e os amigos também têm habitação subsidiada, e os contratos restringem o número de pessoas que podem habitar em cada uma. São obrigados a violar os contratos, o que pode conduzir a um despejo. Andam de um lado para o outro, às vezes deixam um filho com uma irmã e outro com uma amiga. As coisas vão de mal a pior. Muitos dos que não possuem um teto têm medo dos abrigos, e tentam evitá-los a todo o custo.

Mordecai fez uma pausa para beber o seu café.

— Por quê? — perguntei.

— Nem todos os abrigos são bons. Tem havido assaltos, roubos e até violações.

E era isto que eu tinha a esperar do resto da minha carreira de advogado.

— Me esqueci da arma — disse.

— Não lhe acontecerá nada. Há centenas de advogados oficiosos nesta cidade. Nunca ouvi dizer que nenhum tivesse sido atacado.

— Isso é agradável de ouvir.

Arrancamos de novo, um pouco mais seguros.

— Cerca de metade das pessoas têm qualquer problema de dependência, como o seu amigo Devon Hardy. E muito vulgar.

— O que se pode fazer por eles?

— Não muito, infelizmente. Restam alguns programas, mas é difícil encontrar uma cama. Conseguimos instalar o Hardy em uma unidade de recuperação para veteranos, mas ele fugiu. O dependente é que decide quando quer estar sóbrio.

— Qual é a droga preferida?

— O álcool. É o mais acessível. E muito crack, porque também é barato. Você vai ver de tudo, mas as drogas duras são muito caras.

— Quais serão os meus primeiros casos?

— Está nervoso, não está?

— Estou, e não tenho pista nenhuma.

— Descontraia-se. O trabalho não é complicado; exige paciência. Verá um que não recebe aquilo a que tem direito, talvez senha de

refeição. Um divórcio. Outro com uma queixa contra o senhorio. Uma disputa laboral. Tem garantido um processo criminal.

— Que tipo de processo criminal?

— Pequenas coisas. Nas zonas urbanas da América, a tendência é para criminalizar os sem teto. As cidades aprovaram toda a espécie de leis destinadas a perseguir aqueles que vivem nas ruas. Não podem pedir esmola, não podem dormir em um banco de jardim, não podem acampar debaixo de uma ponte, não podem guardar os objetos pessoais em um parque público, não podem sentar-se em um passeio, não podem comer em público. Muitos deles foram condenados pelos tribunais. Abraham fez um belo trabalho para convencer os juízes federais que estas más leis infringem os direitos consignados na Primeira Emenda. É por isso que as cidades reforçam as leis gerais, contra a vadiagem, a vagabundagem, a embriaguez em público. O seu alvo é os sem teto. Um tipo todo bem vestido embebeda-se e urina em um beco. Não tem importância. Um sem teto urina no mesmo beco e é preso por urinar em público. As rusgas são vulgares.

— Rusgas?

— Sim. Eles escolhem uma zona da cidade, expulsam todos os sem teto e atiram-nos para qualquer outro lado. Atlanta o fez antes dos Jogos Olímpicos — não podia ter aquela gente pobre pedindo esmola e dormindo nos bancos de jardim com o mundo inteiro vendo — por isso enviaram tropas especiais e eliminaram o problema. Depois a cidade gabou-se de que estava tudo muito bonito.

— Onde é que os puseram?

— Com certeza que não os levaram para abrigos porque não os têm. Obrigaram-nos a ir para outro lugar; atiraram-nos para outras zonas da cidade como se fossem lixo.

Um gole rápido de café enquanto ajustava o radiador, e nada de mãos no volante durante cinco segundos.

— Lembre-se, Michael, que todos têm de estar em qualquer lugar. Esta gente não tem alternativas. Se você tiver fome, pede que lhe deem de comer. Se estiver cansado, dorme onde puder. Se não tiver casa, tem de viver em qualquer lugar.

— Eles os prendem? — Todos os dias, e é uma política estúpida. Imagine um cara que vive na rua, entra e sai dos abrigos, trabalha em qualquer lugar em troca do salário mínimo, faz o que pode para subir e

tornar-se auto-suficiente. Depois é preso por dormir debaixo de uma ponte. Não quer dormir debaixo de uma ponte. É considerado culpado porque as autoridades municipais, com todo o brilhantismo, decretaram que é crime não ter uma casa. Tem de pagar trinta dólares para sair da cadeia, e mais trinta de multa. Sessenta dólares dos seus parcos recursos. Então sofre outro golpe. Foi preso, humilhado, multado, castigado e ainda se espera dele que reconheça o seu erro e descubra uma casa. Que saia das malditas ruas. Isto acontece na maioria das nossas cidades.

— Não seria preferível não sair da cadeia?

— Você foi a alguma cadeia ultimamente?

— Não.

— Não vá. Os policiais não estão preparados para lidar com os sem teto, sobretudo com os doentes mentais e os dependentes. As cadeias estão superlotadas. Primeiro, o sistema de justiça criminal é um pesadelo, e perseguir os sem teto só o entrava ainda mais. E aqui está a parte asinina: custa mais vinte e cinco por cento por dia manter uma pessoa na prisão do que fornecer-lhe abrigo, comida, transporte e serviços de aconselhamento. Estes teriam, evidentemente, uma vantagem a longo prazo. E isto não inclui os custos da detenção e do processo. Quase todas as cidades estão falidas, em especial Washington — é por isso que eles estão encerrando od abrigos, lembre-se -, mas gasta-se dinheiro transformando os sem teto em criminosos.

— Você parece estar à vontade na litigância — disse eu, embora ele não precisasse de incitamento.

— Estamos levantando um sem número de processos. Os advogados de todo o país estão atacando estas leis. As malditas cidades estão gastando mais em honorários de advogados do que em abrigos para os sem teto. Nova lorque, a cidade mais rica do mundo, não consegue abrigar a sua gente, que dorme nas ruas e pede esmola em Fifth Avenue, e isto incomoda os nova-iorquinos sensíveis, por isso eles elegem um cara qualquer que prometa limpar as ruas e recebe carta branca das autoridades municipais para interditar os sem teto, assim sem mais nem menos — não se pode pedir esmola, não se pode estar sentado no passeio, não se pode ser um sem teto — e cortam desalmadamente os orçamentos, fecham abrigos e reduzem a assistência, ao mesmo tempo que gastam uma fortuna pagando

advogados de Nova York para os defender por tentarem eliminar a gente pobre.

— Qual é a situação de Washington?

— Não é tão má como a de Nova lorque, mas não é muito melhor. Estávamos em uma zona da cidade na qual eu não teria me aventurado em pleno dia em um carro blindado, quinze dias antes. As montras dos estabelecimentos estavam repletas de grades de ferro pretas; os prédios de apartamentos eram altos, estruturas sem vida, com roupa pendurada nas varandas. Eram todos de tijolos cinzentos e ostentavam a insipidez arquitetônica do dinheiro federal gasto à pressa.

— Washington é uma cidade de negros com uma larga camada que vive bem. Atrai uma série de gente que quer mudar, uma série de ativistas e radicais. Pessoas como você.

— Dificilmente posso ser considerado um ativista ou um radical.

— Estamos na manhã de segunda-feira. Pense onde tem passado todas as manhãs de segunda feira nos últimos sete anos.

— Sentado à minha mesa.

— Uma mesa muito bonita.

— É verdade.

— No seu gabinete decorado com elegância.

— É verdade.

Mordecai me deu um grande sorriso e disse: — Agora você é um radical.

E com isto, deu por terminados os seus conselhos. À frente, à direita, encontrava-se um grupo de homens com várias camadas de roupa em cima do corpo, reunidos junto de um queimador portátil a gás, em uma esquina. Passamos por eles e estacionamos à beira do passeio. O edifício fora em tempos um centro comercial, há muitos anos. Em uma tabuleta pintada à mão lia-se: Samaritan House.

— É um abrigo particular — explicou Mordecai. — Tem noventa camas, comida decente e foi fundado por uma coligação de igrejas de Arlington. Há seis anos que vimos aqui.

Um furgão de um banco alimentar estava estacionado à porta; voluntários descarregavam caixotes de fruta e legumes. Mordecai falou com um homem de idade que estava à porta, e fomos autorizados a entrar.

— Vou dar uma volta rápida com você — disse Mordecai. Mantive-me perto dele enquanto atravessávamos o piso principal. Era um labirinto de pequenos corredores, todos ladeados por pequenos quartos quadrados feitos de divisórias sem pintura. Cada quarto tinha uma porta, com fechadura. Um estava aberto. Mordecai olhou lá para dentro e disse: — Bom dia.

Um homem franzino, com um olhar esgazeado, estava sentado na beira de um catre, olhando para nós mas sem dizer nada.

— Este é um bom quarto — disse Mordecai dirigindo-se a mim.- Tem privacidade, uma boa cama, espaço para arrumar coisas e eletricidade. Mexeu em um interruptor junto da porta e a lâmpada apagou-se. O quarto ficou às escuras por uns segundos, e depois ele voltou a acender a luz. Os olhos esgazeados do homem nem se mexeram.

O quarto não tinha teto; os velhos painéis do antigo centro comercial estavam dez metros acima.

— E quanto aos banheiros? — perguntei.

— Ficam nos fundos. Poucos abrigos têm banheiros individuais. Bom dia — disse ele ao residente, que retribuiu com um aceno de cabeça. Havia rádios ligados, alguns com música, outros com noticiários. As pessoas andavam de um lado para o outro. Era uma segunda-feira de manhã; tinham empregos e lugares onde estar.

— É difícil conseguir um quarto aqui? — perguntei, seguro da resposta.

— É quase impossível. Há uma lista de espera enorme, e o abrigo pode fazer a triagem de quem entra.

— Quanto tempo é que eles ficam aqui? — Varia. Três meses é talvez uma boa média. Este é um dos abrigos mais agradáveis, portanto aqui estão em segurança. Assim que começam a estabilizar, o abrigo começa a tentar realojá-los em habitações acessíveis. Mordecai apresentou-me a uma jovem com botas pretas de combate, que dirigia o local.

— O nosso novo advogado.

Foi assim que me apresentou. Ela me deu as boas-vindas. Falamos de um cliente que tinha desaparecido, e percorremos o corredor até encontrarmos o apartamento da família. Ouvi um bebê chorando e me aproximei de uma porta aberta. O aposento era um

pouco maior e estava dividido em cubículos. Uma mulher gorda que não tinha mais de vinte e cinco anos estava sentada em uma cadeira, nua da cintura para cima, amamentando uma criança, completamente indiferente ao fato de eu me encontrar a uns escassos três metros de distância. Duas crianças pequenas davam cambalhotas em cima de uma cama. De um rádio saía o som do rap.

Com a mão direita, a mulher agarrou o seio que estava livre e me ofereceu. Precipitei-me para o corredor e encontrei Mordecai. Esperavam-nos alguns clientes. O nosso gabinete ficava a um canto da sala de jantar, perto da cozinha. A nossa secretária era uma mesa desmontável que pedimos emprestada ao cozinheiro.

Mordecai abriu um arquivo que se encontrava no canto e começamos a trabalhar. Seis pessoas sentaram-se numa fila de cadeiras encostadas à parede.

— Quem é o primeiro? — perguntou Mordecai.

Uma mulher avançou com a sua cadeira. Sentou-se em frente dos advogados, ambos equipados com uma caneta e um bloco de apontamentos. Um era um veterano com experiência das leis da rua e o outro não tinha quaisquer referências.

A mulher chamava-se Waylene, tinha vinte e sete anos, dois filhos, e não tinha marido.

— Metade vêm do abrigo — disse-me Mordecai, enquanto tomávamos notas. — A outra metade vem das ruas.

— Levamos alguém?

— Quem não tiver onde ficar.

O problema de Waylene não era complicado. Trabalhara em um restaurante de fast food antes de sair por qualquer motivo que Mordecai considerou irrelevante, e deviam as duas últimas semanas. Como não tinha endereço permanente, o patrão enviara-lhe os cheques para o lugar errado. Os cheques tinham desaparecido; o patrão não estava preocupado.

— Onde estará na próxima semana? — perguntou Mordecai. Ela não tinha certeza, talvez estivesse ali. Andava à procura de emprego e, se arranjasse algum, podiam suceder-se outros acontecimentos e talvez se mudasse. Ou talvez arranjasse uma casa dela.

— Eu vou buscar o seu dinheiro e levo os cheques para o meu escritório. — Mordecai deu-lhe um cartão de visita. — Telefone para este

número daqui a uma semana.

A mulher pegou o cartão, agradeceu-nos e afastou-se.

— Telefone para o ex-patrão dela, identifique-se como advogado dela, seja simpático a princípio e depois arme um burburinho se eles não colaborarem. Se for necessário, passe por lá e traga você os cheques.

Tomei nota destas instruções como se fossem complicadas. Waylene tinha a receber duzentos e dez dólares. O último caso em que eu trabalhara na Drake & Sweeney era uma disputa em que estavam em causa novecentos milhões.

O segundo cliente não conseguiu apresentar um problema legal específico. Pretendia apenas falar com alguém. Estava embriagado ou era doente mental, talvez as duas coisas, e Mordecai levou-o à cozinha e arranjou-lhe um café.

— Alguns destes caras nem sequer se aguentam em uma fila — disse. O número três era uma residente do abrigo, há dois meses, portanto a questão do endereço era mais simples. Tinha cinquenta e oito anos, era limpa e arranjada, e viúva de um veterano. De acordo com a pilha de documentos que vasculhei enquanto o meu companheiro falava com ela, a mulher tinha direito aos benefícios. Mas os cheques eram enviados para uma conta bancária em Maryland, à qual ela não tinha acesso. Explicou isto. Os seus documentos provavam-no. Mordecai disse: — A VA é uma boa agência. Vamos tomar providências para que os cheques sejam enviados para lá.

A fila aumentava à medida que atendíamos os clientes com eficiência. Mordecai já vira tudo aquilo antes: senhas de refeição cujo envio fora interrompido por falta de um endereço permanente; a recusa de um senhorio em devolver a caução; abonos de família que não eram pagos; um mandado de captura por emissão de cheques falsos; um pedido de subsídio à Segurança Social para um deficiente. Duas horas depois, quando já tinham sido atendidos dez clientes, passei para a extremidade da mesa e comecei eu a atendê-los. No meu primeiro dia como advogado dos pobres, estava entregue a mim próprio, tomando notas e assumindo a mesma importância do meu colega. Marvis foi o meu primeiro cliente. Precisava se divorciar. Também eu. Depois de ouvir a sua história triste, tive vontade de correr para casa ao encontro de Claire e de lhe beijar os pés. A mulher de Marvin era uma prostituta, que fora uma pessoa decente até descobrir o crack. A droga obrigara-a a

aproximar-se de um traficante, depois de um cafetão, e por fim a ganhar a vida nas ruas. Durante esse tempo, roubou e vendeu tudo o que eles tinham e crivou-o de dívidas. O marido acusava-a de o ter levado à bancarrota. Ela levou os dois filhos e foi viver com o cafetão.

Falamos de algumas questões genéricas sobre o mecanismo do divórcio, e como eu tinha apenas conhecimentos básicos desenvencilhei-me como pude. Enquanto tomava os meus apontamentos imaginei Claire sentada no belo escritório da sua advogada, naquele preciso momento, finalizando os planos para dissolver a nossa união.

— Quanto tempo levará? — perguntou ele, me afastando do meu breve devaneio.

— Seis meses — respondi. — Acha que ela vai contestar?

— O que quer dizer?

— Ela vai concordar com o divórcio?

— Não falamos nisso.

A mulher saíra de casa há um ano, e pareceu-me que estávamos perante um bom caso de abandono. Se acrescentássemos o adultério, a vitória era certa. Marvis estava no abrigo há uma semana. Era asseado, sóbrio e andava à procura de trabalho. Gostei da meia hora que passei com ele e fiz votos para que conseguisse o seu divórcio.

A manhã passou depressa; o meu nervosismo desvaneceu-se. Estava tentando ajudar pessoas reais com problemas reais, pessoas humildes que não tinham mais ninguém a quem recorrer para obterem assistência jurídica. Deixavam-se intimidar não só por mim como pelo vasto universo de leis, regulamentos, tribunais e burocracias. Aprendi a sorrir e a fazê-los sentirem-se bem-vindos. Alguns pediram desculpa por não me poderem pagar. O dinheiro não era importante, disse-lhes eu. O dinheiro não era importante.

Ao meio-dia, cedemos a nossa mesa para que o almoço pudesse ser servido. A zona das refeições estava apinhada; a sopa estava pronta. Como estávamos na zona, paramos no Florida Avenue Grill e escolhemos comida soul. Eu era o único branco no restaurante cheio, mas estava me saindo bem com a cor da minha pele. Ainda ninguém tentara me assassinar. Ninguém parecia se importar com isso.



Sofia descobriu um telefone que, por acaso, funcionava. Estava debaixo de uma pilha de processos, na mesa mais próxima da porta. Agradeci-lhe e retirei-me para a privacidade do meu gabinete.

Contei oito pessoas sentadas em silêncio e à espera de Sofia, que não era advogada, e dos seus conselhos. Mordecai sugeriu que eu passasse a tarde trabalhando nos casos que tínhamos recebido durante a manhã na Samaritan. Eram dezenove, ao todo. Também deu a entender que eu deveria trabalhar bem para poder ajudar Sofia no atendimento.

Se eu julgava que o ritmo seria mais brando na rua, estava enganado. De repente, estava afundado nos problemas de outras pessoas. Felizmente, com a minha experiência de viciado no trabalho, estava à altura da tarefa. No entanto, o meu primeiro telefonema foi para a Drake & Sweeney. Pedi para falar com Hector Palma, do departamento de Bens Imobiliários, e fiquei à espera. Desliguei ao fim de cinco minutos e voltei a ligar. Por fim, atendeu uma secretária que voltou a deixar-me à espera. De repente, ouvi a voz abrasiva de Braden Chance: — Em que posso ajudá-lo? Engoli em seco e disse: — Queria falar com Hector Palma.

Tentei elevar o tom de voz e reduzir as palavras.

— Quem fala?

— Rick Hamilton, um antigo amigo da faculdade.

— Ele já não trabalha aqui. Desculpe.

Desligou, e eu fiquei olhando para o telefone. Pensei em falar com Polly e pedir que me ajudasse a procurar, vendo o que acontecera a Hector. Não lhe roubaria muito tempo. Ou talvez a Rudolph, ou Barry Nuzzo, ou ao meu solicitador favorito. Depois percebi que eles já não eram meus amigos. Eu fora embora. Ultrapassara os limites. Eu era o inimigo. Era sinônimo de problemas e os poderes superiores tinham-nos proibido de falar comigo. Havia três Hector Palma na lista telefônica. Quis telefonar-lhes, mas as linhas estavam ocupadas. O escritório tinha duas linhas e quatro advogados.

DEZENOVE

Não tive pressa de sair do escritório no fim do meu primeiro dia de trabalho. A minha casa era um sótão vazio, não muito maior do que qualquer dos cubículos da Samaritan House. Um quarto sem cama, uma sala com um televisor sem fios, uma cozinha com uma mesa de jogar cartas e sem geladeira. Tinha planos distantes e vagos para a equipar e decorar. Sofia saiu às cinco horas em ponto, como de costume. O bairro em que vivia era violento, e ela preferia estar em casa ao anoitecer, com as portas trancadas. Mordecai saiu por volta das seis, depois de passar meia hora falando comigo sobre o que se passara durante o dia. Não fique até muito tarde, avisou-me ele, e tente não sair sem ser acompanhado. Falara com Abraham Lebow, que tencionava ficar trabalhando até às nove, e combinamos sair juntos. Estacionar o carro perto. Andar depressa. Estar atento a tudo.

— Então o que acha? — perguntou ele, parando à porta antes de sair.

— Acho que é um trabalho fascinante. O contato humano é inspirador.

— Por vezes deixa-nos destroçados.

— Já deixou.

— Isso é bom. Se você chegar ao ponto em que não sofre, está na hora de se afastar.

— Comecei agora.

— Eu sei, e é bom contar com você. Sentimos aqui a falta de um peso pesado.

— Ainda bem que mereço a sua confiança.

Mordecai saiu e voltei a fechar a porta à chave. Já percebera que havia uma política, não verbalizada, de porta aberta. Sofia trabalhava na sala, e eu divertira-me durante a tarde ouvindo-a censurar os burocratas uns atrás dos outros enquanto todo o escritório ouvia.

Mordecai era um animal ao telefone e a sua voz profunda e rouca atroava os ares, fazendo toda a espécie de exigências e ameaças vis. Abraham era muito mais calado, mas a sua porta estava sempre aberta. Como ainda não sabia o que iria fazer, preferia manter a minha fechada. Tinha certeza de que eles seriam pacientes.

Telefonei para os três Hector Palma que vinham na lista. O primeiro não era o Hector que eu pretendia. Do segundo número, ninguém respondeu. Do terceiro respondeu uma gravação do verdadeiro Hector Palma. A mensagem era brusca: Não estamos em casa. Deixe mensagem. Responderemos ao seu telefonema. Era a voz dele.

Com os seus infinitos recursos, a firma tinha muitas maneiras e muitos locais para esconder Hector Palma. Oitocentos advogados, cento e setenta solicitadores, escritórios em Washington, Nova York, Chicago, Los Angeles, Portland, Palm Beach, Londres e Hong-Kong. Eram muito espertos para despedi-lo, porque ele sabia demais. Pagariam a ele o dobro, o promoveriam, e o transfeririam para outro escritório em outra cidade, com um apartamento maior.

Tomei nota do endereço que vinha na lista telefônica. Se a voz do gravador era a dele, talvez ainda não se tivesse mudado. Com os meus novos conhecimentos da rua, tinha certeza de que conseguiria encontrá-lo. Ouviu-se uma leve pancada na porta, que se abriu sozinha. A fechadura e o puxador estavam gastos e vacilantes, e a porta fechava-se mas o trinco soltava-se. Era Abraham.

— Tem um minuto? — perguntou, sentando-se.

Era o seu cumprimento de cortesia, a sua saudação. Tratava-se de um homem silencioso e distante, com uma aura forte e cerebral que me intimidaria se não tivesse passado os últimos sete anos em um edifício com quatrocentos advogados de todas as espécies. Encontrara e conhecera uma dúzia de Abrahams, tipos reservados e persistentes que pouco se importavam com as etiquetas sociais.

— Queria dar-lhe as boas-vindas — disse ele, lançando-se imediatamente numa justificativa apaixonada do Direito de interesse público. Oriundo da classe média de Brooklyn, estudara Direito em Columbia, passara três anos horríveis em uma empresa de Wall Street, quatro anos em Atlanta com um grupo que combatia a pena de morte, dois anos frustrantes no Monte do Capitólio, e, por fim, chamara-lhe a atenção um anúncio de uma revista de advogados para um lugar de advogado na 14ª Street Legal Clinic.

— O Direito é um chamado superior — disse ele. — É mais do que ganhar dinheiro.

Então, fez outro discurso, uma tirada contra as grandes firmas e os advogados que ganhavam milhões em honorários. Um amigo dele, de

Brooklyn, ganhava dez milhões por ano processando empresas de implantes mamários de costa a costa.

— Dez milhões por ano! Você podia abrigar e alimentar todos os sem teto de Columbia! De qualquer modo, estava deliciado por eu ter visto a luz, e lamentou o episódio do Senhor.

— O que faz exatamente? — perguntei. Estava gostando da nossa conversa. Ele era arrebatado e brilhante, com um vasto vocabulário que me deixava desarmado.

— Duas coisas. Programas de ação. Trabalho com outros advogados na formulação de leis. E dirijo o Contencioso, em geral em ações conjuntas. Processamos o Departamento do Comércio porque os sem teto foram largamente ignorados no censo de noventa. Processamos o sistema escolar local por se recusar a admitir filhos de pessoas sem teto. Processamos as autoridades regionais porque acabaram indevidamente com os vários milhares de subsídios de habitação sem o respectivo processo. Atacamos muitos dos estatutos destinados a criminalizar os sem teto. Processaremos quase tudo se os sem teto continuarem a ser prejudicados.

— É uma litigância complicada.

— É, mas, felizmente, aqui em Columbia temos muitos bons advogados que querem oferecer o seu tempo. Eu sou o treinador. Concebo o plano do jogo, reúno a equipe e depois marco os jogos.

— Você não vê os clientes?

— De vez em quando. Mas trabalho melhor quando estou ali no meu pequeno gabinete, sozinho. É por isso que me sinto satisfeito por você estar aqui. Precisamos de ajuda para o movimento.

Levantou-se de repente; a conversa terminara. Combinamos sair às nove em ponto, e ele desapareceu. No meio de um dos seus discursos, reparara que ele não usava aliança.

O Direito era a sua vida. O velho ditado segundo o qual o Direito era uma amante ciumenta fora elevado a outro nível por pessoas como Abraham e eu próprio. O Direito era tudo o que tínhamos.

A polícia local esperou até à uma hora da madrugada e depois atacou como se fosse um comando. Tocaram à campainha e começaram imediatamente a bater na porta com os punhos fechados. Quando Claire conseguiu perceber onde estava, sair da cama e vestir qualquer coisa

por cima do pijama, eles estavam chutando a porta, dispostos a arrombá-la.

— Polícia — anunciaram, depois de Claire, aterrada, ter perguntado quem era.

Abriu a porta devagar e depois recuou, horrorizada, no momento em que quatro homens — dois fardados e dois à paisana — irromperam pela casa, como se houvesse vidas em perigo.

— Para trás! — ordenou um.

Claire nem conseguiu falar.

— Para trás! — gritou ele.

Bateram com a porta. O chefe, o tenente Gasko, que envergava um terno castanho e barato, avançou e tirou da algibeira uns papéis dobrados.

— Você é a Claire Brock? — perguntou, fazendo lembrar o tenente Columbo no seu pior.

Ela fez um gesto afirmativo, de boca aberta.

— Sou o tenente Gasko. Onde está Michael Brock?

— Não mora mais aqui — conseguiu ela articular. Os outros três andavam de um lado para o outro, prontos a saltar sobre qualquer coisa. Gasko não acreditou. Mas não trazia um mandado de captura, apenas uma autorização de busca.

— Temos uma autorização de busca para este apartamento, assinada pelo juiz Kisner às cinco da tarde.

O homem desdobrou os papéis e estendeu-os para ela ver, como se a bela caligrafia pudesse ser lida e apreciada naquele momento.

— Por favor, afaste-se — disse ele.

Claire recuou ainda mais.

— O que procuram?

— Está nos papéis — disse Gasko, atirando-os para cima da bancada da cozinha.

Os quatro homens desaparecem no interior do apartamento. O telefone celular estava ao lado da minha cabeça, que descansava em cima de uma almofada no chão, junto da abertura do meu saco de dormir. Era a terceira noite que eu dormia no chão, o que correspondia a um certo esforço para me identificar com os meus novos clientes. Comia pouco, dormia ainda menos, tentava afeiçoar-me aos bancos de jardim e

aos passeios. O lado esquerdo do meu corpo estava roxo até o joelho, extremamente dolorido, e por isso eu dormia sobre o lado direito.

Era um pequeno preço a pagar. Tinha um teto, aquecimento, uma porta fechada à chave, um emprego, a segurança do pão de amanhã, o futuro. Encontrei o telefone celular e disse: — Alô?

— Michael! — disse Claire em voz baixa. — A polícia está revistando o apartamento.

— O quê?

— Estão aqui. São quatro e trazem um mandato de busca.

— O que querem?

— Procuram um processo.

— Estarei aí em dez minutos.

— Por favor, seja rápido.

Irrompi pelo apartamento como um possesso. Gasko foi o primeiro policial que encontrei.

— Sou Michael Brock. Quem diabo é você? — Tenente Gasko — disse ele com um sorriso trocista.

— Deixe-me ver os documentos de identificação.

Virei-me para Claire, que estava encostada a geladeira com uma xícara de café na mão.

— Arranje-me uma folha de papel — disse eu.

Gasko puxou a placa que trazia pregada no bolso do casaco e a exibiu.

— Larry Gasko — disse eu. — Você será o primeiro a ser processado, às nove horas da manhã. E quem é que veio com você? — Mais três — disse Claire, estendendo-me uma folha de papel. Acho que estão nos quartos.

Encaminhei-me para os fundos do apartamento, com Gasko atrás de mim e Claire atrás dele. Vi um policial à paisana no quarto de hóspedes, de gatas, espreitando para baixo da cama.

— Deixe-me ver a sua identificação — gritei-lhe.

Ele conseguiu levantar-se, pronto para lutar. Avancei um passo, cerrei os dentes e disse: — A identificação, idiota.

— Quem é você? — perguntou ele, recuando e olhando para Gasko.

— Michael Brock. Quem é você?

O homem exibiu o distintivo.

— Darrell Clark — anunciei em voz alta, enquanto escrevia.-O segundo réu.

— Você não pode nos processar — disse ele.

— Vai ver, grandalhão. Dentro de oito horas, no tribunal federal, processo-o por busca ilegal e exijo um milhão de dólares. E ganho, e com você um julgamento, e depois vou atrás de você até você entrar em falência. Os outros dois polícias saíram do meu quarto e rodearam-me.

— Claire — disse eu. — Vá buscar a câmara, por favor. Quero isto gravado.

Claire desapareceu no interior da sala.

— Temos um mandado assinado por um juiz — disse Gasko, um pouco na defensiva. Os outros três avançaram um passo para apertarem o cerco.

— A busca é ilegal — disse eu com azedume. — As pessoas que assinaram o mandado serão processadas. Todos vocês serão processados. Serão suspensos, talvez sem salário, e enfrentarão um processo cível.

— Temos imunidade — disse Gasko, olhando para os colegas.

— O diabo que têm.

Claire voltou com a câmara.

— Disse-Ihes que eu não moro aqui? — perguntei.

— Disse — respondeu ela, levantando a câmara à altura do olho.

— Mas vocês prosseguiram a busca. Nesse momento ela passou a ser ilegal. Deviam ter parado, mas é claro que isso não teria graça nenhuma, não é? É muito mais engraçado meter o nariz nos objetos particulares das outras pessoas. Vocês tiveram uma oportunidade, rapazes, e a desperdiçaram. Agora vão sofrer as consequências.

— Você é louco — disse Gasko.

Tentavam não se mostrar amedrontados, mas sabiam que eu era advogado. Não tinham me encontrado no apartamento, por isso talvez eu soubesse do que estava falando. Não sabia. Mas naquele momento, parecia que sim. O terreno em que pisava era muito frágil.

Ignorei-o.

— Seus nomes, por favor — disse, dirigindo-me aos dois polícias fardados, que exibiram os distintivos. Ralph Lilly e Robert Blower. — Obrigado, disse eu, como um verdadeiro espertalhão.

— Serão os réus número três e quatro. Agora, ponham-se a andar.

— Onde está o processo?

— O processo não está aqui porque eu não moro aqui. É por isso que vocês vão ser processados, agente Gasko.

— Estamos constantemente sendo processados, não faz mal.

— Ótimo. Quem é o seu advogado?

O homem não conseguiu se lembrar-se do nome de nenhum nos segundos cruciais que se seguiram. Encaminhei-me para a saleta e eles foram atrás de mim, relutantes.

— Saiam. O processo não está aqui — disse.

Claire apontava a câmara de vídeo para eles, o que os obrigou a reduzir a agressividade. Blower disse qualquer coisa em voz baixa acerca dos advogados, enquanto todos caminhavam para a porta.

Depois de saírem, li o mandado. Claire me observava, bebendo café na mesa da cozinha. O choque da busca dissipara-se; mostrava-se mais uma vez reservada, fria como gelo. Não admitiria que estava assustada, nem se mostraria minimamente vulnerável, e não estava disposta a dar a impressão de que precisava de mim para alguma coisa.

— O que há no dossiê? — perguntou.

Não estava interessada em saber. O que Claire queria era uma garantia de que aquilo não voltaria a acontecer.

— É uma longa história.

Por outras palavras, não faças perguntas. Ela entendeu.

— Vai mesmo processá-los?

— Não. Não há fundamento para um processo. Só quis me ver livre deles.

— Deu certo. Eles podem voltar?

— Não.

— É bom ouvir isso.

Dobrei o mandato de busca e enfiei-o no bolso. Só visava uma coisa: o dossiê da RiverOaks/TAG, que naquele momento estava bem escondido nas paredes da minha nova casa, junto de uma fotocópia.

— Disse-lhes onde moro? — perguntei.

— Eu não sei onde mora — respondeu ela.

Seguiu-se um espaço de tempo durante o qual não seria lógico que ela me perguntasse onde é que eu vivia. Não o fez.

— Lamento muito que isto tenha acontecido, Claire.

— Não faz mal. Mas prometa-me que não volta a acontecer.

— Prometo.

Saí sem um abraço, um beijo, um contato físico de qualquer espécie. Dei-lhe apenas boa-noite e fui embora. Era precisamente isso que ela queria.

VINTE

Terça-feira era dia de recepção na Comunity for Creative Non Violence, ou CCNV, sem dúvida o maior abrigo de Columbia. Mais uma vez, Mordecai foi ao volante. Tencionava acompanhar-me durante a primeira semana e depois deixar-me entregue à cidade.

As minhas ameaças e avisos a Barry Nuzzo tinham caído em saco vazio. A Drake & Sweeney iria atacar com força, e eu não estava admirado. A saída do meu ex-apartamento antes do nascer do sol era um rude aviso do que estava para vir. Tinha de contar a Mordecai o que fizera.

Assim que entramos no carro e arrancamos, disse: — Separei-me da minha mulher. Saí de casa.

O pobre homem não estava preparado para tão más notícias às oito horas da manhã.

— Lamento — disse ele, olhando para mim e quase atropelando um peão distraído.

— Não lamente. Esta manhã, a polícia invadiu o apartamento onde eu vivia, à minha procura, e, especificamente, à procura de um processo que eu trouxe quando saí da firma.

— Que tipo de processo? — O processo de Devon Hardy e de Lontae Burton.

— Sou todo ouvidos.

— Como agora sabemos, Devon Hardy fez reféns e se deixou matar porque a Drake & Sweeney o despejou do lugar onde vivia. Com ele, foram despejadas mais dezesseis pessoas, e algumas crianças. Lontae e a família estavam neste grupo.

Mordecai ficou pensado e depois disse: — Esta cidade é muito pequena.

— Por acaso, o armazém abandonado ficava no terreno que a RiverOaks tencionava usar para a construção de um edifício dos Correios. É um projeto de vinte milhões de dólares.

— Conheço o edifício. Sempre foi usado por ocupantes ilegais.

— Mas eles não são ocupantes ilegais, pelo menos creio que não.

— Tem impressão? Ou tem certeza?

— Por agora, não tenho certeza. O processo foi falsificado; houve documentos retirados e acrescentados. Um solicitador chamado Hector Palma é que fez o trabalho sujo, as visitas ao local, e o despejo propriamente dito, e passou a ser o meu informante. Mandou-me um bilhete anônimo dizendo que os despejos eram ilegais. Enviou-me um conjunto de chaves para eu ter acesso ao processo. Desde ontem que já não trabalha aqui no escritório.

— Onde está?

— Eu gostaria muito de saber.

— Ele lhe deu as chaves? — Não mas entregou. Deixou-as em cima da minha mesa, com instruções.

— E você as usou? — Usei.

— Para roubar um processo? — Não pretendia roubá-lo. Vinha para cá fotocopiá-lo quando um idiota qualquer não respeitou um sinal vermelho e me mandou para o hospital.

— Foi o dossiê que fomos buscar no seu carro? — Foi. Eu ia fotocopiá-lo, voltar a pô-lo no seu lugar, na Drake & Sweeney, e ninguém saberia de nada.

— Questiono a sensatez desse passo.

Mordecai teve vontade de me chamar estúpido, mas a nossa relação ainda era recente.

— O que falta lá? — perguntou.

Resumi a história da RiverOaks e a sua corrida para construir o edifício dos Correios.

— A pressão estava em conseguir o terreno depressa. Palma foi ao armazém pela primeira vez e foi assaltado. O memorando está no dossiê. Voltou lá, dessa vez com um guarda, e esse memorando falta. Foi devidamente registrado no diário do processo, mas depois foi retirado, talvez por Braden Chance.

— Então o que há no memorando? — Não sei. Mas calculo que Palma inspecionou o armazém, encontrou os ocupantes nos seus apartamentos improvisados, falou com eles, e soube que estavam de fato pagando aluguel a Tillman Gantry. Não eram ocupantes, mas sim inquilinos, com direito a todo o tipo de proteção da lei do inquilinato. Nessa altura, a bola destruidora ia a caminho, o local tinha de ser

encerrado, e Gantry estava prestes a perder o negócio, pelo que o memorando foi ignorado e efetuou-se o despejo.

— Eram dezessete pessoas.

— Sim, e algumas crianças.

— Sabe os nomes dos outros? — Sei. Alguém me deu uma lista; desconfio que foi o Palma. Estava em cima da minha mesa. Se conseguirmos descobrir essa gente, temos testemunhas.

— Talvez. Mas é mais provável que esse tal Gantry os tenha intimidado. Ele é um valentão, armado, imagina-se um padrinho. Quando diz às pessoas para se calarem, ou elas se calam ou são encontradas boiando em um rio.

— Mas você não tem medo dele, não é, Mordecai? Vamos à procura dele, nós o pressionamos, ele há-de ceder e contar tudo — Você anda há muito tempo nas ruas, não anda? Contratei um idiota.

— Ele vai fugir quando nos vir.

O humor não funcionou nesse momento. Nem o radiador, embora a ventoinha girasse a toda a velocidade. O carro estava ficando gelado.

— Quanto é que Gantry recebeu pelo edifício? — perguntou ele.

— Duzentos mil. Tinha-o comprado há seis meses; não consta do processo por quanto.

— De quem o comprou ele? — Da cidade. Estava abandonado.

— Talvez tenha pago cinco mil por ele. Dez, no máximo.

— Não foi um mau negócio.

— Não foi. Isso é uma promoção para Gantry. Ele se mete em tudo — apartamentos duplex, lavagem de carros, mercearias de conveniência, pequenas aventuras.

— Porque terá comprado o armazém e alugado o espaço para apartamentos baratos? — Por dinheiro. Digamos que ele pagou cinco mil pelo armazém e gastou mais mil mandando levantar umas paredes e instalando uns banheiros. Conseguiu a eletricidade e entrou no negócio. A novidade espalha-se; os inquilinos aparecem; ele cobra-lhes cem dólares por mês, pagáveis só a dinheiro. Encarrega-se de que o local continue a parecer uma lixeira, para que, se as autoridades municipais aparecerem, diga que se trata apenas de um grupo de ocupantes. Promete expulsá-los, mas não tenciona fazê-lo. Isso está sempre acontecendo. Alugueis ilegais para habitação.

Eu ia perguntar-lhe porque é que a Câmara não intervinha nem reforçava as leis, mas felizmente contive-me. A resposta estava nos buracos, tão numerosos que era impossível contá-los; e na frota da polícia, um terço da qual era um perigo; e nas escolas com os telhados caindo; e nos hospitais com os doentes enfiados em armários; e nas cinco mil mães com filhos que não conseguiam arranjar um teto. A cidade não funcionava, pura e simplesmente. E um senhorio diferente dos outros, que tirasse mesmo as pessoas das ruas, parecia não ser uma prioridade.

— Como tenciona encontrar o Hector Palma? — perguntou ele.

— Calculo que a firma tenha sido suficientemente esperta para não despedi-lo. Eles têm mais sete escritórios, por isso imagino que o tenham arrumado em qualquer lado. Mas vou encontrá-lo.

Estávamos no centro da cidade. Ele apontou e disse: — Está vendo aqueles atrelados uns em cima dos outros? É Mount Vernon Square.

Era metade de um quarteirão, rodeado por uma vedação alta para que não se visse nada de fora. Os atrelados eram de vários formatos e tamanhos, uns delapidados e todos imundos.

— É o pior abrigo da cidade. Aqueles são antigos atrelados dos Correios que o governo deu ao distrito, que por sua vez teve a brilhante ideia de os encher de pessoas sem teto. Estão amontoadas naqueles atrelados como sardinhas em lata.

Na Second and D, Mordecai apontou para um prédio de três andares, comprido — abrigava mil e trezentas pessoas.

O CCNV foi fundado no princípio dos anos setenta por um grupo de opositores à guerra, que tinham se reunido em Washington para atormentar o governo. Viviam juntos em uma casa em Northwest. Durante os seus protestos à volta do Capitólio conheceram veteranos do Vietnã que não tinham casa e começaram a aceitá-los. Mudaram-se para umas instalações maiores, para vários lugares nos arredores da cidade, e o seu número foi aumentando. Depois da guerra, viraram-se para a causa dos sem teto de Columbia. No princípio dos anos oitenta, um ativista chamado Mitch Snyder apareceu em cena, e depressa se tornou uma voz apaixonada e barulhenta em defesa das pessoas da rua.

O CCNV encontrou um colégio abandonado, construído com dinheiro federal e que ainda pertencia ao governo, e invadiu-o com

seiscentas pessoas sem teto. O edifício passou a ser a sua sede e a sua casa. Foram feitas várias tentativas para desaloja-los, mas nenhuma foi bem sucedida. Em 1984, Snyder suportou uma greve da fome de cinquenta e um dias para chamar a atenção para o desprezo a que eram votados os sem teto. A um mês de ser reeleito, o presidente Reagan anunciou que pretendia transformar o edifício num abrigo-modelo para os que não tinham casa. Snyder terminou a sua greve. Todos ficaram satisfeitos. Depois das eleições, Reagan renegou a sua promessa, e seguiram-se litígios desagradáveis de toda a espécie. Em 1989, a Câmara construiu um abrigo em Southeast, longe do centro da cidade, e começou a planejar a retirada dos sem teto do CCNV. Mas descobriu que eles não eram para brincadeiras. Não queriam sair. Snyder anunciou que estavam pregando tábuas nas janelas e a preparando-se para um cerco. Os boatos aumentavam — lá dentro estavam oitocentas pessoas da rua; havia armas em quantidade; seria uma guerra aberta.

A Câmara recuou nos prazos e conseguiu fazer a paz. O CCNV passou a ter três mil e cem camas. Mitch Snyder suicidou-se em 1990, e a Câmara deu o nome dele a uma das ruas da cidade.

Eram quase oito e meia quando chegamos, a hora a que os residentes saíam. Muitos tinham emprego, e quase todos queriam sair durante o dia. Uma centena de homens aglomerava-se à entrada, fumando cigarros e com a conversa agradável de quem acordara numa manhã fria depois de ter passado uma noite quente.

Do lado de dentro da porta do primeiro andar, Mordecai falou com um supervisor que se encontrava na bolha. Assinou o nome e atravessamos o átrio, abrindo caminho por uma multidão de homens que saíam apressados. Tentei não pensar que era branco, mas era impossível. Estava razoavelmente bem vestido, de casaco e gravata. Conhecera muita gente durante toda a minha vida, e sentia-me à deriva em um mar de negros — jovens da rua de aspecto violento, a maioria dos quais tinha antecedentes criminais, embora poucos fossem os que tinham três dólares no bolso. Talvez um deles me partisse o pescoço e me levasse a carteira. Evitei o contato visual com eles e olhei para o chão, com um ar carrancudo. Esperamos à porta da sala das consultas.

— As armas e as drogas estão automaticamente proibidas — disse Mordecai, ao vermos os homens descendo as escadas. Senti-me um pouco mais seguro.

— Alguma vez se sentiu nervoso aqui? — perguntei.

— Habituamo-nos a isto.

Era fácil para ele dar esta resposta. Falava a mesma linguagem. Na parede, ao lado da porta, estava uma folha de inscrição para as consultas jurídicas. Mordecai pegou nela e examinou os nomes dos nossos clientes. Treze, até aquele momento.

— Um pouco abaixo da média — disse.

Enquanto esperávamos pela chave, ele fez-me um breve resumo.

— Ali é a estação dos correios. Uma das partes frustrantes deste trabalho é conseguirmos manter-nos em contato com os nossos clientes. Os endereços são instáveis. Os bons abrigos permitem que as pessoas enviem e recebam correspondência. — Apontou para outra porta ao lado. — Ali é a rouparia. Recebem trinta a quarenta novas pessoas por semana. O primeiro passo é o exame médico, e a tuberculose é a doença mais temida. O segundo é uma ida à rouparia para escolherem três mudas de roupa — roupa de baixo, meias, tudo. Uma vez por mês, o cliente pode vir buscar mais uma troca, para que no fim do ano tenha um guarda-roupa decente. Isto não é lixo. Recebem mais donativos de roupa do que precisam.

— Um ano?

— Exatamente. Mandam-nos embora ao fim de um ano, o que a princípio pode parecer cruel. Mas não é. O objetivo é a auto-suficiência. Quando um cara entra aqui, sabe que tem doze meses para se desinfetar, para deixar de beber, para adquirir certos conhecimentos e para encontrar um emprego. Muitos vão embora antes dos doze meses. Alguns gostariam de ficar aqui para sempre. Um homem chamado Ernie aproximou-se de nós com uma argola de chaves impressionante. Abriu a porta da sala e desapareceu. Nós nos instalamos e estávamos prontos para começar. Mordecai dirigiu-se para a porta com o papel na mão e chamou o primeiro nome: — Luther Williams.

Luther mal cabia na porta e a cadeira guinchou quando se atirou para cima dela à nossa frente. Vestia uma farda verde, meias brancas, e sandálias de borracha cor-de-laranja. Trabalhava de noite em uma caldeira embaixo do Pentágono. Uma namorada saíra de casa e levara-lhe tudo, e depois fizera dívidas. O homem perdeu o apartamento e tinha vergonha de estar no abrigo.

— Só preciso de um tempo — disse, e eu tive pena dele. Tinha muitas contas para pagar. As agências de crédito não o largavam. Estava escondido temporariamente no CCNV.

— Vamos decretar falência — disse-me Mordecai.

Eu não sabia como se decretava falência. Fiz um sinal afirmativo, de sobrolho carregado. Luther pareceu-me satisfeito. Preenchemos formulários durante vinte minutos e, quando ele saiu, era um homem feliz. O cliente seguinte era Tommy, que entrou graciosamente na sala e estendeu uma mão com as unhas pintadas de vermelho. Apertei-a; Mordecai, não. Tommy estava em um programa de recuperação para toxicodependentes em tempo integral — crack e heroína — e devia dinheiro de impostos. Não pagara impostos durante três anos, e as Finanças tinham descoberto de repente a sua omissão. Também não pagara duzentos dólares de pensão de alimentos ao filho. Fiquei um pouco aliviado ao saber que ele era pai. O programa de reabilitação era intensivo — sete dias por semana — e impedia-o de trabalhar.

— Você não pode deixar de pagar a pensão de alimentos nem os impostos — disse Mordecai.

— Bem, eu não posso trabalhar por causa do programa de reabilitação, e se deixar de frequentá-lo, volto outra vez à droga. Portanto, se não posso trabalhar e não posso deixar de pagar, o que posso fazer? — Nada. Não se preocupe com isso até acabar o programa de reabilitação e arranjar emprego. Depois telefone a Michael Brock, neste telefone. Tommy sorriu e piscou-me o olho. Depois saiu da sala.

— Acho que ele gosta de você — disse Mordecai.

Ernie trouxe outra folha de assinaturas com onze nomes. Havia uma fila à porta. Adotamos a estratégia da separação. Eu fui para o outro extremo da sala. Mordecai ficou onde estava, e começamos a receber dois clientes de cada vez. O meu primeiro era um jovem acusado de tráfico de droga. Escrevi tudo o que pude para reproduzir a Mordecai no escritório.

O seguinte foi um espetáculo que me chocou: um branco, com cerca de quarenta anos, sem tatuagens, cicatrizes na cara, dentes lascados, brincos, olhos injetados de sangue ou nariz vermelho. Não fazia a barba há uma semana e rapara o cabelo há um mês. Quando apertamos as mãos, reparei que as dele era macias e úmidas. Chamava-se Paul Pelham, e vivia há três meses no abrigo. Fora médico.

Drogas, divórcio, falência e a revogação da sua licença, tudo passara à história; recordações recentes de um passado que se dissipava. Ele só queria falar com alguém, de preferência com um branco. De vez em quando, olhava com medo para Mordecai.

Pelham fora um ginecologista distinto em Scranton, Pennsylvania — uma grande casa, um Mercedes, uma bela mulher e dois filhos. Primeiro abusara do Valium, depois tornara-se dependente de drogas mais fortes. Também se iniciara nas delícias da cocaína e na carne de várias enfermeiras da sua clínica. Por outro lado, negociava em propriedades com muitos financiamentos bancários. Depois, deixou cair um bebê durante um parto de rotina. A criança morreu. O pai, um sacerdote muito respeitado, testemunhou o acidente. A humilhação de um processo judicial, mais drogas, mais enfermeiras, e tudo se desmoronou. Apanhou herpes através de um doente, contaminou a mulher, ela ficou com tudo e mudou-se para a Florida.

Eu fiquei fascinado com a sua história. Com todos os clientes que conhecera durante a minha breve carreira como advogado dos sem teto, quisera ouvir os pormenores tristes do processo que os fizera acabar na rua. Queria ter certeza de que não me aconteceria o mesmo; de que as pessoas da minha classe social não tinham de se preocupar com tal desventura. Pelham era fascinante porque, pela primeira vez, eu podia olhar para um cliente e dizer, sim, talvez eu pudesse estar no lugar dele. A vida podia conspirar para abater qualquer pessoa. E ele estava desejoso de falar nisso. Deu a entender que talvez o seu percurso não fosse indiferente à situação em que se encontrava. Eu ouvira o suficiente e ia a perguntar porque é que ele precisava de um advogado, quando ele disse: — Escondi algumas coisas na minha declaração de falência. Mordecai despachava os clientes enquanto os dois brancos; tagarelavam, por isso comecei a tirar apontamentos.

— Que tipo de coisas? O advogado que se encarregara da sua declaração de falência fora desonesto, disse, e depois lançou-se numa narrativa sinuosa sobre o modo como os bancos tinham executado as hipotecas muito cedo e o tinham arruinado. Falava em voz baixa, e sempre que Mordecai olhava para nós, Pelham se calava.

— E há mais — disse.

— O quê? — perguntei.

— Isto é confidencial, não é? Recorri a muitos advogados, mas paguei sempre. Deus sabe como lhes paguei.

— Isto é extremamente confidencial — disse eu com veemência. Podia trabalhar de graça, mas o pagamento ou não pagamento de honorários não afetava o dever de sigilo advogado/cliente.

— Você não pode contar isto a ninguém.

— Nem uma palavra.

Lembrei-me que viver em um abrigo para gente sem teto em Washington com mais mil e trezentas pessoas seria uma bela maneira de alguém se esconder. O homem pareceu-me satisfeito.

— Quando estava em declínio, descobri que a minha mulher andava com outro homem — disse ele ainda mais baixo. — Foi uma das minhas doentes que me contou. Quando examinamos mulheres nuas, elas contam-nos tudo. Fiquei destroçado. Contratei um detetive particular, e era mesmo verdade. O outro homem, bem, digamos que um dia desapareceu.

Pelham calou-se e esperou que eu reagisse.

— Desapareceu?

— Sim. Nunca mais ninguém o viu.

— Morreu? — perguntei, estupefato.

Ele fez um leve aceno de cabeça.

— Você sabe onde ele está?

Outro aceno.

— Há quanto tempo foi isso?

— Há quatro anos.

A minha mão tremia quando tentei tomar nota de tudo. Ele inclinou-se para a frente e segredou: — Era um agente do FBI. Um antigo amigo da faculdade, Penn State.

— Ora, ora — disse eu, duvidando que ele estivesse falando a verdade.

— Eles andam atrás de mim.

— Quem?

— O FBI. Andam atrás de mim há quatro anos.

— O que quer que eu faça?

— Não sei. Talvez arranjar um acordo. Estou cansado de ser seguido. Fiquei pensado nisto enquanto Mordecai acabava a consulta de

um cliente e começava outra. Pelham observava todos os seus movimentos.

— Preciso de algumas informações — disse. — Sabe o nome do agente?

— Sei. Sei quando e onde ele nasceu.

— E quando e onde ele morreu?

— Sim.

O homem não trazia notas nem papéis com ele.

— Porque não vai ao meu escritório? Leve essas informações. Não podemos falar aqui.

— Deixe-me pensar nisso — disse ele, olhando para o relógio. Explicou que era porteiro em meio período em uma igreja, e que estava atrasado. Dissemos adeus e foi embora.

Percebi rapidamente que um dos desafios de ser advogado da rua consistia em saber ouvir. Muitos dos meus clientes pretendiam apenas falar com alguém. Todos tinham sido agredidos e escorraçados de uma maneira ou de outra, e, como a assistência jurídica era gratuita, porque não descarregar nos advogados? Mordecai era um mestre na arte de tatear as histórias e de determinar se havia motivo para se abrir um processo. Eu ainda estava assustado pelo fato de haver gente tão pobre.

Também estava aprendendo que o melhor caso era aquele que podia ser resolvido ali mesmo, sem seguimento. Tinha um bloco cheio de pedidos de senhas de refeição, subsídios de habitação, assistência médica, cartões da Segurança Social e até cartas de motorista. Na dúvida, preenchíamos um formulário. Vinte e seis cliente passaram por nós até ao meio-dia. Saímos exaustos.

— Vamos dar um passeio a pé — disse Mordecai quando saímos do edifício. O céu estava límpido, o ar frio e refrescante depois de três horas fechados em uma sala abafada, sem janelas. Do outro lado da rua ficava o Tribunal Tributário, um edifício elegante e moderno. De fato, o CCNV estava rodeado de prédios muito mais bonitos e de construção mais recente. Paramos à esquina da Second and D e olhamos para o abrigo.

— O contrato de arrendamento deles expira daqui a quatro anos — disse Mordecai. — Os abutres da agências imobiliárias já andam a

rodeá-los. Está projetada a construção de um centro de convenções dois blocos mais abaixo.

— Vai ser uma luta desagradável.

— Vai ser uma guerra.

Atravessamos a rua e seguimos na direção do Capitólio.

— Aquele cara branco. Qual era a sua história? — perguntou Mordecai.

Pelham fora o único branco.

— É espantoso — disse eu, sem saber por onde começar. — Em tempos foi médico, na Pennsylvania.

— Quem é que anda a persegui-lo agora?

— O quê?

— Quem é que anda a persegui-lo agora?

— O FBI.

— É curioso. Da última vez era a CIA.

Os meus pés imobilizaram-se; os dele, não.

— Já o conhecia?

— Sim, ele faz a ronda. Chama-se Peter ou sei lá o que.

— Paul Pelham.

— Isso também muda — disse ele, por cima do ombro. — Conta uma grande história, não é verdade? Não consegui falar. Fiquei ali, vendo Mordecai afastar-se, de mãos bem metidas na gabardina, e com os ombros tremendo de tanto se rir.

VINTE E UM

Quando reuni coragem para explicar a Mordecai que precisava da tarde livre, ele informou-me muito bruscamente que a minha posição era igual à dos outros, que ninguém vigiava as minhas horas e que, se precisasse de tempo de folga, que o tirasse. Saí do escritório depressa. Aparentemente só Sofia é que deu por isso.

Passei uma hora discutindo a indenização. O Lexus estava um destroço; a minha companhia oferecia vinte e um mil quatrocentos e oitenta dólares, com a liberdade de ir depois atrás da seguradora do Jaguar. Eu devia ao banco dezesseis mil dólares, portanto fiquei com cinco mil e uns trocos, decerto o suficiente para comprar um carro

adequado à minha nova posição de advogado dos pobres e que não tentasse os ladrões de automóveis. Perdi mais uma hora na sala de espera do consultório do meu médico. Como era um advogado ocupado, com um telefone celular e muitos clientes, fervia, sentado no meio das revistas e ouvindo o tique-taque do relógio. Cheguei ao escritório da advogada de Claire às quatro horas em ponto, e uma recepcionista carrancuda e vestida como um homem veio ao meu encontro. Todo o local exalava vingança. Todos os sons eram antimasculinos: a voz dura e áspera da mulher que atendia o telefone; os sons de uma cantora country que saíam dos altifalantes; uma voz estridente que se ouvia de vez em quando no fundo do corredor.

As cores eram de tons pastel claro: alfazema, cor-de-rosa e bege. As revistas estavam ali para fazer uma declaração: casos dolorosos de mulheres, nada de futilidades nem de mexericos. Eram para ser admiradas pelas visitas, não para ser lidas.

Jacqueline Hume começara por ganhar muito dinheiro expulsando os médicos inconstantes, depois criara uma reputação feroz ao destruir dois senadores namoradeiros. O seu nome atemorizava todos os homens de Columbia com casamentos infelizes e com bons rendimentos. Eu estava ansioso por assinar os papéis e ir embora.

Mas tive de esperar meia hora, e estava prestes a fazer uma cena desagradável quando uma solicitadora veio buscar-me e me encaminhou para um gabinete no fundo do corredor. Estendeu-me o acordo de separação de fato e, pela primeira vez, encarei a realidade. Em título lia-se: Claire Addison Brock contra Michael Nelson Brock.

A lei exigia que estivéssemos separados durante seis meses antes de nos divorciarmos. Li o acordo com todo o cuidado, assinei-o e saí. No Dia de Ação de Graças estaria oficialmente solteiro outra vez.

A minha quarta parada da tarde foi no parque de estacionamento da Drake & Sweeney, onde Polly se encontrou comigo às cinco horas em ponto e me entregou duas caixas cheias com o resto das coisas do meu gabinete. Foi educada e eficiente, mas lacônica e, evidentemente, apressada. Talvez estivesse sob escuta.

Atravessei vários quarteirões a pé e parei em uma esquina de grande movimento. Encostado a um prédio, liguei para Barry Nuzzo. Ele estava em uma reunião, como de costume. Dei o meu nome e disse que era urgente. Trinta segundos depois Barry estava ao telefone.

— Podemos conversar? — perguntei, partindo do princípio que o telefonema estava sendo gravado.

— Claro.

— Estou no fundo da rua, na esquina da K e da Connecticut. Vamos tomar um café.

— Posso estar aí daqui a uma hora.

— Não. Ou é agora, ou esquece.

Não queria que os rapazes tramassem nada. Nem que tivessem tempo para instalar microfones.

— Está bem, vamos ver. Sim, está bem. Posso ir.

— Estou num Bingler's Coffee.

— Eu sei qual é.

— Estou esperando. E venha sozinho.

— Você tem assistido a muitos filmes, Mike.

Dez minutos depois, estávamos sentados à janela de um pequeno estabelecimento cheio de gente, tomando café quente e observando os peões da Connecticut.

— Porquê o mandado de busca? — perguntei.

— O processo é nosso. Você o tem e nós o queremos de volta. É muito simples.

— Não vão encontrá-lo, portanto parem com as malditas buscas.

— Onde mora agora? Grunhi e soltei uma gargalhada idiota.

— Em geral o mandado de captura segue-se ao mandado de busca — disse eu. — É assim que vai ser? — Não posso dizer.

— Obrigado.

— Ouça, Michael, vamos começar por assumir que você não tem razão. Levou algo que não é seu. Isso é roubar, pura e simplesmente. E, ao fazê-lo, tornou-se um adversário da firma. Eu, que sou seu amigo, continuo trabalhando lá. Não pode esperar que te ajude quando os seus atos estão prejudicando a firma. Foi você que criou esta confusão, não fui eu.

— Braden Chance não está contando tudo. O cara é um verme, um peru emproado que agiu mal e que agora está tentando salvar a pele. Ele quer que vocês pensem que se trata apenas de um processo roubado e que é mais seguro virem atrás de mim. Mas o processo pode deixar a firma em uma situação humilhante.

— Então o que você quer? — Desistam. Não cometam nenhum ato estúpido.

— Como mandar prendê-lo? — Sim, para começar. Tenho passado o dia olhando por cima do ombro e isso não tem graça nenhuma.

— Não devia roubar.

— Eu não pretendia roubar, entendeu? Fui buscar o processo. Tencionava fotocopiá-lo e devolvê-lo, mas não o fiz.

— Então admite finalmente que está com ele.

— Sim, mas também posso negá-lo.

— Está brincando, Michael, e isto não é nenhuma brincadeira. Vai acabar por te magoar.

— Não vou, se vocês desistirem. Por hora. Vamos fazer uma trégua por uma semana. Não há mais mandados de busca. Nem de captura.

— Muito bem, e o que dá em troca? — Não crio embaraços à firma com o processo.

Barry abanou a cabeça e bebeu o café.

— Não estou em posição de fazer acordos. Sou apenas um simples advogado.

— Arthur que está comandando as operações? — Evidentemente.

— Então diga ao Arthur que só falo com você.

— Está assumindo muitas coisas, Michael. Está assumindo que a firma quer falar com você. Sinceramente, eles não querem. Estão muito agitados com o roubo do processo e com o fato de se recusar a devolvê-lo. Não pode culpá-los.

— Chama-lhes a atenção, Barry. Este processo dá uma notícia de primeira página; títulos escaldantes com jornalistas barulhentos atrás de uma dúzia de notícias. Se for preso, vou direito ao Post.

— Perdeu o juízo.

— Talvez. Chance tinha um estagiário chamado Hector Palma. Ouviu falar dele?

— Não.

— Está fora do circuito.

— Nunca disse que estava lá dentro.

— Palma sabe demais sobre o processo. Desde então que já não trabalha onde trabalhava na semana passada. Não sei onde é que ele está, mas seria interessante descobrir. Pergunte ao Arthur.

— Devolva o processo, Michael. Não sei o que tenciona fazer com ele, mas não pode usá-lo no tribunal.

Bebi o café e levantei-me.

— Uma semana de trégua — disse eu, afastando-me. — E diga ao Arthur que o coloque no circuito.

— Arthur não recebe ordens suas — respondeu-me ele de chofre. Saí depressa, abrindo caminho entre as pessoas no passeio, praticamente correndo para Dupont Circle, ansioso por me afastar de Barry e de alguém que eles tivessem enviado para nos espiar.

De acordo com a lista telefônica, Palma morava num edifício de apartamentos em Bethesda. Como não tinha pressa e precisava pensar, dei a volta à cidade no Beltway, colado a milhões de outros automóveis.

Tinha todas as chances de ser preso dentro de uma semana. A firma não tinha alternativa senão vir atrás de mim, e se Braden Chance estivesse de fato escondendo a verdade a Arthur e à comissão executiva, porque não jogarmos no duro? Havia provas circunstanciais suficientes do meu roubo para convencer um magistrado a emitir um mandado de prisão.

O episódio do Senhor agitara a firma. Chance fora chamado, estava atado de pés e mãos, e era impensável que admitisse que agira mal. Mentira e fizera-o na esperança de conseguir alterar o conteúdo do processo e de sobreviver de qualquer maneira. Afinal, as suas vítimas eram apenas alguns vagabundos.

Como conseguira, então, livrar-se de Hector tão depressa? O dinheiro não era problema, visto que Chance era sócio. Se eu estivesse no lugar de Chance, teria oferecido dinheiro a Hector, dinheiro em uma mão e a ameaça de demissão imediata na outra. E teria telefonado a um colega de Denver, por exemplo, pedindo-lhe um favor — a transferência rápida de um solicitador. O que não teria sido difícil.

Hector estava em qualquer outro lugar, escondendo-se de mim e de quem lhe fizesse perguntas. Continuava empregado, talvez com um salário melhor.

E o polígrafo? Fora apenas uma ameaça utilizada pela firma contra Hector e eu próprio? Ele teria feito o teste e passado? Duvidava.

Chance precisava de Hector para manter a verdade oculta. Hector precisava de Chance para proteger o emprego. A dada altura, o sócio abandonara a ideia do polígrafo, se é que alguma vez a considerara realmente. O complexo de apartamentos era comprido e incoerente; tinham sido acrescentadas novas seções à medida que a cidade se expandia para norte, afastando-se do centro. As ruas circundantes estavam repletas de restaurantes de fast food, de bombas de gasolina, de clubes de vídeo, de tudo que as pessoas precisavam para poupar tempo.

Estacionei junto de um clube de tênis e fui dar uma volta. Não tinha pressa; não tinha para onde ir depois desta aventura. Os polícias locais podiam estar à espreita em qualquer lugar, com um mandado de captura e um par de algemas. Fiz um esforço para não pensar nas histórias de terror que ouvira contar sobre a prisão municipal.

Mas havia uma que estava gravada na memória a ferro e fogo. Há uns anos, em uma sexta-feira, depois de sair do emprego, um jovem advogado da Drake & Sweeney passara várias horas bebendo em um bar de Georgetown. Quando tentava chegar a Virginia, foi preso por suspeita de conduzir sob a influência do álcool. Na delegacia, recusou-se a fazer o teste da alcoolismo e foi imediatamente atirado para a masmorra dos bêbados. A cela estava superlotada; ele era o único cara de terno, o único com um belo relógio de pulso, bons sapatos e o único branco.

Tropeçou acidentalmente no pé de um colega e levou uma surra que o deixou ensanguentado. Passou três meses no hospital para lhe reconstituírem a face e depois foi para casa, em Wilmington, onde a família tomou conta dele. Os danos cerebrais foram ligeiros, mas suficientes para que não estivesse à altura dos rigores de uma grande empresa.

O primeiro escritório estava fechado. Segui pelo passeio, à procura de outro. Na lista telefônica não vinha o número do apartamento. Era um complexo seguro. Viam-se bicicletas e brinquedos de plástico nos pequenos pátios. Pelas janelas observavam-se famílias comendo e vendo televisão. As janelas não estavam protegidas com grades. Os automóveis estacionados nos parques eram de gama média, quase todos limpos e com as quatro portas. Um segurança impediu-me a passagem. Assim que verificou que eu não constituía qualquer ameaça,

apontou na direção do escritório principal, que ficava pelo menos a uns quatrocentos metros.

— Quantos apartamentos há aqui? — perguntei.

— Muitos — respondeu ele. Porque havia de saber o número exato? O guarda da noite era um estudante que estava comendo um sanduíche, com um livro de Física aberto à sua frente. Mas estava vendo o jogo dos Bullets e dos Knicks em um pequeno televisor. Perguntei-lhe por Hector Palma e dedilhou um teclado. Era o apartamento número G-134.

— Mas eles se mudaram — disse, com a boca cheia de comida.

— Sim, eu sei — retorqui. — Trabalhei com o Hector. Ele saiu da empresa na sexta-feira. Ando à procura de um apartamento e lembrei--me que talvez pudesse ver este.

O rapaz começou a abanar a cabeça antes de eu terminar a frase.

— Só aos sábados. Temos novecentos apartamentos. E há uma lista de espera.

— No sábado, não estarei aqui.

— Lamento — disse ele, dando outra dentada na sanduíche e continuando a ver o jogo.

Peguei a carteira.

— Quantos quartos tem? — perguntei.

O rapaz olhou para o monitor.

— Dois.

Hector tinha quatro filhos. Tinha certeza que a sua nova casa era mais espaçosa.

— Quanto é por mês?

— Setecentos e cinquenta.

Tirei uma nota de cem dólares, que ele viu logo.

— Vamos fazer um acordo. Você me dá a chave. Eu vou dar uma olhada e volto daqui a dez minutos. Ninguém saberá.

— Temos uma lista de espera — disse ele outra vez, pousando o sanduíche em um prato de papel.

— Está aí no computador? — perguntei, apontando.

— Está — respondeu ele, limpando a boca.

— Então seria fácil de alterar.

O rapaz tirou a chave de uma gaveta fechada e pegou o dinheiro.

— Dez minutos — disse.

O apartamento ficava perto, no térreo de um prédio de três andares. A chave funcionou. O cheiro de tinta fresca saiu pela porta ainda antes de eu entrar. De fato, ainda estavam pintando a casa; na sala de estar havia uma escada, panos e baldes brancos.

Uma equipe especializada na recolha de impressões digitais não teria encontrado vestígios do clã Palma. Todas as gavetas e armários estavam vazios; todas os carpetes e estofos tinham sido removidos e levados. Até as manchas da banheira e do vaso sanitário tinham desaparecido. Não se via pó, teias de aranha ou sujeira debaixo do lava-louça. A casa estava impecável. Todas as divisões tinham uma camada fresca de tinta branca, exceto a sala de estar, que ainda não estava acabada.

Regressei ao escritório e atirei a chave para cima do balcão.

— Então? — perguntou ele.

— É muito pequeno. Mas agradeço-lhe da mesma forma — respondi.

— Quer o seu dinheiro?

— Você está estudando?

— Sim.

— Então fique com ele.

— Obrigado.

Parei à porta e perguntei: — Palma deixou algum endereço?

— Julguei que você trabalhava com ele — disse o rapaz.

— É verdade — disse eu, fechando a porta rapidamente.

VINTE E DOIS

A mulher franzina estava sentada à nossa porta quando cheguei ao escritório na quarta-feira de manhã. Eram quase oito horas; o escritório estava fechado; a temperatura era negativa. A princípio, julguei que ela passara ali a noite, servindo-se da ombreira para se abrigar do vento. Mas quando ela me viu aproximar, levantou-se imediatamente e disse: — Bom dia.

Sorri, cumprimentei-a e comecei a procurar as chaves.

— É advogado? — perguntou ela.

— Sou.

— Para pessoas como eu? Calculei que não tivesse casa, e isso era tudo o que perguntávamos aos nossos clientes.

— Com certeza. Esteja à vontade — disse eu, abrindo a porta. Estava mais frio lá dentro do que lá fora. Ajustei um termostato, que não estava ligado a nada, tanto quanto consegui apurar. Fiz café e encontrei uns donuts em mau estado, na cozinha. Ofereci-os e ela comeu um.

— Como se chama? — perguntei. Estávamos sentados na sala da frente, junto da mesa de Sofia, à espera do café e rezando para que os aquecedores funcionassem.

— Ruby.

— Sou Michael. Onde mora, Ruby?

— Aqui e ali.

Vestia um agasalho de treino azul, e calçava meias castanhas grossas, e tênis brancos, sujos, sem marca. Tinha entre trinta e quarenta anos, era muito magra e ligeiramente estrábica.

— Ok — disse eu, com um sorriso. — Preciso saber onde mora. É em abrigo?

— Costumava viver em um abrigo, mas tive de sair. Ia ser estuprada. Arranjei um carro.

Eu não vi nenhum automóvel estacionado perto do escritório ao chegar.

— Tem um carro?

— Tenho.

— É você que o dirige?

— Não dirijo. Durmo lá atrás.

Eu estava fazendo perguntas sem um bloco de notas, algo a que não estava habituado. Enchi de café dois grandes copos de papel e fomos para minha sala onde, felizmente, o aquecedor estava vivo e gorgolejando. Fechei a porta. Mordecai estava chegando e nunca aprendera a arte de entrar sem fazer barulho.

Ruby sentou-se na beira da minha cadeira castanha desmontável, destinada aos clientes, com os ombros descaídos e toda a parte superior do corpo envolvendo a xícara de café, como se fosse a última coisa quente que tinha na vida.

— Em que lhe posso ser útil? — perguntei, equipado com uma série de blocos de notas.

— É o meu f ilho, o Terrence. Tem dezesseis anos e levaram-mo.

— Quem o levou?

— A cidade, as pessoas da adoção.

— Onde está ele agora?

— São eles que o têm.

As suas respostas eram pequenos acessos nervosos, que se seguiam imediatamente a cada pergunta.

— Porque não se descontrai e me fala do Terrence? — disse. E ela falou. Sem fazer qualquer esforço para olhar para mim, e com as duas mãos na xícara, contou a sua história. Há vários anos, não se lembrava há quantos, mas Terrence devia ter uns dez, viviam sozinhos em um pequeno apartamento. Ela foi presa por vender drogas. Esteve quatro meses na cadeia. Terrence foi viver com a irmã. Quando ela saiu, foi buscar Terrence, e ambos iniciaram uma vida de pesadelo nas ruas. Dormiam em automóveis, abrigavam-se em prédios vazios, dormiam debaixo de pontes quando o tempo estava quente e iam para os abrigos quando estava calor. Ela conseguiu mantê-lo na escola. Pedia esmola nos passeios; vendia o corpo — fazia partidas, como ela dizia — e vendia crack. Fazia o que podia para manter Terrence alimentado, decentemente vestido e na escola.

Mas ela era viciada e não conseguia livrar-se do crack. Ficou grávida, e quando a criança nasceu as autoridades municipais tiraram-lha imediatamente. Era uma criança que trazia droga nas veias.

Ruby parecia não gostar do bebê; só gostava de Terrence. As autoridades municipais começaram a fazer-lhe perguntas sobre dele, e mãe e filho deslizaram ainda mais para o universo sombrio dos sem teto. Desesperada, Ruby foi ao encontro de uma família para a qual trabalhara como criada, os Rowland, um casal cujos filhos eram crescidos e já não viviam com os pais. Os Rowland tinham uma casinha acolhedora perto da Universidade de Howard. Ruby ofereceu-se para lhes pagar cinquenta dólares por mês se Terrence pudesse viver com eles. Havia um quartinho por cima do alpendre dos fundos, que ela limpara muitas vezes, e que seria perfeito para Terrence. A princípio os Rowland hesitaram, mas por fim concordaram. Eram boas pessoas, nesse tempo. Ruby foi autorizada a ir visitar Terrence todas as noites, durante uma hora. As notas do rapaz melhoraram; estava limpo e em segurança, e Ruby estava satisfeita com si própria.

Reordenou a sua vida à volta disto: novas sopas dos pobres e jantares mais perto das casa dos Rowland; outros abrigos para emergências, outros becos, parques e carros abandonados. Todos os meses conseguia juntar o dinheiro e nunca faltava a uma visita ao seu filho.

Até que foi presa outra vez. A primeira detenção foi por prostituição; a segunda foi por dormir em um banco de jardim em Farragut Square. Talvez tivesse havido uma terceira, mas não se lembrava.

Uma vez levaram-na para a penitenciária quando alguém a encontrou caída na rua, inconsciente. Colocaram-na na ala destinada a viciados, mas saiu depois de três dias porque tinha saudades de Terrence. Uma noite, estava com ele no seu quarto quando o filho lhe olhou para a barriga e lhe perguntou se estava grávida outra vez. Ela respondeu que estava convencida disso. Quem era o pai?, perguntou ele. Ela não fazia ideia. Ele amaldiçoou-a e gritou de tal maneira que os Rowland pediram a Ruby que fosse embora. Durante a gravidez, Terrence pouco falou com ela. Era desolador — dormir em automóveis, pedir esmola, contar as horas que faltavam para o ver e depois ser ignorada durante uma hora, sentada a um canto do quarto enquanto ele fazia os trabalhos escolares.

Ruby começou a chorar quando chegou a este ponto da sua história. Eu tomava notas e escutava-a enquanto Mordecai andava na sala principal, de um lado para o outro, implicando com Sofia.

Do terceiro parto, apenas um ano depois, nascera mais um bebê com droga nas veias, que lhe fora imediatamente tirado pelas autoridades municipais. Ruby não viu Terrence durante os quatro dias em que esteve hospitalizada se recuperando do parto. Quando teve alta, regressou à única vida que conhecia. Terrence era um ótimo estudante, excelente em Matemática e em Espanhol, tocava trombone e representava em peças da escola. O seu sonho era ingressar na Escola Naval. Mr. Rowland e servir no Exército. Uma noite, Ruby foi visitar o filho em mau estado. Desencadeou-se uma discussão na cozinha quando Mrs. Rowland se encontrou com ela. Foram trocadas palavras duras; foram feitos ultimatos. Terrence estava no meio; três contra uma. Ou ela se emendava, ou seria expulsa daquela casa. Ruby declarou que levaria o filho e iria embora. Terrence disse que não ia a parte alguma.

Na noite seguinte, uma assistente social da Câmara estava à espera dela com uns documentos. Alguém fora ao tribunal. Terrence ia ser adotado. Os Rowland seriam os seus novos pais. Terrence já vivia com eles há três anos. As visitas cessariam até que ela fosse integrada em um programa de recuperação e se mantivesse desintoxicada durante um período de sessenta dias. Passaram-se três semanas.

— Quero ver meu filho — disse ela. — Tenho tantas saudades dele.

— Está em algum programa de recuperação? Ela abanou a cabeça e fechou os olhos.

— Por quê? Eu não sabia como é que um viciado das ruas era admitido em um programa de recuperação, mas chegara o momento de descobrir. Imaginei Terrence no conforto do seu quarto, bem alimentado, bem vestido, seguro, limpo, sóbrio, fazendo os trabalhos escolares sob a supervisão rigorosa de Mr. e Mrs. Rowland, que se tinham afeiçoado a ele quase tanto como a própria Ruby. Imaginava-o tomando o café da manhã à mesa da família, recitando listas de vocabulário e comendo cereais quentes, enquanto Mr. Rowland ignorava o jornal da manhã e punha à prova os conhecimentos de Espanhol do rapaz. Terrence era estável e normal, ao contrário da minha pobre cliente, que vivia num inferno. E Ruby queria que eu me encarregasse de reunir mãe e filho.

— Isso vai levar algum tempo — disse eu, sem fazer a mínima ideia do tempo que este caso levaria. Numa cidade em que quinhentas famílias aguardavam um pequeno espaço um abrigo de emergência, não podia haver muitas camas disponíveis para toxicodependentes.

— Você só voltará a ver o Terrence depois de se libertar da droga — disse, tentando não me mostrar compassivo.

Os olhos de Ruby marejaram de lágrimas, e ela não disse nada. Percebi o pouco que sabia da toxicodependência. Onde é que ela arranjava droga? Quanto lhe custava? Quantas vezes se drogava por dia? Quanto tempo durava o efeito? Quanto tempo levaria para ela se curar? Quais eram as suas chances de abandonar um hábito que tinha há mais de dez anos? E o que faziam as autoridades municipais com todas as crianças filhas de viciados? Ela não tinha documentos, nem endereço, nem identificação. Não tinha nada, a não ser uma história desoladora. Parecia totalmente satisfeita, ali sentada na minha cadeira, e

comecei a perguntar a mim mesmo quando poderia pedir para ir embora. O café desaparecera.

A voz estridente de Sofia trouxe-me de novo à realidade. À sua volta ouviam-se vozes alteradas. Quando corri para a porta, o meu primeiro pensamento foi que algum louco como o Senhor tivesse entrado por ali com uma arma. Mas as armas eram outras. O tenente Gasko estava de volta, mais uma vez rodeado de ajudantes. Três agentes fardados aproximavam-se de Sofia, que respondia sem dó nem piedade, mas em vão. Dois homens de jeans e de camisetas esperavam o momento de entrar em ação. Quando saí do meu gabinete, Mordecai saiu do dele.

— Olá, Mikey — disse Gasko dirigindo-se a mim.

— O que diabo é isto? — gritou Mordecai, fazendo estremecer as paredes. Um dos agentes fardados levou a mão ao revólver.

Gasko dirigiu-se a Mordecai.

— É uma busca — disse ele, puxando dos documentos necessários e atirando-os a Mordecai. — Mr. Green, é o senhor? — Sou — respondeu ele, tirando-lhe os documentos da mão.

— O que procura? — gritei eu a Gasko.

— A mesma coisa — respondeu ele, também gritando. — Entregue-o, e acabaremos com isto.

— Não está aqui.

— Que dossiê? — perguntou Mordecai, olhando para o mandado de busca.

— O dossiê dos despejos — respondi.

— Ainda não vi o seu processo — disse-me Gasko. Verifiquei que dois dos agentes fardados eram Lilly e Blower. — É só conversa.

— Rua! — gritou Sofia, quando Blower se aproximou da sua mesa. Gasko era o responsável.

— Ouça, minha senhora — disse ele, com o seu habitual sorriso trocista. — Podemos fazer isto de duas maneiras. Uma, a senhora senta-se naquela cadeira e cala-se. Duas, nós a algemamos e deixamos ficar sentada no banco traseiro de um carro durante as próximas duas horas.

Um dos agentes andava olhando os gabinetes laterais. Senti que Ruby se descontraía atrás de mim.

— Acalme-se. Acalme-se — disse Mordecai a Sofia.

— O que há lá em cima? — perguntou-me Gasko.

— Uma arrecadação — respondeu Mordecai.

— É sua?

— É.

— Ele não está aqui — disse eu. — Estão perdendo seu tempo.

— Então teremos de perdê-lo, não é verdade? Um potencial cliente abriu a porta principal, sobressaltando-nos. Percorreu rapidamente a sala com o olhar e depois viu os três homens fardados. Saiu depressa para a segurança da rua.

Pedi a Ruby que também fosse embora. Depois entrei no gabinete de Mordecai e fechei a porta.

— Onde está o processo — perguntou ele em voz baixa.

— Não está aqui, juro. Isto é só para nos atormentarem.

— O mandado parece válido. Houve um roubo; é razoável concluir que o processo estaria na posse do advogado que o roubou.

Tentei dizer qualquer coisa inteligente e própria de um advogado, lembrar-me de qualquer impedimento legal que pusesse termo à busca e expulsasse os polícias. Mas faltaram-me as palavras. Pelo contrário, senti-me envergonhado por ter feito com que a polícia andasse metendo o nariz no escritório.

— Tem uma cópia do processo? — perguntou ele.

— Tenho.

— Já pensou em devolver-lhes o original? — Não posso. Isso seria uma admissão de culpa. Eles não sabem ao certo se eu tenho o processo. E mesmo que o devolvesse, eles saberiam que eu o copiei.

Mordecai cofiou a barba e concordou comigo. Saímos do seu gabinete no preciso momento em que Lilly saltou um degrau ao lado da mesa de Sofia que não estava sendo utilizada. Uma avalancha de processos escorregou para o chão. Sofia gritou com ele; Gasko gritou com ela. A tensão afastava-se rapidamente das palavras e aproximava-se do confronto físico.

Fechei a porta principal para que os nossos clientes não assistissem à busca.

— Aqui está o que vamos fazer — anunciou Mordecai.

Os policiais deitaram-lhe um olhar furibundo, mas estavam ansiosos por receber instruções. Fazer uma busca em um escritório de

advogados não era a mesma coisa que atacar de surpresa um bar cheio de menores.

— O processo não está aqui. Comecemos por esta promessa. Podem olhar todos os processos que quiserem, mas não podem abri-los. Isso seria violar a confidencialidade dos clientes. De acordo? Os outros polícias olharam para Gasko, que encolheu os ombros como se aquilo fosse aceitável. Começamos pelo meu gabinete. Os seis polícias, eu e Mordecai entramos na pequena sala, esforçando-nos por evitar o contato físico com os processos. Abri todas as gavetas da minha mesa, o que só se conseguia através de um bom puxão. A certa altura, ouvi Gasko dizer em voz baixa: — Que belo gabinete! Retirei os processos dos armários um a um, agitei-os debaixo do nariz de Gasko e os coloquei de novo no seu lugar. Só estava ali desde segunda-feira, portanto ainda não havia muito a procurar.

Mordecai saiu do gabinete, aproximou-se da mesa de Sofia e pegou o telefone. Quando Gasko declarou que a busca oficial do meu gabinete terminara, saímos, a tempo de ouvirmos Mordecai dizer ao telefone: — Sim, juiz, obrigado. Ele está aqui mesmo ao meu lado. A sua boca abriu-se em um sorriso quando atirou o telefone a Gasko: — É o juiz Kisner, a pessoa que assinou o mandado de busca. Quer falar com você.

Gasko pegou o telefone como se este pertencesse a um leproso.

— Fala Gasko — disse, muito afastado do bocal.

Mordecai virou-se para os outros polícias e disse: — Senhores, podem inspecionar esta sala, e mais nada. Não podem entrar nos gabinetes. São ordens do juiz.

— Sim, senhor — disse Gasko em voz baixa, e desligou.

Acompanhamos os movimentos dos polícias durante uma hora, enquanto eles passavam de uma mesa para a outra — quatro ao todo, incluindo a de Sofia. Pouco depois, concluíram que a busca era inútil e prolongaram-na saindo o mais devagar possível. As mesas estavam cheias de processos fechados há muito tempo. Os livros e as publicações legais há muito que não eram consultados. Alguns estavam cobertos de pó. Foi mesmo necessário afastar algumas teias de aranha.

Todos os processos tinham uma etiqueta, com o nome do caso escrito à mão ou à máquina. Dois dos polícias tomavam nota dos nomes

dos processos quando Gasko ou os outros lhes diziam para fazê-lo. Era um trabalho monótono e completamente inútil.

Deixaram a mesa de Sofia para o fim. Foi ela que mexeu nas coisas, pronunciando o nome de cada processo em voz alta, e soletrando os mais simples, como Jones, Smith ou Williams. Os polícias mantiveram-se à distância. Abriu as gavetas o mínimo indispensável para eles olharem. Tinha uma gaveta com objetos pessoais, que ninguém quis ver. Eu tinha certeza que havia armas lá dentro.

Os policiais saíram sem se despedirem. Pedi desculpa a Sofia e a Mordecai pela invasão e retirei-me para a segurança do meu gabinete.

VINTE E TRÊS

O número cinco da lista dos despejados era Kelvin Lam, um nome vagamente familiar a Mordecai. Em tempos, segundo os seus cálculos, o número de sem teto de Columbia devia rondar os dez mil. Havia pelo menos outros tantos processos espalhados pelo seu escritório. Todos os nomes diziam qualquer coisa a Mordecai.

Ele trabalhava com os circuitos, as cozinhas, os abrigos e as instituições prestadoras de serviços, com os pregadores, os policiais e outros advogados da rua. Depois do anoitecer, metemo-nos no carro e fomos para o centro, para uma igreja entalada entre edifícios de escritórios caros e hotéis de luxo. Numa grande garagem com dois pisos, o programa de jantares do Five Loaves decorria a bom ritmo. A sala era ladeada por mesas desmontáveis, todas rodeadas por centenas de pessoas que comiam e conversavam. Não era uma sopa dos pobres; os pratos estavam cheios de milho, batatas, uma fatia de qualquer coisa que parecia peru ou frango, salada de frutas e pão. Ainda não jantara e o aroma abriu-me o apetite.

— Não venho há uns anos — disse Mordecai, quando paramos à entrada olhando para a zona de refeições. — Eles dão de comer a trezentas pessoas por dia. Não é formidável? — De onde vem a comida?

— De Columbia. Da Cozinha Econômica Central, de umas instalações na garagem do CCNV Criaram este sistema espantoso que consiste em recolher a comida em excesso dos restaurantes locais. Não são restos, mas sim alimentos não confeccionados que se deteriorariam

se não fossem utilizados imediatamente. Têm uma frota de camiões frigoríficos, e dão a volta a toda a cidade para recolher comida que levam para a cozinha e preparam jantares congelados. Mais de dois mil por dia.

— Parecem saborosos.

— São realmente muito bons.

Uma jovem chamada Liza veio ao nosso encontro. Era nova em Five Loaves. Mordecai conhecera a sua antecessora, de quem falaram um pouco enquanto eu observava as pessoas que comiam.

Reparei em algo que já devia ter visto. Havia diversos níveis de sem teto, que provinham de diversos degraus da pirâmide socioeconômica. Numa mesa, seis homens comiam e conversavam alegremente sobre um jogo de basquetebol que tinham visto na televisão. Estavam razoavelmente bem vestidos. Um comia de luvas e, com exceção deste pormenor, todos eles poderiam estar sentados em qualquer bar de operários da cidade sem que fossem imediatamente identificados como pessoas sem teto. Atrás deles, um homem de aspecto tosco, de óculos escuros, comia sozinho, pegando o frango com a mão. Calçava botas de borracha semelhantes àquelas que o Senhor usava no dia da sua morte. O casaco estava sujo e desfiado. O homem parecia indiferente ao que o rodeava. A sua vida era visivelmente mais difícil que as vidas dos homens que riam na mesa do lado. Estes tinham acesso a água quente e a sabonete; ele não se importava com isso. Eles dormiam em abrigos. Ele dormia nos parques, com os pombos. Mas nenhum deles tinha casa. Liza não conhecia Kelvin Lam, mas iria informar-se.

Nós a vimos atravessar a multidão, falando com as pessoas, apontando para os cestos do lixo que se encontravam a um canto, ralhando com uma senhora de idade. Sentou-se entre dois homens, e nenhum deles olhava para ela enquanto falavam. Foi passando de mesa em mesa.

Para nosso espanto, apareceu um advogado, um jovem de uma grande firma, um voluntário da Clínica Legal de Washington Para os Sem teto. Reconheceu Mordecai, que angariara fundos no ano anterior. Falamos de leis durante alguns minutos, e depois ele desapareceu em uma sala dos fundos para iniciar três horas de consulta.

— A Clínica Legal de Washington tem cento e cinquenta voluntários — disse Mordecai.

— Isso é suficiente? — perguntei.

— Nunca é suficiente. Acho que devemos revitalizar o nosso programa de voluntários. Talvez você gostasse de se encarregar dele e de supervisioná-lo. A ideia agrada ao Abraham.

Era agradável saber que Mordecai e Abraham, e sem dúvida Sofia, tinham falado em um programa para eu dirigir.

— Aumentará a nossa base, nos tornará mais visíveis na comunidade jurídica e permitirá arranjar algum dinheiro.

— Com certeza — respondi, com convicção.

Liza voltou para junto de nós.

— Kelvin Lam está lá atrás — disse ela, acenando. — Na segunda mesa a contar de trás. Com um boné dos Redskins.

— Falou com ele? — perguntou Mordecai.

— Falei. É discreto, bastante arguto e disse que tem estado no CCNV e que trabalha me meio período na recolha do lixo.

— Há alguma sala pequena que possamos utilizar? — Claro que há.

— Diga a Lam que um advogado dos sem teto precisa falar com ele.

Lam não disse nada nem nos estendeu a mão. Mordecai sentou-se a uma mesa. Eu fiquei de pé a um canto. Lam ocupou a única cadeira disponível e lançou-me um olhar que me deixou arrepiado.

— Não há qualquer problema — disse Mordecai, tentando acalmá-lo. — Precisamos lhe fazer umas perguntas, mais nada.

Lam nem levantou a cabeça. Estava vestido como qualquer residente de um abrigo — jeans, camisetas, tênis, casaco de lã — ao contrário das muitas camadas de roupa de quem dormia debaixo de uma ponte.

— Conhece uma mulher chamada Lontae Burton? — perguntou Mordecai, que falava em nome dos advogados.

Lam abanou a cabeça.

— E Devon Hardy?

Mais uma negativa.

— No mês passado, você morava num armazém abandonado?

— Sim.

— Na esquina da New York e da Florida?

— Sim.

— Pagava aluguel?

— Sim.

— Cem dólares por mês?

— Sim.

— A Tillman Gantry? Lam ficou imóvel e fechou os olhos, pensado na pergunta.

— Quem? — perguntou ele.

— Quem era o dono do armazém?

— Eu pagava aluguel a um cara chamado Johnny.

— Para quem é que o Johnny trabalhava?

— Não sei. Não me interessa. Não perguntei.

— Quanto tempo viveu ali?

— Cerca de quatro meses.

— Por que saiu?

— Fui despejado.

— Quem o despejou?

— Não sei. Os policiais apareceram lá um dia, com uns caras. Nos expulsaram e puseram na rua. Dois dias depois, derrubaram o armazém.

— Explicou aos policiais que pagava aluguel para viver ali?

— Muita gente falou nisso. Uma mulher com filhos pequenos tentou lutar com a polícia, mas isso não adiantou. Aqui por mim, não luto com polícias. Foi uma cena desgraçada, meu.

— Deram-Ihe algum papel antes do despejo?

— Não.

— Recebeu algum aviso para sair?

— Não. Nada. Eles apareceram sem mais nem menos.

— Nada por escrito?

— Nada. Os polícias disseram que éramos ocupantes ilegais; que tínhamos de sair imediatamente.

— Então você se mudou no Outono passado, em algum lugar em Outubro.

— Mais ou menos isso.

— Como é que descobriu aquele lugar?

— Não sei. Alguém me disse que estavam alugando pequenos apartamentos no armazém. Com aluguel barato, entende? Por isso fui lá ver. Estavam pondo umas tábuas, levantando paredes e outras coisas. Havia um telhado lá em cima, um banheiro não muito longe e água corrente. Não era mau.

— E você mudou-se para lá.

— Exatamente.

— Assinou algum contrato?

— Não. O cara me disse que o apartamento era ilegal, portanto não havia nada a escrever. Disse para eu dizer que ocupava aquele local se alguém me perguntasse.

— E queria receber em dinheiro.

— Só em dinheiro.

— Você pagava todos os meses.

— Fazia o possível. Ele vinha receber por volta do dia quinze.

— Estava atrasado no aluguel quando foi despejado?

— Um pouco.

— Quanto?

— Talvez um mês.

— Foi por isso que foi despejado?

— Não sei. Eles não apresentaram qualquer motivo. Despejaram todo mundo, todos ao mesmo tempo.

— Você conhecia as outras pessoas que viviam no armazém?

— Conhecia duas. Mas cada um cuidava da sua vida. Todos os apartamentos tinham uma boa porta, que se podia fechar à chave.

— Essa mãe de que você falou, aquela que lutou com a polícia, você a conhecia?

— Não Talvez a tenha visto uma ou duas vezes. Ela vivia no outro extremo.

— No outro extremo?

— Exatamente. Não havia canalização no meio do armazém, por isso é que eles construíram apartamentos nos extremos.

— Você via o apartamento dela do seu ?

— Não. O armazém era grande.

— Como era o seu apartamento?

— Tinha duas divisões. Não sei de que tamanho.

— Tinha eletricidade?

— Tinha, porque eles puseram uns fios. Podíamos ligar rádios e coisas desse gênero. Tínhamos luz. Havia água corrente, mas o banheiro era comum.

— E aquecimento?

— Não tinha. Aquilo era frio, mas não tão frio como dormir na rua.

— Então estava satisfeito com o local.

— Era bom. Quero dizer, por cem dólares por mês não era mau.

— Disse que conhecia duas outras pessoas. Como se chamavam?

— Herman Harris e Shine qualquer coisa.

— Onde estão agora?

— Não os tenho visto.

— Onde dorme você?

— No CCNV.

Mordecai tirou um cartão da bolsa e estendeu-o a Lam.

— Quanto tempo vai lá ficar?

— Não sei.

— Pode manter-se em contato comigo?

— Por quê?

— Pode precisar de um advogado. Telefone-me se mudar de abrigo ou encontrar uma casa própria.

Lam pegou o cartão sem dizer uma palavra. Agradecemos a Liza e regressamos ao escritório.

Como acontece em qualquer processo, há várias maneiras de atuar em relação aos réus. Havia três — a RiverOaks, a Drake & Sweeney e a TAG, e não esperávamos acrescentar mais nenhum.

A primeira era armar uma cilada. A outra consistia em atirar a bola e esperar que o adversário a apanhasse e a atirasse de novo sem ela tocar no chão.

Com a cilada, podíamos preparar a estrutura das nossas alegações, correr para o tribunal, apresentar o processo, deixá-lo passar para a imprensa e esperar que conseguíssemos provar o que julgávamos saber. A vantagem era a surpresa, e o embaraço dos acusados e, se tivéssemos sorte, da opinião pública. A desvantagem era o equivalente legal a saltarmos de um rochedo com a convicção forte, mas não confirmada, de que havia uma rede em algum lugar lá em baixo.

O outro método começava com uma carta dirigida aos réus, na qual fazíamos as mesmas alegações, mas, em vez de os processarmos, os convidávamos a discutir o assunto. As cartas andavam de um lado para o outro e, em geral, cada uma das partes conseguia prever o que a outra poderia fazer. Se a culpa pudesse ser provada, era provável que se conseguisse um acordo discreto. O litígio seria evitado.

A cilada agradava-me, Tanto a mim como a Mordecai, por dois motivos. A firma não se mostrara interessada em deixar-me em paz; as duas buscas eram prova clara de que Arthur no último andar e Rafter com o seu bando de capangas do Contencioso vinham atrás de mim. A minha prisão daria uma bela história nos noticiários, que eles soprariam sem dúvida para me humilhar e pressionar. Tínhamos de preparar o nosso próprio assalto. O segundo motivo tinha a ver com o caso propriamente dito. Hector e as outras testemunhas não podiam ser obrigadas a depor senão quando nós movêssemos o processo e as obrigássemos a dar o seu testemunho. Durante o período de investigação que se seguia à apresentação do processo, teríamos oportunidade de fazer toda a espécie de perguntas sobre os réus, e eles seriam chamados a responder sob juramento. Também seríamos autorizados a chamar quem quiséssemos a depor. Se encontrássemos Hector Palma, podíamos submetê-lo a um interrogatório cerrado sob juramento. Se descobríssemos os outros despejados, podíamos obrigá-los a contar o que se passara. Tínhamos de descobrir o que todos sabiam, o que não era possível sem recorrermos à investigação sancionada pelo tribunal. Em teoria, o nosso caso era realmente muito simples: os ocupantes do armazém pagavam aluguel, em dinheiro e sem registros, a Tillman Gantry ou a alguém que trabalhava para ele. Gantry tivera oportunidade de vender a propriedade à RiverOaks, mas tivera de ser com rapidez.

Gantry mentira à RiverOaks e aos seus advogados a respeito das pessoas que habitavam no armazém. A Drake & Sweeney encetara diligências e enviara Hector Palma ao local para inspecionar a propriedade antes do seu encerramento. Hector fora assaltado na primeira visita, levara um guarda com ele na segunda e, depois de inspecionar as instalações, soubera que os residentes não eram, de fato, ocupantes, mas sim inquilinos. Redigira um memorando dirigido a Braden Chance, que cometera o erro de ignorá-lo e de avançar com o

encerramento. Os inquilinos tinham sido despejados sumariamente, como se fossem intrusos, sem o respectivo processo. Um despejo formal teria levado pelo menos mais trinta dias, um período que nenhum dos intervenientes queria desperdiçar. Mais trinta dias e o Inverno estaria acabado; a ameaça dos nevões ou das noites com temperaturas negativas teria diminuído, além da necessidade de dormir em um automóvel com o aquecimento funcionando.

Eram apenas pessoas da rua, sem registros, sem recibos de aluguel e sem um rastro que alguém pudesse seguir.

Não era um caso complicado, em teoria. Mas os obstáculos eram enormes. Obrigar os sem teto a depor seria perigoso, sobretudo se Mr. Gantry resolvesse vingar-se. Ele controlava as ruas, uma arena na qual eu não estava desejoso de lutar. Mordecai possuía uma vasta rede construída à base de favores e de conversas em surdina, mas não estava à altura da artilharia de Gantry. Passamos uma hora discutindo as várias maneiras de evitar acusar formalmente a TAG, Inc. Por motivos óbvios, o processo legal seria muito mais confuso e muito mais perigoso se envolvesse Gantry. Podíamos não processá-lo e deixar aos outros arguidos — a RiverOaks e a Drake & Sweeney — a tarefa de atraí-lo.

Mas Gantry era um elemento importante na nossa teoria acusatória, e ignorá-lo como arguido equivaleria a arranjar problemas à medida que o caso fosse avançando.

Tínhamos de encontrar Hector Palma. E, assim que o encontrássemos, tínhamos de convencê-lo ou a apresentar o memorando escondido, ou a contar o que havia nele. Descobrir seria fácil, convencê-lo a falar podia ser impossível. Era muito provável que não quisesse fazer, já que precisava do emprego. Apressara-se a dizer-me que tinha mulher e quatro filhos. Havia outros problemas com o processo, o primeiro dos quais era meramente processual. Nós, como advogados, não estávamos autorizados a mover um processo em nome dos herdeiros de Lontae Burton e dos seus quatro filhos. Era preciso sermos contratados pela sua família. Com a mãe e dois irmãos na cadeia, e sem sabermos a identidade do pai, Mordecai considerava que devíamos pedir ao Tribunal de Família que designasse um administrador para tratar dos assuntos relacionados com os bens dos Lontae. Ao fazê-lo, podíamos evitar a família, pelo menos à princípio. Na eventualidade de conseguirmos uma indenização, a família seria um pesadelo. Era de

admitir que os quatro filhos tinham dois ou mais pais diferentes, e cada um desses fornicadores teria de ser notificado se o dinheiro mudasse de mãos.

— Deixaremos essa preocupação para mais tarde — disse Mordecai. — Primeiro temos de ganhar.

Estávamos na sala da frente, na mesa ao lado da de Sofia, onde o velho computador trabalhava quase sempre. Eu datilografava. Mordecai andava de um lado para o outro e ditava.

Trabalhamos até à meia-noite, fazendo e refazendo o rascunho do processo, discutindo teorias e métodos, sonhando com maneiras de atrair a RiverOaks e a minha antiga firma ao tribunal, em um julgamento ruidoso. Mordecai considerava-o uma linha divisória, um momento essencial para inverter o declínio da simpatia da opinião pública para com os sem teto. Eu o considerava apenas como uma forma de corrigir um erro.

VINTE E QUATRO

Mais um café na companhia de Ruby. Ela estava à minha espera junto da porta principal quando cheguei às sete e quarenta e cinco. Ficou radiante ao me ver. Como é que alguém podia estar tão satisfeito depois de passar oito horas tentando dormir do banco traseiro de um automóvel abandonado? — Tem donuts? — perguntou ela quando eu acendi as luzes. Já era um hábito.

— Vou ver. Sente-se, que eu vou fazer café.

Vasculhei a cozinha, lavei a cafeteira e procurei qualquer coisa para comer. Os donuts da véspera estavam ainda mais duros, mas não havia mais nada. Prometi a mim próprio não me esquecer de comprar outros no dia seguinte, não fosse Ruby aparecer pelo terceiro dia consecutivo. Algo me disse que ela o faria.

Comeu um donut, mordiscando as partes duras e tentando ser educada.

— Onde toma o café da manhã? — perguntei.

— Geralmente não tomo.

— E o almoço e o jantar?

— Almoço no Naomi's, em Tenth Street. Ao jantar, vou à Calvary Mission, na Fifteenth.

— O que faz durante o dia?

Ela estava de novo enroscada à volta do copo de papel, tentando aquecer o corpo franzino.

— Estou quase sempre no Naomi's — respondeu ela.

— Quantas mulheres estão lá?

— Não sei. Muitas. Eles cuidam bem de nós, mas é só durante o dia.

— É só para mulheres sem teto?

— É. Fecham às quatro. A maioria das mulheres vive em abrigos, e algumas na rua. Eu arranjei um carro.

— Eles sabem que você usa crack?

— Acho que sim. Querem que eu vá às reuniões dos bêbados e dos drogados. Não sou a única. Há muitas mulheres que também fazem o mesmo, sabe?

— Usou crack ontem à noite? — perguntei.

As palavras fizeram eco nos meus ouvidos. Custava-me a acreditar que estivesse fazendo tais perguntas.

Ruby deixou cair o queixo e fechou os olhos.

— Diga-me a verdade — disse eu.

— Fui obrigada a isso. Uso todas as noites.

Não pude ralhar com ela. Eu não fizera nada desde a véspera para ajudá-la a encontrar tratamento. De repente, essa tornou-se a minha prioridade. Ela pediu outro donut. Embrulhei o último em papel de alumínio e o coloquei em cima do café. Ela estava atrasada para qualquer coisa que havia no Naomi's e foi embora.

***

O cortejo começou no District Building com um comício a favor da justiça. Como Mordecai era uma pessoa importante no universo dos sem teto, deixou-me no meio da multidão e foi ocupar o seu lugar no estrado. Um coro de igreja vestido de roxo e dourado instalou-se nos degraus e começou a inundar o lugar com hinos exaltantes. Centenas de polícias subiam e desciam a rua, em formação solta, formando barricadas para impedir o trânsito.

O CCNV prometera o comparecimento de mil dos seus soldados pedestres, que chegaram em grupo — uma coluna longa,

impressionante e desorganizada de homens sem teto e orgulhosos da sua situação. Senti-os chegar antes de vê-los. Os seus clamores bem ensaiados ouviam-se a vários quarteirões de distância. Quando dobraram a esquina, as câmaras de televisão convergiram para saudá-los.

Reuniram-se em frente dos degraus do District Building e começaram a agitar os cartazes, muitos dos quais eram feitos em casa e pintados à mão. DEIXEM DE MATAR; SALVEM OS ABRIGOS; TEMOS DIREITO A UMA CASA; EMPREGOS, EMPREGOS, EMPREGOS. Erguiam-nos acima das cabeças e faziam-nos dançar ao ritmo dos cânticos e dos salmos. Ônibus das igrejas paravam junto das barricadas e descarregavam centenas de pessoas, muitas das quais não tinham aspecto de viver na rua. Eram gente bem vestida que frequentava a igreja, sobretudo mulheres. A multidão aumentava e o espaço à minha volta diminuía. Não conhecia uma única pessoa, além de Mordecai. Sofia e Abraham encontravam-se em algum lugar no meio da multidão, mas não os via. Dizia-se que aquela era a maior marcha dos sem teto dos últimos dez anos. Uma fotografia de Lontae Burton fora ampliada e fotocopiada para figurar em grandes cartazes, tarjados de negro. Por baixo do seu rosto, liam-se as terríveis palavras: QUEM MATOU LONTAE? Estes cartazes estavam espalhados pela multidão e depressa se tornaram os favoritos, mesmo para os homens do CCNV que tinham trazido os seus próprios estandartes de protesto. O rosto de Lontae agitava-se por cima daquele mar de gente. Ouviu-se ao longe o lamento de uma sirene solitária, que começou a aproximar-se. Um carro funerário escoltado pela polícia foi autorizado a atravessar as barricadas e parou em frente do District Building, no meio da multidão. As portas traseiras abriram-se; uma falsa urna, pintada de preto, foi tirada pelos carregadores — seis homens sem teto, que a puseram aos ombros e se prepararam para começar o cortejo. Mais quatro urnas, da mesma cor mas muito menores, foram retiradas por outros carregadores. O mar de gente separou-se; o cortejo encaminhou-se lentamente para a escadaria, enquanto o coro iniciou um requiem comovente que me deixou à beira das lágrimas. Era uma marcha fúnebre. Uma daquelas pequenas urnas representava Ontario.

Depois a multidão juntou-se. As mãos ergueram-se e tocaram nas urnas, agitando-se à medida que estas avançavam, balançando

devagar de um lado para o outro. Era uma cena cheia de dramatismo, e as câmaras aglomeradas junto do estrado gravaram todos os movimentos solenes do cortejo. Nós os veríamos na televisão nas quarenta e oito horas seguintes.

As urnas foram colocadas lado a lado, com a de Lontae no meio, em cima de uma plataforma de compensado no meio dos degraus, um pouco abaixo do estrado onde se encontrava Mordecai. Foram profusamente filmadas e fotografadas, e depois começaram os discursos.

O moderador era um ativista, que começou por agradecer a todos os grupos que tinham ajudado a organizar o cortejo. Era uma lista impressionante, pelo menos em quantidade. À medida que ele apresentava os nomes, eu ficava admirado ao ver o número incrível de abrigos, missões, cozinhas econômicas, congregações, clínicas médicas, clínicas legais, igrejas, centros, grupos de ação, programas de formação profissional, programas de combate à toxicodependência e até de alguns funcionários eleitos, todos responsáveis até certo ponto por aquele acontecimento.

Com tanto apoio, como é que o problema dos sem teto podia existir? Os seis oradores seguintes responderam a esta pergunta. Falta de subsídios adequados para começar; depois, cortes orçamentais, surdez do governo federal, cegueira das entidades oficiais, falta de compaixão daqueles que tinham meios, um sistema judicial cada vez mais conservador, e a lista não tinha fim.

Os mesmos temas foram repetidos por todos os oradores, exceto por Mordecai, que falou em quinto lugar e calou a multidão com a sua história sobre as últimas horas da família Burton. Quando se referiu à mudança da fralda do bebê, talvez a última, não se ouvia um som. Nem um acesso de tosse, nem um suspiro. Olhei para as urnas, como se dentro de uma delas se encontrasse de fato o bebê.

Depois a família procurou abrigo, explicou ele, em voz baixa, profunda, vibrante. Voltou para as ruas, para a neve em que Lontae e os filhos tinham sobrevivido apenas mais umas horas. Mordecai usou de um grande rigor fatual nesse ponto, porque ninguém sabia exatamente o que acontecera. Eu sabia, mas não me importei. O resto da multidão ficou igualmente hipnotizada com a sua história.

Quando ele descreveu os últimos momentos, quando a família se aconchegou numa tentativa vã de se manter aquecida, ouvi mulheres chorando à minha volta.

Os meus pensamentos tornaram-se egoístas. Se aquele homem, meu amigo e companheiro de profissão, conseguia cativar milhares de pessoas a partir de um estrado a trinta metros de distância, o que não conseguiria ele fazer com doze membros de um júri ao alcance da mão? Nesse momento, percebi que o processo Burton nunca iria tão longe. Nenhuma equipe de defesa em seu perfeito juízo permitiria que Mordecai Green se dirigisse a um júri negro desta cidade. Se as nossas presunções estivem certas, e se conseguíssemos prová-las, não haveria julgamento. Após hora e meia de discursos, a multidão estava inquieta e pronta a avançar. O coro recomeçou a cantar e as urnas foram levadas pelos carregadores, que afastaram o cortejo do edifício. Atrás das urnas iam os líderes, incluindo Mordecai. Seguiam-se os restantes. Alguém me deu um cartaz de Lontae, e eu ergui-o o mais alto que pude.

As pessoas privilegiadas não marcham nem protestam; o seu mundo é seguro, limpo e governado por leis destinadas a mantê-las felizes. Eu nunca vivera na rua; para quê incomodar-me? E pouco depois de começar a andar, senti-me estranho, ao ver-me envolvido em um mar de gente, empunhando um cartaz com o rosto de uma mãe negra de vinte e dois anos, que gerara quatro filhos ilegítimos.

Mas eu já não era a mesma pessoa de umas semanas atrás. Nem podia recuar, mesmo que quisesse. O meu passado baseara-se no dinheiro, nos bens materiais e no estatuto, desgraças que agora me perturbavam. Descontraí-me e gozei o passeio a pé. Cantei com os sem teto, agitei o meu cartaz em harmonia perfeita com os outros, e até tentei cantar hinos que me eram estranhos. Saboreei o meu primeiro exercício de protesto cívico. Não seria o último.

As barricadas nos protegeram quando nos dirigimos para o Monte do Capitólio. A marcha fora bem planejada, e devido às suas dimensões atraiu as atenções ao longo do caminho. As urnas foram colocadas nos degraus do Capitólio. Reunimo-nos em massa à volta delas, depois ouvimos outra série de discursos inflamados de ativistas de direitos cívicos e de dois membros do Congresso.

Os discursos começaram a cansar; já ouvira o suficiente. Os meus irmãos sem teto tinham pouco a ver com eles; abrira trinta e um

processos desde que iniciara a minha nova carreira, na segunda-feira. Trinta e uma pessoas de carne e osso estavam à minha espera para que conseguisse senhas de alimentação e habitações locais, movesse processos de divórcio, os defendesse de acusações criminais, obtivesse salários que estavam sendo contestados, pusesse fim a despejos, os ajudasse na sua dependência e, de certo modo, estalasse os dedos e assegurasse justiça. Como advogado especializado em Direito da Concorrência, raramente fora obrigado a encontrar-me face a face com os clientes. A situação era diferente na rua.

Comprei um charuto barato de um vendedor que estava no passeio e fui dar uma volta a pé pelo Mall.

VINTE E CINCO

Bati na porta ao lado da casa onde os Palma tinham morado e respondeu uma voz de mulher: — Quem é? Não houve qualquer tentativa para dar a volta à chave e abrir a porta. Eu tinha pensado muito na minha história. Até a ensaiara quando vinha no carro para Bethesda. Mas não estava convencido de que fosse convincente.

— Bob Stevens — respondi, num tom bajulador. — Procuro Hector Palma.

— Quem? — perguntou ela.

— Hector Palma. Morava aqui ao lado.

— O que você quer?

— Devo dinheiro a ele. Estou tentando encontrá-lo, mais nada. Se eu fosse receber dinheiro ou estivesse incumbido de qualquer outra missão desagradável, seria natural que os vizinhos se colocassem na defensiva. Calculei que este fosse um pequeno artifício elegante.

— Ele mudou — respondeu ela, impassível.

— Eu sei que ele se mudou. Sabe para onde ele foi?

— Não.

— Saiu desta zona?

— Não sei.

— A senhora os viu mudarem?

A resposta seria afirmativa, evidentemente. Não era possível contorná-la. Mas em vez de me ajudar, a mulher retirou-se para as profundezas do seu apartamento e foi talvez chamar o segurança. Repeti a pergunta e depois toquei outra vez a campainha. Nada.

Dirigi-me então para a porta do outro lado da última morada de Hector. Dois toques, a porta abriu-se um pouco até ficar presa pela corrente, e um homem da minha idade, com maionese ao canto da boca, perguntou: — O que deseja? Repeti a história de Bob Stevens. Ele ouviu com todo o cuidado, enquanto os filhos brincavam ruidosamente na sala, com uma televisão aos gritos. Passava das oito horas, estava escuro e frio e eu fora interromper um jantar tardio. Mas ele não foi desagradável.

— Nunca o vi — disse.

— E a mulher dele?

— Também não. Viajo muito. Estou quase sempre fora.

— A sua mulher os conhecia?

— Não — respondeu ele de chofre.

— O senhor ou a sua mulher os viram mudar?

— Não estávamos aqui no fim-de-semana passado.

— E sabe para onde é que eles foram?

— Não.

Agradeci, virei-me e dei de cara com um guarda musculoso, fardado, com um bastão na mão direita, no qual tamborilava com a mão esquerda, como os polícias que se veem nos filmes.

— O que está fazendo? — rosnou ele.

— À procura de uma pessoa — disse eu. — Chegue isso para lá.

— Não permitimos pedintes.

— Você é surdo? Estou procurando de uma pessoa, não estou pedindo nada.

— Recebemos uma queixa. O senhor tem de sair — disse ele, nas minhas costas.

— Vou sair

O jantar foi um sanduíche e uma cerveja em um bar ali perto. Sentia-me mais seguro comendo nos subúrbios. O restaurante era um daqueles estabelecimentos estereotipados, e pertencia a uma cadeia nacional que estava enriquecendo com pontos de venda lustrosos situados nos novos bairros. A clientela era dominada por jovens trabalhadores do governo, ainda tentando arranjar casa, todos falando de planos de ação e de política, enquanto bebiam cerveja e gritavam, entusiasmados com um jogo.

A solidão era uma forma de adaptação. A minha mulher e os meus amigos tinham ficado para trás. Sete anos passados no suadouro da Drake & Sweeney não tinham permitido cultivar amizades; nem sequer um casamento, por sinal. Com trinta e dois anos, eu estava mal preparado para a vida solitária. Enquanto observava o jogo e as mulheres, perguntei a mim mesmo se teria de voltar ao ambiente dos bares e dos clubes noturnos para encontrar companhia. Havia com certeza outros locais e outros métodos.

Sentia-me abatido e abandonado.

Dirigi-me lentamente para o centro da cidade, sem grande vontade de chegar em casa. O meu nome figurava em um contrato de

arrendamento, em algum lugar em um computador, e pelos meus cálculos a polícia conseguiria encontrar o meu sótão sem grande dificuldade. Se tencionavam prender-me, estava certo que isso aconteceria de noite. Eles gostariam de me assustar no meio da noite com uma pancada na porta, de me humilhar um pouco enquanto me revistavam e algemavam, de fechar a porta com estrondo, de descer o elevador agarrando-me por baixo dos braços e de me empurrar para o banco de trás de um carro-patrulha para me levarem para a cadeia municipal, onde seria o único jovem profissional liberal branco detido nessa noite. Não havia nada de que eles gostassem mais do que me atirar em uma cela de alta segurança com o habitual sortido de assassinos, e me deixarem lá entregue à minha sorte. Trazia duas coisas comigo, independentemente daquilo que andasse fazendo. Uma era um telefone celular, para poder telefonar a Mordecai assim que fosse preso. A outra era um molho de notas — de notas de vinte dólares — para pagar a fiança e poder me safar antes de transitar para a cela seguinte. Estacionei a dois quarteirões do meu prédio e observei todos os automóveis vazios, em busca de gente suspeita. Consegui chegar ao sótão intacto e livre.

A minha sala de estar estava agora mobilada com duas cadeiras de jardim e uma caixa de plástico que fazia de mesa baixa ou de suporte para os pés. O televisor estava em cima de outra caixa igual. Diverti-me olhando para a escassez do mobiliário, e estava resolvido a guardar a minha casa só para mim. Ninguém veria como eu vivia.

A minha mãe telefonara. Ouvi a sua gravação. Ela e o meu pai estavam preocupados comigo, e queriam vir visitar-me. Tinham falado com o meu irmão Warner, e era provável que ele também viesse. Já estava ouvindo-os analisando a minha nova vida. Alguém tinha de me chamar à razão. O comício em memória de Lontae abriu o noticiário das onze horas. Viram-se close das cinco urnas negras pousadas nos degraus do District Building e mais tarde, quando eram transportadas em ombros pela rua. Viu-se Mordecai pregando para as massas. A multidão parecia maior do que eu imaginara — estimava-se que tivessem acorrido cinco mil pessoas. O presidente da Câmara não tinha comentários a fazer. Desliguei a televisão e liguei o número de Claire. Não falávamos há quatro dias, e pensei que devia mostrar uma certa delicadeza e quebrar o gelo. Tecnicamente, ainda estávamos casados. Seria

agradável jantarmos juntos daí a uma semana. Após o terceiro toque, uma voz desconhecida disse com relutância: — Alô? Era uma voz de homem.

Por instantes, fiquei muito surpreso para responder. Eram onze e meia da noite de quinta-feira. Claire tinha um homem em casa. Eu saíra há menos de uma semana. Ia desligar, mas me contive e disse: — A Claire, por favor.

— Quem fala? — perguntou ele, num tom rude.

— Michael, o marido.

— Ela está no banho — respondeu ele, com um toque de satisfação.

— Diga-lhe que eu telefonei — disse eu, e desliguei o mais depressa possível.

Percorri as três divisões, de um lado para o outro, até à meia-noite, depois vesti-me outra vez e fui dar um passeio no frio. Quando um casamento se desmorona, ponderamos todos os cenários. Tratava-se apenas de ir cada um para seu lado, ou era muito mais complicado do que isso? Eu não entendera os sinais? Seria uma companhia ocasional de uma só noite, ou eles já se conheceriam há anos? Seria algum médico emproado, casado e com filhos, ou um estudante de Medicina jovem e viril, que lhe dava o que ela não recebera de mim? Continuei dizendo a mim mesmo que isso não tinha importância. Não estávamos nos divorciando por infidelidade. Era muito tarde para me preocupar com quem ela andara dormindo.

O casamento acabara, pura e simplesmente. Por qualquer motivo. Ela podia ir para o inferno, que eu não queria saber disso para nada. Ela estava acabada, despedida, esquecida. Eu era livre de ir atrás das mulheres, e as mesmas regras se aplicavam a ela.

Sim, muito bem.

Às duas horas da madrugada, dei comigo em Dupont Circle, ignorando os convites dos homossexuais e tropeçando em homens com várias camadas de roupa e enrolados em mantas, que dormiam em bancos. Era perigoso, mas não me importava.

Algumas horas depois, comprei uma caixa com uma dúzia de donuts em um Krispy Kreme, dois cafés duplos e um jornal. Ruby estava fielmente à minha espera, à porta, tremendo de frio. Tinha os olhos mais vermelhos do que era habitual, e o sorriso não foi tão pronto.

O nosso lugar preferido era uma mesa na sala da frente, a que tinha menos processos esquecidos em cima. Libertei o tampo da mesa e servi o café e os donuts. Ela não gostava de chocolate, e preferiu os que tinham recheio de fruta.

— Você lê jornal? — perguntei, desdobrando-o.

— Não.

— Tem sabe ler? — Nem por isso.

Então eu o li. Começamos pela primeira página, essencialmente porque tinha uma grande fotografia das cinco urnas aparentemente à deriva no mar de gente. A notícia ocupava a metade inferior da página, e eu a li, palavra por palavra, a Ruby, que a ouviu com atenção. Ela já ouvira histórias acerca das mortes da família Burton; os pormenores fascinavam-na.

— Eu podia morrer assim? — perguntou.

— Não, a menos que o seu carro tenha motor e você ligue o aquecedor.

— Quem me dera ter um aquecedor.

— Você podia morrer de exposição.

— O que é isso?

— Podia morrer de frio.

Limpou a boca com um guardanapo e bebeu o café. A temperatura descera aos dez graus negativos na noite em que Ontario e a família tinham morrido. Como é que Ruby sobrevivera?

— Para onde vai quando está muito frio? — perguntei.

— Não vou para lugar nenhum.

— Fica no carro?

— Fico.

— Como consegue não congelar?

— Tenho muitos cobertores. Fico debaixo deles.

— Nunca vai para um abrigo?

— Nunca.

— Iria para um abrigo se isso a ajudasse a ver Terrence?

Ela inclinou a cabeça para um lado e deitou-me um olhar estranho.

— Diga isso outra vez — disse.

— Quer voltar a ver o Terrence, não é verdade?

— É verdade.

— Para ficar limpa, terá de viver em um centro de desintoxicação durante um tempo. Está disposta a isso?

— Talvez. Talvez — disse ela.

Era um pequeno passo, mas não insignificante.

— Posso ajudá-la a ver Terrence outra vez, e você pode fazer parte da vida dele. Mas tem de ser limpa e de se manter limpa.

— O que tenho de fazer? — perguntou, sem conseguir olhar para mim. Embalava a xícara e o vapor chegava-lhe à cara.

— Hoje vai ao Naomi's?

— Vou.

— Falei com a diretora. Têm duas reuniões hoje, a dos alcoólicos e a dos toxicodependentes. Chamam-lhe AA/NA. Quero que vá às duas. A diretora vai me telefonar.

Ela fez um sinal afirmativo, como uma criança a quem tivessem ralhado. Não a pressionei mais, pelo menos naquele momento. Ela comeu os donuts, bebeu o café e ouviu com enlevo as sucessivas notícias que li. Pouco se importava com as questões estrangeiras e os esportes, mas as notícias da cidade fascinavam-na. Votara uma vez, há muitos anos, e digeria facilmente os planos de ação da sua região. Compreendia as histórias de crimes. Um longo editorial atacava duramente o Congresso e a cidade pela sua incapacidade de subsidiar serviços destinados aos sem teto. Seguir-se-iam outras Lontae, avisava o artigo. Outras crianças morreriam nas nossas ruas, à sombra do Capitólio dos Estados Unidos. Li esta passagem a Ruby, que concordou com tudo.

Começou a cair uma chuvinha gelada, e fui levar Ruby ao local onde passaria o dia. O Centro Feminino Naomi's era um prédio de quatro andares em Tenth Street, em Northwest, inserido em um quarteirão de características semelhantes. Abria às sete, fechava às quatro e todos os dias fornecia comida, banhos, roupas, atividades e aconselhamento a qualquer mulher sem teto que lá fosse parar. Ruby era uma visita regular e foi saudada com ternura pelas amigas, ao entrar.

Falei em voz baixa com a diretora, uma jovem chamada Megan. Conspiramos no sentido de empurrarmos Ruby para a sobriedade. Metade das mulheres que ali acorriam estavam mentalmente doentes, outra metade eram viciadas em qualquer coisa e um terço eram

soropositivas. Ruby, tanto quanto Megan sabia, não tinha doenças infecciosas.

Quando saí, as mulheres estavam reunidas na sala principal, cantando.

Estava sentado à mesa, embrenhado no meu trabalho, quando Sofia bateu à porta, entrando antes de eu responder.

— Mordecai diz que você anda à procura de alguém — disse ela. Trazia um bloco na mão, pronta a tomar notas.

Fiquei pensado e depois lembrei-me de Hector.

— Ah, sim, ando.

— Eu posso ajudar. Conte-me tudo o que sabe acerca dessa pessoa. Sofia sentou-se e começou a escrever enquanto eu lhe dava o nome, o endereço, o último local de trabalho conhecido, a descrição física e lhe referia que ele tinha mulher e quatro filhos.

— Idade? — Talvez trinta.

— Salário aproximado? — Trinta e cinco mil.

— Com quatro filhos, podemos assumir que pelo menos um está matriculado na escola. E com esse salário e vivendo em Bethesda, duvido que tenham optado pelo ensino particular. É hispânico, portanto talvez seja católico. Mais alguma coisa? Não consegui me lembrar de mais nada. Ela saiu e voltou para a mesa, onde abriu um livro de apontamentos que folheou. Mantive a porta aberta para poder ver e ouvir. O primeiro telefonema foi para alguém dos Correios. A conversa passou imediatamente a ser em espanhol, e eu me perdi. Os telefonemas sucederam-se. Ela começava a falar em inglês, pedia o contato e depois falava na sua língua materna. Telefonou para a diocese católica, o que despoletou outra série de chamadas rápidas. Desinteressei-me. Uma hora depois, Sofia chegou à porta do meu gabinete e anunciou: — Mudaram-se para Chicago. Precisa do endereço? — Como é que você?...

As minhas palavras perderam-se no caminho quando olhei para ela, incrédulo.

— Não faça perguntas. Um amigo de um amigo que pertence à igreja deles. Mudaram-se no fim-de-semana, depressa. Precisa do novo endereço? — Quanto tempo leva para descobrir? — Não vai ser fácil. Posso indicar-lhe o caminho certo. Sofia tinha pelo menos seis clientes sentados próximos da janela, à espera dos seus conselhos.

— Agora, não. Talvez mais tarde. Obrigado.

— Não tem de quê.

Não tem de quê. Eu tencionava passar mais umas horas batendo às portas dos vizinhos, depois do anoitecer, no frio, esquivando-me dos seguranças e esperando que nenhum me desse um tiro. E ela, depois de passar uma hora ao telefone, encontrara a pessoa que eu procurava.

A Drake & Sweeney tinha mais de cem advogados na sua filial de Chicago. Eu estivera lá duas vezes, para tratar de casos de Direito da Concorrência. Os escritórios ficavam num arranha-céu junto do lago. O átrio do edifício tinha vários andares, com fontes e estabelecimentos em toda volta e elevadores que subiam em ziguezague. Era o lugar perfeito para esconder Hector Palma.

VINTE E SEIS

Os sem teto estão perto das ruas, do pavimento, dos passeios e das goteiras, do lixo, das tampas dos esgotos, das bocas de incêndio, dos contentores do lixo, das paradas de ônibus e das montras dos estabelecimentos. Deslocam-se lentamente em terreno familiar, dia após dia, parando para falarem uns com os outros, porque o tempo tem pouco significado, parando para observar um carro atolado no trânsito, um novo traficante de droga a uma esquina, uma cara estranha no seu território. Sentam-se nos passeios, escondidos debaixo dos chapéus e dos bonés, atrás dos toldos das lojas e, como sentinelas, observam todos os movimentos. Ouvem os sons da rua, absorvem os odores da fumaça dos ônibus e carros da cidade e da gordura das frituras dos jantares baratos. O mesmo táxi passa duas vezes em uma hora, e eles sabem. Uma arma é disparada à distância, e eles sabem de onde vem. Um belo automóvel com placas de matrícula de Virginia ou de Maryland está estacionado junto do passeio, e eles vigiam-no até ele partir. Um policial à paisana espera em um automóvel, e eles o vêm.

— A polícia está lá fora — disse um dos nossos clientes a Sofia. Sofia aproximou-se da porta da rua, olhou para sudeste, para Q, e avistou o que lhe pareceu ser um carro da polícia sem quaisquer sinais. Esperou meia hora e voltou a espreitar. Depois foi falar com Mordecai. Eu estava distraído porque lutava com a repartição das senhas de

alimentação em uma frente e com o gabinete do procurador-geral em outra. Nas tardes de sexta-feira, os burocratas da cidade, que se situavam abaixo do padrão de um bom dia de trabalho, tinham pressa de fechar. Davam as notícias em conjunto.

— Parece-me que os polícias estão à espera — anunciou Mordecai solenemente.

A minha primeira reação foi enfiar-me debaixo da mesa, mas é claro que não o fiz. Tentei aparentar calma.

— Onde? — perguntei, como se isso tivesse importância.

— Na esquina. Estão vigiando o prédio há mais de meia hora.

— Talvez andem atrás de você — disse eu.

Ah! Ah! Rostos imperturbáveis à minha volta.

— Telefonei para me informar — disse Sofia. — E eles têm um mandado de prisão contra você. Por apropriação indevida.

Um crime! Prisão! Um branco impecável atirado para o poço. Mudei de posição e tentei fazer o possível para não mostrar medo.

— Isso não é de admirar — disse eu. Estava sempre acontecendo.

— Vamos tratar disso.

— Tenho de telefonar a um cara do gabinete do Procurador-Geral — disse Mordecai. — Seria ótimo se eles permitissem que fosse você a apresentar-se.

— Isso seria ótimo — disse eu, como se assunto não fosse importante. — Mas tenho passado a tarde falando com o gabinete do Procurador-Geral. Ninguém tem estado à escuta.

— Eles têm duzentos advogados — disse ele.

Mordecai não fazia amigos daquele lado da rua. Os policiais e os delegados do Ministério Público eram os seus inimigos naturais. Traçamos um plano rápido. Sofia telefonaria a um fiador, que iria ter conosco na cadeia. Mordecai tentaria encontrar um juiz simpático. O que não foi dito era óbvio — era uma tarde de sexta-feira. Eu poderia não sobreviver à cadeia municipal.

Eles foram fazer os seus telefonemas e fiquei sentado à mesa, petrificado, sem conseguir me mexer, pensar ou fazer qualquer outra coisa que não fosse aguardar o guinchar da porta principal. Não tive de esperar muito. Às quatro horas em ponto, o tenente Gasko entrou, seguido por dois dos seus homens. No meu primeiro encontro com

Gasko, quando ele vasculhava o apartamento de Claire, quando eu fanfarronava, tirava nomes e proferia ameaças de toda a espécie acerca de processos vis contra ele e os colegas, quando todas as palavras pronunciadas por mim deparavam com uma resposta cáustica, quando eu era um advogado difícil de acusar e ele era um pobre polícia, nunca me lembrei que, um dia, ele poderia vir a ter o prazer de me prender. Mas ali estava ele, importante como um velho atleta, sorrindo e troçando de mim ao mesmo tempo, ainda com mais papéis na mão, dobrados e à espera de me serem atirados à cara.

— Quero falar com Mr. Brock — disse ele a Sofia, no momento em que eu entrei na sala, sorrindo.

— Olá, Gasko — disse eu. — Ainda anda à procura do tal processo? — Não. Hoje, não.

Mordecai saiu do gabinete. Sofia estava de pé, junto da mesa. Todos olhavam para todos.

— Tem um mandado? — perguntou Mordecai.

— Tenho. Aqui para Mr. Brock — respondeu Gasko.

Eu encolhi os ombros e disse: — Vamos embora.

Aproximei-me de Gasko. Um dos brutamontes tirou um par de algemas da cintura. Eu estava disposto pelo menos a mostrar-me frio.

— Sou o advogado dele — disse Mordecai. — Deixe-me ver isso. Mordecai tirou o mandado de prisão das mãos de Gasko e examinou-o enquanto eu era algemado, com as mãos atrás das costas e os pulsos beliscados pelo aço frio. As algemas estavam muito apertadas, ou pelo menos estavam mais do que deviam estar, mas eu conseguia suportá-las e estava decidido a mostrar-me despreocupado.

— Terei muito prazer em levar o meu cliente à delegacia — disse Mordecai.

— Obrigado, mas eu poupo o incômodo — respondeu Gasko.

— Para onde vai ele? — Para a Central.

— Eu vou atrás de você — disse-me Mordecai. Sofia estava no telefone, o que era ainda mais reconfortante do que saber que Mordecai estaria em algum lugar atrás de mim.

Três dos nossos clientes assistiram a tudo; três homens da rua, inofensivos, entraram para trocar algumas palavras com Sofia. Estavam sentados onde os clientes esperavam sempre, e quando passei por eles, olharam, incrédulos.

Um dos brutamontes apertou-me o cotovelo e empurrou-me pela porta. Saí, ansioso por me enfiar no carro deles: um automóvel branco e sujo, sem qualquer distintivo, parado à esquina. Os sem teto viram tudo — o carro em posição, os polícias entrando, os policiais saindo comigo algemado. Prenderam um advogado, diriam eles uns aos outros daí a pouco, e a notícia correria pelas ruas.

Gasko sentou-se atrás comigo. Afundei-me no banco, sem ver nada, aparando o choque.

— Mas que perda de tempo — disse Gasko, quando relaxou, pousando uma bota de cowboy em cima do joelho. — Temos cento e quarenta crimes para resolver nesta cidade, droga em todas as esquinas, traficantes vendendo nas escolas, e estamos perdendo tempo com você.

— Está tentando me interrogar, Gasko? — perguntei.

— Não.

— Ainda bem.

Ele nem se incomodara com o aviso acerca dos meus direitos e não tinha que fazê-lo até começar a fazer perguntas.

O Brutamontes Número Um voava para sul na Fourteenth, sem luzes nem sirenes, e sem respeito pelos sinais de trânsito nem pelos peões.

— Então deixe-me ir embora — disse eu.

— Se dependesse só de mim, deixaria. Mas você irritou algumas pessoas. O promotor público diz que tem sido pressionado para prendê-lo.

— Pressionado por quem? — perguntei. Mas sabia a resposta. A Drake & Sweeney não perderia tempo com os policiais; preferia falar em termos legais com o procurador-geral.

— Pelas vítimas — respondeu Gasko, com um forte sarcasmo. Concordei com a sua avaliação; era difícil imaginar um grupo de advogados prósperos como vítimas de um crime.

Fora presa muita gente famosa. Tentei me lembrar de alguns. Martin Luther King fora preso várias vezes. Havia Boesky e Milken e outros ladrões célebres, cujos nomes me escapavam. E todos aqueles atores e atletas de renome que tinham sido apanhados conduzindo embriagados, atrás de prostitutas e com cocaína em seu poder? Tinham sido atirados para os bancos traseiros dos carros da polícia e levados

como se fossem criminosos de delito comum. Havia um juiz de Memphis que cumpria uma pena de prisão perpétua; um conhecimento dos meus tempos de faculdade em prisão domiciliar; um ex-cliente na penitenciária federal por sonegação de impostos. Todos tinham sido presos, levados para a cidade, registrados, com recolha de impressões digitais, e todos tinham uma fotografia com um pequeno número debaixo do queixo. E todos tinham sobrevivido.

Desconfiava que até Mordecai Green tinha sentido o aperto frio das algemas.

Havia uma nota de alívio pelo fato de isto estar finalmente acontecendo. Podia deixar de fugir, de me esconder e de ver se vinha alguém atrás de mim. A espera acabara. E não fora um ataque surpresa no meio da noite, e que decerto me deixaria na prisão até de manhã. Fora a uma hora conveniente. Com sorte, podia ser citado e posto em liberdade sob fiança antes do fim-de-semana. Mas havia também uma nota de horror, um medo que nunca sentira na minha vida. Muitas coisas podiam correr mal na cadeia municipal. Os documentos podiam se perder. Podiam criar-se atrasos de várias ordens. A fiança podia ser adiada até sábado, ou domingo, ou mesmo até segunda-feira. Podia ser colocado em uma cela superlotada com gente hostil ou mesmo desagradável.

A notícia de que eu fora preso se espalharia. Os meus amigos abanariam a cabeça e perguntariam a si mesmos o que mais poderia eu fazer para estragar a minha vida. Os meus pais ficariam desolados. Não sabia ao certo o que sentiria Claire, sobretudo agora que o gigolô lhe estava fazendo companhia. Fechei os olhos e tentei me sentir confortável, o que era impossível enquanto estivesse sentado em cima das mãos.

A citação foi um processo indistinto: movimentos surreais de um lado para o outro, com Gasko manobrando-me como se eu fosse uma marioneta perdida. Olhos no chão, dizia eu constantemente a mim próprio. Não olhe para essa gente. Primeiro o inventário, tudo fora dos bolsos, assinar um formulário. Ir à sala imunda das fotografias, tirar os sapatos, encostar-me à fita métrica, não é obrigado a sorrir se não quiser, mas por favor olhe para a câmara. Depois, uma de perfil. Depois as Impressões digitais, que estavam ocupadas. Gasko algemou-me então, como se eu fosse um doente mental, a uma cadeira do corredor,

enquanto ia buscar café. Os detidos passavam, todos em várias fases do processo. Policiais por todo lado. Um rosto branco, não de um policial, mas de um advogado como eu mesmo. Jovem, do sexo masculino, com um elegante casaco azul, visivelmente embriagado, com uma escoriação na face esquerda.

Como é que uma pessoa consegue comparecer perante o juiz antes das cinco horas da manhã de uma sexta-feira? O homem falava alto, em tom ameaçador, com palavras entarameladas, duras, ignoradas por todos. Depois, desapareceu. O tempo passou e comecei a entrar em pânico. Lá fora estava escuro, o fim-de-semana começara, ocorreriam crimes, a cadeia ficaria mais agitada. Gasko voltou, levou-me às Impressões Digitais e ficou observando enquanto a Poindexter aplicava a tinta com eficiência e me colava os dedos às folhas de papel.

Não foi necessário fazer telefonemas. O meu advogado estava perto, embora Gasko não tivesse visto. As portas tornavam-se mais pesadas à medida que nos dirigíamos para a cadeia. Íamos na direção errada, a rua ficava atrás de nós.

— Não posso pagar fiança? — perguntei finalmente. Vi as grades à minha frente; grades nas janelas e polícias agitados de armas na mão.

— Acho que o seu advogado está tratando disso — disse Gasko. Entregou-me ao sargento Coffey, que me empurrou para uma parede, afastou-me as pernas com um pontapé e revistou-me como se estivesse à procura de uma moeda. Como não descobriu nada, apontou para um detetor de metais e disse qualquer coisa entredentes. Passei pela máquina, que não acusou a presença de nada. Um zumbido, uma porta abrindo-se, um corredor, com filas de grades dos dois lados. Uma porta fechou-se com estrondo atrás de mim, e sumiu-se a minha prece para que fosse libertado facilmente. Braços e mãos a saírem das grades, estendidos para o corredor estreito. Os homens observavam-nos ao passar. Eu olhava para os pés. Coffey espreitava para todas as celas; calculei que estivesse contando os corpos. Paramos na terceira cela à direita.

Os meus companheiros de cela eram negros, todos muito mais novos do que eu. A princípio contei quatro, e depois reparei em um quinto deitado no beliche de cima. Havia duas camas para seis pessoas. A cela era um pequeno espaço quadrado, com três paredes constituídas só por grades. Via os prisioneiros da cela ao lado e do outro lado do

corredor. A parede de trás era de blocos e tinha um pequeno vaso a um canto.

Coffey fechou a porta atrás de mim. O cara que se encontrava no beliche superior sentou-se de lado e começou a balançar as pernas junto da cara de outro que estava sentado no beliche inferior. Todos me fitaram quando eu entrei, tentando mostrar-me calmo e sem medo e fazendo um esforço desesperado para encontrar um lugar no chão onde pudesse sentar sem correr o perigo de tocar em algum dos meus companheiros de cela.

Graças a Deus, eles não tinham armas. Graças a Deus, alguém instalara o detetor de metais. Eles não tinham pistolas nem facas; eu não tinha mais nada, a não ser a roupa. O meu relógio de pulso, a carteira, o telefone celular e o dinheiro — tudo o que trazia comigo tinham sido levados e inventariados. A parte da frente da cela devia ser mais segura do que a parte de trás. Ignorei os olhares deles e ocupei o meu lugar no chão, encostado à porta. Ao fundo do corredor, alguém gritava por um guarda.

Estalou uma briga duas celas mais à frente, e através das grades e dos beliches vi o branco embriagado e de casaco azul entalado em um canto por dois negros corpulentos que lhe batiam na cabeça. Outras vozes os encorajavam e a desordem começava a instalar-se em toda a ala. Não era um grande momento para um branco.

Ouviu-se um apito estridente, abriu-se uma porta e Coffey voltou, de bastão em punho. A briga terminou abruptamente, com o bêbado caído e imóvel. Coffey dirigiu-se à cela e perguntou o que acontecera. Ninguém sabia; ninguém vira nada.

— Fiquem quietos! — ordenou ele, e depois foi embora. Passaram-se alguns minutos. O bêbado começou a gemer; alguém vomitava à distância. Um dos meus companheiros de cela levantou-se e aproximou-se do lugar onde eu estava sentado. Os seus pés descalços tocaram minha perna. Olhei para cima e depois para o lado. Ele olhou para baixo e eu percebi que aquilo era o fim.

— Belo casaco — disse ele.

— Obrigado — disse eu em voz baixa, tentando não parecer sarcástico ou provocador. O casaco era um blazer azul, velho, que eu vestia todos os dias com jeans e calças caqui, a minha roupa radical. Não merecia ser massacrada.

— Belo casaco — disse ele outra vez, tocando-me de leve com o pé. O cara que estava no beliche superior saltou para baixo e aproximou-se para ver melhor.

— Obrigado — disse eu outra vez.

Ele tinha dezoito ou dezenove anos, era alto e magro, não tinha uma grama de gordura, e talvez fosse membro de uma gangue e tivesse passado a vida na rua. Era arrogante e estava ansioso por impressionar os outros com as suas bravatas. Eu devia ser o cara que mais lhe facilitava a exibição do seu poder.

— Eu não tenho um casaco tão bonito como esse — disse ele. Deu-me um toque mais firme com o pé, destinado a provocar-me. Não devia ser um delinquente da rua, pensei. Não podia roubar porque não tinha para onde fugir.

— Quer que eu o empreste? — perguntei, sem olhar para cima.

— Não.

Encolhi as pernas de modo a ficar com os joelhos junto do queixo. Era uma posição defensiva. Se ele me desse um pontapé ou um encontrão, eu não responderia. Qualquer resistência envolveria imediatamente os outros quatro, e todos se deleitariam a tratar da saúde do branco.

— O chavalo diz que você tem um belo casaco — disse o que estava no beliche superior.

— E eu agradeci.

— O chavalo diz que não tem um casaco tão bonito como esse.

— E o que tenho de fazer?

— Um presente seria boa ideia.

Um terceiro avançou e fechou o semicírculo à minha volta. O primeiro tocou-me no pé e todos se aproximaram ainda mais. Estavam prontos a saltar, uns à espera dos outros, por isso despi o casaco e atirei-o para a frente.

— Isto é um presente? — perguntou o primeiro, pegando nele.

— É aquilo que você quiser — respondi.

Olhava para o chão, evitando encará-los; por isso, não vi o pé dele. Foi um pontapé odioso, que me atingiu a têmpora esquerda e me empurrou a cabeça para trás, contra as grades.

— Merda! — gritei, preparando-me para o ataque.

— Isto é um presente?

— É.

— Obrigado.

— Não tem de quê — disse eu, esfregando a cara. Senti-me atordoado. Eles se afastaram, deixando-me enrolado como uma bola. Passaram-se alguns minutos, embora eu não imaginasse que horas eram. O branco embriagado fazia um esforço para recuperar os sentidos, e outra voz chamava por um guarda. O cara que pegara o meu casaco não o vestiu. A cela engoliu-o. A minha cara latejava, mas não havia sangue. Se não voltasse a ser agredido por um dos meus companheiros, poderia dar-me por muito feliz. Um camarada no fundo do corredor gritou que não conseguia dormir, e comecei a pensar no que a noite podia trazer. Seis ocupantes e duas camas muito estreitas. Teríamos de dormir no chão, sem cobertor nem almofada? O chão estava ficando frio, e quando me sentei olhei para os meus companheiros e especulei quanto aos crimes que teriam cometido. Eu, evidentemente, tirara um processo com toda a intenção de devolvê-lo. No entanto, ali estava eu, um pobre homem, no meio de traficantes de droga, ladrões de automóveis, violadores e talvez até de assassinos. Não tinha fome, mas pensava na comida. Não tinha escova de dentes. Não precisava ir ao banheiro, mas o que aconteceria quando precisasse? Onde estava a água para beber? As coisas básicas tornavam-se cruciais.

— Belos sapatos — disse alguém, sobressaltando-me. Olhei para cima e vi um deles perto de mim. Calçava meias brancas, sujas, mas não tinha sapatos, e os seus pés eram muito maiores do que os meus.

— Obrigado — disse eu. Os sapatos em questão eram uns Nike velhos. Não eram sapatos de basquetebol, e não deveriam ter agradado ao meu companheiro de cela. Por uma vez, desejei estar com os meus sapatos de couro.

— Qual é o tamanho? — perguntou ele.

— Dez.

O cara que me tirou o casaco aproximou-se; a mensagem fora enviada e recebida.

— É o mesmo tamanho que eu calço — disse o primeiro.

— Quem quer? — disse eu. Comecei imediatamente a desapertá-los. Descalcei-os depressa e o cara os pegou.

E os meus jeans? E a minha roupa interior. Tive vontade de perguntar.

Mordecai apareceu finalmente por volta das sete horas da tarde. Coffey foi me buscar-me na cela, e quando nos encaminhávamos para a saída, perguntou: — Onde estão os seus sapatos?

— Na cela. Eles o roubaram — respondi.

— Eu vou buscá-los.

— Obrigado. Eu tinha um casaco azul também.

Ele olhou para o lado esquerdo da minha cara, onde o canto do olho começava a inchar.

— Sente-se bem? — Muito bem. Estou livre.

A minha fiança era de dez mil dólares. Mordecai estava à espera com o fiador. Paguei-lhe mil dólares em dinheiro e assinei a papelada. Coffey trouxe os sapatos e o casaco, e a minha prisão chegou ao fim. Sofia estava à espera lá fora, no carro dela, e levaram-me.

VINTE E SETE

Estritamente em termos físicos, eu estava pagando o preço de ter passado da torre de marfim para a rua. As escoriações provocadas pelo acidente de automóvel tinham quase desaparecido, mas as dores nos músculos e nas articulações prolongaram-se por várias semanas. Estava perdendo peso, por dois motivos: não podia pagar os restaurantes que antes frequentava e perdera o interesse pela comida. Doíam-me as costas por dormir no chão, no saco de dormir, uma prática que me resolvera a prolongar, para ver se conseguiria suportá-la. Tinha as minhas dúvidas. E depois um vadio por pouco não me fraturara o crânio com o pé descalço. Pus gelo na equimose, e sempre que acordava durante a noite ela parecia estar aumentando.

Mas senti-me feliz por estar vivo, por estar inteiro depois de ter descido ao inferno por algumas horas, antes de ser salvo. O medo do desconhecido desaparecera, pelo menos por hora. Não havia polícias à espreita na sombra.

Furto não era brincadeira, sobretudo porque eu era culpado. O máximo eram dez anos de prisão. Pensaria nisso mais tarde.

Saí de casa antes do sol nascer, era um sábado, depressa, para encontrar o jornal mais próximo. O meu novo café da zona era uma pequena padaria, aberta toda a noite, que pertencia a uma família turbulenta de paquistaneses em Kalorama, numa parte de Adams-Morgan em que, em um pequeno quarteirão, tanto era possível encontrar gente segura como traiçoeira. Aproximei-me discretamente do balcão e pedi um copo de leite. Em seguida abri o jornal e descobri a pequena notícia que me tirara o sono. Os meus amigos da Drake & Sweeney tinham planejado tudo bem. Na segunda página da Cidade, estava a minha cara, numa fotografia tirada há um ano para uma brochura editada pela firma. Só eles é que tinham o negativo. A história tinha quatro parágrafos, era breve e concisa, e estava quase toda cheia de informações cedidas ao repórter pela firma. Eu trabalhara lá sete anos, no departamento de Direito da Concorrência, cursara Direito em Yale, e não tinha antecedentes criminais. A firma era a quinta maior do país — oitocentos advogados, oito cidades, etc.

Ninguém era citado, mas não era preciso. O único objetivo da história era humilhar-me, e nesse ponto era eficaz. ADVOGADO LOCAL PRESO POR FURTO, lia-se no título próximo da minha cara. Objetos levados era a descrição do roubo. Objetos levados quando saí da firma.

Parecia uma pequena briga idiota — um grupo de advogados sofismando por causa de uns papéis. Quem se importaria, além de eu próprio e de quem me conhecesse? O embaraço desapareceria rapidamente; havia muitas histórias graves no mundo.

A fotografia e a história tinham encontrado um repórter simpático, que estivera disposto a publicar os quatro parágrafos e a esperar que a minha prisão fosse confirmada. Sem qualquer esforço, imaginei Arthur, Rafter e a sua equipe passando horas a planejando a minha detenção e o que se lhe seguiria; horas que seriam debitadas à RiverOaks, só porque por acaso era o cliente que se encontrava mais perto. Mas que golpe de relações públicas! Quatro parágrafos na edição de sábado.

Os paquistaneses não faziam donuts com recheio de frutas. Comprei biscoitos de aveia, meti-me no carro e fui para o escritório.

Ruby estava dormindo na soleira da porta, e quando me aproximei perguntei a mim mesmo há quanto tempo é que ela ali se encontraria. Estava coberta com duas ou três mantas velhas, e tinha a

cabeça em um grande saco de lona de ir às compras, onde guardava os seus pertences. Levantou-se de um salto quando eu tossi e fiz barulho.

— Por que está dormindo aqui? — perguntei.

Ela olhou para o saco de comida e respondeu: — Tenho de dormir em algum lugar.

— Julguei que dormia no automóvel.

— E durmo. Quase sempre.

Nada de produtivo resultaria de uma conversa com uma pessoa sem teto à qual perguntassem por que razão dormia aqui ou ali. Ruby tinha fome. Abri a porta, acendi as luzes e fui fazer café. De acordo com o nosso ritual, ela foi direto àquela que passara a ser a sua mesa e ficou à espera. Bebemos café e comemos biscoitos acompanhando as notícias da manhã. Alternamos histórias — eu li uma que eu queria, e depois outra que lhe interessava. Ignorei a que falava de mim.

Na tarde da véspera, Ruby saíra da reunião dos AA/NA realizada no Naomi's. A sessão da manhã decorrera sem incidentes, mas ela fugira da segunda. Megan, a diretora, me telefonara cerca de uma hora antes de Gasko aparecer.

— Como se sente esta manhã? — perguntei, quando acabei de ler o jornal.

— Bem. E você?

— Bem. Estou limpo. E você?

Ruby ficou desconcertada; desviou o olhar e fez uma pausa suficientemente longa para apurar a verdade.

— Sim. Estou limpa — respondeu.

— Não, não está. Não minta, Ruby. Sou seu amigo e seu advogado, e vou ajudá-la a ver o Terrence. Mas não posso ajudá-la se você mentir. Agora, olhe para mim e diga-me se está limpa.

Ela conseguiu encolher-se ainda mais e, de olhos postos no chão, respondeu: — Não estou limpa.

— Obrigado. Por que saiu da reunião dos AA/NA ontem à tarde?

— Não saí.

— A diretora me disse que você saiu.

— Achei que já tinha acabado.

Eu não ia ser arrastado para uma discussão que não podia ganhar.

— Hoje vai ao Naomi's?

— Vou.

— Ainda bem. Eu vou leva-la, mas me prometa que irá às duas reuniões.

— Prometo.

— Tem de ser a primeira a entrar nas reuniões, e a última a sair, está bem?

— Está bem.

— E a diretora estará vendo.

Ela fez um sinal afirmativo e tirou outro biscoito, o quarto. Falamos de Terrence, da recuperação e da desintoxicação, e voltei a pedir-lhe que compreendesse que a toxicodependência não conduzia a nada. O simples fato de não se drogar durante vinte e quatro horas era um desafio que a perturbava. A droga era crack, como eu desconfiava. Criava imediatamente dependência e era muito barata.

Quando íamos para o Naomi's, Ruby perguntou de repente: — Você foi preso, não foi?

Por pouco não passei por um sinal vermelho. Ela estava dormindo na soleira da porta ao nascer do sol; mal sabia ler. Como é que lera o jornal?

— Sim, fui.

— Já calculava.

— Como soube?

— Ouvem-se coisas na rua.

Ah, sim. Os jornais eram para esquecer. Os sem teto transportam as suas próprias notícias. Aquele jovem advogado do escritório do Mordecai foi preso. Os polícias levaram-no, como se fosse um de nós.

— É um mal-entendido — expliquei, como se ela se importasse com isso. Tinham começado a cantar sem ela; nós as ouvimos quando íamos subindo as escada do Naomi's. Megan abriu a porta da frente e convidou-me a ficar para tomar café. Na sala principal do primeiro andar, naquilo que em tempos fora um belo salão, as senhoras do Naomi's cantavam e partilhavam e escutavam os problemas umas das outras. Ficamos observando-as durante alguns minutos. Eu, que era o único homem, sentia-me um intruso. Megan serviu o café na cozinha e acompanhou-me em uma visita rápida ao local. Falávamos em voz baixa, porque as senhoras estavam rezando não muito longe dali. Havia banheiros e banhos no primeiro andar, perto da cozinha; e um pequeno

jardim nos fundos onde aquelas que sofriam de depressão iam muitas vezes para ficarem sozinhas.

O segundo andar era ocupado por gabinetes, salas de consultas e uma sala retangular cheia de cadeiras onde aconteciam as reuniões dos Alcoólicos Anônimos/Narcóticos Anônimos.

Quando subíamos as escadas estreitas, um coro alegre começou a cantar lá em baixo. O gabinete de Megan ficava no terceiro andar. Convidou-me a entrar e assim que me sentei atirou um exemplar do Post para o meu colo.

— Uma noite difícil, hein? — disse ela, com um sorriso. Olhei outra vez para a minha fotografia.

— Não ficou muito mal.

— O que é isso? — perguntou ela apontando para a minha têmpora.

— O meu companheiro de cela queria os meus sapatos. E ficou com eles.

Ela olhou para os meus Nike usados.

— Esses?

— Sim. Bonitos, não são?

— Quanto tempo esteve na cadeia?

— Duas horas. Depois fui libertado. Foi uma espécie de programa de recuperação. Agora sou outro homem.

Ela voltou a sorrir, com um sorriso perfeito, e os nossos olhares demoraram-se por uns segundos, e eu pensei, Oh, céus! Ela não tem aliança no dedo. Era alta e um pouco magra demais. Tinha o cabelo ruivo escuro, curto e elegante, por cima das orelhas como uma colegial. Os olhos eram castanhos claros, muito grandes, redondos e muito agradáveis de contemplar durante um ou dois segundos. Percebi que era muito atraente, e pareceu-me estranho não ter reparado nisso antes.

Estaria eu apanhado? Teria subido as escadas por outro motivo além da visita ao local? Como é que eu não reparara naquele sorriso e naqueles olhos na véspera? Fizemos ambos um breve resumo das nossas vidas. O pai dela era sacerdote episcopal em Maryland e um fã dos Redskins que adorava Columbia. Na adolescência, Megan resolvera trabalhar com os pobres. Não havia apelo mais forte.

Fui obrigado a confessar que nunca pensara nos pobres até há duas semanas. Ela deixou-se cativar pela história do Senhor, e dos seus

efeitos purificadores em mim. Convidou-me a voltar para o almoço, para observar Ruby. Se estivesse sol, poderíamos comer no jardim.

Os advogados dos pobres não são diferentes das outras pessoas. Podem descobrir romantismo em lugares estranhos, como um abrigo para mulheres sem teto.

Uma semana depois de atravessar as zonas mais difíceis de Columbia e de passar horas em abrigos, e de um modo geral misturado com os sem teto, já não sentia necessidade de me esconder atrás de Mordecai quando me aventurava a sair. Ele era um escudo precioso, mas para sobreviver nas ruas eu tinha de saltar para a água e aprender a nadar.

Tinha uma lista de quase trinta abrigos, cozinhas e centros onde os sem teto iam e vinham. E outra com os nomes das dezessete pessoas despejadas, incluindo Devon Hardy e Lontae Burton.

A minha parada seguinte no sábado de manhã, depois do Naomi's, foi a Mount Gilead Christian Church, perto da Universidade de Gallaudet. Segundo o meu mapa, era a cozinha mais próxima do cruzamento da New York com a Florida, onde em tempos se erguia o armazém. A diretora era uma jovem chamada Gloria, que, quando cheguei às nove horas, estava sozinha na cozinha, cortando aipo e lamentando-se pelo fato de ainda não terem chegado voluntários. Depois de me apresentar e de te-la convencido que as minhas credenciais estavam em ordem, apontou para uma tábua e pediu-me que cortasse as cebolas aos cubos. Como é que um advogado dos pobres de boa fé podia dizer que não? Eu já fizera o mesmo, conforme lhe expliquei, na cozinha de Dolly, durante a nevasca. Ela era cortês, mas reservada. Enquanto cortava as cebolas e esfregava os olhos, descrevi-lhe o caso em que estava trabalhando e lhe dei os nomes das pessoas despejadas ao mesmo tempo de Devon Hardy e Lontae Burton.

— Nós não resolvemos casos. Só lhes damos de comer. Não sei os nomes de muitos — disse ela.

Chegou uma voluntária com um saco de batatas. Preparei-me para sair. Gloria agradeceu-me e ficou com uma cópia dos nomes. Prometeu estar mais atenta.

Os meus movimentos estavam planejados; tinha muitos lugares aonde ir, e pouco tempo.

Falei com um médico na Capitol Clinic, uma clínica subsidiada por particulares e destinada aos sem teto. A clínica tinha um registro de todos os doentes. Era sábado, e na segunda-feira ele daria instruções à secretária para verificar os arquivos do computador e compará-los com a minha lista. Se algum constasse do arquivo, a secretária me telefonaria.

Bebi chá com um sacerdote católico na Redeemer Mission, em Rhode Island. Examinou os nomes com muita atenção, mas nenhum lhe dizia nada.

— Há tantos — disse.

O único susto da manhã ocorreu na Freedom Coalition, uma grande sala de reuniões construída por uma associação há muito esquecida e mais tarde convertida em um centro comunitário. Às onze horas, começara a formar-se uma fila para o almoço junto da entrada principal. Como eu não estava ali para comer, ignorei a fila e encaminhei-me diretamente para a porta. Alguns dos homens que estavam à espera da comida julgaram que estava furando a fila e começaram a dirigir-me palavras obscenas. Estavam com fome e de repente enfureceram-se, e o fato de eu ser branco não ajudava. Como puderam confundir-me com um sem teto? A porta era controlada por um voluntário, que também julgou que eu estava bancando o esperto. Agarrou-me pelos braços com rudeza, outro ato de violência contra a minha pessoa.

— Não estou aqui para comer! — exclamei, furioso. — Sou um advogado dos sem teto! Estas palavras acalmaram os ânimos; de repente, passei a ser um irmão branco. O diretor era o reverendo Kip, um homem franzino e vivo, com uma boina vermelha e um cabeção preto. Não nos entendemos. Quando ele percebeu que a) eu era advogado; b) os meus clientes eram os Burton; c) eu estava trabalhando no processo deles; e d) poderia haver uma indenização pelos danos sofridos, começou a pensar em dinheiro. Perdi meia hora com ele, e saí resolvido a mandar o Mordecai lá.

Telefonei a Megan dizendo que não ia almoçar. Desculpei-me dizendo que me encontrava do outro lado da cidade, e que ainda tinha uma longa lista de pessoas para atender. A verdade é que não sabia se ela estava namorando. Era bonita, inteligente e muito desejável, e a última coisa de que eu precisava. Há dez anos que eu não namorava; já não sabia as regras. Mas Megan tinha grandes novidades. Ruby não só

sobrevivera à sessão da manhã dos AA/NA, como prometera manter-se limpa durante vinte e quatro horas. Fora uma cena comovente, que Megan observara do fundo da sala.

— Ela não pode ficar na rua esta noite — disse Megan. — Em doze anos, não houve um dia em que não se drogasse.

Os meus préstimos eram poucos, evidentemente. Megan tinha várias ideias.

A tarde foi tão infrutífera como a manhã, embora eu soubesse onde ficavam todos os abrigos de Columbia. E conheci gente, estabeleci contatos e troquei cartões com pessoas que talvez voltasse a ver. Kelvin Lam continuava a ser o único despejado que eu conseguira localizar. Devon Hardy e Lontae Burton tinham morrido. Restavam catorze pessoas, que tinham sumido nas fendas dos passeios.

Os sem teto incontornáveis apareciam nos abrigos de vez em quando para comer, para ir buscar um par de sapatos ou um cobertor, mas não deixavam rastro. Não queriam ajuda. Não desejavam o contato com outros seres humanos. Custava a acreditar que os restantes catorze fossem todos assim. Há um mês, tinham um teto e pagavam aluguel.

Paciência, dizia-me sempre Mordecai. Os advogados da rua têm de ter paciência.

Ruby estava à minha espera à porta do Naomi's, com um sorriso radiante e um abraço apertado. Assistira às duas sessões. Megan já preparara o terreno para as doze horas seguintes — Ruby não seria autorizada a ficar na rua. Ruby concordara.

Ruby e eu saímos da cidade e tomamos a direção de Virginia. Em um centro comercial suburbano, compramos uma escova de dentes, sabonete, xampu e guloseimas suficientes para todo o Halloween. Afastamo-nos da cidade e, na pequena cidade de Gainesville, descobri um motel impecável, que anunciava quartos individuais a quarenta e dois dólares por noite. Paguei com cartão de crédito; decerto seria dedutível.

Deixei-a ali, com instruções rigorosas para ficar no quarto, com a porta fechada à chave, até que eu fosse buscá-la, no domingo de manhã.

VINTE E OITO

Sábado à noite, primeiro dia de março. Jovem, livre, decerto não tão rico como era há pouco tempo, mas não totalmente falido. Um um guarda-roupa cheio de belos ternos, que não estavam sendo usados. Uma cidade de um milhão de pessoas, com muitas jovens sedutoras atraídas pelo centro do poder político, e sempre prontas, dizia-se, para passar bons momentos. Bebi uma cerveja, comi uma pizza e vi o jogo de basquetebol universitário, sozinho no sótão, sem me sentir infeliz. Naquela noite, qualquer aparecimento em público teria terminado depressa com a saudação cruel: Você não é aquele tipo que foi preso? Eu o vi no jornal desta manhã. Telefonei para saber de Ruby. Ela só atendeu após o oitavo toque, e comecei a entrar em pânico. Estava divertindo-se muito. Tomara um banho demorado, comera meio quilo de doces e vira televisão sem parar. Não saíra do quarto.

Estava a trinta quilômetros de distância, em uma pequena cidade no limite do estado com a zona rural de Virginia, onde nem ela nem eu conhecíamos ninguém. Não tinha qualquer chance de encontrar drogas. Felicitei-me mais uma vez.

Durante o meio tempo do jogo Duke-Carolina, o telefone celular, que estava em cima da caixa de plástico, ao lado da pizza, tocou e sobressaltou-me. Uma voz feminina muito agradável disse: — Olá, prisioneiro.

Era Claire, sem sutilezas.

— Olá — disse eu, cortado o som da televisão.

— Está bem? — Estou ótimo. E você? — Estou bem. Vi a sua cara sorridente no jornal desta manhã, e fiquei preocupada com você.

Claire só lia o jornal no domingo, portanto, se lera a minha história, era porque alguém lhe chamara a atenção para ela. Talvez tivesse sido o mesmo médico de sangue quente que atendera o telefone da última vez que eu lhe falara. Estaria sozinha naquela noite de sábado, como eu? — Foi uma experiência — respondi, e depois contei-lhe toda a história, começando por Gasko e terminando com a minha libertação. Ela queria falar e, à medida que a conversa avançava, concluí que estava de fato sozinha, talvez aborrecida e eventualmente solitária. E talvez estivesse mesmo preocupada comigo.

— A acusação é grave? — perguntou.

— Furto pode dar uma pena de dez anos — respondi com um tom solene. Agradava-me a perspectiva de ela estar apreensiva. — Mas

não estou preocupado com isso.

— É apenas um processo, não é verdade?

— É, e não foi um roubo.

É claro que fora, mas eu ainda não estava preparado para admiti-lo.

— Pode perder a carteira profissional?

— Posso. Se ficar provado que cometi um crime, eu a perderei automaticamente.

— Isso é terrível, Mike. O que faria depois?

— Ainda não pensei verdadeiramente nisso. Mas não vai acontecer.

Estava sendo totalmente honesto. Não pensara seriamente em perder a minha carteira profissional. Talvez fosse um assunto que exigisse ponderação, mas eu ainda não arranjara tempo para tal.

Perguntamos delicadamente pela família um do outro, e não me esqueci de perguntar pelo irmão, James, e pela sua doença de Hodgkin. O tratamento estava andando e a família se sentia otimista. Agradeci-lhe o telefonema e prometemos manter contato. Quando pousei o telefone ao lado da pizza, fiquei olhando para o jogo emudecido e admiti, contrafeito, que sentia falta dela.

Ruby tomara banho, reluzia e vestia as roupas novas que Megan lhe dera na véspera. O quarto dela ficava no térreo e a porta dava para o parque de estacionamento. Estava à minha espera. Saiu e abraçou-me com força.

— Estou limpa! — exclamou, com um grande sorriso. — Há vinte e quatro horas que estou limpa! Nos abraçamos outra vez.

Um casal com sessenta e tantos anos saiu do quarto duas portas mais abaixo e olhou para nós. Sabe Deus o que estariam pensado. Regressamos à cidade e fomos ao Naomi's, onde Megan e o seu pessoal aguardavam notícias. Gerou-se uma pequena festa quando Ruby fez o seu anúncio. Megan tinha dito que as primeiras vinte e quatro horas eram as que provocavam maiores aplausos.

Era domingo, e um pastor local acabara de chegar para fazer um estudo da Bíblia. As mulheres reuniram-se na sala principal para cantar e rezar. Megan e eu bebemos café no jardim e analisamos as últimas vinte e quatro horas. Além da oração e do culto, Ruby teria mais duas sessões do AA/NA. Mas o nosso optimismo era reservado. Megan vivia

no meio dos dependentes quer do álcool quer das drogas, e estava convencida que Ruby escorregaria de novo assim que voltasse para as ruas. Todos os dias convivia com casos semelhantes. Eu podia assegurar a estratégia do motel durante alguns dias, estava disposto a pagar. Mas às quatro horas da tarde partiria para Chicago, para começar a procurar Hector, e não sabia ao certo quanto tempo estaria fora. Ruby gostara do motel, parecia mesmo tê-lo adorado.

Resolvi fazer uma coisa de cada vez. Megan levaria Ruby para um motel da periferia, que eu pudesse pagar, e onde ela passaria a noite de domingo. Iria buscá-la na segunda-feira de manhã, e depois veríamos o que havíamos de fazer.

Megan também começaria tentando convencer Ruby de que tinha de sair da rua. A sua primeira paragem seria num centro de desintoxicação, e depois num abrigo transitório para mulheres, durante seis meses, com uma vida organizada, formação profissional e reabilitação.

— Vinte e quatro horas é um grande passo — disse ela. — Mas ainda há uma montanha para subir.

Saí logo que pude. Ela me convidou para almoçar. Podíamos comer no seu gabinete e debater assuntos importantes. Os seus olhos dançavam e convidavam-me dizendo que sim. Foi o que eu fiz.

Os advogados da Drake & Sweeney viajavam sempre em primeira classe; sentiam que tal lhes era devido. Ficavam hospedados em hotéis de quatro estrelas, comiam em restaurantes caros, mas recusavam as limusines, que consideravam muito extravagantes. Alugavam Lincolns. Todas as despesas de viagem eram debitadas aos clientes, e como estes contavam com os melhores talentos em leis do mundo, não podiam se queixar dos privilégios que eles usufruíam.

O meu lugar no voo para Chicago foi em classe turística, reservado à última hora e, consequentemente, no temido banco do meio. O lugar da janela era ocupado por um senhor robusto, cujos joelhos eram do tamanho dos de um jogador de basquete, e no corredor ia um jovem malcheiroso de dezoito anos, de cabelo preto cortado como se fosse um verdadeiro Mohawk, e enfeitado com uma espantosa coleção de couro preto e peças cromadas pontiagudas. Me encolhi, fechei os olhos durante duas horas e fiz o possível por não pensar nos indivíduos pomposos que viajavam em primeira classe, tal como eu no passado. A

viagem violava frontalmente o meu acordo de fiança — não podia ausentar-me do distrito sem autorização do juiz. Mas Mordecai e eu reconhecemos que se tratava de uma violação menor, sem consequências desde que regressasse a Columbia.

Quando cheguei a O'Hare, apanhei um táxi para um hotel barato no centro da cidade.

Sofia não conseguira descobrir o novo endereço dos Palma. Se eu não encontrasse Hector no escritório da Drake & Sweeney, estaríamos com azar.

A filial de Chicago da Drake & Sweeney tinha cento e seis advogados, e era a terceira maior depois de Washington e de Nova lorque. O departamento de Bens Imobiliários era desproporcionalmente grande, com dezoito advogados, mais do que no escritório de Washington. Concluí que fora esse o motivo pelo qual Hector fora enviado para Chicago — lá havia lugar para ele. Havia muito trabalho para fazer. Lembrei-me vagamente de ouvir dizer que a Drake & Sweeney comprara uma empresa imobiliária próspera, em Chicago, no início da minha carreira.

Cheguei ao Associated Life Building pouco depois das sete horas da manhã de segunda-feira. O dia estava cinzento e melancólico, com um vento agreste que soprava do Lago Michigan. Era a terceira vez que ia a Chicago, e das duas outras vezes o tempo estava igualmente ruim. Comprei café para beber e um jornal para me esconder, e consegui arranjar um lugar conveniente em uma mesa a um canto do grande átrio do térreo. As escadas rolantes cruzavam-se até o segundo e o terceiro pisos, onde doze elevadores aguardavam.

Por volta das sete e meia, o térreo fervilhava de gente atarefada. Às oito horas, depois de três xícaras de café, estava excitadíssimo e à espera do homem a qualquer momento. As escadas rolantes transportavam centenas de executivos, advogados e secretárias, todos envolvidos em casacos fortes e aparentemente semelhantes.

Às oito e vinte, Hector Palma, apressado, entrou no átrio, vindo do lado sul do edifício, com uma série de outras pessoas. Passou as mãos pelo cabelo desgrenhado pelo vento e dirigiu-se para as escadas rolantes. Com a maior naturalidade possível, caminhei para outra escada rolante e fui subindo os degraus. Eu o vi de relance, quando virou uma esquina e ficou à espera do elevador.

Era Hector, sem dúvida, e resolvi não forçar a sorte. Os meus cálculos estavam certos; fora transferido de Washington, de madrugada, e enviado para o escritório de Chicago, onde podia ser acompanhado, aliciado com mais dinheiro e, se necessário, ameaçado.

Eu sabia onde ele estava, e que não sairia nas próximas oito ou dez horas. Do segundo piso do átrio, com uma vista soberba do lago, telefonei a Megan. Ruby sobrevivera à noite; tinham-se passado quarenta e oito horas. Telefonei a Mordecai contando o meu achado.

Segundo o manual da Drake & Sweeney do último ano, havia três sócios no departamento de Bens Imobiliários do escritório de Chicago. O diretório do edifício que estava no átrio indicava que todos eles trabalhavam no quinquagésimo primeiro andar. Escolhi um ao acaso: Dick Heile. Integrei-me na vaga das nove horas que ia para o quinquagésimo primeiro andar e, quando saí do elevador, entrei em um ambiente que me era familiar — mármore, latão, nogueira, luz indireta e belos carpetes. Quando me dirigia para a recepcionista, olhei à volta, à procura dos banheiros. Não vi nenhum.

Ela estava atendendo o telefone com auscultadores. Franzi o sobrolho e tentei mostrar-me o mais maldisposto possível.

— Sim — disse ela, com um sorriso radiante, no intervalo dos telefonemas. Cerrei os dentes, inspirei e disse: — Tenho uma reunião com Dick Heile às nove horas, mas não me sinto bem. Deve ter sido qualquer coisa que comi. Posso usar o banheiro? Agarrei-me ao estômago, dobrei os joelhos e devo tê-la convencido de que estava quase vomitando sobre a mesa.

O sorriso desvaneceu-se, e ela levantou-se e começou a apontar.

— É ali ao fundo, à esquina, à direita.

Comecei a andar, dobrado pela cintura, como se pudesse rebentar a qualquer momento.

— Obrigado — disse eu, a custo.

— Posso arranjar-lhe alguma coisa? — perguntou ela.

Abanei a cabeça, muito assustado para dizer fosse o que fosse. Ao virar a esquina, me enfiei no banheiro dos homens, me fechei em uma cabina e fiquei à espera.

Ao ritmo a que o telefone dela tocava, estaria muito ocupada para se preocupar comigo. Eu estava vestido como um advogado de uma grande firma de advogados, portanto não levantava suspeitas. Dez

minutos depois, saí do banheiro e comecei a descer o corredor em sentido contrário ao posto da recepcionista. Na primeira mesa vazia que encontrei, peguei alguns papéis que e comecei a escrever e a andar ao mesmo tempo, como se tivesse um assunto importante a tratar. Olhava para todo o lado — para os nomes nas portas e nas mesas, para as assistentes muito ocupadas para levantarem a cabeça, para os advogados grisalhos em mangas de camisa, para os jovens advogados ao telefone com as portas entreabertas, para as datilógrafas às voltas com os ditafones. Aquilo me era tão familiar! Hector tinha o seu próprio gabinete, uma pequena sala sem nome à vista. Vi-o pela porta entreaberta, entrei imediatamente e fechei a porta atrás de mim. Ele recuou na cadeira e levantou os braços com as palmas das mãos viradas para mim, como se estivesse sob a ameaça de uma arma.

— Com os diabos! — exclamou.

— Olá, Hector.

Nada de armas, nada de assaltos, apenas uma má recordação. Deixou cair as mãos em cima da mesa e sorriu.

— Com os diabos! — exclamou outra vez.

— Chicago? — perguntei, sentando-me na beira da mesa.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ele, incrédulo.

— Podia fazer-lhe a mesma pergunta.

— Estou trabalhando — disse ele, coçando a cabeça. Cento e cinquenta metros acima do nível da rua, enfiado em uma salinha indescritível sem janelas, isolado por camadas de gente mais importante, Hector fora encontrado pela única pessoa de quem andava fugindo.

— Como me descobriu? — perguntou.

— Foi muito fácil, Hector. Agora sou um advogado da rua, inteligente e esperto. Se você voltar a fugir, eu volto a encontrá-lo.

— Eu não estou fugindo — disse ele, desviando o olhar.

— Amanhã vamos apresentar o processo — disse eu. — Os acusados serão a RiverOaks, a TAG e a Drake & Sweeney. Você não terá onde esconder-se.

— Quem são os queixosos? — Lontae Burton e a família. Mais tarde, acrescentaremos os outros despejados, quando os encontrarmos todos.

Hector fechou os olhos e apertou a cana do nariz.

— Lembra-se da Lontae, não é verdade, Hector? Era a jovem mãe que lutou com os polícias quando vocês estavam executando o despejo. Você assistiu a tudo e sentiu-se culpado porque sabia a verdade, sabia que ela pagava aluguel ao Gantry. Pôs tudo no seu memorando, aquele com data de vinte e sete de Janeiro, e tratou que fosse devidamente registrado no processo. Você o fez porque sabia que Braden Chance o tiraria de lá em algum momento. E foi o que ele fez. E é por isso que eu estou aqui, Hector. Quero uma cópia do memorando. Tenho o resto do processo, que está prestes a ser revelado. Agora quero o memorando.

— O que o leva a pensar que tenho uma cópia? — Porque você é muito esperto para não o ter fotocopiado. Sabia que Chance tirara o original para se proteger. Mas agora ele vai ser desmascarado. Não se afunde com ele.

— Então para onde vou? — Para lugar nenhum — respondi. — Você não tem para onde ir.

Ele sabia. Como sabia a verdade acerca do despejo, seria obrigado a depor em dado momento, e de qualquer maneira. O seu depoimento afundaria a Drake & Sweeney, e ele estaria acabado. Era uma sequência de acontecimentos de que eu e Mordecai tínhamos falado. Tínhamos umas migalhas para oferecer.

— Se você me der o memorando, eu não direi de onde é que ele veio — disse. — E não o citarei como testemunha, a menos que seja absolutamente obrigado a isso.

Ele abanou a cabeça.

— Eu podia mentir, como sabe — disse ele.

— É claro que podia. Mas não o fará porque será apanhado. É fácil provar que o seu memorando foi registrado no processo e depois tirado. Você não pode negar que o escreveu. Depois, temos o depoimento das pessoas que vocês despejaram. Darão grandes testemunhas diante de um júri totalmente constituído por negros. E já falamos com o guarda que esteve com você em vinte e sete de Janeiro.

Acertamos em cheio, e Hector estava atado de pés e mãos. Na realidade, não tínhamos conseguido encontrar o guarda; o seu nome não constava do processo.

— Nem pense em mentir. Isso só piorará as coisas — disse eu. Hector era muito honesto para mentir. Afinal, fora ele que me passara a

lista dos despejados e as chaves com que eu roubara o processo. Tinha alma e consciência, e não se podia sentir feliz escondido em Chicago, fugindo do seu passado.

— Chance contou-lhes a verdade? — perguntei.

— Não sei — respondeu ele. — Duvido. Isso exigiria coragem e ele é um covarde... Eles vão me despedir, sabe? — Talvez, mas você move-lhes um processo. Eu trato disso. Nós os processamos outra vez, e não lhe cobro um centavo.

Alguém bateu à porta. Ficamos ambos assustados. A nossa conversa nos fizera recuar no tempo.

— Sim — disse ele.

Entrou uma secretária.

— Mr. Peck está à espera — disse ela, mirando-me de alto a baixo.

— Já vou — disse Hector, e a secretária saiu devagar, deixando a porta aberta.

— Tenho de ir — disse Hector.

— Não me vou embora sem uma cópia do memorando.

— Me encontre perto da fonte em frente do edifício, ao meio-dia.

— Estarei lá.

Pisquei o olho à recepcionista ao passar pela entrada.

— Obrigado — disse. — Sinto-me muito melhor.

— Não tem de quê — respondeu ela.

Da fonte, fomos para oeste, para Grand Avenue, e entramos em uma charutaria judaica, cheia de gente. Enquanto esperávamos na fila para pedir um sanduíche, Hector me entregou o envelope.

— Tenho quatro filhos. Por favor, me proteja — disse ele. Peguei o envelope e ia dizer qualquer coisa quando ele recuou e se perdeu no meio da multidão. Eu o vi abrindo caminho até à porta e saindo da charutaria, com a gola do sobretudo levantada, quase correndo para se afastar de mim.

Esqueci o almoço. Percorri a pé os quatro quarteirões que me separavam do hotel, paguei a conta e atirei as minhas coisas para o interior de um táxi. Enterrado no banco de trás, com as portas trancadas, e o motorista meio adormecido, sem ninguém saber onde me encontrava, abri o envelope. O memorando estava redigido no formato típico da Drake & Sweeney, fora processado no computador pessoal de

Hector, e tinha o código do cliente, o número do processo e a data impressos em letra pequena em baixo, à esquerda. Estava datado de 27 de Janeiro, fora enviado a Braden Chance por Hector Palma e dizia respeito ao despejo ordenado pela RiverOaks/TAG, em um armazém na Florida Avenue.

Nesse dia, Hector dirigira-se ao armazém com um guarda armado, Jeff Mackle, da empresa de segurança Rock Creek, chegara às 9.15 da manhã e saíra às 12.30. O armazém tinha três pisos, e, depois de ver as pessoas que se encontravam no térreo, Hector fora ao segundo piso, onde não havia sinais de habitação. No terceiro piso, vira lixo, roupas velhas e o que restava de uma fogueira que alguém fizera há uns meses.

No extremo oeste do térreo, encontrara onze apartamentos temporários, todos montados depressa com compensados, sem pintura, mas obviamente construídos pela mesma pessoa, mais ou menos ao mesmo tempo, com algum esforço. Todos os apartamentos eram sensivelmente do mesmo tamanho, vistos do exterior. Hector não conseguiu entrar em nenhum. Todas as portas eram iguais, feitas de um material leve e oco, material sintético, talvez plástico, com um puxador e um ferrolho.

O banheiro estava muito gasto e sujo. Não sofrera melhoramentos recentes.

Hector encontrou um homem que se identificou como Herman, e Herman não se mostrou interessado em falar. Hector perguntou qual o aluguel cobrado pelos apartamentos, e Herman respondeu que não era cobrado nada; disse que estava ocupando aquele lugar. O aparecimento de um guarda armado e fardado esfriou a conversa.

No extremo leste do edifício, foram encontradas dez unidades com o mesmo traçado e a mesma construção. Um choro de criança levou Hector a aproximar-se de uma das portas. Hector pediu ao guarda que se escondesse na sombra. Uma jovem mãe respondeu ao seu toque; tinha um bebê ao colo e mais três crianças agarradas às pernas. Hector informou-a de que representava uma firma de advogados, que o edifício fora vendido e que ela teria de sair dali dentro de poucos dias. A princípio, ela disse que estava ocupando o local, mas depressa passou ao ataque. Era o seu apartamento. Alugara-o de um homem chamado Johnny, que vinha receber cem dólares todos os meses, no dia quinze.

Não havia nada escrito. Não sabia quem era o dono do edifício; Johnny era o seu único contato. Estava ali há três meses e não podia sair porque não tinha para onde ir. Trabalhava vinte horas por semana em uma mercearia. Hector lhe disse que juntasse as suas coisas e que se preparasse para sair dali. O edifício seria derrubado daí a dez dias. Ela começou a ficar muito nervosa. Hector tentou provocá-la mais. Perguntou-lhe se tinha alguma prova de que pagava aluguel. Ela encontrou a carteira, debaixo da cama, e estendeu-lhe um pedaço de papel, um talão da caixa registradora de uma mercearia. No verso, alguém escrevera: Recebido de Lontae Burton,15 de Janeiro, cem dólares de aluguel. O memorando tinha duas páginas. Mas havia uma terceira página anexa, uma cópia do recibo, que mal se lia. Hector tirara-lho, fotocopiara-o e juntara o original ao memorando. A letra era apressada e imperfeita, a cópia pouco nítida, mas era excelente. Devo ter feito algum ruído revelador do meu êxtase porque o motorista desviou a cabeça e examinou-me através do retrovisor. O memorando era uma descrição perfeita daquilo que Hector vira, dissera e ouvira. Não havia conclusões, nem advertências aos seus superiores. Vou dar corda suficiente para ver se eles se enforcam, devia ter dito com os seus botões. Era um simples solicitador, e não estava em posição de dar conselhos ou opiniões nem de fazer acordos.

Em O'Hare, enviei-o por fax a Mordecai. Se o meu avião caísse, ou se fosse atacado por alguém que o roubasse, queria uma cópia dele bem guardada nos arquivos da 14ª Street Legal Clinic.

Como o pai de Lontae Burton nos era desconhecido, e talvez desconhecido do mundo, e como a mãe e os irmãos estavam na cadeia, tomamos a decisão tática de ignorarmos a família e de usarmos um procurador como cliente. Na segunda-feira de manhã, enquanto eu estava em Chicago, Mordecai compareceu perante um juiz no Tribunal de Família de Columbia e pediu que fosse nomeado um procurador temporário para proteger os bens de Lontae Burton e dos seus filhos.

Foi um assunto de rotina resolvido em privado. O juiz era conhecido de Mordecai.

VINTE E NOVE

A petição foi aprovada em poucos minutos, e nós ganhamos um novo cliente. Chamava-se Wilma Phelan e era uma assistente social das relações de Mordecai. O seu papel no litígio seria menor, e lhe seria paga uma importância muito reduzida se conseguíssemos recuperar alguma coisa. A Fundação Cohen podia ser mal gerida do ponto de vista financeiro, mas tinha regras e regulamentos internos que abrangiam todos os aspectos de uma clínica legal sem fins lucrativos. Leonard Cohen fora um advogado obviamente atento aos pormenores. Embora fosse uma prática não estimulada e não encarada com bons olhos, a clínica podia encarregar-se de um caso de indenização ou de morte recebendo honorários na eventualidade de ganhar o processo. Mas estes não podiam ultrapassar vinte por cento da indenização recebida, em vez dos trinta por cento habituais. Alguns advogados cobravam habitualmente quarenta por cento.

Dos vinte por cento de honorários, a clínica podia ficar com metade; os outros dez por cento iam para a fundação. Em catorze anos, Mordecai encarregara-se de dois casos segundo este sistema. Perdera o primeiro devido a um júri desfavorável. O segundo envolvia uma mulher sem teto que fora atropelada por um ônibus urbano. Ele pedira uma indenização de cem mil dólares, o que rendera à clínica um total de dez mil, uma parte dos quais utilizara na aquisição de telefones e computadores novos. O juiz aprovou com relutância o nosso contrato a vinte por cento E nós nos preparamos para apresentar o processo.

O jogo começava às sete e trinta e cinco — Georgetown-Syracuse. Mordecai conseguiu arranjar dois bilhetes. O meu avião chegou ao aeroporto às seis e vinte, e meia hora depois encontrei-me com Mordecai à entrada da US Air Arena em Landover. Estávamos acompanhados por quase vinte mil outros fãs. Mordecai deu-me um bilhete e depois tirou do bolso do sobretudo um envelope grosso, fechado, enviado para a clínica à minha atenção, por correio registrado. Era do tribunal.

— Chegou hoje. Falo com você nos nossos lugares — disse ele, sabendo exatamente o que estava lá dentro e desaparecendo em uma multidão de estudantes.

Abri o envelope e descobri um lugar com luz suficiente para ler o que havia lá dentro. Os meus amigos da Drake & Sweeney recorriam a todas as suas armas.

Era uma queixa formal apresentada no Tribunal da Relação, na qual eu era acusado de comportamento não ético. As alegações ocupavam três páginas, mas poderiam ter sido resumidas num parágrafo. Eu roubara um processo. Quebrara o sigilo. Era um malvado que poderia ser: 1) excluído permanentemente do foro; 2) suspenso por muitos anos e/ou 3) repreendido em público.

E como o processo ainda não aparecera, o assunto era urgente, e por conseguinte a instrução e o processo deviam ser acelerados. Havia avisos, formulários e outros documentos em que mal reparei. Foi um choque, e encostei-me à parede para me recompor e pensar no que me esperava. É verdade que admitira a existência de um processo judicial. Seria irrealista pensar que a firma não faria todas as tentativas para recuperar o processo. Mas julguei que a prisão os tivesse acalmado por uns tempos. Era evidente que tal não acontecera. Eles queriam sangue. Era típico de uma grande empresa, que trabalhava a sério, e com uma estratégia que não admitia cedências, e eu percebi perfeitamente. O que eles não sabiam era que, às nove horas da manhã seguinte, teria o prazer de os processar por dez milhões de dólares pelas mortes dos Burton.

Pelos meus cálculos, eles não me podiam fazer mais nada. Não havia mais mandatos. Nem mais cartas registradas. Tudo estava em cima da mesa, todas as linhas estavam traçadas. De certo modo, era, um alívio estar na posse dos documentos.

Também era assustador. Desde que entrara na faculdade de Direito, há dez anos, que não encarara a sério a hipótese de trabalhar em outro domínio. O que podia eu fazer se me fosse proibido o exercício da advocacia? Mas Sofia não tinha carteira profissional e era minha colega. Mordecai foi me encontrar no corredor que dava acesso aos nossos lugares. Fiz-lhe um breve resumo da petição. Ele mostrou-se pesaroso.

Apesar do jogo prometer ser tenso e empolgante, o basquetebol não era a nossa prioridade máxima. Jeff Mackle trabalhava a meio período na Rock Creek Security e também fazia serviço no campo. Sofia tentara contactá-lo durante todo o dia. Calculamos que se encontrasse entre os cem guardas fardados que cercavam o edifício, vendo o jogo de graça e olhando as colegiais. Não sabíamos se era velho ou novo, branco ou negro, gordo ou magro, mas os seguranças usavam umas

pequenas placas do lado esquerdo do peito, por cima do bolso. Percorremos os corredores e as entradas até quase ao fim da primeira parte, até que Mordecai o descobriu paquerando uma empregada da bilheteira junto da Porta D, um local que eu já inspecionara duas vezes.

Mackle era alto, branco, sem barba e devia ter mais ou menos a minha idade. O pescoço e o bíceps eram enormes, o peito musculoso e protuberante. A equipe de advogados refletiu durante alguns minutos e concluiu que era preferível ser eu a abordá-lo.

Com um dos meus cartões na mão, dirigi-me a ele e apresentei-me.

— Mr. Mackle, sou Michael Brock, advogado.

Ele me olhou consentâneo com o cumprimento e pegou o cartão sem fazer comentários. Interrompera-lhe o namoro com a empregada da bilheteira.

— Posso fazer umas perguntas? — perguntei com o meu melhor tom de detetive de homicídios.

— Você pode perguntar. Eu é que posso não responder — disse ele, piscando para à empregada da bilheteira.

— Alguma vez trabalhou como segurança para a Drake & Sweeney, uma grande firma de advogados de Columbia? — Talvez.

— Alguma vez colaborou com eles em ações de despejo? Toquei num ponto sensível. O rosto do homem retesou-se instantaneamente e a conversa terminou.

— Não creio — respondeu ele, desviando o olhar.

— Tem certeza? — Não. A resposta é não.

— Não ajudou a firma a despejar um armazém cheio de ocupantes em quatro de Fevereiro? Ele abanou a cabeça, de queixo firme e olhos semicerrados. Alguém da Drake & Sweeney fora visitar Mr. Mackle. Ou então, a firma ameaçara o seu patrão, o que era mais provável. De qualquer modo, Mackle ficou impassível. A empregada da bilheteira estava preocupada com as unhas. Eu fora excluído.

— Mais tarde ou mais cedo terá de responder às perguntas — disse eu.

Os músculos da face de Mackle crisparam-se, mas não respondeu. Eu não estava disposto a insistir mais. Ele era um brutamontes, do tipo que seria capaz de dar uma surra em um pobre advogado da rua e deixá-lo estendido. Eu já me tinha machucado o

suficiente nos últimos quinze dias. Assisti a dez minutos da segunda parte e depois fui embora. O motel era mais uma das unidades hoteleiras recentes existentes na orla setentrional de ßethesda. A diária também era de quarenta dólares e, ao fim de três noites, eu não podia continuar a garantir a terapia de Ruby. Na opinião de Megan, chegara o momento de ela regressar. Se estivesse disposta a manter-se sóbria, o verdadeiro teste seria feito nas ruas.

Na terça-feira, às sete e meia da manhã, bati à porta do quarto dela, no segundo andar. Era o quarto 220, segundo as instruções de Megan. Ninguém respondeu. Bati outra vez e rodei a maçaneta. A porta estava fechada à chave. Corri para o átrio e pedi à recepcionista que telefonasse para o quarto. Mais uma vez, ninguém respondeu. Ninguém tinha feito o check out. Ninguém dera por nada de anormal.

Mandei chamar a assistente da gerência e convenci-a que se tratava de uma emergência. Ela chamou um segurança e nos dirigimos para o quarto. No caminho, expliquei o que estávamos fazendo com Ruby, e por que motivo é que o quarto não estava em nome dela. A assistente da gerência não gostou da ideia de nos servirmos do seu belo motel para desintoxicar drogados. O quarto estava vazio. A cama estava impecável, sem sinais de ter sido utilizada durante a noite. Não havia um único objeto fora do seu lugar e Ruby não deixara lá nada que lhe pertencesse.

Agradeci-lhes e fui embora. O hotel ficava pelo menos a quinze quilômetros do nosso escritório. Telefonei a Megan para alertá-la e depois me dirigi para a cidade, na companhia de um milhão de pessoas. Às oito e quinze, no meio do trânsito, telefonei para o escritório e perguntei a Sofia se vira Ruby. Ela me disse que não.

O processo era curto e conciso. Wilma Phelan, a procuradora dos bens de Lontae Burton e dos filhos, processava a RiverOaks, a Drake & Sweeney e a TAG, Inc. por conspirarem com o objetivo de procederem a um despejo ilegal. A lógica era simples; a ligação causal era óbvia. Os nossos clientes não estariam vivendo em um automóvel se não tivessem sido expulsos do seu apartamento. E não teriam morrido se não vivessem no automóvel. Era uma ótima teoria de responsabilidades, ainda mais atraente devido à sua simplicidade. Qualquer júri do país seria capaz de seguir o raciocínio. A negligência e/ou os atos intencionais dos acusados tinham provocado as mortes, que eram

previsíveis. Desgraças que aconteciam a quem vivia na rua, sobretudo às mães solteiras com filhos pequenos. Quem os expulsasse ilegalmente das suas casas pagaria o preço se fossem molestados. Tínhamos discutido por alto a chance de mover um outro processo pela morte do Senhor. Também ele fora despejado ilegalmente, mas a sua morte não podia ser considerada previsível. Fazer reféns e ser alvejado durante o processo não era uma sucessão razoável de acontecimentos para alguém cujos direitos tinham sido atropelados. Além disso, o caso dele teria pouco impacto junto ao júri. Deixamos o Senhor em paz, para sempre.

A Drake & Sweeney solicitaria imediatamente ao juiz que me pedisse para entregar o processo. O juiz poderia muito bem me obrigar a fazê-lo, o que seria uma admissão de culpa. Por outro lado, isso poderia custar-me a licença para exercer advocacia. Além disso, seria excluído qualquer elemento de prova que constasse do processo.

Na terça-feira, Mordecai reviu comigo o rascunho final e voltou a me perguntar se queria avançar com o processo. Para me proteger, estava disposto a esquecer totalmente o assunto. Tínhamos falado disso várias vezes. Tínhamos até uma estratégia mediante a qual desistiríamos do processo Burton, negociaríamos uma trégua com a Drake & Sweeney para limpar o meu nome, esperaríamos um ano que os ânimos esfriassem e depois passaríamos o caso sub-repticiamente a uma colega do outro lado da cidade. Era uma má estratégia, que abandonamos pouco depois de termos pensado nela. Assinamos os autos e fomos para o tribunal. Mordecai ia ao volante, enquanto eu voltava a ler o processo, cujas páginas se tornavam mais pesadas à medida que avançávamos.

A solução estava na negociação. A exposição humilharia a Drake & Sweeney, uma firma com um orgulho e um ego enormes, e construída na base da credibilidade, do serviço aos clientes e da confiança. Eu conhecia a atitude mental, a personalidade e o culto dos grandes advogados que não cometiam ilegalidades. Conhecia a paranoia de ser apanhado em falta, de qualquer maneira. Havia o remorso pelo fato de ganharem tanto dinheiro e o desejo correspondente de se mostrarem compadecidos para com os menos afortunados.

A Drake & Sweeney agira mal, embora eu desconfiasse que os responsáveis pela firma ignoravam a extensão desse mal. Imaginava

Braden Chance escondido do outro lado da porta fechada do seu gabinete, rezando fervorosamente para que aquele momento passasse.

Mas também eu agira mal. Talvez nos pudéssemos encontrar em algum lugar no meio do caminho e fizéssemos um acordo. Se assim não fosse, Mordecai Green teria o prazer de apresentar o caso Burton a um júri simpático dentro de pouco tempo, e de lhes exigir bom dinheiro. E a firma teria o prazer de estender o meu caso de furto até o limite; até um ponto em que nem sequer queria pensar.

O caso Burton nunca iria a julgamento. Eu continuava pensado como um advogado da Drake & Sweeney. A ideia de enfrentarem um júri local aterrava-os. O embaraço inicial os levaria a tentar reduzir os prejuízos por todos os meios. Tim Claussen, um colega de faculdade de Abraham, era repórter do Post. Estava à espera à porta do gabinete do funcionário do tribunal, e lhe entregamos uma cópia do processo. Leu-o enquanto Mordecai entregava formalmente o original, e fez-nos perguntas, às quais respondemos com todo o prazer, mas sem o autorizar a divulgá-las.

A tragédia dos Burton estava tornando-se uma batata quente em termos políticos e sociais no distrito. A responsabilidade passava de uns para os outros a uma velocidade estonteante. Todos os chefes de departamento da cidade se acusavam uns aos outros. O conselho municipal acusava o presidente da Câmara, que por sua vez acusava o conselho municipal e também o Congresso. Alguns congressistas de direita tinham ponderado longamente antes de acusarem o presidente da Câmara, o conselho municipal e toda a cidade.

A ideia de colocar toda a culpa em um grupo de advogados brancos e ricos dava uma notícia espantosa. Claussen, um homem calejado, causticado e cansado de anos e anos de jornalismo, não conseguia reprimir o seu entusiasmo.

A emboscada armada pela imprensa à Drake & Sweeney não me incomodava nada. A firma ditara as regras na semana anterior, quando informara um repórter que eu fora preso. Imaginava Rafter e o seu pequeno grupo de litigantes a reconhecerem alegremente, sentados a uma mesa de reuniões, que — sim! — fazia todo o sentido alertar a comunicação social para a minha detenção; além de lhe cederem uma bela fotografia do criminoso. Isso me deixaria envergonhado, humilhado,

arrependido e me obrigaria a vomitar o processo e a fazer o que eles queriam.

Eu conhecia a mentalidade, sabia como o jogo estava sendo disputado. Não tive problemas em ajudar o repórter.

TRINTA

Consulta no CCNV, sozinho, e com duas horas de atraso. Os clientes aguardavam pacientemente, sentados no chão sujo da entrada, uns cochilando, outros lendo o jornal. Ernie, que tinha as chaves, não estava satisfeito com o meu atraso; também tinha os seus compromissos. Abriu o gabinete das consultas e entregou-me uma folha com os nomes de treze potenciais clientes. Chamei o primeiro.

Estava admirado com o meu progresso no espaço de uma semana. Entrara no edifício há poucos minutos, sem receio de ser alvejado. Esperara por Ernie no átrio sem me lembrar que era branco. Ouvia os meus clientes com paciência, mas com eficiência, porque sabia o que tinha a fazer. Até me parecia com eles; não fazia a barba há mais de uma semana; o cabelo começava a cobrir as orelhas e a dar os primeiros sinais de desleixo; as minhas calças caqui estavam amarrotadas; a minha gravata estava solta. Os Nike continuavam na moda mas estavam muito gastos. Um par de óculos com armação de osso, e seria o censor oficioso perfeito.

Não que os clientes se importassem. Queriam alguém que os ouvisse, e essa era a minha função. A lista aumentou para dezessete, e passei quatro horas dando conselhos. Me esqueci da batalha iminente com a Drake & Sweeney. Me esqueci da Claire, embora, infelizmente, considerasse que isso era mais fácil. Até me esqueci de Hector Palma e da minha ida a Chicago. Mas não podia esquecer de Ruby Simon. Não sei como, conseguia associar a ela todos os meus novos clientes. Não estava preocupado com a sua segurança; sobrevivera nas ruas muito mais tempo do que eu teria conseguido sobreviver. Mas por que razão saíra ela do quarto asseado de um motel, com televisão e banho, e atravessara a cidade para ir ao encontro do seu automóvel abandonado? Era uma viciada, e esta era a resposta simples e inevitável. O crack era um imã, que a obrigava a voltar às ruas. Se não conseguira que ela passasse três noites fechada em um motel suburbano, como poderia ajudá-la a se desintoxicar? Não me competia tomar a decisão.

A rotina do fim de tarde foi abalada por um telefonema de Warner, o meu irmão mais velho. Estava na cidade, a serviço, inesperadamente,

e poderia ter falado mais cedo se tivesse conseguido descobrir o meu novo número do telefone. Onde poderíamos nos encontrar para jantar? Ele é que pagava, conforme me disse antes que eu pudesse responder, e ouvira falar em um lugar ótimo chamado Danny O's, onde um amigo comera há uma semana — uma comida fantástica! Há muito tempo que eu não pensava numa refeição cara. O Danny O's estava bem para mim. Estava na moda, era espalhafatoso, caríssimo e tristemente típico.

Fiquei olhando para o telefone, muito depois da conversa ter terminado. Não queria ver Warner, porque não queria ouvi-lo. Estava na cidade a serviço, embora isso acontecesse uma vez por ano. Tinha certeza de que os meus pais é que o tinham mandado. Estavam lamentando-se em Memphis, desolados com mais um divórcio, tristes com a minha súbita queda da escada. Alguém tinha de me vigiar. Era sempre o Warner.

Nos encontramos no bar apinhado do Danny O's. Antes de apertarmos a mão ou de nos abraçarmos, Warner recuou para inspecionar a minha nova imagem. Barba, cabelo, calças, tudo.

— Um verdadeiro radical — disse, com um misto de humor e de sarcasmo.

— É bom vê-lo — repliquei, tentando ignorar a sua teatralidade.

— Você emagreceu — retorquiu ele.

— Você, não.

Warner deu uma palmada na barriga, como se tivesse ganho alguns quilos extra durante o dia.

— Vou perdê-los.

Tinha trinta e oito anos, era bem apessoado e continuava a preocupar-se muito com a aparência. O simples fato de eu ter comentado o seu excesso de peso o levaria a perdê-lo no espaço de um mês.

Warner estava sozinho há três anos. As mulheres eram muito importantes para ele. Houvera alegações de adultério durante o seu divórcio, mas dos dois lados.

— Você está com um ótimo aspecto — disse eu.

E estava. Terno e camisa feitos sob medida. Gravata cara. Eu tinha um guarda-roupa cheio deles.

— E você também. É assim que vai vestido para o emprego, agora?

— Quase sempre. Às vezes, me livro da gravata.

Pedimos Heinekens e as bebemos no meio da multidão.

— Como está a Claire? — perguntou ele. Os preliminares estavam fora de questão.

— Suponho que esteja bem. Pedimos divórcio, de comum acordo. Saí de casa.

— Ela está feliz?

— Creio que se sente aliviada por ter se livrado de mim. Eu diria que Claire é hoje mais feliz do que há um mês.

— Encontrou outra pessoa?

— Não acredito — respondi.

Tinha de ser cauteloso porque a maior parte da conversa, se não toda, seria repetida aos meus pais, sobretudo qualquer motivo escandaloso para o divórcio. Eles gostariam de acusar Claire, e se soubessem que ela tinha sido apanhada na cama com alguém, então o divórcio pareceria lógico.

— E você?

— Não. Nem despi as calças.

— Então, por que o divórcio?

— Por muitas razões. Prefiro não relembrá-las.

Não era o que ele queria. O seu fora desagradável, com ambas as partes lutando pela custódia dos filhos. Partilhara comigo os pormenores, e muitas vezes chegara a ser cansativo. Agora, queria que eu lhe pagasse na mesma moeda.

— Vocês acordaram um dia e resolveram se divorciar?

— Você passou por isto, Warner. Não é assim tão simples. O chefe de mesa nos levou para o fundo do restaurante. Passamos por uma mesa onde Wayne Umstead estava sentado com dois homens que não reconheci. Umstead fora um dos reféns, aquele que o Senhor mandara à porta para receber a comida, aquele que escapara por pouco à bala do atirador especial. Não me viu.

Fora enviada uma cópia do processo a Arthur Jacobs, o presidente da comissão executiva, às onze horas da manhã, enquanto eu estava na CCNV. Umstead não era sócio, e por isso perguntei a mim próprio o que saberia ele do processo.

Era evidente que sabia. Nas reuniões apressadas, ao longo da tarde, a notícia caíra como uma bomba. A defesa tinha de ser preparada;

as ordens de marcha dadas; as carruagens cercadas. Nem uma palavra a ninguém que não pertencesse à firma. Aparentemente o processo seria ignorado.

Felizmente, a nossa mesa não se via do lugar onde Umstead se encontrava. Olhei à volta para me certificar que não havia outros caras perigosos no restaurante. Warner pediu martinis para os dois, mas apressei-me a recusar. Só queria água.

Com o Warner, tudo decorria a todo o gás. O trabalho, o divertimento, a comida, a bebida, as mulheres e até os livros e os velhos filmes. Warner ia morrendo congelado durante uma tempestade de neve em uma montanha do Peru, e fora mordido por uma cobra mortífera quando fazia mergulho na Austrália. O seu acordo pós-divórcio fora invulgarmente fácil, sobretudo porque Warner adorava viajar, descer as montanhas suspenso e escalá-las, lutar com tubarões e perseguir mulheres em uma escala global.

Como era sócio em uma grande empresa de Atlanta, ganhava muito dinheiro. E gastava muito. O jantar foi acerca do dinheiro.

— Água? — perguntou ele, enjoado. — Vamos. Beba qualquer coisa.

— Não — protestei.

Warner passaria dos martinis para o vinho. Sairíamos tarde do restaurante e ele se levantaria às quatro horas da manhã, divertido com a bebedeira, afastando a ligeira ressaca, como se fosse apenas mais uma fase do dia.

— Maricas — disse ele entredentes. Folheei o menu. Ele examinou as mulheres.

Quando a bebida dele chegou, encomendamos os pratos.

— Fale-me do seu trabalho — disse ele, tentando desesperadamente dar a impressão de que estava interessado.

— Por quê? — Porque deve ser fascinante.

— Porque diz isso? — Você fugiu de uma fortuna. Deve haver uma razão muito forte.

— Há várias razões, e todas elas são fortes para mim. Warner tinha planejado a reunião. Havia uma meta, um objetivo, um destino e um esboço do que ele diria para que estivesse ali. Eu não sabia ao certo onde é que ele queria chegar.

— Fui preso a semana passada — disse eu, distraindo-o. O choque foi suficientemente forte para eu conseguir o que queria.

— O quê? Contei-lhe a história, detendo-me em todos os pormenores, porque era eu que estava controlando a conversa. Criticou o meu roubo, mas não tentei defender-me. O processo propriamente dito era outro assunto complicado, que nenhum de nós quis explorar.

— Então a ponte com a Drake & Sweeney está destruída? — perguntou ele enquanto comíamos.

— Para sempre.

— Quanto tempo tenciona se manter como censor oficioso? — Comecei agora. Ainda não tinha pensado no fim. Por quê? — Durante quanto tempo pode trabalhar em troca de nada? — Enquanto conseguir sobreviver.

— Então a sobrevivência é o seu padrão? — Por hora. Qual é o seu? Era uma pergunta ridícula.

— O dinheiro. Quanto é que posso ganhar; quanto é que posso gastar; quando é que posso aplicar em qualquer coisa e vê-lo crescer para um dia ter bastante e não ter de me preocupar com coisa nenhuma. Eu já tinha ouvido esta conversa. A ambição descarada era merecedora de admiração. Tratava-se de uma versão um pouco mais crua do que aquela que nos tinham ensinado em crianças. Trabalhar muito e ganhar muito, e de certo modo toda a sociedade beneficiaria com isso.

Ele se atrevera a ser crítico e eu não queria brigar. Era uma briga sem vencedores; tratava-se apenas de uma tentativa suja para tirar nabos da púcara.

— Quanto é que você tem? — perguntei.

Warner, que era um ganancioso, orgulhava-se da sua riqueza.

— Quando fizer quarenta anos, terei um milhão de dólares investido em fundos de pensão. Quando tiver quarenta e cinco anos, terei três milhões. Quanto tiver cinquenta anos, terei dez. E é então que me retiro de cena. Eu sabia estes números de cor. As grandes firmas de advogados eram as mesmas em toda a parte.

— E você? — perguntou ele, enquanto cortava o frango.

— Bem, vejamos. Tenho trinta e dois anos e cinco mil dólares, é pegar ou largar. Quanto tiver trinta e cinco, se trabalhar muito e poupar dinheiro, terei cerca de dez mil. Quando fizer cinquenta, devo ter cerca de vinte mil enterrados em fundos de pensão.

— Vale a pena esperar. Dezoito anos de pobreza.

— Você não sabe nada acerca da pobreza.

— Talvez saiba. Para pessoas como nós, a pobreza é um apartamento barato, um carro usado com amassados, roupa ruim, falta de dinheiro para viajar, gozar e ver o mundo, falta de dinheiro para poupar ou investir, não ter aposentadoria, não ter uma rede de segurança, nada.

— Perfeito. Acaba de provar o meu ponto de vista. Não sabe absolutamente nada acerca da pobreza. Quanto vai receber este ano? — Novecentos mil.

— Eu vou receber trinta mil. O que faria se fosses obrigado a trabalhar por trinta mil dólares? — Suicidava-me.

— Acredito. Acredito sinceramente que pegasse uma arma e estourasse os miolos só para não trabalhar por trinta mil dólares.

— Está enganado. Tomaria comprimidos.

— Covarde.

— Não conseguiria trabalhar por tão pouco.

— Oh, conseguiria trabalhar por tão pouco, mas não conseguiria viver com tão pouco.

— É a mesma coisa.

— É aí que você e eu somos diferentes — disse.

— Tem muita razão, somos diferentes. Mas como é que nos tornamos diferentes? Há um mês, você era como eu. Agora, olhe para você, uma barba ridícula, roupas amassadas e toda essa conversa sobre servir as pessoas e salvar a humanidade. Quando é que você endoidou? Respirei fundo e apreciei o humor da sua pergunta. Ele também se descontraiu. Éramos muito educados para discutir em público.

— Você é um palerma, sabe? — disse ele, inclinando-se. — Pouco faltava para ser sócio. É inteligente, tem talento, é livre e não tem filhos. Com trinta e cinco anos estaria ganhando um milhão por ano. Pode fazer as contas.

— Já fiz, Warner. Perdi o amor pelo dinheiro. É uma maldição do demônio.

— Que original. Deixe-me te fazer uma pergunta. O que fará se acordar um dia e tiver, digamos, sessenta anos? Está cansado de salvar o mundo, porque ele não tem salvação. Não tem onde cair morto, não tem um centavo, nem uma firma, nem é sócio, nem uma mulher que

ganhe bom dinheiro como neurocirurgiã; ninguém te pega. O que fará?
— Bem, tenho pensado no assunto e acho que terei este meu irmão que é podre de rico. Por isso, te telefono.

— E se eu tiver morrido? — Inclui-me no teu testamento. O irmão pródigo.

Nos interessamos pela comida, e a conversa esmoreceu. Warner era suficientemente arrogante para pensar que um confronto brusco me chamaria de novo à razão. Alguns comentários ácidos da sua parte acerca das consequências dos meus passos, e eu renunciaria ao meu voto de pobreza e arranjaria um emprego sério. Vou falar com ele, dissera aos meus pais. Warner ainda deixara algumas alfinetadas para o fim. Perguntou--me qual o pacote de benefícios que existia na 14ª Street Legal Clinic. Muito pobre, disse eu. E um plano de aposentadoria? Nenhum, que eu soubesse. Na sua opinião, eu devia passar apenas dois anos salvando pessoas antes de regressar ao mundo real. Agradeci-lhe. E ele me deu um conselho esplêndido: talvez eu devesse arranjar uma mulher que pensasse como eu, mas com dinheiro, e casar com ela.

Nos despedimos no passeio em frente do restaurante. Garanti-lhe que sabia o que estava fazendo, que tudo correria bem e pedi que se mostrasse otimista perante os pais.

— Não os preocupe, Warner. Diga-lhes que tudo vai muito bem por aqui.

— Telefone-me se tiver fome — disse ele, esforçando-se por fazer humor. Disse-lhe adeus e me afastei.

O Pylon Grill era um café que ficava aberto toda a noite, em Foggy Botton, perto da Universidade George Washington. Era conhecido por ser um ponto de reunião de pessoas com insônia e de viciados em notícias. A última edição do Post chegava lá sempre antes da meia-noite, e o local estava tão cheio àquela hora como uma boa charutaria no almoço. Comprei o jornal e me sentei no bar, que oferecia um espetáculo peculiar, visto que todos os que ali se encontravam estavam embebidos nas notícias. Fiquei admirado com o silêncio que reinava no Pylon. O Post acabara de chegar, uns minutos antes de mim, e trinta pessoas liam-no atentamente como se a guerra tivesse sido declarada.

A notícia era vulgar para um jornal como o Post. Começava na primeira página, por baixo de um título a negro, e continuava na página dez, onde estavam as fotografias — uma de Lontae tirada dos cartazes

do comício a favor da justiça, uma de Mordecai quando tinha menos dez anos, e um conjunto de três, que sem dúvida humilharia os pergaminhos da Drake & Sweeney. Arthur Jacobs estava no meio. Do lado esquerdo, via-se uma fotografia de polícia de Tillman Gantry, e à direita uma, também de polícia, de Devon Hardy, que estava associado à notícia só porque fora despejado e se matara de uma forma digna de vir nos jornais.

Arthur Jacobs e dois criminosos, dois afro-americanos com pequenos números no peito, todos alinhados, como se fossem iguais, na página dez do Post.

Imaginava-os reunidos nos gabinetes e nas salas de conferências, com as portas fechadas à chave, os telefones desligados, as reuniões canceladas. Estavam planejando as suas respostas, delineando cem estratégias diferentes, consultando os seus relações públicas. Deviam estar a viver a fase mais negra das suas vidas.

As guerras de faxes começariam cedo. Cópias do trio seriam enviadas a escritórios de advogados de costa a costa, e todas as grandes firmas de advogados do mundo soltariam uma gargalhada.

Gantry tinha um aspecto extremamente ameaçador, e assustou-me pensar que tínhamos encetado uma luta com ele. E depois vinha a minha fotografia, a mesma que fora publicada no jornal de sábado, quando este anunciara a minha detenção. Era referido como a ponte entre a firma e Lontae Burton, embora o repórter não pudesse saber que chegara a conhecê-la. A notícia era longa e completa. Começava com o despejo e todos os que nele tinham participado, incluindo Hardy, que aparecera uma semana depois nos escritórios da Drake & Sweeney, onde fizera reféns, um dos quais era eu. De mim passava para Mordecai e depois para as mortes dos Burton. Referia-se à minha prisão, embora tivesse tido o cuidado de falar pouco ao repórter acerca do tão disputado processo. Fora fiel à sua palavra — os nossos nomes não eram referidos senão como fontes informadas. Eu não teria feito melhor. Nem uma palavra sobre qualquer dos réus. Era como se o repórter tivesse feito poucas ou nenhumas tentativas para os contatar.

TRINTA E UM

Warner me telefonou às cinco da manhã.

— Está acordado? — perguntou.

Encontrava-se na sua suíte de hotel, fabulosa, trepando pelas paredes com uma série de comentários e de perguntas acerca do processo. Lera o jornal.

Tentando manter-me quente no meu sacode dormir, escutei-o enquanto ele me dizia exatamente como devia proceder naquele caso. Warner era litigante, um dos muito bons, e o apelo ao júri no caso Burton era insuportável para ele. Não tínhamos pedido uma indenização suficiente — dez milhões não davam para nada. O júri adequado, e o céu era o limite. Oh, como gostaria de ser ele a tentar! E Mordecai? Estava habituado a julgamentos? E os honorários? Decerto tínhamos um contrato de quarenta por cento. Afinal, talvez eu ainda não fosse um caso desesperado.

— Dez por cento — disse eu, no escuro.

— O quê? Dez por cento! Está doido?

— Nós somos uma empresa sem fins lucrativos — tentei explicar-lhe, mas ele não me ouviu. Amaldiçoou-me por não ser mais ambicioso. O processo era um grande problema, acrescentou, como se nós não tivéssemos pensado nisso.

— Pode provar seu caso sem recorrer ao processo?

— Posso.

Warner fartou-se de rir ao ver o velho Jacobs no jornal, com um criminoso de cada lado. O avião para Atlanta partia dentro de duas horas. Warner estaria sentado à mesa às nove. Não podia esperar para fazer circular as fotografias. Ia enviá-las imediatamente por fax para a West Coast.

Desligou no meio de uma frase.

Eu dormira três horas. Virei-me diversas vezes, mas não consegui voltar a adormecer. Houvera muitas mudanças na minha vida para poder descansar em paz.

Tomei banho e saí, bebi café nos paquistaneses, onde fiquei até o nascer do sol, e depois comprei biscoitos para Ruby.

Havia dois automóveis estacionados à esquina da Fourteenth com a Q, junto do escritório. Aproximei-me lentamente, às sete e meia, e o instinto aconselhou-me a não parar. Ruby não estava sentada nos degraus. Se Tillman Gantry julgasse que a violência ajudaria à sua

defesa no processo, não hesitaria em recorrer a ela. Mordecai avisara-me, embora os avisos não fossem necessários. Telefonei para a casa dele e contei o que vira. Ele chegaria às oito e meia, e combinamos nos encontrar a essa hora. Ele avisaria Sofia. Abraham não estava na cidade.

Há duas semanas que me concentrava essencialmente no processo. Houve outras diversões significativas — Claire, que ia se mudar para iniciar uma nova carreira — mas o caso contra a RiverOaks e a minha antiga firma nunca me saía da cabeça. Havia um frenesi que antecedia qualquer grande caso, e em seguida um suspiro de alívio e uma calma agradável depois da bomba rebentar e de a poeira assentar.

Gantry não nos matou no dia seguinte àquele em o processamos com os dois outros réus. O escritório funcionou normalmente. Os telefones não tocaram mais do que era habitual. A afluência foi a mesma. Com o processo temporariamente posto de lado, era mais fácil concentrar-me nos outros casos. Imaginava o pânico reinante no interior das paredes de mármore da Drake & Sweeney. Não havia sorrisos, não havia mexericos à hora do café, nem anedotas ou falatório nos corredores. Um velório seria mais animado. No Direito da Concorrência, os que me conheciam melhor deviam estar particularmente sorumbáticos. Polly seria estoica, distante e sempre eficiente. Rudolph não sairia do gabinete exceto para ir ter com os superiores. O único aspecto triste de difamar quatrocentos advogados era a realidade inescapável de que a maioria não só estava inocente como ignorava por completo os fatos. Ninguém se importava com o que acontecia no departamento de Bens Imobiliários. Poucas pessoas conheciam Chance. Eu estava lá há sete anos e nunca vira o homem, e só o conheci porque o procurei. Lamentava os inocentes — os de outros tempos, que tinham construído uma grande empresa e nos tinham treinado bem; os caras do meu departamento, que manteriam a tradição da excelência; os principiantes que tinham sido surpreendidos pela notícia de que o seu estimado patrão era de certo modo responsável por mortes. Mas não tinha pena de Braden Chance, nem de Arthur Jacobs ou Donald Rafter. Eles é que tinham resolvido me decapitar. Gostei de vê-los suar.

Megan fez uma pausa nos rigores da manutenção da ordem em uma casa de oitenta mulheres sem teto, e fomos dar um pequeno passeio de automóvel por Northwest. Ela não fazia ideia onde Ruby

vivia, e na realidade não esperávamos encontrá-la. No entanto, era uma boa razão para passarmos algum tempo juntos.

— Isto não é incomum — disse ela, tentando acalmar-me. — De modo geral, os as sem teto são imprevisíveis, sobretudo os que têm problemas de dependência.

— Já teve algum caso destes?

— Já tive de tudo. Você vai aprender a não se alterar. Quando um cliente afasta os maus hábitos, encontra um emprego e arranja um apartamento, você faz uma pequena prece de agradecimento. Mas não se exalte, porque virá outra Ruby que o deixa destroçado. Há mais vales do que montanhas.

— Como é que você consegue não se deixar afetar pela depressão? — Vamos buscar força nos clientes. São pessoas extraordinárias. A maioria nasceu sem uma prece ou uma oportunidade, mas consegue sobreviver. Tropeçam e caem, mas levantam-se e continuam a tentar. A três quarteirões do escritório, passamos pela garagem de um mecânico, onde nos fundos havia vários veículos acidentados. Um cão grande e com ar de poucos amigos, preso a uma corrente, guardava a entrada. Não pretendia procurar em automóveis velhos e enferrujados, e o cão me facilitou ainda mais a decisão. Calculávamos que Ruby vivesse em uma zona entre o meu escritório e o Naomi's em Tenth Street, perto de L, em algum lugar entre Logan Circle e Mount Vernon Square.

— Mas nunca se sabe — disse ela. — A mobilidade desta gente não deixa de me surpreender. Têm muito tempo, e alguns andam quilômetros. Observamos as pessoas da rua. Examinamos todos os pedintes que passavam por nós. Atravessamos parques, à procura de gente sem abrigo, e demos algumas moedas nas suas taças, na esperança de vermos alguém que conhecêssemos. Mas não tivemos sorte.

Deixei Megan no Naomi's e prometi telefonar à tarde. Ruby tornara-se uma ótima desculpa para nos mantermos em contato.

O congressista fora eleito por cinco anos e era de Indiana, um Republicano chamado Burkholder que tinha um apartamento em Virginia mas que gostava de correr no fim da tarde à volta do Monte do Capitólio. O seu gabinete informou a comunicação social que tomara banho e

mudara de roupa em um dos ginásios pouco utilizados e isolados existentes na garagem de um edifício de escritórios do Congresso.

Como membro do Congresso, Buckholder era um entre 435; por isso, era praticamente desconhecido, embora estivesse em Washington há dez anos. Era relativamente ambicioso, ostensivamente sério, um maníaco da saúde, de quarenta e um anos. Estava ligado à Agricultura e presidia a uma subcomissão de Fundos e Subsídios.

Burkholder foi alvejado no fim da tarde de quarta-feira, perto de Union Station, quando corria sozinho. Vestia um agasalho — não levava carteira, nem dinheiro, nem qualquer objeto de valor nos bolsos. Aparentemente, não existia nenhum motivo. Cruzara com alguém das ruas, talvez um choque, um encontrão ou uma palavra áspera proferida ou recebida, e tinham sido disparados dois tiros. Um não atingiu o congressista, mas o outro entrou-lhe pelo braço esquerdo, passou-lhe para o ombro e parou muito perto do pescoço. O tiroteio ocorreu pouco depois do anoitecer, em um passeio junto de uma rua muito frequentada. A cena foi presenciada por quatro pessoas, que descreveram o agressor como um negro, aparentemente um sem teto, quase uma descrição genérica. O homem desapareceu na noite e, quando o primeiro transeunte conseguiu parar, saiu do carro e correu em socorro de Burkholder, há muito que o agressor já fugira.

O congressista foi levado para o hospital George Washington, onde a bala foi retirada durante uma intervenção cirúrgica de duas horas. O seu estado era considerado estável.

Há muitos anos que nenhum congressista era alvejado em Washington. Vários tinham sido assaltados, mas sem ferimentos graves. De um modo geral, os assaltos proporcionavam às vítimas tribunas excelentes para lançarem ataques violentos contra o crime, a ausência de valores e o declínio generalizado de tudo; todas as responsabilidades eram, evidentemente, lançadas ao partido da oposição.

Burkholder não estava em condições de vociferar quando vi a história no noticiário das onze. Tinha estado cochilando na minha cadeira, lendo e vendo boxe. Fora um dia fraco em termos de notícias em Colúmbia, até o momento em que Burkholder fora atingido. O pivô, ofegante, noticiou o acontecimento, fazendo acompanhar os rudimentos da história de uma bela fotografia do congressista em segundo plano, e depois fez uma ligação em direto para o hospital, onde uma repórter

tremia de frio à entrada da Emergência, junto da porta pela qual Burkholder entrara há quatro horas. Ao fundo via-se uma ambulância e luzes intensas, mas como não havia sangue nem um cadáver para mostrar aos telespectadores, a repórter via-se obrigada a conferir o máximo de sensacionalismo à notícia.

A operação correu bem, segundo ela afirmou. O estado de Burkholder era estável e o paciente estava descansando. Os médicos tinham emitido um comunicado que não dizia basicamente nada. Antes, vários colegas tinham acorrido ao hospital, e ela conseguira obrigá-los a aparecerem diante das câmaras. Três deles apresentaram-se juntos, todos com um ar suficientemente grave e sombrio, embora Burkholder nunca tivesse corrido perigo de vida. Piscavam os olhos diante das luzes e tentavam fazer crer que houvera uma invasão grave da sua vida privada.

Eu nunca ouvira falar de nenhum deles. Mostraram-se preocupados com o colega e deram a entender que o estado dele era mais grave do que os médicos tinham feito crer. Sem que ninguém lhes pedisse, fizeram a sua avaliação do estado geral de declínio que reinava em Washington. Seguiu-se outra reportagem direto do local do crime. Mais uma repórter entusiasmada que se encontrava no local exato onde ele caíra, e agora havia alguma coisa para ver. Havia uma mancha de sangue, para a qual chamou a atenção com grande dramatismo, ali mesmo. Baixou-se e quase tocou no passeio. Um policial apareceu na tela e fez um breve resumo do que estava acontecendo. A reportagem foi direto, mas em segundo plano viam-se carros da polícia com luzes azuis e vermelhas piscando. Reparei nisso; a repórter, não. Estava acontecendo uma rusga. A polícia local estava limpando as ruas a força, metendo os sem teto em carros e furgões e levando-os. Ao longo da noite, passaram a pente fino o Monte do Capitólio e prenderam todos aqueles que encontraram dormindo em bancos de jardim, sentados no parque, pedindo esmola no passeio, todos os que pareciam não ter casa. Acusaram-nos de vadiagem, de sujarem as ruas, de estarem embriagados em público e de mendigarem.

Nem todos foram presos e levados para a cadeia. Dois furgões cheios foram levadas para Rhode Island, em Northeast, e despejados no estacionamento contíguo a um centro comunitário onde uma cozinha econômica funcionava durante toda a noite. Outro furgão com onze

pessoas parou em Calvary Mission, em T Street, a cinco quarteirões do nosso escritório. Os homens puderam escolher entre irem presos ou ficarem na rua. O furgão ficou vazio.

TRINTA E DOIS

Eu estava ansioso por arranjar uma cama. Estava perdendo muitas horas de sono espojado no chão, tentando provar qualquer coisa a mim mesmo. No escuro, antes do amanhecer, sentei-me no saco de dormir e prometi que havia de encontrar qualquer coisa mais fofa para dormir. Além disso, não percebia como é que milhares de pessoas conseguiam sobreviver dormindo nos passeios.

O Pyton Grill estava quente e cheio. Uma camada de fumaça de cigarro pairava um pouco acima das mesas e o aroma do café de todo mundo esperava-nos à porta. Como era habitual, estava cheio de maníacos das notícias às quatro horas da manhã.

Burkholder era o homem do momento. O seu rosto vinha na primeira página do Post, e havia várias notícias acerca dele, do tiroteio e da investigação policial. Nada sobre a rusga. Mordecai me daria os pormenores mais tarde. Na Cidade, esperava-me uma agradável surpresa. Tim Claussen era obviamente um homem com uma missão. O nosso processo, inspirara-o. Em um longo artigo, examinava cada um dos três réus, começando pela RiverOaks. A empresa tinha vinte anos, pertencia a um grupo de investidores, um dos quais era Clayton Bender, um especulador imobiliário da Costa Leste, que, dizia-se, valia duzentos milhões. A fotografia de Bender vinha no meio da notícia, além de outra da sede da empresa em Hagerstown, Maryland. A RiverOaks construíra onze edifícios de escritórios na zona de Columbia no espaço de vinte anos, perto de vários centros comerciais nos arredores de Baltimore e de Washington. Calculava-se que o valor dos seus ativos ascendesse a trezentos e cinquenta milhões. Também havia muitas dívidas, cujo montante não fora possível quantificar.

A história do edifício dos Correios em Northeast era contada com os mais ínfimos pormenores. Seguia-se a Drake & Sweeney. Como seria de esperar, as fontes de informação não provinham do interior da empresa. Ninguém respondera aos telefonemas. Claussen fornecia as

informações básicas — a dimensão, a história e alguns elementos célebres. Havia dois gráficos, ambos retirados da revista US Live. Um apresentava as dez maiores firmas de advogados do país, e a outra classiflcava-as segundo os lucros que os sócios tinham arrecadado no ano anterior. Com oitocentos advogados, a Drake & Sweeney ocupava o quinto lugar e, com novecentos e dez mil e quinhentos dólares, os sócios situavam-se na terceira posição. Eu me afastara realmente de tanto dinheiro? O último membro do trio era Tillman Gantry e a sua vida colorida talhada para o jornalismo de investigação. Os polícias falavam dele. Um ex-companheiro de cela tecia os seus elogios. Um sacerdote de uma seita qualquer de Northeast contava que Gantry construíra recintos de basquetebol para as crianças pobres. Uma antiga prostituta recordava as agressões. Gantry operava por trás de duas empresas — a TAG e a Gantry Group — e, através delas, possuía três parques de automóveis usados, dois pequenos centros comerciais, um prédio de apartamentos onde duas pessoas tinham sido mortas a tiros, seis duplex para aluguel, um bar onde uma mulher fora violada, um clube de vídeo e numerosos estacionamento vagos que comprara da cidade por uma ninharia. Dos três arguidos, Gantry fora o único que se dispusera a falar. Admitiu ter pago onze mil dólares pelo armazém de Florida Avenue em Julho do ano anterior, e tê-lo vendido por duzentos mil à RiverOaks, em 31 de Janeiro. Tivera sorte, afirmou. O prédio era inútil, mas o terreno valia muito mais do que onze mil. Por isso o comprara. O armazém sempre atraíra vagabundos, segundo dizia. De fato, fora obrigado a correr com eles. Nunca cobrara aluguel e não fazia ideia do que dera origem a tal boato. Tinha muitos advogados e apresentaria uma defesa vigorosa.

A notícia não se referia a mim. Não havia qualquer referência a Devon Hardy nem ao episódio dos reféns. Pouco se dizia acerca de Lontae Burton e das alegações do processo.

Pelo segundo dia consecutivo, uma firma antiga e venerável como a Drake & Sweeney era acusada de conspirar com um antigo cafetão. De fato, a notícia dava a entender que os advogados eram piores do que Tillman Gantry. No dia seguinte, prometia-se, haveria um novo episódio, um olhar sobre a vida triste de Lontae Burton.

Por quanto tempo é que Arthur Jacobs permitiria que a sua amada firma fosse arrastada na lama? Era um alvo tão fácil. O Post

sabia ser tenaz. Era óbvio que o repórter lutava contra o tempo. Uma notícia conduziria a outra.

Eram nove e vinte quando cheguei com o meu advogado ao Edifício Carl Moultrie, onde eram julgados os processos cíveis e criminais do distrito. Havia uma fila à porta da entrada principal, que avançava lentamente enquanto os advogados, os litigantes e os criminosos eram revistados e submetidos ao detetor de metais. Lá dentro, o local parecia um jardim zoológico — um átrio cheio de gente nervosa e quatro andares de corredores ladeados por salas de audiências.

O juiz Norman Kisner funcionava no primeiro andar, na sala número 114. O meu nome constava de uma lista das causas que seriam julgadas nesse dia, e que estava afixada à porta. E era acompanhado por mais onze arguidos. Lá dentro, o banco estava livre; havia advogados por toda a parte. Mordecai desapareceu lá para trás e eu sentei-me na segunda fila. Li uma revista e tentei mostrar-me completamente enfastiado com a cena.

— Bom-dia, Michael — disse alguém da coxia.

Era Donald Rafter, que fechava a pasta com as duas mãos. Atrás dele estava alguém que eu conhecia do Contencioso, mas de cujo nome não me lembrava.

Baixei a cabeça e consegui dizer: — Olá.

Os homens afastaram-se e sentaram-se do outro lado da sala de audiências. Representavam as vítimas e como tal tinham direito a estar presentes em todas as fases do meu processo.

Fora apenas uma amostra! Eu me levantaria em frente do juiz, enquanto ele lia a acusação. Eu alegaria a minha inocência, seria libertado com base no meu vínculo atual e iria embora. Porque estaria Rafter ali? A resposta surgiu lentamente. Continuei olhando para a revista, tentando manter-me calmo, e por fim percebi que a presença dele servia apenas para me recordar o que se passara. Eles consideravam que o roubo era um assunto grave, e tencionavam seguir todos os meus passos. Rafter era o mais esperto e maldoso dos litigantes. Esperava que eu tremesse de medo ao vê-lo na sala de audiências.

Às nove e meia, Mordecai saiu de trás da tribuna e me fez sinal. O juiz estava à espera no seu gabinete. Mordecai apresentou-me e nos

sentamos os três à volta de uma pequena mesa.

O juiz Kisner tinha pelo menos setenta anos, cabelo farto e grisalho e barba hirsuta e igualmente grisalha, e olhos castanhos que nos trespassavam enquanto falava. Ele e o meu advogado conheciam-se há muitos anos.

— Estava precisamente dizendo ao Mordecai que este é um caso muito raro — disse, agitando a mão no ar.

Concordei, com um gesto de cabeça. Também me parecia.

— Conheço Arthur Jacobs há trinta anos. Por sinal, conheço lá muitos advogados. São bons profissionais.

E eram, de fato. A firma contratava os melhores e treinava-os bem. Não me sentia à vontade com o fato de que o juiz que ia me julgar nutrir tão grande admiração pelas vítimas.

— Um dossiê de trabalho roubado do gabinete de um advogado pode ser difícil de avaliar do ponto de vista monetário. É apenas um monte de papéis, nada que tenha valor exceto para o advogado. Não valeria nada se você tentasse vendê-lo na rua. Não estou acusando-o de ter roubado o dossiê compreende? — Sim, compreendo.

Não sabia ao certo se compreendia ou não, mas queria que ele continuasse.

— Vamos partir do princípio que você tem o dossiê em seu poder, e vamos assumir que o tirou da firma. Se o devolvesse agora, sob a minha supervisão, estaria disposto a avaliá-lo por menos de cem dólares. Isso seria um delito leve, evidentemente, e poderíamos varrê-lo para debaixo do tapete, juntamente com outra papelada. É claro que teria de comprometer-se a não utilizar quaisquer informações retiradas do dossiê — E se eu não o devolvesse? Continuamos no campo das hipóteses, evidentemente.

— Então valeria muito mais. Mantém-se a acusação de furto, e vamos a julgamento com base nela. Se a acusação provar que tem razão e o júri o considerar culpado, serei eu a ditar a sentença.

As rugas na testa, o olhar duro e o tom da voz deixavam-me poucas dúvidas quanto ao fato de ser preferível evitar a sentença.

— Além disso, se o júri o considerar culpado de furto, perde a licença para exercer advocacia.

— Compreendo — disse eu, muito acabrunhado.

Mordecai estava recostado na cadeira, escutando e absorvendo tudo.

— Ao contrário da maioria dos casos que figuram na minha lista, aqui o tempo é crucial — prosseguiu Kisner. — Este processo cível pode debruçar-se sobre o conteúdo do dossiê. A admissibilidade competirá a outro juiz. Eu gostaria de ter a parte criminal resolvida antes do processo cível avançar muito. Mais uma vez, estamos partindo do princípio que você tem o dossiê.

— Quanto tempo? — perguntou Mordecai.

— Creio que duas semanas chegam para você tomar a sua decisão. Concordamos que duas semanas seriam um período razoável. Mordecai e eu regressamos à sala de audiências, onde esperamos uma hora durante a qual nada aconteceu.

Tim Claussen, do *Post*, chegou, acompanhado por vários advogados. Viu-nos sentados na sala de audiências, mas não se atreveu a nos abordar. Mordecai afastou-se de mim e pouco depois aproximou-se dele. Explicou que estavam na sala dois advogados da Drake & Sweeney, Donald Rafter e outro cara, e que talvez eles tivessem alguma declaração a fazer ao jornal. Claussen foi ao encontro deles. Ouviram-se vozes lá atrás, vindas do banco em que Rafter estivera matando o tempo. Os homens saíram da sala e continuaram a discussão lá fora.

A minha presença diante de Kisner fora breve, tal como eu esperava. Declarei a minha inocência, assinei uns formulários e saí. Não vi Rafter em parte nenhuma.

— De que falaram você e o Kisner antes de eu entrar? — perguntei a Mordecai, assim que entramos no carro.

— Do mesmo que ele lhe disse.

— Ele é um duro.

— É um bom juiz. Mas foi advogado durante muitos anos. Advogado criminal, e um dos melhores. Não tem simpatia por um advogado que rouba processos de outro.

— Qual será a duração da minha pena se for condenado? — Ele não disse. Mas será longa.

Esperávamos junto de um sinal vermelho. Felizmente, era eu que ia ao volante.

— Muito bem, Conselheiro. O que faremos? — perguntei.

— Temos duas semanas. Vamos pensando devagarinho. Não é este o momento para tomar decisões.

TRINTA E TRÊS

Havia duas matérias no *Post* da manhã, ambas em grande destaque e acompanhadas de fotografias. A primeira era a prometida na edição da véspera — uma longa história da vida trágica de Lontae Burton. A avó era a fonte principal, embora o repórter também tivesse contatado duas tias, um antigo patrão, uma assistente social, um antigo professor e a mãe e os dois irmãos que estavam na prisão. Com a sua agressividade característica e o seu orçamento ilimitado, o jornal estava fazendo um esplêndido trabalho ao recolher os fatos de que precisávamos para o nosso caso.

A mãe de Lontae tinha dezesseis anos quando ela nascera. Lontae era a segunda de três filhos, todos nascidos fora do casamento, todos gerados por homens diferentes, embora a mãe se recusasse a falar do pai dela. Lontae crescera nos bairros violentos de Northeast, e ora andava de um lado para o outro com a mãe, ora vivia periodicamente com a avó e as tias. A mãe fora presa várias vezes e Lontae abandonara a escola pouco depois do sexto ano. A partir de então, a sua vida tornara-se funesta. Drogas, namorados, gangues, pequenos crimes, a vida perigosa das ruas. Lontae tivera vários empregos mal pagos e revelara-se totalmente indigna de confiança. Uma grande parte da sua história constava dos arquivos municipais: uma detenção aos catorze anos por roubo em um estabelecimento, processada pelo tribunal de menores. Acusada de novo três meses depois por embriaguez em público, no tribunal de menores. Posse de droga aos quinze anos, no tribunal de menores. A mesma acusação sete meses depois. Presa por prostituição com dezesseis anos e tratada como uma adulta. Condenação sem detenção. Presa por furto, por ter roubado um leitor portátil de CD de uma loja de penhores. Condenação sem detenção. Nascimento de Ontario quando ela tinha dezoito anos, em Columbia. De pai incógnito, segundo a certidão de nascimento. Presa por prostituição dois meses depois do nascimento de Ontario. Condenação sem detenção. Nascimento dos gêmeos, também em Columbia, igualmente

de pai incógnito. Temeko, o bebê da fralda molhada, nascera quando Lontae tinha vinte e um anos.

No meio deste triste obituário, havia um lampejo de esperança. Depois de Temeko nascer, Lontae fora ter à House of Mary, um centro de dia para mulheres semelhante ao Naomi's, onde conheceu uma assistente social chamada Nell Cather. Miss Cather era muito citada na história. Segundo a sua versão dos últimos meses de vida de Lontae, ela estava decidida a abandonar as ruas e a limpar a sua vida. Começara a tomar pílulas anticoncepcionais, fornecidas pela House of Mary. Queria desesperadamente tornar-se limpa e sóbria. Ia às reuniões dos AA/NA no centro e combatia os seus vícios com grande coragem, embora se sentisse perdida quando estava sóbria. Começou a progredir rapidamente na leitura e sonhava em arranjar um emprego certo para sustentar a sua pequena família.

Pouco depois, Miss Cather arranjou-lhe um emprego em uma grande mercearia, desempacotando produtos; trabalhava vinte horas por semana e ganhava $4,75 por hora. Nunca faltou ao trabalho. Um dia, no Outono anterior, confidenciou a Nell Cather que tinha arranjado um lugar para viver, embora fosse segredo. Considerando que isso fazia parte das suas atribuições, Nell quis inspecionar o local, mas Lontae recusou-se. Não era legal, explicou. Era um pequeno apartamento de duas divisões, com um telhado e uma porta fechada à chave e um banheiro próximo, pelo qual ela pagava cem dólares por mês, em dinheiro.

Tomei nota do nome de Nell Cather, na House of Mary, e sorri ao imaginá-la no banco das testemunhas, contando a história dos Burton a um júri. Lontae ficava aterrada ao pensar que podia perder os filhos, porque era muito frequente tal acontecer. A maior parte das mulheres sem teto tinham perdido os seus, e quanto mais Lontae ouvia as suas histórias de horror, mais decidida estava a manter a família unida.

Estudava muito, e aprendera até uns rudimentos de informática, e uma vez esteve quatro dias seguidos sem tocar em drogas. Depois foi despejada, e os parcos haveres foram atirados para a rua juntamente com os seus filhos. Miss Cather viu-a no dia seguinte, e ela estava desesperada. As crianças estavam esfomeadas e sujas. Lontae estava drogada. O regulamento da House of Mary proibia a entrada a qualquer pessoa que estivesse visivelmente intoxicada ou sob a influência de drogas. A diretora foi obrigada a pedir-lhe que saísse. Miss Cather nunca

mais a viu; nunca mais ouviu falar dela até ler a notícia das mortes no jornal.

Ao ler a história, pensei em Braden Chance. Esperava que também ele a tivesse lido, no conforto da sua bela casa nos arredores de Virginia. Tinha certeza que ele estava acordado àquela hora. Como é que uma pessoa sujeita a tamanha pressão conseguiria dormir? Queria que ele sofresse, que percebesse que a sua indiferença empedernida pelos direitos e pela dignidade dos outros provocara tanto sofrimento. Está sentado no seu belo gabinete, Braden, trabalhando muito a horas mortas, remexendo papéis para os seus clientes ricos, lendo memorandos redigidos por solicitadores a quem mandou fazer os trabalhos sujos, e tomou a decisão fria e calculada de avançar com um despejo que devia ter suspendido. Eles eram apenas vagabundos, não eram Braden? Negros humildes, gente da rua que vivia como animais. Não havia nada escrito, nem contratos de arrendamento, nem papéis, nem direitos. Rua com eles. Qualquer atraso poderia comprometer o projeto.

Tive vontade de telefonar-lhe para casa, interromper o café da manhã e perguntar: Como se sente agora, Braden? A segunda história era uma agradável surpresa, pelo menos do ponto de vista legal. Também era sinônimo de problemas.

Tinham encontrado um antigo namorado, um vadio de dezenove anos, com um ar sinistro, chamado Kito Spires. A sua fotografia assustaria qualquer advogado respeitador da lei. Kito tinha muito a dizer. Afirmava ser o pai dos três filhos mais novos de Lontae — dos gêmeos e do bebê. Vivera com ela durante os últimos três anos, mas não em permanência; tinham sido mais as ausências do que as presenças.

Kito era um produto típico do submundo urbano, um indivíduo expulso do liceu, sem emprego e com antecedentes criminais. A sua credibilidade seria sempre questionada.

Vivera no armazém com Lontae e os filhos. Ajudava-a a pagar o aluguel sempre que podia. Uma vez, depois do Natal, tinham discutido e ele fora embora. Atualmente, vivia com uma mulher cujo marido estava preso. Não sabia nada do despejo, embora considerasse que estava errado. Quando lhe perguntaram quais eram as condições do armazém, Kito forneceu pormenores suficientes para me convencer que estivera mesmo lá. A sua descrição era semelhante à que figurava no

memorando de Hector. Não sabia que o armazém pertencia a Tillman Gantry. Um negro chamado Johnny é que ia receber o aluguel, no dia quinze de cada mês. Cem dólares.

Mordecai e eu não tardaríamos a encontrá-lo. A nossa lista de testemunhas estava aumentando, e Mr. Spires podia muito bem vir a ser a nossa estrela.

Kito estava desolado com a morte das crianças e da mãe. Eu assistira ao funeral com muita atenção, e tinha certeza de que Kito não estava presente. O nosso processo estava atraindo mais a imprensa do que nós pensávamos. Só queríamos dez milhões de dólares, um belo número redondo que era escrito diariamente e discutido nas ruas. Lontae tivera relações sexuais com muitos homens. Kito era o primeiro candidato a pai. Com tanto dinheiro em jogo, surgiriam outros pais dentro de pouco tempo e manifestariam o seu amor pelos filhos perdidos. As ruas estavam cheias de candidatos. Esta era a parte inquietante da história.

Eu nunca teria oportunidade de falar com ele.

Telefonei para a Drake & Sweeney e pedi para falar com Braden Chance. Atendeu uma secretária, e repeti o pedido.

— Quem fala, por favor? — perguntou.

Dei-lhe um nome fictício e apresentei-me como um potencial cliente, recomendado por Clayton Bender da RiverOaks.

— Mr. Chance não pode atender — respondeu ela.

— Diga-me quando posso falar com ele — respondi, em um tom rude.

— Ele está de férias.

— Muito bem. Quando volta? — Não sei ao certo — respondeu ela, e desligou. As férias durariam um mês, depois passariam a ser uma licença, por fim uma ausência por tempo indeterminado, e por fim admitiriam que Chance fora despedido. Eu desconfiava que ele fora embora; o telefonema confirmou-o. Como a firma fora a minha vida nos últimos sete anos, não me era difícil prever os seus atos. Havia muito orgulho e arrogância para que sofressem as indignidades que lhes eram impostas.

Logo que o processo chegou ao tribunal, calculei que tivessem arrancado a verdade de Braden Chance. Quer tivesse sido ele a tomar a iniciativa, quer tivesse sido obrigado, a questão era imaterial. Ele mentira

desde o início, e agora a firma fora processada. Talvez ele lhes tivesse mostrado o original do memorando de Hector, e o recibo do aluguel de Lontae. No entanto, o mais provável era que ele os tivesse destruído e fosse obrigado a descrever o que rasgara. A firma — Arthur Jacobs e a comissão executiva — sabiam finalmente a verdade. O despejo não devia ter sido realizado. Os acordos verbais deviam ter sido passados ao papel, agindo Chance em nome da RiverOaks, com trinta dias de antecedência concedidos aos inquilinos.

Um atraso de trinta dias teria posto em risco o edifício gigantesco dos Correios, pelo menos para a RiverOaks. E um atraso de trinta dias teria permitido que Lontae Burton e os outros inquilinos sobrevivessem aos maiores rigores do Inverno.

Chance fora obrigado a sair da firma, sem dúvida com uma generosa quantia pela sua quota de sócio. Talvez Hector tivesse sido chamado a Washington para receber instruções. Com a saída de Chance, Hector poderia dizer a verdade e sobreviver. No entanto, não podia falar do seu contato comigo.

À porta fechada, a comissão executiva encarara a realidade. A firma estava muito exposta. Fora delineado um plano de defesa por Rafter e pela sua equipe de litigantes. Se defenderiam vigorosamente alegando que o caso Burton se baseava em material roubado de um processo da Drake & Sweeney. E se esse material roubado não pudesse ser usado em tribunal, então o processo seria recusado. O que fazia todo o sentido, do ponto de vista legal. No entanto, antes de conseguirem implementar a sua defesa, o jornal interviera. Estavam sendo descobertas testemunhas que podiam depor sobre os mesmos assuntos constantes do processo. Podíamos provar o nosso caso independentemente daquilo que Chance ocultara.

A Drake & Sweeney devia estar num caos. Com quatrocentos advogados agressivos que não estavam dispostos a guardar as suas opiniões para si próprios, a firma estava à beira de uma insurreição. Se eu ainda estivesse lá e fosse confrontado com um escândalo semelhante em outro departamento, moveria céus e terra para que o assunto se resolvesse e desaparecesse das páginas dos jornais. A opção de se enclausurarem para se defenderem da tempestade não existia. A narrativa do Post era apenas uma amostra daquilo que um julgamento público arrastaria. E o julgamento seria dentro de um ano. Além disso,

havia problemas vindos de outro lado. O processo não indicava até que ponto é que a RiverOaks conhecia a verdade sobre os ocupantes. De fato, havia muito pouca correspondência entre Chance e o cliente. Aparentemente, ele dera instruções para fechar o negócio o mais depressa possível. A RiverOaks pressionou; Chance cilindrou. Se partíssemos do princípio que a RiverOaks não sabia que os despejos eram ilegais, então a empresa tinha legitimidade para mover um processo à Drake & Sweeney por negligência profissional. Contratara a firma para fazer um trabalho; o trabalho fora mal feito; e o erro era em detrimento do cliente. Com trezentos e cinquenta milhões de dólares de ativos, a RiverOaks tinha força suficiente para obrigar a firma a remediar os seus erros. Outros grandes clientes também teriam as suas opiniões. *O que está acontecendo?* era uma pergunta que todos os sócios ouviriam daqueles que pagavam as contas. No universo implacável do Direito das Sociedades, os abutres de outras firmas começavam a apertar o cerco. A Drake & Sweeney comercializava a sua imagem, a sua percepção pública. Todas as grandes empresas o faziam. E nenhuma poderia suportar o desgaste a que a minha alma mater estava sendo sujeita.

O congressista Burkholder teve uma recuperação extraordinária. Um dia depois da operação, recebeu a imprensa em uma exibição cuidadosamente encenada. Levaram-no de cadeira de rodas para um estrado provisório montado no átrio do hospital. Levantou-se, com a ajuda da sua linda mulher, e avançou para fazer uma declaração. Por coincidência, usava uma camiseta Hoosier vermelho-vivo. Tinha ligaduras no pescoço e o braço esquerdo ao peito. Mostrou que estava vivo e bem de saúde, pronto a regressar ao seu posto no Capitólio dentro de poucos dias. Uma saudação para os conterrâneos de Indiana. No seu melhor momento, alongou-se sobre o crime nas ruas e a deterioração das nossas cidades. (A sua cidade natal tinha oito mil pessoas.) Era uma vergonha que a capital do nosso país se encontrasse em um estado tão deplorável, e, devido ao seu contato fugaz com a morte, daí em diante dedicaria as suas consideráveis energias a devolver a segurança às nossas ruas. Encontrara um novo objetivo.

Seguiu-se uma série de disparates sobre o controle das armas e mais prisões.

O ataque a Burkholder exercera uma pressão enorme, ainda que temporária, sobre a polícia local, no sentido de esta limpar as ruas. Senadores e representantes tinham passado o dia a proclamar sobre os perigos da cidade de Washington. Consequentemente, as rusgas recomeçaram depois do anoitecer. Todos os bêbados, pedintes e pessoas sem teto que se encontravam nas imediações do Capitólio foram afastados. Uns foram presos. Outros foram apenas obrigados a entrar em furgões e transportados como gado para zonas mais distantes.

Às onze e quarenta da noite, a polícia foi chamada a um estabelecimento de bebidas alcoólicas em Fourth Street, junto de Rhode Island, no Northeast. O dono da loja ouvira uns tiros, e uma das pessoas que passava afirmara que vira um homem caído no chão.

Em um parque de estacionamento vazio contíguo ao estabelecimento, atrás de um monte de entulho e de tijolos partidos, a polícia descobriu o corpo de um jovem negro. O sangue era fresco e saía de dois orifícios de bala na cabeça da vítima.

Mais tarde, o homem foi identificado como sendo Kito Spires.

TRINTA E QUATRO

Ruby reapareceu na segunda-feira de manhã, com um apetite devorador de biscoitos e de notícias. Estava à espera no degrau, com um sorriso e um olá caloroso, quando eu cheguei às oito horas, um pouco mais tarde do que era habitual. Com Gantry lá fora, eu queria mais luz do dia e maior atividade quando chegasse ao escritório.

Ela estava na mesma. Pensei que, ao examinar o seu rosto, talvez detectasse vestígios de uma farra de crack, mas não notei nada de anormal. Tinha um olhar duro e triste, mas estava bem disposta. Entramos juntos e ocupamos o nosso lugar na mesa de Sofia. Era reconfortante ter mais alguém no edifício.

— Como tem passado? — perguntei.

— Bem — respondeu ela, pegando um saco para tirar um biscoito. Havia três sacos, todos comprados na semana anterior, só para ela, embora Mordecai tivesse deixado um rastro de migalhas.

— Onde tem ficado?

— No meu carro.

Onde mais ela ficaria?

— Estou contente porque o inverno está acabando.

— Eu também. Tem ido ao Naomi's? — perguntei.

— Não, mas vou hoje. Não me tenho sentido muito bem.

— Dou-lhe uma carona.

— Obrigada.

A conversa foi um pouco tensa. Ela esperava que eu lhe fizesse perguntas sobre a sua última ida ao motel. Eu tinha vontade de fazer, mas achei preferível evitar o assunto.

Quando o café estava pronto, enchi duas xícaras e as coloquei em cima da mesa. Ruby ia no seu terceiro biscoito, que mordiscava como se fosse um rato. Como podia eu ser áspero para com alguém tão digno de compaixão?

— E quanto ao jornal?

— Seria bom.

Tinha uma fotografia do presidente da Câmara na primeira página, e como ela gostava de histórias sobre a cidade e o presidente era sempre bom para alguma facção, escolhi-a em primeiro lugar. Era uma entrevista de sábado, a qual o presidente e o conselho municipal, agindo em conjunto numa aliança periclitante e temporária, pediam ao Departamento da Justiça que investigasse as mortes de Lontae Burton e da família. Houvera violação dos direitos civis? O presidente dava fortemente a entender que estava convencido disso, mas a Justiça que atuasse! Como o processo estava no centro das atenções, havia um novo grupo que era acusado da tragédia. O dedo apontado à Câmara passara para segundo plano. Os insultos quer dirigidos ao Congresso, quer provenientes dele tinham acabado. Aqueles que tinham sido alvo da veemência das primeiras acusações atiravam-se agora com força e satisfação à grande firma de advogados e ao seu cliente rico.

Ruby estava fascinada com a história dos Burton. Fiz-lhe um breve resumo do processo e do que se passara desde que fora entregue no tribunal. A Drake & Sweeney era de novo atacada pelo jornal. Os seus advogados deviam estar se perguntando quando é que a situação chegaria ao fim. Não seria tão cedo.

No canto inferior da primeira página vinha uma pequena notícia sobre a decisão dos Correios de suspender o projeto em Northeast Washington. A controvérsia que envolvia a aquisição do terreno e do

armazém e o processo que abrangia a RiverOaks e Gantry eram fatores que tinham pesado na decisão. A RiverOaks perdeu o seu projeto de vinte milhões de dólares. A empresa reagira como qualquer outro agente imobiliário agressivo que tivesse gasto quase um milhão de dólares em dinheiro para comprar uma propriedade urbana inútil. Iria recorrer aos seus advogados.

A pressão aumentava.

Analisamos os acontecimentos a nível mundial. Um terremoto no Peru chamou a atenção de Ruby e eu li a notícia. Na seção da Cidade, as primeiras palavras que li gelaram-me o sangue nas veias. Por baixo da mesma fotografia de Kito Spires, mas com o dobro do tamanho e ainda mais ameaçadora, lia-se em título: KITO SPIRES ENCONTRADO MORTO A TIROS. A notícia recordava que Mr. Spires era uma personagem do drama dos Burton e depois dava alguns pormenores sobre a sua morte. Não havia testemunhas, nem pistas, nada. Apenas mais um vadio alvejado no distrito.

— Sente-se bem? — perguntou Ruby, despertando-me do transe.

— Sim, claro — respondi, tentando respirar outra vez.

— Porque não está lendo? Porque ficara muito atordoado para ler em voz alta. Tive de examinar a notícia, para ver se o nome de Tillman Gantry era mencionado. Não era. E porquê? Na minha opinião, era óbvio o que acontecera. O rapaz gozara os seus momentos de fama, falara demais, fizera-se muito caro perante os queixosos (nós!) e tornara-se um alvo muito fácil.

Li a notícia para Ruby, devagar, atento a tudo o que se passava à nossa volta, vigiando a porta principal e esperando que Mordecai chegasse depressa. Gantry falara. Outras testemunhas da ruas ou se manteriam em silêncio ou desapareceriam antes que nós as encontrássemos. Matar testemunhas era péssimo. O que havia eu de fazer se Gantry fosse atrás dos advogados? No meio do meu terror, percebi de súbito que a história nos era favorável. Tínhamos perdido uma testemunha potencialmente crucial, mas a credibilidade de Kito teria levantado problemas. A Drake & Sweeney voltava a ser mencionada na terceira notícia da manhã, associada à morte de um criminoso de dezenove anos. A firma fora obrigada a abandonar a sua posição arrogante e estava agora na lama, com o seu nome altivo referido nos mesmos parágrafos em que se falava de rufiões assassinados.

Recuei um mês, antes do episódio do Senhor e de tudo o que se seguira, e me imaginei lendo o mesmo jornal, sentado à minha mesa, antes do nascer do sol. E imaginei que lera as outras notícias e que sabia que as alegações mais graves do processo eram de fato verdadeiras. O que faria? Não havia dúvidas. Estaria desestabilizando Rudolph Mayer, o sócio que me chefiava, que por sua vez armaria um pé de vento com a comissão executiva, e me reuniria com os meus pares, os outros advogados sêniores da firma. Exigiríamos que o assunto fosse resolvido e encerrado antes que fossem infligidos mais danos. Insistiríamos com eles para que evitassem o julgamento a qualquer preço. Faríamos toda a espécie de exigências. E desconfiava que a maioria dos advogados sênior e todos os sócios estavam fazendo exatamente o mesmo. Com todo aquele rebuliço nos corredores, muito pouco era o trabalho desenvolvido. Estavam sendo faturadas muito poucas horas. A firma estava no caos.

— Continue — disse Ruby, despertando-me outra vez.

Percorremos a seção da Cidade, em parte porque queria ver se haveria uma quarta notícia. Não tive essa sorte. Contudo, havia uma notícia sobre as rusgas levadas a cabo pela polícia em resposta ao ataque a Burkholder. Um advogado dos sem teto criticava amargamente a operação e ameaçava com um processo em tribunal. Ruby adorou a notícia. Encantava-a o fato de se escrever tanto acerca dos sem teto.

Levei-a ao Naomi's, onde foi recebida como uma velha amiga. As mulheres abraçaram-na e obrigaram-na a dar a volta à sala, acotovelando-se e até chorando. Passei uns minutos paquerando com Megan, na cozinha, mas os meus pensamentos não se concentravam no romance.

Sofia tinha uma casa cheia quando voltei ao escritório. A afluência era forte; havia cinco clientes sentados junto da parede às nove horas. Ela estava ao telefone, ameaçando alguém em espanhol. Entrei no gabinete de Mordecai para saber se ele tinha lido o jornal. Estava lendo e sorrindo. Combinamos nos reunir daí a uma hora para discutirmos o processo.

Fechei a porta do meu gabinete sem fazer barulho e comecei a mexer nos processos. Em duas semanas, abrira noventa e um e fechara trinta e oito. Estava ficando para trás e precisava de uma boa manhã agarrado ao telefone para me recuperar. O que não iria acontecer.

Sofia bateu à porta e, como esta não tinha trinco, abriu-a. Nem olá, nem um pedido de desculpa.

— Onde está a lista das pessoas despejadas do armazém? — perguntou. Tinha um lápis enfiado atrás da orelha e os óculos empoleirados na ponta do nariz. A mulher estava atarefada.

A lista estava ali perto. Entreguei-a e ela examinou-a rapidamente.

— Bingo! — exclamou.

— O que é? — perguntei, levantando-se.

— O número oito, Marquis Deese — disse ela. — Julguei que este nome era conhecido.

— Conhecido?

— Sim, está sentado à minha mesa. Foi apanhado ontem à noite em Lafayette Park, em frente da Casa Branca, e despejado em Logan Circle. Foi apanhado numa briga. Hoje é o seu dia de sorte.

Fui atrás dela para a sala da frente, onde Mr. Deese estava sentado ao lado da mesa. O homem apresentava semelhanças notáveis com Devon Hardy — quarenta e muitos anos, cabelo e barba embranquecendo, óculos escuros grossos, e várias camadas de roupa como a maioria dos sem teto no princípio de Março. Examinei-o de longe ao dirigir-me para o gabinete de Mordecai para lhe dar a notícia.

Nós o abordamos com cautela. Mordecai é que estava encarregado do interrogatório.

— Desculpe — disse ele, muito delicadamente. — Sou Mordecai Green, um dos advogados deste escritório. Posso fazer-lhe umas perguntas? Estávamos ambos de pé, olhando para Mr. Deese. Ele levantou a cabeça e respondeu: — Acho que sim.

— Estamos trabalhando em um caso que envolve algumas pessoas que viviam no antigo armazém na esquina da Florida com a New York — explicou Mordecai, devagar.

— Eu morava lá — disse ele, suspirando.

— Morava?

— Sim. Fui expulso.

— Sim, é por isso que estamos tratando deste caso. Representamos algumas das outras pessoas que foram expulsas. Estamos convencidos de que o despejo foi ilegal.

— Podem ter certeza.

— Quanto tempo é que você viveu lá?
— Cerca de três meses.
— Pagava aluguel?
— Claro que sim.
— A quem?
— A um cara chamado Johnny.
— Quanto?
— Cem dólares por mês, em dinheiro.
— Por que em dinheiro?
— Eles não queriam documentos escritos.
— Sabe quem era o dono do armazém?
— Não.

A resposta saiu sem hesitações, e mal consegui disfarçar a minha satisfação. Se Deese não sabia que Gantry era o dono do edifício, por que haveria de ter medo dele? Mordecai puxou uma cadeira e falou sério com Mr. Deese.

— Gostaríamos de tê-lo como cliente.
— Para quê?
— Estamos processando certas pessoas por causa do despejo. Na nossa opinião, vocês foram vítimas de uma ilegalidade ao serem postos na rua. Gostaríamos de representá-lo e de apresentar um processo em seu nome.
— Mas o apartamento era ilegal. Por isso é que eu pagava em dinheiro.
— Isso não interessa. Podemos arranjar-lhe algum dinheiro.
— Quanto?
— Ainda não sei. O que tem a perder?
— Nada, creio eu.

Toquei no ombro de Mordecai. Pedimos-lhe desculpas e nos retiramos para o gabinete dele.

— O que é? — perguntou Mordecai.
— À luz do que aconteceu a Kito Spires, creio que devíamos registrar o testemunho dele. Já.

Mordecai coçou a barba.

— Não é má ideia. Vamos recolher um depoimento juramentado. Ele pode assiná-lo, a Sofia pode reconhecê-lo e depois, se lhe acontecer alguma coisa, podemos tentar que o documento seja admitido.

— Temos um gravador? — perguntei.

Os seus olhos viraram-se em todas as direções.

— Sim, em algum lugar.

Como Mordecai não sabia onde ele estava, levaria um mês para encontrá-lo.

— E uma câmara de vídeo? — perguntei.

— Aqui, não.

Fiquei pensado e depois disse: — Vou correndo buscar a minha. Você e Sofia mantenham-no ocupado.

— Ele não tem para onde ir.

— Ótimo. Dê-me quarenta e cinco minutos.

Saí do escritório correndo e me dirigi para Georgetown. No terceiro número que liguei no meu telefone celular, encontrei Claire no intervalo das aulas.

— O que está acontecendo? — perguntou ela.

— Preciso que me empreste a câmara de vídeo. Estou com pressa.

— Está no mesmo lugar — disse ela, muito devagar, tentando analisar a situação. — Por quê?

— Por causa de um depoimento. Não se importa que eu a use?

— Acho que não.

— Ainda está na sala?

— Está.

— Mudou a fechadura? — perguntei.

— Não.

Por qualquer motivo, esta resposta me fez sentir melhor. Eu ainda tinha uma chave. Podia entrar e sair se quisesse.

— E o código do alarme?

— Não. É o mesmo.

— Obrigado. Depois telefono.

Instalamos Marquis Deese em um gabinete sem móveis, mas cheio de arquivos. Ele sentou-se em uma cadeira, com uma parede branca e lisa atrás. Eu manejava a câmara, Sofia era o notário e Mordecai, o interrogador. As respostas de Deese não podiam ter sido mais perfeitas. Daí a meia hora estávamos despachados. Todas as perguntas possíveis tinham sido feitas e respondidas. Deese julgava saber onde estavam mais dois despejados e prometeu encontrá-los.

Os nossos planos consistiam em apresentar um processo por cada pessoa despejada que conseguíssemos localizar; um de cada vez, com muitas informações aos nossos amigos do Post. Sabíamos que Kelvin Lam estava no CCNV, mas ele e Deese eram os únicos que tínhamos conseguido localizar. Os seus casos não valiam muito dinheiro — ficaríamos satisfeitos se conseguíssemos vinte e cinco mil para cada um — mas o fato de darem entrada no tribunal apertaria mais o cerco dos réus.

Eu tinha esperança que a polícia fizesse mais batidas. Quando Deese ia sair, Mordecai avisou-o que não falasse do processo. Eu me sentei em uma mesa junto de Sofia e datilografei uma queixa de três páginas em nome do nosso novo cliente, Marquis Deese, contra os mesmos três arguidos, alegando que o despejo fora ilegal. Depois tratei do de Kelvin Lam. Arquivei as queixas na memória do computador. Bastaria alterar os nomes dos queixosos à medida que os fôssemos encontrando.

O telefone tocou um pouco antes do meio-dia. Sofia estava na outra linha, por isso eu atendi.

— Clínica legal — disse eu, como de costume.

Do outro lado, respondeu a voz de um homem idoso e distinto.

— Fala Arthur Jacobs, advogado, da Drake & Sweeney. Gostaria de falar com Mr. Mordecai Green.

Só consegui responder com certeza, antes de apertar o botão de espera. Fiquei olhando para o telefone, em seguida levantei-me devagar e parei à porta do gabinete de Mordecai.

— O que há? — perguntou ele. Estava embrenhado na leitura do Código Penal.

— Arthur Jacobs ao telefone.

— Quem é ele? — É da Drake & Sweeney.

Ficamos olhando um para o outro durante alguns segundos e depois ele sorriu.

— Este pode ser o telefonema dos nossos sonhos — disse. Limitei-me a fazer um gesto de concordância.

Mordecai pegou o telefone e eu me sentei.

Foi uma conversa breve, na qual Arthur foi aquele que mais falou. Percebi que queria marcar uma reunião para falar do processo, e quanto mais depressa, melhor. Quando acabou, Mordecai a reproduziu.

— Querem reunir-se conosco amanhã para falarmos do processo.

— Onde? — Nas instalações deles. Às dez da manhã, sem a sua presença. Não estava à espera que me convidassem.

— Estão preocupados? — perguntei.

— É claro que estão preocupados. Têm vinte dias para responder, mas já falam em acordo. Estão muito preocupados.

TRINTA E CINCO

Passei a manhã seguinte na Redeemer Mission, dando conselhos a clientes, com todo o tato de quem tratava dos problemas legais dos sem teto há vários anos. A tentação apoderou-se de mim, e às onze e quinze telefonei a Sofia para saber se tivera notícias de Mordecai. Não tivera. Esperávamos que a reunião na Drake & Sweeney fosse demorada. Tinha esperança que então ele me telefonasse dizendo que tudo estava correndo bem. Não tive essa sorte. Era óbvio que eu dormira pouco, embora a falta de sono não tivesse nada a ver com o desconforto físico. O meu nervosismo prolongou-se para além de um grande banho quente e de uma garrafa de vinho. Tinha os nervos em franja. Enquanto aconselhava os meus clientes, era difícil concentrar-me em senhas de alimentação, subsídios de habitação e mais delinquentes, quando a minha vida dependia do equilíbrio existente em outra frente. Saí para almoçar; a minha presença era muito menos importante do que a alimentação do dia-a-dia. Comprei dois sanduíches e uma garrafa de água. Meti-me no carro e passei uma hora no Beltway.

Quando regressei ao escritório, o carro de Mordecai estava estacionado junto do prédio. Ele estava no gabinete, à minha espera. Fechei a porta.

A reunião teve lugar na sala de reuniões particular de Arthur Jacobs, no oitavo andar, num canto oco do edifício onde eu nunca estivera. Mordecai foi tratado como um alto dignitário pela recepcionista e pelo resto do pessoal — despiram-lhe rapidamente o casaco, e ofereceram-lhe café e pãezinhos frescos. Ele sentou-se de um lado da mesa, de frente para Arthur Jacobs, Donald Rafter, um advogado da companhia de seguros da firma e um advogado da RiverOaks. Tillman Gantry tinha representantes legais, mas estes não tinham sido convidados. Se houvesse um acordo, ninguém esperaria que Gantry contribuísse minimamente para ele.

A única presença estranha era a do advogado da RiverOaks, mas fazia sentido. Os interesses da empresa estavam em conflito com os da firma. Mordecai disse que a inimizade era óbvia.

Arthur foi o que mais falou do seu lado da mesa, e Mordecai quase não acreditava que o homem tivesse oitenta anos. Os fatos não só eram memorizados como recordados instantaneamente. Os assuntos eram analisados por uma mente extremamente arguta, sempre trabalhando. Primeiro, combinaram que tudo o que fosse visto e dito na reunião seria mantido em sigilo; nenhuma admissão de culpa sairia dali; nenhuma proposta de acordo seria legalmente vinculatória até os documentos serem assinados. Arthur começou por dizer que os réus, em especial a Drake & Sweeney e a RiverOaks, tinham sido apanhados de surpresa pelo processo, estavam muito embaraçados e aturdidos e não estavam acostumados à humilhação, além dos ataques de que estavam sendo alvo na imprensa. Falou sinceramente da situação difícil que a sua amada firma estava atravessando. Mordecai ouvia, como fez durante a maior parte da reunião.

Arthur assinalou que havia várias questões envolvidas. Começou por Braden Chance, e revelou que ele fora expulso da firma. Não fora ele a despedir-se; fora expulso. Arthur falou com candura dos erros de Chance. Só ele é que estava encarregado dos assuntos da RiverOaks. Conhecia todos os aspectos do encerramento proposto pela TAG e acompanhou todos os pormenores. Talvez tivesse cometido um erro quando permitiu que o despejo avançasse.

— Talvez? — perguntou Mordecai.

A outra parte quis saber se Mordecai vira o processo. Onde estava exatamente essa maldita pasta? Mordecai não respondeu. Arthur explicou que tinham sido retirados certos documentos.

— Os senhores viram o memorando de Hector Palma, com data de vinte e um de Janeiro? — perguntou Mordecai.

Eles ficaram tensos.

— Não — foi a resposta, dada por Arthur.

Então Chance retirara de fato o memorando, além do recibo de Lontae, e destruíra-os. Com um grande aparato, e saboreando todos os segundos, Mordecai tirou da pasta várias cópias do memorando e do recibo. Com uma pose majestosa, os fez deslizar para o outro lado da mesa, onde foram arrebatados pelos advogados tensos, muito assustados para respirarem. Fez-se um longo silêncio enquanto liam o memorando, o examinavam, o reliam e por fim o analisavam, procurando desesperadamente chances de fuga e palavras que pudessem ser

retiradas do contexto e reverter a seu favor. Nada a fazer. As palavras de Hector eram muito claras e a sua narrativa muito descritiva.

— Posso perguntar onde arranjou isto? — perguntou Arthur, com delicadeza.

— Isso não é importante, pelo menos agora.

Era óbvio que eles estavam consumidos com o memorando. Chance descrevera o seu conteúdo à saída, e o original fora destruído. E se existissem cópias? Incrédulos, tinham as cópias na mão. Mas como eram litigantes experientes, recompuseram-se e afastaram o memorando para o lado, como se fosse algo de que pudessem ocupar-se mais tarde.

— Acho que isto nos conduz ao processo desaparecido — disse Arthur, ansioso por encontrar argumentos mais sólidos. Tinham uma testemunha ocular que me vira nas imediações do gabinete de Chance, na noite em que eu tirara o dossiê. Tinham impressões digitais. Tinham o dossiê misterioso que aparecera em cima da minha mesa, aquele que acompanhava as chaves. Eu pedira a Chance para ver o processo da RiverOaks/TAG. Existia um motivo.

— Mas não há testemunhas oculares — disse Mordecai. — É tudo circunstancial.

— Sabe onde está o processo? — perguntou Arthur.

— Não.

— Não temos interesse nenhum em que Michael Brock vá para a cadeia.

— Nesse caso, por que razão tentam mover-lhe um processo-crime?

— Está tudo em cima da mesa, Mr. Green. Se conseguirmos resolver a questão do processo, poderemos desistir do processo-crime.

— Isso é uma ótima notícia. O que propõem para chegarmos a um acordo sobre o processo? Rafter estendeu-lhe um resumo com dez páginas, cheio de gráficos e mapas de várias cores, tudo destinado fazendo crer que a morte de crianças e de mães jovens e incultas não tinham muito valor em tribunal. Com a eficiência característica das grandes empresas, os escravos da Drake & Sweeney tinham passado horas examinando as tendências mais recentes em todo o país, em termos de indenizações por delitos civis. Um ano. Cinco anos. Dez anos. Região por região. Estado por estado. Cidade por cidade. Quanto é que

os júris exigiam pela morte de crianças em idade pré-escolar? Não muito. A média nacional era quarenta e cinco mil dólares, mas muito menos no Sul e no Midwest, e um pouco mais na Califórnia e nas cidades maiores. As crianças em idade pré-escolar não trabalham, não ganham dinheiro, e geralmente os tribunais não admitem previsões quanto à sua capacidade para o ganharem no futuro.

O cálculo daquilo que Lontae poderia ter ganho era muito liberal. Com uma história laboral manchada, tinham partido de certos pressupostos de peso. Ela tinha vinte e dois anos, e dentro de pouco tempo arranjaria emprego de tempo integral, ganhando salário mínimo.

Era um pressuposto generoso, mas Rafter estava disposto a fazer concessões. Ela se manteria limpa, sóbria e nunca mais engravidaria enquanto estivesse trabalhando; outra teoria caridosa. Conseguiria receber formação profissional em algum lugar, arranjaria um emprego ganhando o dobro do, e o conservaria até aos sessenta e cinco anos. Ajustando os seus ganhos futuros de acordo com a inflação e transferindo-os para dólares correntes, Rafter chegara à quantia de $570.000, correspondente aos salários que Lontae não ganhara. Não havia feridas nem queimaduras, nem dor ou sofrimento. Eles tinham morrido durante o sono.

Para resolver o caso, e admitindo que não tinham sido cometidos erros, a firma oferecia-se generosamente para pagar $50000 por cada criança, mais o total dos ganhos de Lontae, o que perfazia $770.000.

— Isso nem sequer se aproxima do aceitável — disse Mordecai. — Posso conseguir isso de um júri só por uma criança morta.

Os seus interlocutores enterraram-se nas cadeiras.

Mordecai continuou a desacreditar quase tudo o que constava do belo relatório de Rafter. Não se importava com aquilo que os júris faziam em Dallas ou em Seattle, nem conseguia perceber onde estava o interesse. Não estava interessado nos procedimentos judiciais de Omaha. Sabia o que podia fazer com um júri de Columbia, e só isso é que era importante. Se julgavam que podiam livrar-se do imbróglio por pouco dinheiro, então mais valia ir embora. Arthur recompôs-se, enquanto Rafter procurava uma saída.

— Isto é negociável. Isto é negociável — disse ele.

O cálculo não contemplava qualquer indenização suplementar, e Mordecai chamou-lhes a atenção.

— Os senhores têm um advogado rico de uma empresa próspera, que admitiu que se efetuasse um despejo ilegal, e como consequência direta os meus clientes foram postos na rua e morreram quando tentavam aquecer-se. Francamente, senhores, é um caso típico em que é possível exigir uma indenização suplementar, sobretudo aqui no distrito.

Aqui no distrito, significava apenas uma coisa: um júri negro.

— Podemos negociar — disse Arthur outra vez. — Que número é que tem em mente? Nós tínhamos debatido qual o número que devíamos lançar para cima da mesa. Tínhamos pensado em dez milhões de dólares, mas tínhamos afastado este número. Podiam ser quarenta, cinquenta ou cem mil.

— Um milhão por cada um — disse Mordecai. As suas palavras caíram em peso na mesa de mogno. Os que estavam do outro lado ouviram-nas claramente, mas levaram alguns segundos para digeri-las.

— Cinco milhões? — perguntou Rafter, com uma voz que mal se ouvia.

— Cinco milhões — exclamou Mordecai. — Um por cada uma das vítimas. De súbito, os blocos de notas chamaram-lhes a atenção, e cada um dos quatro escreveu algumas frases.

Pouco depois, Arthur voltou à carga, explicando que a nossa teoria da responsabilidade não era absoluta. Um fenômeno natural — a neve — também fora em parte responsável pelas mortes. Seguiu-se uma longa discussão sobre o tempo. Mordecai pôs fim ao assunto, dizendo: — Os jurados sabem que neva em Fevereiro, que está frio em Fevereiro e que há nevascas em Fevereiro.

Durante a reunião, qualquer referência ao júri, ou aos jurados, fora sempre seguida por alguns segundos de silêncio da outra parte.

— Eles estão horrorizados com a perspectiva do julgamento — disse-me Mordecai.

A nossa teoria era suficientemente forte para resistir aos ataques deles, explicou-lhes Mordecai. Fosse por um ato intencional, fosse por negligência, o despejo fora efetuado. Era previsível que os nossos clientes fossem obrigados a ficar na rua, em Fevereiro, porque não tinham outro lugar para onde ir. Ele poderia transmitir esta ideia extraordinariamente simples a qualquer júri do país, mas ela agradaria especialmente à boa gente do distrito. Cansado de discutir a

responsabilidade, Arthur passou para o seu ponto mais forte: eu. Referiu-se especificamente ao fato de eu ter tirado o processo do gabinete de Chance e de o ter feito depois de ter sido comunicado que não tinha autorização para isso. A posição deles não era negociável. Estavam dispostos a deixar cair a acusação de crime se fosse alcançado um acordo no processo cível, mas eu tinha de encarar as consequências disciplinares com base na queixa de atropelo à ética.

— O que eles querem? — perguntei.

— Dois anos de suspensão — respondeu Mordecai, com um ar solene. Não consegui responder. Dois anos, não negociáveis.

— Disse-lhes que eles estavam doidos — disse Mordecai, mas não com a ênfase que eu gostaria. — Nem pensar nisso.

Era mais fácil manter o silêncio. Eu repetia as palavras na minha mente. Dois anos. Dois anos.

Discutiram mais um pouco sobre o dinheiro, mas a questão ficou em aberto. Na realidade, não tinham chegado a acordo sobre coisa nenhuma, exceto quanto à realização de uma reunião o mais depressa possível. A última coisa que Mordecai fez foi entregar-lhes uma cópia do processo de Marquis Deese, que ainda não fora apresentado no tribunal. Incluía os mesmos três réus e pedia a quantia insignificante de cinquenta mil dólares pelo despejo ilegal. Haveria outros, prometeu-lhes Mordecai. De fato, tencionávamos entregar dois processos no tribunal por semana, até esgotarmos todos os despejados.

— Tencionam fornecer uma cópia disto aos jornais? — perguntou Rafter.

— Porque não? — respondeu Mordecai. — Assim que for entregue no tribunal, é um documento público.

— É que, bem, nós já estamos fartos da imprensa.

— Vocês começaram.

— O quê?

— Sopraram a notícia da prisão do Michael.

— Isso não é verdade.

— Como é que o *Post* conseguiu a fotografia dele? Arthur disse a Rafter que se calasse.

Sozinho no meu gabinete, com a porta fechada, fiquei olhando para as paredes até que o acordo começou a fazer sentido. A firma estava disposta a pagar muito dinheiro para evitar duas coisas: mais

humilhações e o espetáculo de um julgamento que poderia causar-lhes graves prejuízos financeiros. Se eu entregasse o processo, eles desistiriam da queixa-crime. Tudo ficaria no seu lugar, exceto o fato de a firma exigir algumas satisfações. Eu não era um vira-casacas, mas, aos olhos deles, tornara-me responsável por toda aquela confusão. Era o elo de ligação entre os seus segredos sujos, bem escondidos na torre de marfim, e a exposição à qual o processo os submetera. O descrédito público era motivo suficiente para me odiarem; a perspectiva de os despojar do seu bem-amado dinheiro alimentava a sua sede de vingança.

E fizera tudo aquilo com informações provenientes do interior da empresa, pelo menos na opinião de todos eles. Aparentemente, não sabiam do envolvimento de Hector. Eu roubara o dossiê, descobrira tudo o que precisava e depois construíra o processo, peça por peça.

Era um Judas. Infelizmente eu os compreendias.

TRINTA E SEIS

Muito depois de Sofia e Abraham terem saído, estava eu sentado na penumbra do meu gabinete quando Mordecai entrou e se sentou em uma das duas cadeiras fortes que eu comprara em uma feira por seis dólares. O par. O proprietário anterior pintara-as de castanho. Eram muito feias, mas pelo menos deixara de recear que os clientes e as visitas caíssem no chão no meio de uma frase.

Sabia que ele passara toda a manhã ao telefone, mas não me aproximara do seu gabinete.

— Tenho recebido muitos telefonemas — disse ele. — As coisas estão andando mais depressa do que nós imaginávamos.

Continuei a ouvir; não tinha nada a dizer.

— Ora com Arthur, ora com o juiz DeOrio. Você conhece o DeOrio?

— Não.

— É um cara duro, mas é bom, justo, moderadamente liberal. Começou em uma grande firma, há muitos anos, e por qualquer motivo quis ser juiz. Não optou pela fortuna. Julga mais casos do que qualquer outro juiz da cidade, porque mantém os advogados sob controle. Tem a

mão muito pesada. Quer tudo resolvido, e quando não há acordo quer que o julgamento se efetue o mais depressa possível. Odeia casos pendentes.

— Acho que já ouvi esse nome.

— Espero que sim. Você é advogado nesta cidade há sete anos.

— Direito da Concorrência. Em uma grande firma. Lá em cima.

— De qualquer modo, aqui vai o desfecho. Combinamos nos encontrar amanhã na sala de audiências do DeOrio. Todos estarão lá — os três réus, com os advogados, eu, você, o nosso procurador, todos aqueles que tenham qualquer interesse no processo.

— Eu?

— Sim. O juiz quer que você esteja presente. Disse que você podia ficar sentado no banco dos jurados observando, mas quer que esteja lá. E quer o processo desaparecido.

— Com todo o prazer.

— Ele é célebre, em determinados círculos, creio eu, por detestar a imprensa. É frequente expulsar os repórteres das suas salas; proíbe as câmeras de televisão de se aproximarem mais de trinta metros dos seus domínios. Já está irritado com a notoriedade que este caso gerou. Está decidido a pôr termo às fugas de informação.

— O processo é um documento público.

— Sim, mas ele pode selá-lo, se quiser. Não creio que o faça, mas ele gosta de alardear isso.

— Então ele quer um acordo?

— Claro que quer. É juiz, não é verdade? Todos os juízes querem acordos para todos os casos. Sobra mais tempo para o golfe.

— O que pensa ele do nosso caso?

— Não abriu o jogo, mas insiste em que os três acusados estejam presentes, e que não faltem. Veremos quem consegue tomar decisões no local.

— E Gantry?

— Gantry vai estar lá. Falei com o advogado dele.

— Ele sabe que há um detector de metais na porta?

— Talvez. Já esteve no tribunal. Eu e o Arthur falamos ao juiz da proposta deles. Ele não reagiu, mas não me parece que tenha ficado impressionado. Já viu muitos grandes vereditos. Conhece os seus jurados.

— E quanto a mim? Seguiu-se uma longa pausa do meu amigo, que tentou encontrar palavras simultaneamente sinceras e apaziguadoras.

— Ele vai ser severo.

Não havia nada de apaziguador nisto.

— Onde está a justiça, Mordecai? É o meu pescoço que está no cepo. Perdi a esperança.

— Não é uma questão de justiça. Você tirou o processo para remediar uma coisa que estava mal. A sua intenção não era roubá-lo, apenas usá-lo durante uma hora. Foi um ato meritório, mas foi um roubo.

— DeOrio chamou de roubo?

— Chamou. Uma vez.

Então o juiz considerava-me um ladrão. A opinião estava tornando-se unânime. Não tinha coragem para perguntar a Mordecai qual era a sua opinião. Ele poderia me dizer a verdade, e eu não queria ouvi-la.

Mordecai distribuiu de outra maneira o seu considerável peso. A minha cadeira estalou, mas não cedeu um centímetro. Senti-me orgulhoso dela.

— Quero que saiba de uma coisa — disse ele, com um ar grave.- Você decide, e sairemos deste caso em um abrir e fechar de olhos. Não precisamos do acordo; ninguém precisa, verdadeiramente. As vítimas estão mortas. Os herdeiros ou são desconhecidos ou estão na cadeia. Um belo acordo não afetará em nada a minha vida. O caso é seu. Você decide.

— Isso não é assim tão simples, Mordecai.

— Por quê?

— Tenho medo do processo-crime.

— E tem motivos para isso. Mas eles vão esquecer o processo-crime. Vão esquecer a queixa. Eu podia telefonar agora mesmo a Arthur e dizer-lhe que nós deixaríamos cair tudo se eles deixassem cair tudo. As duas partes afastavam-se e esqueciam o assunto. Ele ficaria radiante. É fácil.

— A imprensa nos comeria vivos.

— E depois? Estamos imunes. Acha que os nossos clientes se importam com aquilo que o Post diz de nós? Ele estava bancando o advogado do diabo — defendendo pontos em que não acreditava.

Mordecai queria proteger-me, mas também queria desmascarar a Drake & Sweeney. Certas pessoas não podiam proteger-se de si mesmas.

— Está bem, nos retiramos — disse eu. — E o que conseguimos? Eles saem ilesos. Atiram aquela gente para a rua. São apenas responsáveis pelos despejos ilegais, e, em última análise, pelas mortes dos nossos clientes, mas nós os deixamos fugir? É disso que estamos falando?

— É a única maneira de protegermos a sua licença para exercer advocacia.

— Não há nada como uma certa pressão, Mordecai — disse eu, num tom bastante ríspido.

Mas ele tinha razão. O problema era meu, e só eu podia tomar as decisões cruciais. Eu tirara o processo, um ato estúpido, que também estava errado em termos legais e éticos.

Mordecai Green ficaria destroçado se eu, de súbito, me atemorizasse. Tudo o seu mundo consistia em ajudar os pobres a recomporem-se. Os seus eram aqueles que não tinham esperança nem teto, aqueles a quem davam pouco e que procuravam apenas as coisas básicas da vida — a refeição seguinte, uma cama enxuta, um emprego com um salário digno, um pequeno apartamento com uma renda acessível. Raramente a causa dos problemas dos seus clientes tinha uma relação tão direta com grandes empresas privadas. Como o dinheiro não tinha importância para Mordecai, e como uma grande reparação teria pouco ou nenhum impacto na sua vida, e como os clientes estavam, como ele disse, mortos, presos ou eram desconhecidos, nunca consideraria um acordo antes do julgamento, desde que eu não estivesse envolvido. Mordecai queria um julgamento, uma superprodução ruidosa, com luzes, câmaras e palavras impressas não concentradas nele, mas na situação difícil da sua gente. Os julgamentos nem sempre são sobre erros individuais; por vezes são utilizados como púlpitos.

A minha presença complicava as coisas. O meu rosto suave e pálido podia ficar atrás das grades. A minha licença para exercer advocacia, e consequentemente para viver, estava em risco.

— Não estou abandonando o navio, Mordecai — disse eu.

— Nem eu esperava isso de você.

— Deixe-me pintar um cenário. E se eu os convencer a pagar uma quantia que nos permita viver? As acusações criminais são retiradas; e não fica mais nada em cima da mesa a não ser eu e a minha licença? E se eu aceitar prescindir dela por um tempo? O que me acontece? — Em primeiro lugar, sofre o vexame de uma suspensão disciplinar.

— O que, por muito desagradável que seja, não será o fim do mundo — disse eu, tentando me mostrar forte. Estava horrorizado com a situação embaraçosa que se criaria. Warner, os meus pais, os meus amigos, os meus colegas de faculdade, Claire e todos aqueles grã-finos da Drake & Sweeney. Imaginava a cara que não fariam ao receberem a notícia.

— Em segundo lugar, não pode exercer advocacia durante a suspensão.

— Perco o meu emprego?

— Claro que não.

— Então o que farei?

— Bem, manterá este escritório. Dará consultas no CCNV, na Samaritan House, na Redeemer Mission e nos outros lugares onde já esteve. Continuará a ser sócio da clínica. Nós o chamaremos de assistente social, e não advogado.

— Portanto nada muda?

— Não muito. Olhe para Sofia. Recebe mais clientes do que todos nós juntos, e meia cidade julga que ela é advogada. Se for necessário ir a tribunal, eu me encarrego disso. Para você, será o mesmo.

As regras que norteavam o Direito das ruas eram feitas por aqueles que o praticavam.

— E se for apanhado?

— Ninguém se importa com isso. A linha que divide a assistência social do Direito Social nem sempre é clara.

— Dois anos é muito tempo.

— É, e não é. Não somos obrigados a concordar com uma suspensão de dois anos.

— Julguei que isso não era negociável.

— Amanhã, tudo será negociável. Mas você precisa fazer alguma investigação. Descubra casos semelhantes, se houver. Veja o que outras

comarcas fizeram com queixas semelhantes.

— Acha que isto já aconteceu?

— Talvez. Atualmente somos um milhão. Os advogados sempre foram engenhosos para encontrar maneiras de sacanear os outros. Mordecai estava atrasado para uma reunião. Agradeci-lhe e saímos juntos.

Fui para a Faculdade de Direito de Georgetown, perto do Monte do Capitólio. A biblioteca estava aberta até à meia-noite. Era o lugar ideal para me esconder e pensar na vida de um advogado caprichoso.

TRINTA E SETE

A sala de audiências de DeOrio ficava no segundo andar do Edifício Carl Moultrie, perto da do juiz Kisner, onde o meu caso de furto aguardava a fase seguinte em um processo embaraçoso. Os corredores estavam cheios de advogados de Direito Penal e daqueles que resolviam tudo, e que anunciavam na televisão a cabo e nas paradas de ônibus. Misturavam-se com os seus clientes, que pareciam quase todos ser culpados de qualquer coisa, e recusei-me a acreditar que o meu nome figurava na mesma lista daqueles rufiões. O momento em que entrássemos era importante para mim, e insignificante para Mordecai. Não nos atrevemos a brincar com o atraso. DeOrio era um fanático da pontualidade. Mas eu não podia admitir que chegaria dez minutos mais cedo e ficaria sujeito aos olhares, aos cochichos e talvez até à tagarelice banal de Donald Rafter, de Arthur e sabe-se lá de quem eles trouxessem mais. Não me agradava estar na sala com Tillman Gantry, a menos que o juiz estivesse presente.

Queria me sentar na tribuna dos jurados, ouvir tudo e não ser incomodado por ninguém. Entramos dois minutos antes da uma hora. A assistente de DeOrio distribuía cópias da agenda. Indicou-nos os nossos lugares — eu para a tribuna do júri, onde me sentei, sozinho e satisfeito, e Mordecai para a mesa da acusação, ao lado da tribuna do júri. Wilma Phelan, a procuradora, já estava lá, e aborrecida porque não fazia ideia de nada do que ia ser discutido. A mesa da defesa era uma obra-prima em termos de posição estratégica. A Drake & Sweeney estava reunida a um canto; Tillman Gantry e os seus dois advogados, no outro. Ao centro,

e fazendo as vezes de tampão, estavam dois representantes da RiverOaks e três advogados. A agenda também indicava os nomes de todos os presentes.

Contei treze pessoas do lado da defesa.

Avistei Arthur, Rafter e Nathan Malamud. E Barry Nuzzo. Estava resolvido a não permitir que nada me surpreendesse, mas não esperava ver o Barry. Ao escolher três dos colegas que tinham sido feito reféns tal como eu, a firma estava enviando uma mensagem sutil — todos os outros advogados aterrorizados pelo Senhor tinham sobrevivido sem soçobrarem. O que me acontecera? Porque era eu o mais fraco? A quinta pessoa do grupo deles estava identificada como L. James Suber, advogado de uma companhia de seguros. A Drake & Sweeney tinha um bom seguro contra a negligência profissional, mas eu duvidava que a cobertura se aplicasse a este caso. A apólice excluía atos intencionais, roubos cometidos por sócios ou advogados, violações deliberadas de padrões de conduta. A negligência de um advogado da empresa estava coberta. Os delitos intencionais, não. Braden Chance não se limitara a ignorar um estatuto, um código ou método estabelecido. Tomara a decisão consciente de prosseguir com o despejo, apesar de saber muito bem que os ocupantes eram de fato inquilinos. Seria travada uma luta desagradável à margem, longe da nossa presença, entre a Drake & Sweeney e a sua seguradora. À uma hora em ponto, o juiz DeOrio apareceu atrás da tribuna e sentou-se.

— Boa tarde — disse ele, num tom rude, enquanto se instalava. Envergava uma toga, o que me pareceu estranho. Não era uma sessão formal, mas sim uma conferência não oficial que visava a obtenção de um acordo. Ajustou o microfone e disse: — Mr. Burdick, por favor mantenha a porta fechada.

Mr. Burdick era um funcionário do tribunal, fardado, que guardava a porta do lado de dentro. Os bancos estavam completamente vazios. Era uma conferência privada.

Um escrivão começou a registrar todas as palavras que eram pronunciadas.

— Informaram-me que todas as partes e advogados estão presentes — disse ele, olhando para mim como se fosse apenas mais um violador. — O objetivo desta reunião é tentar resolver este caso. Depois de numerosas conversas havidas ontem com os advogados

principais, parece-me que uma conferência como esta, realizada neste momento, pode ser benéfica. Nunca participei numa conferência de acordo tão pouco tempo depois da entrega de uma queixa, mas como todas as partes concordam, dou o tempo por bem empregado. Nada do que hoje dissermos pode ser repetido à imprensa, sejam quais forem as circunstâncias.

O juiz olhou para Mordecai e depois para mim. Todas as cabeças da mesa da defesa se viraram para imitá-lo. Tive vontade de me levantar e lembrar que eles é que tinham iniciado as fugas de informação. É verdade que nós tínhamos desferido os golpes mais duros, mas eles tinham sido os primeiros a atacar.

Em seguida, a assistente entregou a cada um de nós uma cópia de um acordo sucinto de dois parágrafos, com o nosso nome. Assinei e devolvi-lhe. Um advogado sob pressão não consegue ler dois parágrafos e tomar uma decisão rápida.

— Há algum problema? — perguntou DeOrio à equipe da Drake & Sweeney. Procuravam caminhos de fuga. Eram treinados para isso. Assinaram os acordos, que foram recolhidos pela assistente.

— Trabalharemos a partir da agenda — disse o juiz. — O ponto um é um resumo dos fatos e teorias de responsabilidade. Mr. Green, o senhor apresentou o processo. Pode começar. Tem cinco minutos.

Mordecai levantou-se, sem apontamentos, com as mãos bem enfiadas nos bolsos e completamente à vontade. Em dois minutos, apresentou o nosso caso com clareza e depois sentou-se. O juiz apreciou a brevidade. Arthur falou em nome dos acusados. Reconheceu a base fatual do caso, mas concentrou-se na questão da responsabilidade. Acusou fortemente a estranha nevasca que cobriu a cidade e que dificultou a vida de todas as pessoas. Também questionou os atos de Lontae Burton.

— Ela tinha alguns lugares para onde ir — disse Arthur. — Havia abrigos de emergência abertos. Na noite anterior, ficou na garagem de uma igreja, como muitas outras pessoas. Porque foi embora? Não sei, mas ninguém a obrigou, pelo menos ninguém que tenhamos encontrado até agora. A avó tinha um apartamento em Northeast. Uma parte da responsabilidade não devia ser atribuída à mãe? Ela não devia ter feito algo mais para proteger os filhos? Seria a única hipótese de Arthur acusar uma mãe morta. Dentro de um ano, mais ou menos, a tribuna do

júri onde me encontrava estaria cheia de pessoas com um aspecto diferente do meu, e nem Arthur nem qualquer outro advogado em seu perfeito juízo insinuariam que Lontae Burton tivera em parte culpa da morte dos próprios filhos.

— Porque estava ela na rua, para começar? — perguntou DeOrio, num tom áspero, que quase me fez sorrir.

Arthur respondeu, imperturbável: — Dado o objetivo desta reunião, Meritíssimo, estamos dispostos a reconhecer que o despejo foi ilegal.

— Obrigado.

— Não tem de quê. O que mantemos é que uma parte da responsabilidade deve ser atribuída à mãe.

— Que percentagem? — Pelo menos cinquenta por cento.

— Isso é muito.

— Consideramos que não, Meritíssimo. Podemos tê-la posto na rua, mas ela esteve lá mais de uma semana antes da tragédia.

— Mr. Green? Mordecai levantou-se, abanando a cabeça, como se Arthur fosse um estudante do primeiro ano de Direito que se agarrasse a teorias elementares.

— Essas pessoas não têm acesso imediato à habitação, Mr. Jacobs. É por isso que lhes chamam sem teto. O senhor admite que as pôs na rua, e foi lá que elas morreram. Eu gostaria muito de discutir isto com um júri. Arthur ficou desconcertado. Rafter, Malamud e Barry ouviram tudo o que foi dito, aterrados ao pensar em Mordecai Green à solta em uma sala de audiências, com um júri constituído pelos seus pares.

— A responsabilidade é clara, Mr. Jacobs — disse DeOrio.-O senhor pode invocar perante o júri a negligência da mãe, embora eu não o aconselhe a fazê-lo. Mordecai e Arthur sentaram-se.

Se conseguíssemos provar no julgamento que os réus eram responsáveis, o júri seria obrigado a considerar a questão das indenizações. Era o ponto seguinte da agenda. Rafter propôs que se aplicasse o mesmo critério com base nas tendências atuais das decisões do júri. Falou de quanto valiam as crianças mortas no nosso sistema judicial. Mas depressa caiu na monotonia quando se referiu à história laboral de Lontae e ao cálculo das perdas dos seus ganhos futuros.

Chegou à mesma quantia, $770 000, que tinham oferecido na véspera, e pediu que ela constasse dos autos.

— Essa não é a sua proposta final, não é, Mr. Rafter? — perguntou DeOrio. O seu tom era de desafio; esperava sem dúvida que aquela não fosse a proposta final.

— Não, Meritíssimo.

— Mr. Green.

Mordecai levantou-se outra vez.

— Rejeitamos a proposta, Meritíssimo. As tendências nada significam para mim. A única tendência que me interessa é quanto é que posso convencer um júri a atribuir, e, com todo o respeito por Mr. Rafter, será muito mais do que estão oferecendo.

Ninguém na sala duvidava.

Mordecai discutiu a opinião deles, segundo a qual uma criança morta valia apenas cinquenta mil dólares. Insinuou fortemente que uma estimativa tão baixa era o resultado de um preconceito contra as crianças de rua, que por acaso eram negras. Gantry foi o único elemento da mesa da defesa que não se mostrou incomodado.

— O senhor tem um filho em St. Alban's, Mr. Rafter. Aceitaria cinquenta mil dólares por ele? O nariz de Rafter ficou a oito centímetros do bloco de apontamentos.

— Posso convencer um júri nesta sala de audiências que aquelas criancinhas valiam pelo menos um milhão de dólares cada uma, como qualquer criança que frequenta as escolas preparatórias de Virginia e Maryland. Fora um golpe baixo, que os atingiu em cheio. Não havia dúvida que os filhos deles iam à escola.

O resumo de Rafter não contemplou a dor nem o sofrimento das vítimas. O raciocínio não era explícito, mas era óbvio. Tinham morrido tranquilamente, respirando gás inodoro. Não havia queimaduras, fraturas ou sangue. Rafter pagou caro a sua omissão. Mordecai lançou-se em uma narrativa pormenorizada das últimas horas de vida de Lontae e dos filhos; a procura de comida e de calor, a neve e o frio, o medo de morrerem congelados, os esforços desesperados para ficarem juntos, o horror de serem apanhados por uma nevasca, em um calhambeque, com o motor trabalhando, vendo o tubo de escape. Foi uma intervenção brilhante, feita de improviso e com a mestria de um contador de histórias dotado. Como único jurado, eu teria entregue um cheque em branco.

— Não me falem em dor nem em sofrimento — rosnou, dirigindo-se à Drake & Sweeney. — Os senhores não sabem o que isso significa. Falou de Lontae como se a conhecesse há vários anos. Uma criança que nascera sem oportunidades, que cometera todos os erros previsíveis. Mas o mais importante é que era uma mãe que adorava os filhos e tentava desesperadamente sair da pobreza. Enfrentara o seu passado e os seus vícios, e lutava pela sobriedade quando os acusados a atiraram de novo para a rua. A voz de Mordecai fluía e refluía, aumentando de tom com a indignação e diminuindo com a vergonha e a culpa. Não faltou uma sílaba, não houve uma palavra desperdiçada. Estava dando-lhes uma dose extraordinária daquilo que o júri ouviria.

Arthur é que controlava o livro de cheques, que deve ter aberto um buraco no bolso.

Mordecai deixou o melhor para o fim. Fez uma preleção sobre o objetivo da indenização suplementar — castigar os que cometiam ilegalidades e tomá-los exemplo para que não pecassem mais. Insistiu nos males cometidos pelos réus, gente rica que não se importava com aqueles que eram menos afortunados.

— Não passam de um grupo de vadios. Vamos pô-los na rua! — exclamou Mordecai, atroando os ares.

A ganância levara-os a ignorar a lei. Um despejo legal levaria pelo menos mais trinta dias para realizar-se, o que teria destruído o negócio com os Correios. Mais trinta dias e as nevascas fortes teriam desaparecido; as ruas seriam um pouco mais seguras.

Era o caso típico em que devia ser pedida uma indenização suplementar, e ele não duvidava que um júri pensaria o mesmo. Eu também pensava assim, e naquele momento nem Arthur, nem Rafter, nem qualquer dos outros advogados que estavam presentes queriam nada com Mordecai Green.

— Aceitaremos cinco milhões — disse, chegando ao fim. — Nem um centavo menos.

Fez-se uma pausa quando ele acabou de falar. DeOrio tomou alguns apontamentos e depois voltou a consultar a agenda. Seguia-se a questão do processo.

— Você o tem? — perguntou-me.

— Tenho, Meritíssimo.

— Está disposto a entregá-lo? — Estou.

Mordecai abriu a pasta danificada pelo uso e tirou o processo. Entregou-o à assistente, que o passou ao juiz. Esperamos dez longos minutos, enquanto DeOrio o folheava, página por página.

Várias vezes notei Rafter a observá-lo, mas não me importei. Tanto ele como os outros estavam ansiosos por pegar o processo. Quando o juiz acabou, disse: — O processo foi devolvido, Mr. Jacobs. Existe um processo-crime pendente no fundo do corredor. Falei com o juiz Kisner acerca do assunto. O que deseja fazer? — Meritíssimo, se conseguirmos chegar a acordo sobre todos os outros assuntos, não insistiremos no processo.

— Presumo que isto o satisfaça, não é assim, Mr. Brock? — perguntou DeOrio.

Era óbvio que me satisfazia.

— É sim, Meritíssimo.

— Continuemos. O ponto seguinte é a queixa relativa à ética, apresentada pela Drake & Sweeney contra Michael Brock. Mr. Jacobs, não se importa de falar disto? — Com certeza, Meritíssimo.

Arthur levantou-se e proferiu uma condenação das minhas deficiências éticas. Não foi exageradamente duro, nem exaustivo. Pareceu-me que extraía prazer do que dizia. Arthur era um advogado por excelência, um dos antigos, que apregoavam a ética e decerto se norteavam por ela. Ele e a empresa nunca perdoariam a minha falta, mas eu fora, afinal, um deles. Tal como os atos de Braden Chance tinham refletido em toda a firma, também o meu erro devia manter certos padrões.

Arthur terminou, afirmando que eu não devia escapar ao castigo por ter tirado o processo. Fora uma clamorosa quebra do dever perante o cliente, a RiverOaks. Eu não era um criminoso, e eles não tinham dificuldade em esquecer a acusação de furto. Mas eu era advogado, e muito bom, admitiu Arthur, e por conseguinte devia ser responsabilizado. Não admitiam retirar a queixa por atropelo à ética, fossem quais fossem as circunstâncias. Os seus argumentos foram bem apresentados, bem defendidos, e ele convenceu-me. Os representantes da RiverOaks pareciam particularmente obstinados.

— Mr. Brock, tem alguma coisa a responder? — perguntou DeOrio. Eu não tinha preparado os meus comentários, mas não tive medo de me levantar e de dizer o que sentia. Olhei para Arthur de frente,

e disse: — Mr. Jacobs, sempre tive um grande respeito pelo senhor, e continuo a ter. Não tenho nada a dizer em minha defesa. Fiz mal ao tirar o processo, e mil vezes desejei não o ter feito. Procurava uma informação que sabia estar sendo sonegada, mas isso não era justificação. Peço-lhe desculpas, ao senhor e ao resto da firma, e ao seu cliente, a RiverOaks.

Sentei-me e não consegui olhar para eles. Mordecai disse-me mais tarde que a minha humildade contribuíra muito para quebrar o gelo. DeOrio fez então uma coisa muito sensata. Passou para o ponto seguinte, o litígio que ainda não começara. Tínhamos combinado apresentar um processo em nome de Marquis Deese e de Kelvin Lam, e posteriormente em nome de todos os outros despejados que conseguíssemos encontrar. Devon Hardy e Lontae já não existiam, portanto havia quinze potenciais queixosos. Isto fora prometido por Mordecai, que informara o juiz.

— Se o senhor admitir a responsabilidade, Mr. Jacobs, terá de falar de indenizações. Quanto oferece para chegar a acordo sobre estes outros quinze casos? — perguntou o juiz.

Arthur falou em voz baixa com Rafter e Malamud, e depois respondeu: — Bem, Meritíssimo, pelos nossos cálculos, faz agora um mês que essas pessoas ficaram sem casa. Se dermos cinco mil a cada um, podem encontrar outro lugar, talvez alguma coisa melhor.

— Isso é pouco — disse DeOrio. — Mr. Green.

— Muito pouco — reconheceu Mordecai. — Mais uma vez, avalio os casos com base naquilo que o júri possa fazer. Os mesmos réus, a mesma conduta errada, os mesmos jurados. Posso conseguir com facilidade cinquenta mil por cada caso.

— O que aceita? — perguntou o juiz.

— Vinte e cinco mil.

— Acho que o senhor devia pagar — disse DeOrio, dirigindo-se a Arthur. — O pedido é razoável.

— Vinte e cinco mil a cada um dos quinze? — perguntou Arthur, cuja conduta impecável começou a estalar perante o ataque desferido por dois lados da sala.

— Exatamente.

Seguiu-se uma grande confusão, visto que cada um dos quatro advogados da Drake & Sweeney tinha a sua opinião. Era óbvio que não

tinham consultado os advogados dos dois outros réus. Era óbvio que a firma assumiria os encargos do acordo. Gantry parecia completamente indiferente; o seu dinheiro não estava em jogo. Talvez a RiverOaks tivesse ameaçado processar os advogados se não fosse alcançado um acordo.

— Pagaremos vinte e cinco mil — anunciou Arthur tranquilamente, e $375 000 saíram dos cofres da Drake & Sweeney.

A sabedoria estava na capacidade de quebrar o gelo. DeOrio sabia que podia obrigá-los a aceitar as indenizações menores. Assim que o dinheiro começasse a correr, só pararia quando nós quiséssemos.

Quanto no ano anterior, depois de me pagarem o salário e os benefícios adicionais, e de porem de lado um terço daquilo que faturara para despesa, cerca de quatrocentos mil dólares tinham entrado no bolo que os sócios dividiam entre si. E eu era apenas um entre oitocentos.

— Senhores, estamos reduzidos a dois pontos. O primeiro é o dinheiro. Quanto será preciso para chegarem a acordo neste processo? O segundo é a questão dos problemas disciplinares de Mr. Brock. Parece que um está ligado ao outro. É nesta fase destas reuniões que eu gosto de falar em particular com cada uma das partes. Vou começar pelos queixosos. Mr. Green e Mr. Brock, querem dirigir-se ao meu gabinete? A assistente indicou-nos o caminho pelo corredor atrás da tribuna. Entramos em um soberbo gabinete revestido de madeira de carvalho, onde o juiz estava se despindo e pedindo chá a uma secretária. Perguntou-nos se também queríamos, mas nós declinamos. A assistente fechou a porta, deixando-nos a sós com DeOrio.

— Estamos fazendo progressos — disse ele. — Devo dizer, Mr. Brock, que a queixa por atropelo à ética é um problema. O senhor percebe a sua gravidade?

— Creio que sim.

DeOrio fez estalar os nós dos dedos e começou a andar de um lado para o outro.

— Tivemos aqui um advogado na comarca, deve haver uns sete ou oito anos, que cometeu uma proeza semelhante. Saiu de uma empresa com uma série de documentos de investigação que foram parar misteriosamente em outra empresa, que por acaso lhe ofereceu um belo emprego. Não me lembro do nome.

— Makovek. Brad Makovek — disse eu.

— Exatamente. O que lhe aconteceu?

— Foi suspenso por dois anos.

— Que é o que eles querem de você.

— De maneira nenhuma, Meritíssimo — disse Mordecai. — Nunca aceitaremos uma suspensão de dois anos.

— O que aceitam?

— Seis meses, no máximo. E não é negociável. Ouça, Meritíssimo, esses caras estão mortos de medo, como sabe. Eles estão assustados e nós não estamos. Por que haveremos de chegar a acordo seja no que for? Prefiro enfrentar um júri.

— Não vai haver júri. — O juiz aproximou-se de mim e fitou-me.

— Concorda com uma suspensão de seis meses?

— Concordo — respondi. — Mas eles têm de pagar.

— Quanto? — perguntou ele a Mordecai.

— Cinco milhões. Eu conseguia mais de um júri.

DeOrio aproximou-se da janela, embrenhado em seus pensamentos e coçando o queixo.

— Imagino um júri exigindo cinco milhões — disse ele sem se virar.

— E eu o imagino exigindo vinte milhões — disse Mordecai.

— Quem é que recebe o dinheiro? — perguntou o juiz.

— Isso vai ser um pesadelo — admitiu Mordecai.

— Quais são os honorários dos advogados?

— Vinte por cento. Metade vai para uma fundação em Nova York. O juiz virou-se e recomeçou a andar, com as mãos cruzadas atrás da cabeça.

— Seis meses é pouco — disse.

— É o que nós aceitamos — retorquiu Mordecai.

— Muito bem. Deixem-me falar com a outra parte.



A nossa sessão em particular com DeOrio durou menos de quinze minutos. A dos maus demorou uma hora. É claro que eles é que regateavam o dinheiro.

Bebemos refrigerantes sentados em um banco do átrio fervilhante do edifício, sem dizer nada, olhando para os inúmeros advogados que

corriam de um lado para o outro, perseguindo os clientes e a justiça. Passeamos pelos corredores e vimos pessoas assustadas, prestes a serem acusadas de vários crimes. Mordecai cumprimentou dois advogados que conhecia. Não reconheci nenhum. Os advogados das grandes firmas não perdiam tempo no Supremo.

A funcionária veio ao nosso encontro e levou-nos para a sala de audiências, onde já se encontravam todos os nossos interlocutores. O ambiente era tenso. DeOrio estava agitado. Arthur e os outros pareciam exaustos. Nos sentamos e esperamos pelo juiz.

— Mr. Green, reuni-me com os advogados dos réus — disse ele. — A sua melhor oferta é esta: três milhões de dólares e um ano de suspensão para Mr. Brock.

Mordecai mal se sentara, quando avançou.

— Então estamos perdendo o nosso tempo — disse ele, pegando a pasta. Levantei-me imediatamente e fui atrás dele.

— Por favor, desculpe-nos, Meritíssimo, mas temos mais que fazer — disse ele.

Saímos pelo corredor entre os bancos.

— Estão desculpados — respondeu o juiz, muito frustrado. Saímos da sala de audiências depressa.

TRINTA E OITO

Estava abrindo a porta do carro quando o telefone celular tocou no meu bolso. Era o juiz DeOrio. Mordecai riu quando eu disse: — Sim, Meritíssimo, estaremos aí dentro de cinco minutos. Levamos dez. Fomos ao banheiro do térreo, andamos devagar e subimos as escadas, dando a DeOrio o máximo de tempo possível para espremer os acusados.

A primeira coisa em que reparei quando entramos na sala de audiências foi que Jack Bolling, um dos três advogados da RiverOaks, tinha despido o casaco e arregaçado as mangas, e que se afastava dos advogados da Drake & Sweeney. Duvidava que os tivesse esbofeteado, mas força e vontade não lhe faltavam.

O grande veredito com que Mordecai sonhara seria acertado com os três acusados. Era evidente que a RiverOaks ficara muito assustada

com a conferência. Tinham sido feitas ameaças, e talvez a empresa tivesse resolvido entrar com dinheiro. Nunca o saberíamos.

Evitei a tribuna dos jurados e sentei-me ao lado de Mordecai. Wilma Phelan fora-se embora.

— Estamos nos aproximando — disse o juiz.

— E nós estamos pensado em retirar a nossa proposta — anunciou Mordecai, com uma das suas exclamações mais violentas. Não tínhamos falado no assunto, e nenhum dos outros advogados nem o juiz tinham contemplado a hipótese. Sacudiram a cabeça e olharam uns para os outros.

— Acalme-se — disse DeOrio.

— Estou falando muito sério, Meritíssimo. Quanto mais tempo estou nesta sala, mais me convenço que esta confusão tem de ser apresentada a um júri. Quanto a Mr. Brock, a sua antiga firma pode fazer toda a pressão que quiser sobre o processo-crime, mas não vale a pena. Eles já têm o processo. Ele não tem antecedentes criminais. Deus sabe que o nosso sistema está sobrecarregado com traficantes de drogas e assassinos; acusá-lo será uma piada. Não irá para a cadeia. E quanto à queixa, deixemos que siga o seu curso. Eu apresentarei uma contra Braden Chance e talvez contra algum dos outros advogados envolvidos nesta história lamentável, e teremos um concurso de escarros à antiga.

Mordecai apontou para Arthur e acrescentou: — Se vocês forem para os jornais, nós iremos para os jornais. A 14ª Street Legal Clinic não podia se preocupar menos com o que fosse publicado. Se Gantry se importava com isso, não o demonstrava. A RiverOaks continuaria a ganhar dinheiro, apesar das notícias desfavoráveis. Mas a Drake & Sweeney só tinha a sua reputação para vender. A tirada de Mordecai caiu como uma bomba, e todos ficaram muito admirados.

— Acabou? — perguntou DeOrio.

— Acho que sim.

— Ainda bem. A proposta sobe para quatro milhões.

— Se podem pagar quatro milhões, com certeza que podem pagar cinco. — Mordecai apontou de novo para a Drake & Sweeney.-O ano passado, este réu faturou quase setecentos milhões de dólares. — Mordecai fez uma pausa, enquanto os números ecoavam na sala de audiências. — Setecentos milhões de dólares, só no ano passado.-

Depois apontou para a RiverOaks. — E este réu tem propriedades no valor de trezentos e cinquenta milhões de dólares. Deem-me um júri.

Quando pareceu que ele se calara, DeOrio voltou a perguntar: — Já acabou?

— Não — respondeu ele, acalmando-se pouco depois. — Aceitaremos dois milhões por cabeça, um milhão para os nossos honorários e um milhão para os herdeiros. Os restantes três milhões podem ser pagos em dez anos — trezentos mil por ano, além de uma taxa de juro razoável. Com certeza que estes senhores podem gastar trezentos mil dólares por ano. Talvez sejam obrigados a aumentar os alugueis e as taxas horárias, mas sabem com certeza como hão-de proceder.

Um acordo estruturado com um pagamento escalonado no tempo fazia sentido. Devido à instabilidade dos herdeiros e ao fato de a maioria deles ainda não ser conhecida, o dinheiro seria cuidadosamente guardado pelo tribunal. O último ataque violento de Mordecai não fora parco em brilhantismo. Foi visível a descontração no grupo da Drake & Sweeney. Ele oferecera-lhes uma saída. Jack Bolling aproximou-se deles. Os advogados de Gantry viam e ouviam, mas estavam quase tão enfastiados como o seu constituinte.

— Podemos fazê-lo — anunciou Arthur. — Mas mantemos a nossa posição quanto a Mr. Brock. Ou há um ano de suspensão ou não há acordo. De súbito, odiei Arthur outra vez. Eu era o seu último penhor, e para salvarem a face que ainda lhes restava, queriam sangue. Mas o pobre Arthur não estava negociando partindo de uma posição de poder. Estava desesperado, e isso era visível.

— Qual é a diferença? — gritou Mordecai. — Ele concordou em sofrer a humilhação de ver a sua licença suspensa. Em que é que mais seis meses lhes beneficiam? Isto é absurdo.

Os dois jovens da RiverOaks já estavam fartos. Naturalmente receosos das salas de audiências, o seu medo atingira novas proporções depois de três horas ouvindo Mordecai. Nunca seriam capazes de suportar duas semanas de julgamento. Abanaram a cabeça, frustrados, e falaram em voz baixa um com o outro. Até Tillman Gantry estava cansado da mesquinhez de Arthur. Com o acordo tão perto, acabasse com aquilo! Pouco antes, Mordecai perguntara aos gritos: — Qual é a diferença? E tinha razão. A diferença não era nenhuma,

sobretudo para um advogado da rua como eu, cujos salário e estatuto não seriam afetados por uma suspensão temporária. Levantei-me e disse muito delicadamente: — Meritíssimo, vamos dividir as diferenças. Eu proponho seis meses; eles querem doze. Aceito nove.

Ao dizer isto, olhei para Barry Nuzzo, que me dirigiu um sorriso. Se Arthur tivesse aberto a boca naquele momento, teria sido trucidado. Todos se descontraíram, incluindo DeOrio.

— Então, temos acordo — disse ele, sem esperar por uma confirmação dos advogados.

A sua eficientíssima assistente agarrou-se a um computador em frente da tribuna e, poucos minutos depois, produziu um Memorando do Acordo. Assinamos rapidamente e saímos.

Não havia champanhe no escritório. Sofia estava fazendo o mesmo de sempre. Abraham fora a uma conferência sobre os sem teto em Nova York. Se uma firma de advogados podia absorver quinhentos mil dólares de honorários sem que ninguém desse por isso, era a 14ª Street Legal Clinic. Mordecai queria computadores e telefones novos, e talvez um novo sistema de aquecimento. A maior parte do dinheiro seria depositada no banco, correndo juros e aguardando tempos de penúria. Era uma boa almofada, que garantiria os nossos magros salários durante alguns anos.

Se Mordecai se sentia frustrado por ter de enviar os outros quinhentos mil dólares para a Fundação Cohen, disfarçou bem. Não era pessoa que se preocupasse com aquilo que não podia alterar. A sua mesa estava cheia de batalhas que ele podia vencer.

Seriam necessários pelo menos nove meses de trabalho árduo para implementar o acordo dos Burton, e era nisso que eu iria gastar a maior parte do meu tempo. Os herdeiros tinham de ser determinados, encontrados e burilados, quando percebessem que havia dinheiro a receber.

Seria complicado. Por exemplo, os corpos de Kito Spires e os de Temeko, Alonzo e Dante poderiam ser exumados para serem efetuados testes ao ADN, destinados a estabelecer a paternidade. E se Kito fosse de fato o pai, herdaria dos filhos, que tinham morrido primeiro. Como estava morto, os seus bens ficariam em aberto e os seus herdeiros seriam localizados. A mãe e os irmãos de Lontae levantavam problemas assustadores. Ainda tinham contatos nas ruas. Sairiam em liberdade

condicional dentro de alguns anos, e iriam à procura da sua parte com um objetivo de vingança. Havia dois outros projetos de particular interesse para Mordecai. O primeiro era um programa de assistência jurídica gratuita, que a clínica organizara em tempos, e que depois deixara cair quando o dinheiro federal se evaporou. No seu auge, o programa abrangia cem advogados voluntários que ofereciam umas horas por semana para ajudar os sem teto. Mordecai pediu-me que pensasse na hipótese de o revitalizar. A ideia me agradava; podíamos atingir mais pessoas, estabelecer mais contatos com o tribunal e alargar a nossa base de angariação de fundos.

Havia um segundo projeto. Sofia e Abraham eram incapazes de pedir dinheiro às pessoas. Mordecai podia falar com algumas, mas detestava esmolar. Eu era a estrela jovem e brilhante que podia misturar-se com todos os profissionais certos e convencê-los a dar uma contribuição anual.

— Com um bom plano, você consegue arranjar duzentos mil dólares por ano.

— E o que faríamos com eles?

— Contrataríamos duas secretárias, dois solicitadores e talvez outro advogado.

Quando nos sentamos na sala da frente depois de Sofia sair, vendo o anoitecer lá fora, Mordecai começou a sonhar. Tinha saudades do tempo em que sete advogados chocavam uns com os outros na clínica. Todos os dias eram o caos, mas a pequena firma da rua tinha força. Ajudava milhares de pessoas sem teto. Os políticos e os burocratas davam-lhe ouvidos. Era uma voz forte que em geral era escutada.

— Há cinco anos que estamos em declínio — disse. — E a nossa gente está sofrendo. Este é o momento ideal para darmos a volta por cima. E o desafio cabia-me. Eu era o sangue novo, o novo talento que revigoraria a clínica e a elevaria ao nível seguinte. Eu animaria o local com dezenas de novos voluntários. Eu construiria uma máquina angariadora de fundos, para que nós pudéssemos exercer advocacia em pé de igualdade com todos os outros. Eu expandiria o escritório; talvez até tirasse as tábuas das janelas do primeiro andar e enchesse o local de advogados de talento. Os direitos dos sem teto seriam protegidos,

desde que eles conseguissem encontrar-nos. E as suas vozes se fariam ouvir através das nossas.

TRINTA E NOVE

Na sexta-feira, bem cedo, eu estava sentado à mesa, fazendo alegremente o meu trabalho de advogado e de assistente social, quando a Drake & Sweeney, na pessoa de Arthur Jacobs, me apareceu de repente à porta. Cumprimentei-o com agrado, e com cautela e ele sentou-se em uma das minhas cadeiras castanhas. Não quis café. Só queria conversar. Arthur estava perturbado. Ouvi o velho, como que hipnotizado. As últimas semanas tinham sido as mais difíceis da sua carreira profissional — que já contava cinquenta e seis anos. O acordo pouco o aliviara. A firma recuperara o prestígio depois do pequeno turbilhão, mas Arthur tinha dificuldade em dormir. Um dos seus sócios cometera um erro terrível, e em consequência dele tinham morrido pessoas inocentes. A Drake & Sweeney ficaria para sempre em falta devido às mortes de Lontae e dos seus quatro filhos, independentemente da quantia consignada no acordo. E Arthur duvidava que alguma vez conseguisse ultrapassar a situação.

Fiquei muito surpreendido para dizer fosse o que fosse, e limitei-me a escutar. Quem me dera que Mordecai pudesse ouvi-lo.

Arthur estava sofrendo, e daí a pouco comecei a ter pena dele. Tinha oitenta anos, há dois anos que pensava em aposentar-se, mas agora não sabia o que havia de fazer. Estava cansado de andar atrás do dinheiro.

— Não me restam muitos anos — admitiu ele. Eu desconfiava que Arthur iria ao meu funeral.

Ficou fascinado com a nossa clínica e contei-lhe como fora lá parar. Há quanto tempo existia? perguntou ele. Quantas pessoas trabalhavam ali? Qual era a fonte de financiamento? Como é que a geríamos? Deu-me uma abertura, e eu entrei. Como não podia exercer advocacia nos nove meses seguintes, a clínica resolvera que eu implementaria um novo programa de assistência jurídica gratuita para voluntários, recorrendo a advogados das grandes firmas da cidade. Como a firma dele era a maior, tencionava começar por ela. Os voluntários trabalhariam apenas algumas horas por semana, sob a minha supervisão, e poderíamos ajudar milhares de pessoas sem teto.

Arthur conhecia estes programas, vagamente. Há vinte anos que não trabalhava gratuitamente, admitiu com tristeza. De um modo geral, esse tipo de trabalho destinava-se a advogados mais novos. Como eu sabia. Mas a ideia lhe agradava. De fato, quanto mais falávamos nisso, mais o programa aumentava. Alguns minutos depois, Arthur falava abertamente em pedir aos seus quatrocentos advogados de Columbia para passarem uma horas por semana ajudando os pobres. Parecia ser apenas uma questão de adaptação.

— Você consegue orientar quatrocentos advogados? — perguntou.

— Claro que sim — disse eu, sem saber sequer como encetar tal tarefa. Porém, a minha mente corria a grande velocidade. — Mas vou precisar de ajuda.

— Que tipo de ajuda? — perguntou ele.

— E se a Drake & Sweeney tivesse um coordenador em tempo integral na empresa? Poderia trabalhar comigo em todos os aspectos das leis dos sem teto. Sinceramente, com quatrocentos voluntários, vou precisar de alguém do seu lado.

Arthur ficou pensado. Tudo era novo e parecia correr bem. Eu avancei.

— E conheço exatamente a pessoa indicada — disse eu. — Não é preciso ser um advogado. Um bom solicitador serve.

— Quem? — perguntou ele.

— O nome de Hector Palma lhe diz alguma coisa?

— Vagamente.

— Está no escritório de Chicago, mas é de Columbia. Trabalhava com o Braden Chance e foi prejudicado.

Arthur semicerrou os olhos, tentando lembrar-se. Eu não tinha certeza do que ele sabia, mas duvidava que estivesse sendo desonesto. Parecia estar gozando a sua purificação espiritual.

— Prejudicado? — perguntou.

— Sim, prejudicado. Ainda há três semanas vivia em Bethesda, quando se mudou de repente, de madrugada. Uma transferência apressada para Chicago. Sabia tudo acerca dos despejos, e desconfio que Chance quis escondê-lo. Fui cauteloso. Não estava disposto a quebrar o sigilo a que me comprometera com Hector. Não foi preciso. Arthur, como era habitual, lia nas entrelinhas.

— Ele é de Columbia?

— É, e a mulher também. Têm quatro filhos. Tenho certeza que gostaria muito de voltar.

— Acha que ele está interessado em ajudar os sem teto? — questionou.

— Porque não lhe pergunta?

— É o que farei. É uma excelente ideia.

Se Arthur quisesse que Hector Palma regressasse a Washington para controlar a recente paixão da firma pela assistência jurídica aos sem teto, o assunto estaria resolvido dentro de uma semana.

O programa ganhava forma diante de nós. Todos os advogados da Drake & Sweeney seriam chamados a tratar de um caso todas as semanas. Os advogados mais novos se ocupariam das consultas externas, sob a minha supervisão, e assim que os casos chegassem à firma seriam atribuídos por Hector a outros advogados. Uns levariam quinze minutos, conforme expliquei a Arthur, e outros levariam várias horas por mês. Não havia problema, disse ele. Quase tive pena dos políticos, dos burocratas e dos funcionários ao pensar nos quatrocentos advogados da Drake & Sweeney, de súbito acometidos de um fervor que os levava a proteger os direitos das pessoas da rua. Arthur demorou quase duas horas, e pediu desculpa quando percebeu que me tomara tanto tempo. Mas eu me sentia muito mais feliz quando ele saiu. Ia direto ao seu escritório com um novo objetivo; era um homem com uma missão. Fui acompanhá-lo ao carro e depois desatei a correr para contar a Mordecai.

O tio de Megan tinha uma casa na costa de Delaware, perto de Fenwick Island, na linha de Maryland. Segundo ela, era uma velha e estranha casa, de dois andares, com um grande alpendre quase à beira-mar e três quartos — um local ideal para uma escapadela de fim-de-semana. Estávamos em meados de Março, o tempo ainda estava frio, e podíamos sentar-nos à lareira, a ler. Megan sublinhou vagamente o pormenor dos três quartos. Haveria muito espaço para que cada um de nós tivesse privacidade, sem complicações. Sabia que eu estava me recompondo do meu primeiro casamento, e após duas semanas de namoro cauteloso, ambos tínhamos percebido que as coisas deviam avançar lentamente. Mas houvera outra razão para ela se referir aos três quartos.

Saímos de Washington na sexta-feira à tarde. Eu ia ao volante. Megan indicava o caminho. E Ruby roía biscoitos de aveia no banco de trás, radiante com a perspectiva de passar uns dias fora da cidade, longe das ruas, na praia, limpa e sóbria.

Desde quinta-feira à noite que não tomava nada. Três noites conosco em Delaware completariam quatro. Na segunda-feira de tarde, a levaríamos a um pequeno centro de desintoxicação para mulheres em East Capitol. Mordecai movera as suas influências junto de uma pessoa do centro, e Ruby teria um quartinho com uma cama quente, pelo menos durante noventa dias. Antes de sairmos da cidade, ela tomara banho no Naomi's e mudara de roupa. Megan revistara toda a sua roupa e a carteira à procura de drogas. Não encontrara nada. Era uma invasão da privacidade, mas com os viciados as regras são diferentes.

Chegamos em casa ao anoitecer. Megan ia lá uma ou duas vezes por ano. A chave estava debaixo do tapete da entrada.

Eu fiquei com o quarto do térreo, de que Ruby não gostou. Os outros dois quartos eram lá em cima, e Megan queria estar perto de Ruby durante a noite.

No sábado choveu. Uma chuva fria e varrida pelo vento que vinha do mar. Eu estava sozinho no alpendre da frente, balançando devagarinho, debaixo de um cobertor, perdido em um mundo de sonhos e ouvindo o quebrar das ondas lá em baixo. A porta se fechou, a rede bateu atrás dela e Megan aproximou-se do balanço. Levantou o cobertor e aninhou-se a meu lado. Agarrei-a com força; se não o fizesse, ela teria caído no alpendre.

Era fácil de agarrar.

— Onde está a sua cliente? — perguntei.

— Vendo televisão.

Uma rajada de vento salpicou-nos a cara de névoa, e nos agarramos mais um ao outro. As correntes do balanço chiaram e depois calaram-se quando nos imobilizamos. Vimos as nuvens rodopiando sobre a água. O tempo não era importante.

— Em que está pensado? — perguntou ela, baixinho.

Em tudo e em nada. Longe da cidade, olhava para trás pela primeira vez e esforçava-me por dar sentido a tudo aquilo. Há trinta e dois dias, ainda era casado com outra pessoa, vivia em outra casa, trabalhava em outra firma, e era um autêntico estranho para a mulher

que agora estava nos meus braços. Como é que a vida podia mudar de forma tão drástica em um mês? Não me atrevi a pensar no futuro; o passado ainda estava acontecendo.



Revisão e formatação: Lancelot
http://es.groups.yahoo.com/group/Papiros_Virtuais/

